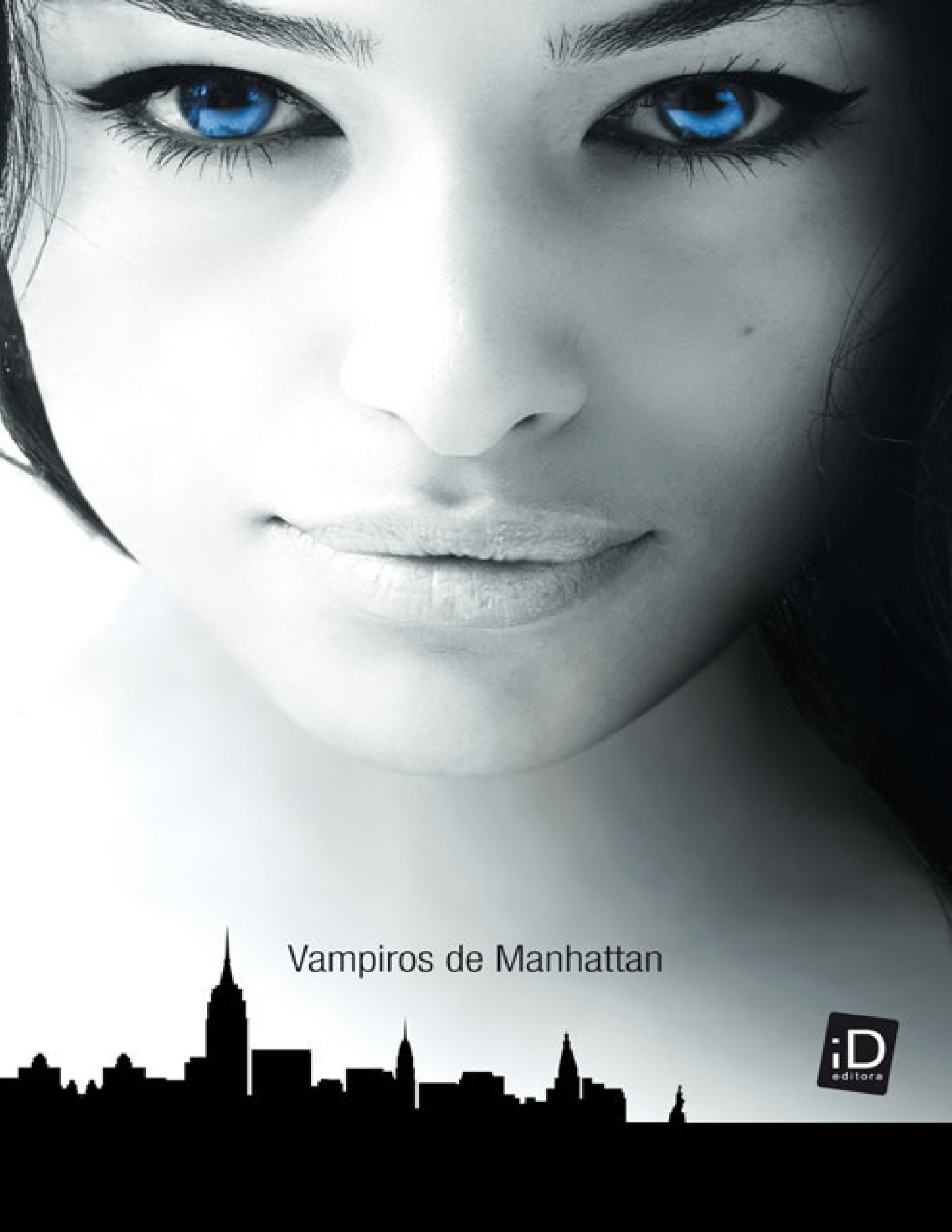

Vampiros de Manhattan
iD
editora

Blue Bloods

Melissa de La Cruz

Tradução de Rafael Spigel

iD editora

A família não era simplesmente a soma dos vínculos criados por uma ampla e extensa série de relações... Uma família era um nome, um patrimônio simbólico e material, uma forma de se envolver com os Estados Unidos... “que descrevia a linhagem completa, do passado, do presente e do futuro”.

— Eric Homberger, *Mrs. Astor’s New York*

Você não pode escondê-lo sob o chão
Nem pode impedi-lo de gritar por compaixão
Como chegamos a esse ponto?
Minha vida você sugará sem desconto...

— Muse, “Time Is Running Out”

Cento e duas pessoas chegaram a bordo do Mayflower em novembro de 1620, mas menos da metade sobreviveu para ver o estabelecimento da Colônia de Plymouth no ano seguinte. Embora ninguém tenha morrido durante o trajeto do Mayflower, a vida pós-chegada foi extremamente difícil, principalmente para os jovens. Quase todas as perdas contabilizadas mal tinham completado os dezesseis anos de idade.

A espantosa taxa de mortalidade devia-se em parte ao inverno rigoroso, bem como ao fato de que enquanto os homens estavam ausentes, construindo casas e bebendo água fresca ao ar livre, as mulheres e as crianças ficaram confinadas nos úmidos e abarrotados recessos do navio, onde as doenças podiam se espalhar com muito mais rapidez. Após dois meses de viagem, elas permaneceram no navio por mais quatro meses enquanto os homens construíam armazéns e alojamentos em terra firme. Os jovens puritanos costumavam cuidar dos acamados, o que aumentava a sua exposição a uma vasta série de doenças, incluindo uma afecção fatal do sangue que os documentos históricos denominavam "consumação".

Myles Standish foi eleito governador da colônia em 1622 por trinta e uma vezes consecutivas. Ele e sua esposa Rose tiveram quatorze filhos, que se dividiam em dois incríveis grupos de sete gêmeos cada. Em uma extraordinária virada dos acontecimentos, dentro de poucos anos, a colônia tinha dobrado de tamanho, com nascimentos múltiplos registrados em todas as famílias sobreviventes.

— De *Morte e vida nas colônias de Plymouth, 1620-1641*, do Professor Lawrence Winslow Van Alen

Diário de Catherine Carver
21 de novembro de 1620
Mayflower

Este inverno não tem sido nada fácil. John e o mar não estão em harmonia, sentimos frio a todo momento. Talvez encontremos paz nesta nova terra, embora muitos acreditem que o perigo ainda nos persegue. A vista que tenho da janela assemelha-se ao litoral de Southampton, e isso de fato me agrada. Sempre terei o anseio de voltar para casa, mas nossa espécie não se sente mais segura por lá. Eu mesma não acredito nos rumores, mas devemos obedecer às orientações. Sempre agimos desta maneira. Agora, John e eu viajamos como se fôssemos marido e mulher. Estamos planejando o matrimônio para breve. Restam muito poucos de nós, e será preciso procriar para garantir a sobrevivência de nossa espécie. Talvez as coisas mudem. Talvez a felicidade bata à nossa porta e esta situação prospere. A embarcação ancorou, vamos fincar os pés em terra firme. À espera de um novo mundo!

— C.C.



Nova York



O PRESENTE

UM

The Bank era um antiquíssimo edifício de pedra localizado no final da Houston Street, na última linha divisória entre o ousado East Village e a selvageria do Lower East Side. Antiga sede da respeitável corretora de investimentos Van Alen, o local era, ao mesmo tempo, atarracado e imponente, um paradigma do estilo *beaux-arts*, com uma clássica fachada de seis colunas e uma assustadora fileira de "dentes" — recortes bem afiados na superfície do frontão. Por muitos anos, ele permaneceu na esquina das ruas Houston e Essex, desolado, vazio e abandonado, até que em uma noite de inverno, quando um *promoter* de clube noturno, vestindo um tapa-olho, deu de cara com o edifício após devorar um cachorro-quente no Katz's Deli. Ele estava à procura de uma casa de shows para divulgar o novo som que seus DJs tocavam — um tipo sombrio, obscuro, ao qual chamavam de "*trance*".

A música pulsante transpunha as paredes e chegava até a calçada, onde Schuyler Van Alen, uma menina de quinze anos, baixa, de cabelos escuros, olhos azuis brilhantes envoltos por uma sombra escura, aguardava inquieta no final da fila, em frente ao clube. Enquanto mordiscava as lascas de esmalte preto, ela resmungou:

— Você acha mesmo que vamos conseguir entrar?

— Tranquilo — respondeu seu melhor amigo, Oliver Hazard-Perry, levantando a sobrancelha. — Dylan me garantiu que será moleza. Além do mais, se for preciso, podemos apontar para aquela placa ali em cima. Sua família construiu este lugar, está lembrada? — sorriu o menino.

— Ah, me conta outra novidade! — Schuyler forçou um sorriso, olhando para cima. A ilha de Manhattan tinha uma relação íntima com a história de sua família, e até onde conseguia se lembrar, tinha algum tipo de ligação com o Museu Frick, com a Via Expressa Van Wyck e com o Planetário Hayden, além de uma ou duas instituições (ou ruas principais). Não que isso fizesse alguma diferença em sua vida, afinal, ela mal conseguia pagar a entrada de vinte e cinco dólares na porta do clube.

Oliver carinhosamente colocou o braço sobre o ombro dela.

— Pare de se preocupar! Você se preocupa demais. Será divertido, prometo pra você.

— Como eu queria que o Dylan tivesse nos esperado — afligiu-se Schuyler, arrepiando-se com o frio que entrava pelos buracos na altura do cotovelo de seu casaco de lã. Ela havia encontrado essa peça em um brechó de Manhattan Valley semana passada. A roupa cheirava a velharia e a perfume de água de rosas, e sua fina estrutura perdia-se nas volumosas dobras. Parecia que Schuyler sempre ficava escondida nos tecidos que usava. O casaco preto quase batia na panturrilha, e sob ele a menina vestia uma camiseta toda preta que ainda encobria uma malha térmica surrada na cor cinza. Já na parte de baixo, usava uma longa saia, estilo camponês, que varria o chão. Assim como a roupa de um moleque de rua do século XIX, a bainha da saia ficava preta de sujeira de tanto arrastar nas calçadas. Nos pés, ela vestia tênis preto e branco da marca Jack Purcell, os seus preferidos, aqueles que tinham buracos no dedo direito tampados com *silver tape*. Seus cabelos escuros e ondulados estavam jogados para trás, com um lenço de miçangas que havia encontrado no armário de sua avó.

Schuyler era irresistivelmente linda, com um rosto meigo, dócil; nariz voltado para cima, em perfeita posição; e pele macia, branca como o leite — mas havia algo quase irreal em sua beleza. Ela parecia uma boneca de Dresden[2] em trajes de bruxa. As outras crianças da Duchesne School pensavam que ela se vestia como uma mendiga. E o fato de ser exageradamente tímida e retraída não ajudava nada, pois fazia com que pensassem que ela era convencida, o que não se confirmava. Era

apenas uma menina de poucas palavras.

Oliver era alto e esbelto, e seu rosto élfico alongado era emoldurado por fios brilhantes de cabelo castanho. Ele tinha os ossos da face acentuados e os olhos castanho-claro bem receptivos. Vestia um grosso sobretudo militar sobre uma camisa de flanela e uma calça jeans azul esburacada. A camisa de flanela era da John Varvatos; os jeans, da Citizens of Humanity, é claro. Oliver gostava de agir como um jovem rebelde, mas apreciava ainda mais fazer compras no SoHo.

Os dois eram melhores amigos desde a segunda série, quando a babá de Schuyler se esqueceu de entregar a ela o lanche para levar à escola — Oliver acabou dando metade de seu sanduíche de alface e maionese para ela. Eles terminavam as frases um do outro e gostavam de ler em voz alta páginas aleatórias de *Infinite Jest*[3] quando ficavam entediados. Ambas as crianças eram legado da Duchesne e tinham suas origens ligadas ao *Mayflower*. Schuyler contava seis presidentes dos EUA em sua árvore genealógica. Mas mesmo vindos de estirpes prestigiadas, eles não se adaptaram a Duchesne. Oliver preferia museus a lacrosse[4], e Schuyler nunca cortava o cabelo e só vestia roupas de lojas de segunda mão.

Dylan Ward era um novo amigo — um menino de traços tristes, cílios longos, olhos que ardiam, e de reputação denegrida. Supostamente, ele possuía antecedentes criminais e tinha acabado de escapar da escola militar. Ao que consta, seu avô, para garantir a matrícula do neto, havia subornado a Duchesne School com fundos para um novo ginásio de esportes. Dylan imediatamente se aproximou de Schuyler e Oliver, identificando-se com suas características de desajustados.

Schuyler prendeu o ar com as bochechas e sentiu um poço de ansiedade formando-se no estômago. Eles se sentiam tão bem passando o tempo no quarto de Oliver, como de costume, ouvindo música e conferido as ofertas em seu TiVo[5]; ou quando Oliver colocava outro jogo do *Vice City* em tela dividida, enquanto ela folheava rapidamente páginas de revistas de luxo, fantasiando estar deitada tranquilamente em uma jangada em Sardenha, dançando flamenco em Madrid ou vagando pensativa pelas ruas de Bombaim.

— Não sei se devemos fazer isso — disse ela, preferindo que estivessem no aconchegante quarto de Oliver em vez de estarem passando frio na calçada, do lado de fora do clube, aguardando para ver se passariam pela revista na entrada.

— Não seja tão pessimista — Oliver a repreendeu. Tinha sido ideia dele deixar o conforto de seu quarto para encarar a vida noturna de Nova York, e ele não queria se arrepender disso. — Se você pensar que vamos conseguir entrar, então conseguiremos entrar. É tudo uma questão de confiança, acredite em mim. — Logo depois, ouviu um aviso de seu BlackBerry. Ele o tirou do bolso e olhou para a tela. — É o Dylan. Ele está lá dentro e nos encontrará perto das janelas, no segundo andar. Combinado?

— Eu pareço mesmo estar bem? — ela perguntou, demonstrando repentina incerteza quanto a suas roupas.

— Você está bem — respondeu ele, sem parar para pensar. — Você está ótima — reafirmou enquanto tocava com os dedos no dispositivo de plástico, à espera de uma resposta.

— Você nem está olhando pra mim.

— Mas eu olho pra você todo dia — caçoou Oliver focando em seus olhos, antes de ficar vermelho e desviar o olhar de forma atípica. Seu BlackBerry soou novamente, e desta vez ele se desculpou, afastando-se para atendê-lo.

Do outro lado da rua, Schuyler avistou um táxi parando no meio-fio, e de dentro dele saiu um rapaz loiro e alto. Tão logo ele surgiu, outro táxi desceu em alta velocidade, pelo lado oposto da rua. Foi imprudente, brusco, e à primeira vista parecia que o carro erraria o alvo, mas, no último instante, o

menino se atirou em seu caminho e desapareceu debaixo das rodas. O táxi sequer parou, apenas continuou acelerando como se nada tivesse acontecido.

— Oh, meu Deus! — gritou Schuyler.

Ela estava certa de que o rapaz tinha sido atingido, atropelado. Com certeza já estava morto.

— Você viu aquilo? — perguntou ela, procurando freneticamente ao seu redor por Oliver, que parecia ter desaparecido. Schuyler atravessou a rua correndo, apenas na expectativa de encontrar um corpo já sem vida, mas o menino estava ali, de pé, bem em frente a ela, contando o troco em sua carteira. Ele bateu a porta e o táxi seguiu viagem. Ele estava inteirinho, sem um arranhão.

— Você devia estar morto — ela sussurrou.

— Como é que é? — ele indagou, com um sorriso excêntrico no rosto.

Schuyler ficou um pouco surpresa — ela o reconhecia da escola. Era Jack Force. O famoso Jack Force. Um daqueles caras — capitão da equipe de lacrosse, ator principal no teatro da escola, além de ter seu trabalho final de semestre sobre *shopping centers* publicado na revista *Wired*. Ele era tão bonito que ela não conseguia olhá-lo nos olhos.

Talvez ela estivesse imaginando coisas. Talvez apenas *pensasse* tê-lo visto mergulhar em frente ao táxi. Só podia ser isso. Estava apenas cansada.

— Não sabia que você era um noia — ela deixou escapar, toda sem jeito, como se estivesse se referindo a um fã de *trance*.

— Pra falar a verdade, eu não sou. Estou indo naquela direção — explicou ele, apontando para o clube vizinho ao The Bank, onde um astro do rock pra lá de entorpecido conduzia várias *groupies* cheias de sorrisinhos para o outro lado da corda de veludo.

Schuyler ficou vermelha.

— Ah, eu deveria saber disso, me desculpe.

Ele sorriu para ela demonstrando simpatia.

— Por quê?

— Por que o quê?

— Por que pedir desculpas? Como você poderia saber disso? Você lê pensamentos ou algo assim? — ele perguntou.

— Talvez eu leia. Devo estar num mau dia — sorriu Schuyler. Ele estava flertando com ela, e ela retribuindo o flerte. Certo, então tudo aquilo era definitivamente apenas fruto de sua imaginação. Não havia a menor chance de ele ter se jogado na frente do táxi.

Ela estava surpresa por seu comportamento tão amistoso. A maioria dos rapazes de Duchesne era tão convencida que Schuyler nem se incomodava com eles. Eram todos farinha do mesmo saco — com suas calças de algodão da Duck Head e sua ponderada indiferença, piadas amenas e jaquetas para jogar lacrosse. Ela jamais tinha pensado em Jack Force por mais de alguns segundos — ele era do terceiro ano[6], do planeta Popularidade; eles até poderiam ir para a mesma escola, mas dificilmente respiravam o mesmo ar. Afinal de contas, a irmã gêmea dele era a indomável Mimi Force, cujo único objetivo de vida era fazer com que todos os outros se sentissem desprezíveis. “A caminho de um funeral?”, “Quem morreu e lhe deixou sem casa para morar?” eram alguns de seus insultos nada criativos direcionados a Schuyler. Aliás, por onde andava Mimi? Os gêmeos Force não eram uma dupla inseparável?

— Ouça, você quer entrar? — indagou Jack, sorrindo e mostrando seus dentes lisos e alinhados. — Sou um membro.

Antes que ela pudesse responder, Oliver surgiu do nada ao seu lado. De onde ele poderia ter vindo? Schuyler ficou imaginando. Como ele conseguia fazer aquilo? Oliver sabia demonstrar uma grande

habilidade em aparecer no exato momento em que você não queria a sua presença.

— Aí está você, minha querida — disse ele, insinuando uma repreensão.

Schuyler piscou os olhos.

— Ei, Ollie. Você conhece o Jack?

— E quem não conhece? — respondeu Oliver, ignorando-o de propósito. — Meu bem, você vem ou não? — ele insistiu, como se tivesse poder sobre ela. — Eles finalmente estão deixando as pessoas entrarem. — Ele aponta para o The Bank, onde um estável grupo de adolescentes vestidos de preto estava sendo reunido em meio às colunas estriadas.

— Preciso ir — disse ela, desculpando-se.

— Mas já? — lamentou Jack, com os olhos seguindo seus movimentos.

— Já, demorou até demais — completou Oliver, sorrindo num tom ameaçador.

Jack encolheu os ombros.

— Até mais, Schuyler — ele se despediu, puxando o colar de seu casaco de lã colorido e caminhando em direção oposta.

— Algumas pessoas... — Oliver começou a reclamar, enquanto juntavam-se novamente à fila. Ele cruzou os braços e olhou irritado.

Schuyler estava quieta, mas com o coração disparado no peito.

Jack Force a conhecia pelo nome.

Eles avançaram vagarosamente, aproximando-se mais do que nunca da *drag queen*, deslumbrante que só ela, com uma prancheta atrás da corda de veludo. O clone de Elvira, a rainha das trevas, avaliou cada grupo com um olhar penetrante, mas nenhum foi rejeitado.

— Agora, lembre-se: se eles desconfiarem da gente, fique calma e pense positivo. Você tem que imaginar que vamos entrar. Combinado? — sussurrou Oliver firmemente.

Schuyler concordou com a cabeça. Eles começaram a caminhar, mas foram interrompidos por um segurança que ostentava uma grande mão corpulenta.

— Identidades! — ele gritou.

Com os dedos tremendo, Schuyler colocou uma carteira de motorista com o nome de outra pessoa — mas com sua própria foto — sobre a superfície laminada. Oliver fez o mesmo. Ela mordia os lábios. Ela iria *mesmo* ser pega e jogada na cadeia por causa disso. Mas então lembrou-se do que Oliver havia dito. *Fique calma. Confiança. Pensamento positivo.*

O segurança passou as identidades sob um leitor infravermelho, que não apitou. Ele parou, franziu a testa e ergueu as carteiras de habilitação para verificar, olhando os dois com um ar de incerteza.

Schuyler tentou demonstrar uma tranquilidade que não sentia; seu coração batia tão rápido sob suas finas camadas de pele. *Mas é claro que aparento ter 21 anos. Eu já frequentei este local antes. Não há absolutamente nada de errado com a identidade,* ela pensava.

O grandalhão passou o documento no leitor novamente. Em seguida, balançou a cabeça.

— Tem alguma coisa errada — ele resmungou.

Com o rosto pálido, Oliver olhou para Schuyler. Ela pensou que iria desmaiar. Nunca havia ficado tão nervosa em toda sua vida. E os minutos passavam. As pessoas da fila que aguardavam para entrar começaram a ficar impacientes.

Não há nada de errado com a identidade. Calma e confiança. Calma e confiança. Então, ela imaginou o segurança acenando para os dois, que juntos entraram no clube. *DEIXE A GENTE ENTRAR. DEIXE A GENTE ENTRAR. DEIXE A GENTE ENTRAR. APENAS DEIXE A GENTE ENTRAR!*

O segurança olhou para cima, assustado, quase como se tivesse ouvido as preces da menina. Parecia que o tempo tinha parado. Então, ele devolveu os documentos e acenou para que seguissem adiante, do mesmo modo como Schuyler havia mentalizado.

Schuyler respirou aliviada. Ela e Oliver trocaram um contido olhar de alegria.

Estavam dentro.

DOIS

Bem ao lado do The Bank, havia um clube noturno bem diferente. Era o tipo de clube que só surgia uma vez a cada década — em algum ponto do vínculo social em que os deuses da publicidade, da moda e da fama encontravam-se para criar um ambiente único e espetacular. Seguindo a consagrada tradição que possuíam o Studio 54, na metade dos anos 1970, o Palladium, no final dos anos 1980, e o Moomba, no início dos anos 1990, o Block 122 havia entrado no mundo icônico que definiu um movimento, um estilo de vida, uma geração. Movida a coquetéis, uma clientela composta das pessoas mais lindas, invejadas, famigeradas e superpoderosas da cidade havia batizado o local como sendo o seu *próprio lar* — seu habitat natural, seu ninho —, e como estavam no século XXI, a era da superexclusividade, eles chegavam até a pagar mensalidades astronômicas de afiliação para terem tal privilégio. *Qualquer coisa* para afastar o povão. E dentro desse santuário sagrado, na mesa mais requisitada, rodeada por uma esplêndida variedade de modelos menores de idade, por estrelas do cinema pós-puberdade e por filhos e filhas de pessoas famosas estava sentada a menina mais deslumbrante de toda a história da cidade de Nova York: Madeleine "Mimi" Force. Tinha dezesseis anos de idade, mas passava-se por trinta e quatro, com uma marca de Botox entre os olhos para provar.

Mimi era a popularidade em pessoa. Ela tinha a aparência da garota de ouro e braços e pernas bronzeados e tonificados, como se fosse uma abelha-rainha — com a diferença de que ela transcendia o estereótipo, mas incorporava a essência dele. Ela tinha cinquenta e seis de cintura e calçava quarenta. Comia *junk food* todo dia e nunca engordava um grama. Ia para cama sem desfazer a maquiagem e acordava com a pele limpa, imaculada, assim como sua consciência.

Mimi vinha para o Block 122 toda noite, inclusive às sextas-feiras. Ela e Bliss Llewellyn, uma texana alta e magra que tinha se mudado há pouco tempo para Duchesne, tinham passado a tarde se arrumando para as celebrações da noite. Ou melhor, Bliss tinha passado a tarde sentada, ao lado da cama, emitindo comentários elogiosos enquanto Mimi provava peça por peça de seu guarda-roupa. No final das contas, optaram por uma camisola sexy-mas-de-raro-desleixo-com-tiras-caindo-dos-ombros-assim-mesmo, da Marni, uma minissaia minúscula de brim do Earnest Sewn e um agasalho de *cashmere* cheio de brilho do Rick Owens. Mimi gostava de transitar seguida por um cortejo, e em Bliss ela havia encontrado a acompanhante ideal. Tornou-se amiga dela só porque seu pai havia lhe pedido, uma vez que o Senador Llewellyn era um colega importante. A princípio, Mimi irritou-se com a ordem, mas acabou mudando de ideia ao perceber que o bom aspecto cavalar de Bliss complementava e acentuava a sua própria beleza etérea. Mimi amava um pano de fundo conveniente mais do que qualquer coisa. Reclinando-se nas abundantes almofadas, ela lançou um olhar rápido de aprovação para Bliss.

— Um brinde! — celebrou Bliss, tocando o copo no de Mimi, como se tivesse lido a mente dela.

— Para nós — Mimi acenou, virando o último gole de seu drinque roxo cintilante. Aquele era o quinto da noite, e ela ainda se sentia tão sóbria quanto no momento em que pediu o primeiro. Era deplorável o tanto de tempo que levava para ficar bêbada agora. Era quase como se o álcool não tivesse nenhum efeito em sua corrente sanguínea. O Comitê tinha avisado a ela o que iria acontecer — ela que não quis acreditar no que foi dito à época. Principalmente porque não cabia a ela aproveitar-se da alternativa mais enérgica sempre que lhe agradasse. O Comitê tinha demasiadas regras. Àquela altura, ele estava praticamente tomando conta de sua vida. Ela, impaciente, acenou para o garçom trazer outra bebida, estalando os dedos com tanta força que quase estilhaçou o vidro da mesa de centro

à sua frente.

Que graça tinha sair à noite em Nova York se você não podia ao menos ficar um pouco bêbado? Ela esticou as pernas e as apoiou lentamente sobre um sofá, deixando os pés repousando no colo de seu irmão gêmeo. Seu pretendente, um jovem de dezenove anos, herdeiro de uma fortuna farmacêutica e atual investidor do clube noturno, fingiu não ter notado, embora fosse difícil afirmar se ele estava ao menos atento, já que se encontrava encostado e babando no ombro de Mimi.

— Sai pra lá — Benjamin Force a repreendeu, desvencilhando-se dela bruscamente. Os dois possuíam o mesmo cabelo loiro pálido, de tom platina; a mesma pele cremosa, transparente; os mesmos olhos verdes, velados; e os mesmos braços e pernas longos, esguios. No entanto, em relação ao temperamento, as diferenças eram visíveis. Mimi era comunicativa e divertida, enquanto Benjamin — apelidado de Black Jack na infância, devido aos seus acessos de raiva, e reduzido a Jack na adolescência — era calado e observador.

Mimi e Jack eram os únicos filhos de Charles Force, um magnata da mídia de sessenta anos de idade, cabelos grisalhos, que era dono de uma rede de televisão recém-criada, de um canal de notícias da TV a cabo, de um tabloide popular e de um império editorial bem-sucedido, que lucrava com autobiografias dos astros da World Wrestling Federation. Sua esposa, a primeira Trinity Burden, era o membro mais antigo do circuito da sociedade nova-iorquina e presidia os comitês de caridade mais prestigiosos. Ela foi muito importante na fundação do Comitê, do qual Jack e Mimi eram membros mais recentes. A família Force vivia em um dos endereços mais procurados da cidade, uma luxuosa casa com terraço, bem equipada, que cobria todo o quarteirão oposto ao Metropolitan Museum of Art.

— Ah, por favor! — enfadou-se Mimi, colocando imediatamente os pés para trás, no colo do irmão. — Preciso esticar as pernas. Elas estão tão doloridas, olha — disse ela, apalpando sua dura panturrilha e pedindo para ele sentir a tensão do músculo sob a pele. O exercício de Cardio Strip[7] era o terror das articulações.

Jack estava com cara de poucos amigos.

— Eu disse, sai pra lá — resmungou ele em tom de voz sério, e Mimi imediatamente recolheu as pernas bronzeadas, sentando-se por cima delas e deixando as solas de seu salto Alaïa, de dez centímetros, rasparem no sofá de camurça branco, sujando o impecável acolchoamento com marcas de arranhão.

— Qual o seu problema? — perguntou Mimi a seu irmão, que havia acabado de chegar meio atacado. — Está com sede? — ela o provocou. Nos últimos tempos, ele sabia como poucos estragar uma festa. Já quase não ia mais aos encontros do Comitê, algo com o que seus pais ficariam loucos da vida se viessem a descobrir um dia. Ele já não saía mais com meninas; parecia debilitado e exausto, além de inegavelmente mal-humorado. Aliás, Mimi tentava se lembrar da última vez em que ele aparentou algum humor.

Jack não se importou e ficou de pé.

— Vou dar uma saída, respirar um ar fresco.

— Boa ideia — acrescentou Bliss, levantando-se num pulo. — Preciso de um cigarro — ela explicou como que se desculpando, chacoalhando um maço de cigarros na frente do rosto de Mimi.

— Eu também — completou Aggie Carondolet, outra menina da Duchesne. Ela fazia parte da turma de Mimi e aparentava ser a líder, inclusive pelas luzes de quinhentos dólares dos cabelos e pelos traços sombrios.

— Você não precisa da minha autorização — respondeu Mimi com a voz entediada, embora o contrário fosse verdade. Ninguém podia simplesmente sair na presença de Mimi; era exclusão na certa.

Aggie forçou um riso, e Bliss, demonstrando nervosismo, sorriu, seguindo os passos de Jack em direção aos fundos do clube.

Mimi não estava nem aí. Ela nunca se incomodou em seguir as regras, só acendia um cigarro onde e quando estivesse a fim — as colunas sociais publicaram uma vez, de forma divertida, as cinco multas que ela tomou ao fumar em local proibido. Ela observou os três saírem, antes de desaparecerem em meio à multidão de corpos que se atirava na pista de dança ao som de letras obscenas de *rap*.

— Que tédio — ela reclamou, antes de finalmente prestar atenção ao rapaz que mal tinha saído de seu lado a noite toda. Eles estavam saindo juntos fazia duas semanas, uma eternidade na linha do tempo de Mimi. — Tome uma atitude.

— Em que você está pensando? — ele sussurrou cambaleante, lambendo sua orelha.

— Hummm — ela sorriu, colocando a mão sob seu queixo e sentindo suas veias pulsarem. Tentador. Mas talvez mais tarde, não aqui, pelo menos *não* em público. Principalmente porque ela já tinha tido uma dose dele ontem... e isso era contra as regras... amigos íntimos humanos não deviam ser abusados, blá-blá-blá. Eles precisavam de pelo menos quarenta e oito horas para poder se recuperar... Mas o perfume que exalava era maravilhoso... um quê de loção pós-barba da Armani... e sob ela... corpulento, cheio de vida... ah, se ela pudesse ao menos sentir um gostinho... dar uma... mordidinha... Porém, o Comitê estava reunido no piso inferior, logo abaixo do Block 122. Poderia haver vários Guardiões aqui, neste exato momento... só de olho... Ela poderia ser pega. Mas seria? A sala VIP estava escura... Quem iria sequer notar em meio a esta multidão egocêntrica de narcisistas?

Mas acabariam descobrindo. Alguém iria contar a eles. Era assustador o quanto eles sabiam sobre você — quase como se estivessem sempre ao seu lado, observando, dentro de sua mente. Assim, era melhor deixar para uma próxima vez, quem sabe. Ela o deixaria se recuperar da última noite. Ele desarrumou o cabelo. Que graça ele era — lindo e desprotegido, do jeitinho que ela gostava. Mas naquele momento, não tinha utilidade alguma.

— Me dá licença, só um minuto — ela se dirigiu a ele.

Mimi saltou do sofá tão rápido que a garçonete do bar, que trazia uma bandeja com martinis de lechia, quase caiu pra trás. A turma sentada nas banquetas mal podia acreditar. Eles podiam jurar que ela estava sentada há um segundo. E como num *flash*, lá estava ela: no meio do salão, dançando com outro menino — pois para Mimi, sempre havia outro rapaz, e então outro, e outro, todos eles muito contentes por dançar ao seu lado — e parecia que ela havia dançado por horas; seus pés nem chegavam a tocar o chão — era um furacão loiro, estonteante, sobre sapatos de saltos que valiam oitocentos dólares.

Quando voltou à mesa, demonstrando em seu rosto uma luz transcendental (ou seriam simplesmente os efeitos da maquiagem da benefit?) — uma beleza difícil de tolerar —, ela encontrou seu parceiro dormindo, largado sobre a ponta da mesa. Uma pena.

Mimi pegou o celular e só então foi perceber que Bliss não havia ainda voltado da pausa para o cigarro.

TRÊS

Ela não se adaptava a lugar algum. E não sabia o porquê. Será que já houve algo tão ridículo quanto uma chefe de torcida que sofria de sociofobia? Meninas como ela não deveriam ter quaisquer problemas. Supostamente, elas deveriam ser perfeitas. Mas não era assim que Bliss Llewellyn se via. Ela se sentia estranha, deslocada. Enquanto observava ao seu redor, sua suposta melhor amiga, Mimi Force, provocava o irmão e ignorava seu pretendente. Nada mais que uma típica noite junto dos irmãos Force — em um momento, estavam brigando; logo depois, eram só carinhos um com o outro —, principalmente quando eles faziam aquela coisa de ficarem se entreolhando, e você logo notava que os dois estavam conversando sem pronunciar uma só palavra. Bliss evitou o olhar fixo de Mimi e tentou se distrair rindo das piadas que o ator à sua direita contava a ela, mas nenhum comentário sobre a noite — nem mesmo o fato de que lhes tinha sido oferecida a melhor mesa da casa ou que o modelo da Calvin Klein à sua esquerda tinha pedido seu número — a fazia se sentir um pouco menos infeliz.

Em Houston, ela também havia se sentido do mesmo modo. Era como se ela não estivesse ali de corpo e alma. Mas no Texas, era mais fácil de esconder isso. Lá, seus cabelos eram longos e ondulados e ela tinha o melhor salto-mortal da equipe. Todos a conheciam desde que era uma "criancinha", e ela sempre foi a menina mais linda da sala de aula. Mas então papai, que tinha crescido em Nova York, mudou-se com a família para a cidade, para concorrer à cadeira no Senado, vencendo facilmente as eleições. Antes que pudesse dar um grito rebelde, ela já morava no Upper East Side e estava matriculada na Duchesne School.

É claro, Manhattan não lembrava Houston nem um pouco, e os longos cabelos ondulados de Bliss e seus saltos-mortais não significavam nada para qualquer aluno de sua nova escola, que não tinha nem uma equipe de futebol americano e muito menos chefes de torcida de minissaias. Mas, por outro lado, ela não esperava que fosse ser a jeca de antes. Afinal, ela sabia o caminho até uma das lojas Neiman Marcus! Usava calças jeans da True Religion e camisetas da James Perse como qualquer outra pessoa. No entanto, sabe-se lá como, ela acabou indo no primeiro dia de aula vestida com um agasalho de lã cor pastel da Ralph Lauren, um saiote xadrez da Anna Sui (numa tentativa de se parecer mais com as meninas fotografadas no catálogo da escola) e uma enorme bolsa branca de couro com correntes de ouro jogadas sobre o ombro. Tudo isso para encontrar seus colegas de classe vestidos humildemente com agasalhos asquerosos de pescadores e calças de veludo em condições deploráveis. Ninguém usava roupas de cor pastel em Manhattan ou exibia tons em branco da Chanel (no outono, pelo menos). Até aquela gótica estranha — Schuyler Van Alen — mostrava um bom gosto que Bliss não conseguia ter.

Bliss conhecia as marcas Jimmy Choo, Manolo Blahnik e Stella McCartney. Também havia se informado sobre os trajes no guarda-roupa de Mischa Barton. Mas havia algo que as meninas de Nova York tinham que fazia com que ela parecesse uma esquisitona da moda que nunca abriu uma revista. Depois, tinha a questão de seu sotaque — no início, ninguém conseguia entendê-la, e quando ela dizia "ceis todos" ou "porrrrta", eles a imitavam até com certa maldade.

Por alguns instantes, pareceu que o destino de Bliss seria viver o resto de sua vida acadêmica como uma pária social, uma rejeitada que fora educada pelos pais, e não aquilo que ela deveria ser: uma menina mesquinha. E isso só se concretizaria quando as nuvens se abrissem — com um relâmpago — e acontecesse um milagre: a fantástica Mimi Force cuidar pessoalmente dela. Mimi estava no terceiro ano do ensino médio, era um ano mais velha que ela. Ela e seu irmão Jack eram como a Angelina Jolie e o Brad Pitt de Duchesne, uma dupla que supostamente não deveria formar um casal, mas apenas uma

dupla — a que detinha o poder. Mimi era a líder de Orientação para os novos alunos e já havia notado a presença de Bliss — o casaco de lã cor pastel, as botas de militar lustrosas, a esquisita saia escocesa, a bolsa acolchoada da Chanel —, dizendo a si mesma: “Adorei aquela roupa. É tão errada que fica legal”.

E foi assim que aconteceu.

De repente, Bliss fazia parte da Turma, que, ao que se constatou, era igualzinha à antiga, em Houston — rapazes atléticos (que, em vez de serem iniciantes em futebol americano, praticavam lacrosse e remo), meninas uniformemente lindas (mas que faziam parte da equipe de debate e caminhavam em direção à Liga de Hera[8]) — com o mesmo código verbal de exclusão aos recém-chegados. Bliss sabia que, se não fosse pela boa vontade de Mimi, não teria conseguido se infiltrar na nata sagrada da escola.

Mas não era a hierarquia social do colégio que incomodava Bliss. E muito menos seus cabelos lisos desgrenhados (os quais ela jamais deixaria Mimi, a estilista, arrumar outra vez — ela apenas não se sentia bem sem seus cachos). Seu incômodo explicava-se pelo fato de que, às vezes, não sabia mais quem ela própria era. E isso desde que chegou a Nova York. Quando caminhava por uma construção, ou pelo antigo parque à beira do rio, uma sensação de *déjà-vu*, só que mais forte — como se estivesse incorporada em sua própria memória primitiva — tomava conta dela, deixando-a trêmula. Ao entrar pela primeira vez em seu apartamento da Seventy-seventh Street, no East, ela pensou: “Estou em casa”, e não foi porque aquela era sua casa... era um pressentimento de que já havia entrado pela mesma porta antes, de que já tinha dançado sobre aquele piso de mármore em algum momento de um passado não tão distante. “Aqui tinha uma lareira”, ela pensou, ao ver seu quarto. E, de fato, ao mencionar isso para o corretor de imóveis, ele confirmou a ela que existia uma lareira naquele local, no ano de 1819, mas a mesma tinha sido fechada com tábuas por motivos de segurança. “Porque alguém morreu ali”.

Os pesadelos eram a pior parte. Pesadelos que a deixavam acordada, gritando sozinha. Pesadelos nos quais corria de alguém, pesadelos em que alguém se apoderava dela — como se ela não estivesse no controle —, até que acordasse, tremendo, com frio, em meio aos lençóis encharcados de suor. Seus pais lhe garantiam que aquilo era normal. Como se fosse normal para uma menina de quinze anos acordar aos berros e ficar com a garganta tão seca a ponto de engasgar na própria saliva.

Mas naquele momento, no Block 122, Jack Force estava de pé, assim como Bliss — que tinha pedido licença para Mimi. Ela se levantou num impulso, apenas para se mexer, fazer algo além de ser uma espectadora do Espetáculo Que Era Mimi, mas quando havia dito que precisava de um cigarro, descobriu que de fato precisava. Aggie Carondolet, um dos clones de Mimi, já estava saindo sinuosamente. Bliss se perdeu de Jack no meio da multidão, e, ao sair, mostrou a pulseira no pulso direito para o segurança, cuja função era deixar as pessoas saírem e voltarem, tudo por conta das rigorosas leis antifumo da cidade de Nova York. Bliss achava irônico o fato de os nova-iorquinos se considerarem cosmopolitas — quando em Houston você podia fumar em qualquer lugar, até mesmo num salão de beleza, enquanto secavam seus cabelos; mas, em Manhattan, os fumantes eram jogados às sarjetas e obrigados a encarar o mau tempo.

Ao empurrar a porta para abri-la, ela se deparou com um beco, um pequeno canto escuro entre dois edifícios. O beco entre o Block 122 e o The Bank, ocupado por alianças de culturas opostas, assemelhava-se a uma placa de Petri[9]. De um lado, os *hispters* cheios de vaidade, vestindo roupas europeias caras e apertadas, com seus cabelos tingidos de branco jogados sobre jaquetas com estampa de zebra; do outro, um esparso grupo de crianças perdidas trajando roupas surradas e com furos — mas existia uma preocupante trégua entre as duas facções, uma linha invisível que nenhum dos lados

jamais atravessava. Afinal, eram todos fumantes por ali. Mais adiante, ela viu Aggie encostada no muro, curtindo a noite com duas modelos.

À procura de um cigarro, Bliss fuçou em seu casaco com capuz da Marc Jacobs (emprestado de Mimi, parte do novo figurino) e pegou um. Levou-o até os lábios, apalpando a roupa em busca de fósforos.

Eis que então surge uma mão estendida em plena escuridão, oferecendo um pequeno isqueiro. Do outro lado do beco. Era a primeira vez que alguém desafiava a linha divisória.

— Obrigada — agradeceu Bliss, inclinando-se para frente e tragando o cigarro, deixando uma de suas pontas em tom vermelho reluzente. Olhou para o alto, soltou o ar e, através da fumaça, reconheceu o rapaz que lhe ofereceu o fogo. Era Dylan Ward, que viera transferido — assim como ela — de algum lugar distante dali para o segundo ano. Lembrando Stepford[10], era mais um dos estranhos no ninho em Duchesne, onde todo mundo conhecia todo mundo desde o maternal e das aulas de dança de salão. Dylan tinha uma aparência linda e perigosa, com sua velha jaqueta de motociclista sobre uma camiseta suja e um jeans manchado. Havia rumores de que ele tinha sido expulso de uma série de colégios particulares. Seus olhos brilhavam no escuro. Ele bateu de leve para fechar o seu Zippo, e ela notou seu tímido sorriso. Havia algo instigante naquele rapaz — algo triste, incompleto, mas cativante... Ele aparentava exatamente o modo como ela se sentia, e caminhou até o seu lado.

— Ei — disse ele.

— Sou a Bliss — apresentou-se ela.

— Mas é claro que você é — ele acenou com a cabeça.

QUATRO

A Duchesne School ficava na antiga mansão Flood, na esquina da Madison Avenue com a Ninety-first Street, juntamente com uma série de colégios particulares, dentre os quais o Dalton, que ficava de frente, e o vizinho Sacred Heart. O local era a antiga casa de Rose Elizabeth Flood, viúva do Capitão Armstrong Flood, que tinha fundado a Flood Oil Company. As três filhas de Rose foram educadas por Marguerite Duchesne, uma governanta belga, e quando as três vieram a falecer ao atravessarem o Oceano Atlântico, no lastimável naufrágio do *SS Endeavor*, uma inconsolável Rose voltou ao Meio Oeste e deixou seu lar como herança para Mademoiselle Duchesne, a fim de que fundasse a instituição de seus sonhos.

Pouca coisa foi alterada para transformar a casa em uma escola: entre os pré-requisitos estabelecidos, um era que todos os acabamentos e móveis originais deveriam ser preservados cuidadosamente, de modo que uma caminhada pelo edifício fosse como voltar no tempo. Um retrato de tamanho natural das três herdeiras de Flood, feito por John Singer Sargent, ainda podia ser visto sobre a escadaria de mármore, dando as boas-vindas aos visitantes que ingressam pela suntuosa entrada de pé-direito duplo. No salão de baile, ladeado por janelas de vidro e com vista para o Central Park, havia um lustre de cristal no estilo barroco, além de antigas mesas para leitura em estilo otomano da Chesterfield dispostas no *hall* de entrada. Os lustrosos candeeiros de latão eram agora ligados na eletricidade, e o elevador Pullman, que rangia, ainda funcionava (embora apenas o corpo docente pudesse utilizá-lo). O sótão, um charmoso cômodo sob o telhado, foi transformado num centro de artes, que exibia uma prensa tipográfica e uma máquina de litografia, e as salas de visita no piso inferior hospedavam um teatro totalmente equipado, um ginásio de esportes e uma cantina. Agora, armários de metal estendiam-se ao longo dos corredores, enfeitados com papel de parede de flor-de-lis, e os quartos superiores abrigavam as salas de aula da área de Humanas. Por várias gerações, os alunos juravam que o fantasma da Senhora Duchesne assombrava o terceiro patamar da escadaria.

No corredor que dava acesso à biblioteca, havia fotografias dispostas nas paredes de cada uma das turmas de formandos. Em sua origem, a Duchesne School era uma instituição que aceitava apenas meninas, e o retrato da primeira turma, de 1869, mostrava um grupo de seis donzelas, trajadas com vestidos de baile brancos e com expressão séria no rosto, cujos nomes estavam graciosamente gravados a mão. À medida que os anos foram passando, os daguerreótipos das debutantes do século XIX deram lugar às fotografias em preto e branco de cisnes de pelagem franzida dos anos 1950, passando pelo divertido acréscimo de rapagotes de cabelo comprido de meados dos anos 1960, quando Duchesne finalmente passou a receber alunos homens, até chegar às fotos coloridas de encantadoras moças e belos rapazes do grupo atual. Mas, na prática, não tinha mudado muita coisa. Na festa de formatura, as meninas ainda usam vestidos brancos da Saks e luvas brancas da Bergdorf, sendo presenteadas com coroas de heras retorcidas e também com o indispensável buquê de rosas vermelhas, além de seus diplomas; já os meninos vestiam fraques adequados à ocasião, bem como alfinetes com pérola nas pontas sobre a gravata plastrão cinza.

Os uniformes acinzentados de *tartan* tinham virado artigo de museu há muito tempo, mas em Duchesne as más notícias ainda causavam o cancelamento da primeira parte das aulas, seguido de um pronunciamento feito sob ruídos farfalhantes no obsoleto sistema de som: “Reunião urgente na capela. Pedimos a todos que se dirijam à capela imediatamente”.

Schuyler encontrou Oliver no corredor externo do Music Hum. Eles não se viam desde a última sexta-feira. Nenhum dos dois havia tocado no assunto sobre o encontro com Jack Force na entrada do The Bank, o que era muito estranho, uma vez que os dois relatavam cada caso pessoal pelo qual passavam nos mínimos detalhes. Ao se deparar com Schuyler naquela manhã, Oliver demonstrava uma frieza calculada em seu semblante. Mas Schuyler nem se deu conta de sua indiferença — ela correu até ele na mesma hora e enganchou seu braço no dele.

— O que está acontecendo? — ela perguntou, encostando a cabeça em seu ombro.

— Não faço a menor ideia — respondeu ele.

— Você sabe de tudo — insistiu Schuyler.

— Certo... mas não conte a ninguém — esmoreceu Oliver, deleitando-se com o cabelo dela que alisava seu pescoço. Particularmente naquele dia, Schuyler estava muito bonita. Desta vez, seus longos cabelos estavam lisos, e trajada com casaco de estilo marinheiro, jeans desbotados e assentadas botas pretas de *cowboy*, ficava parecendo uma fada. Então, ele olhou ao redor com aparente nervosismo. — Eu acho que tem algo a ver com o pessoal que frequentou o Block 122 no último fim de semana.

Schuyler ergueu as sobrancelhas.

— Você quer dizer Mimi e sua turma? Por quê? Será que eles vão ser expulsos?

— Talvez — disse Oliver, sentindo prazer ao imaginar a cena.

No último ano, quase toda a equipe de remo havia sido banida das dependências da escola por mau comportamento. Para comemorar uma vitória na regata *Head of the Charles*, eles foram até a escola na mesma noite e destruíram as salas de aula do segundo andar, pichando paredes com xingamentos e deixando provas do que fizeram por ali — garrafas de cerveja em cacos, montes de bitucas de cigarro e vestígios de cocaína em diversas notas de dólares enroladas —, que seriam encontradas pelos inspetores na manhã seguinte. Os pais desses alunos, por meio de uma petição, reivindicaram à administração uma revisão da decisão (alguns achavam que a expulsão era uma muito severa, enquanto outros queriam simplesmente que as denúncias fossem arquivadas). Como o líder da equipe, um aluno dentuço do último ano prestes a ingressar em Harvard, era sobrinho da diretora, o caso foi motivo para pôr mais lenha na fogueira. (Ao saber do ocorrido, a Harvard imediatamente recusou sua admissão, e o chefe da trupe, que fora expulso, transferiu-se para o Duke, onde esperneou até não poder mais.)

De qualquer forma, Schuyler não achava que um simples caso de mau comportamento ocorrido no fim de semana fosse motivo para todo o colegial ser convocado até a capela naquela manhã. Como havia apenas quarenta alunos em cada classe, todo o corpo discente conseguiu sentar confortavelmente no local, tomando os assentos respectivos de seu ano: alunos do quarto e primeiro anos eram acomodados na parte da frente, separada pelo corredor; alunos do terceiro e segundo anos sentavam-se, respectivamente, atrás deles.

A reitora do colégio aguardava pacientemente de pé, no palanque em frente ao altar. Do local onde sempre costumavam ficar, Schuyler e Oliver avistaram Dylan mais atrás. Ele tinha olheiras, como se não houvesse dormido, além de uma comprometedora mancha vermelha em sua camisa convencional e um buraco em seus jeans pretos. Vestia também sua marca registrada: um lenço de seda branco, estilo Jimi Hendrix, em volta do pescoço. Os outros alunos mantiveram-se a distância dele, e ele chamou Schuyler e Oliver para sentarem-se ao seu lado.

— O que está acontecendo? — perguntou Schuyler, deslizando pelo banco.

Dylan deu de ombros, levando um dedo aos lábios.

Então a reitora Cecile Molloy, prestes a iniciar o pronunciamento, deu um tapinha no microfone

para testá-lo. Embora não fosse formada na Duchesne, diferentemente da diretora da escola, da responsável pela biblioteca e de quase todo o corpo docente feminino — e corriam boatos de que era ela quem recebia os alunos quando estudou numa escola pública —, ela rapidamente aderiu à tiara de veludo na cabeça, à saia cotelê até o joelho e às vogais arredondadas que eram a marca de uma verdadeira aluna da Duchesne. A reitora Molloy era uma cópia exata bem satisfatória e, com isso, tornou-se muito popular entre o conselho diretor.

— Por favor, atenção. Acalmem-se, meninos e meninas. Tenho algo muito triste para compartilhar com vocês esta manhã — disse ela, respirando profundamente. — Lamento informá-los de que uma de nossas alunas, Aggie Carondolet, faleceu esta semana.

Fez-se um silêncio aterrador, seguido por cochichos de todos os lados.

A reitora pigarreou.

— Aggie foi nossa aluna desde a pré-escola. Amanhã não haverá aula, pois faremos o velório pela manhã na capela. Todos estão convidados a comparecer. Depois, haverá o enterro no cemitério Forest Hills, em Queens, e será disponibilizado um ônibus de ida e volta até o cemitério para os alunos que quiserem ir até lá. Pedimos que vocês pensem na família dela neste momento difícil.

Após outro pigarro, ela continuou:

— Contamos com terapeutas para ajudar a quem precisar. A escola fechará hoje ao meio-dia, e seus pais já foram informados do horário de saída antecipado. Ao saírem daqui, peço encarecidamente para que voltem à segunda parte das aulas.

Depois de os representantes dos alunos lerem uma breve oração (Duchesne era uma instituição não confessional) e uma oferenda retirada do Livro de Oração Comum, além de um versículo do Alcorão e de uma passagem do livro de Khalil Gibran, os alunos deixaram o recinto num silêncio apreensivo, um sentimento abatido de emoção misturado com enjoo, bem como de verdadeira compaixão pelos Carondolet. Nunca havia acontecido nada parecido em Duchesne. É claro, eles já tinham ouvido falar de problemas em *outras* escolas — acidentes devido ao consumo de bebidas alcoólicas, treinadores de futebol que molestavam menores, rapazes do último ano que estupravam meninas do primeiro, maníacos vestidos com capas de chuva que empunhavam armas e metralhavam metade dos alunos, mas tudo isso acontecia em outras escolas — na televisão, nas periferias ou nas escolas públicas, com seus detectores de metais e mochilas de vinil transparentes. Jamais seria permitido acontecer algo assim em Duchesne. Era praticamente uma regra.

O pior que poderia ocorrer a um aluno de lá seria uma perna quebrada depois de esquiar em Aspen ou uma queimadura de sol dolorida durante as férias de meio de ano na ilha de St. Barth. Por isso, o fato de Aggie Carondolet ter *morrido* — na cidade, isso mesmo — tão próximo de completar dezesseis anos era quase inconcebível.

Aggie Carondolet? Schuyler sentia uma pontinha de tristeza por ela, mas não a conhecia realmente — só sabia que ela era uma das loiras altas e magricelas que andavam com Mimi Force, como se fossem cortesãs em torno de sua rainha.

— Você tá bem? — perguntou Oliver, pressionando o ombro de Schuyler contra seu corpo.

Schuyler fez sinal positivo.

— Cara, que situação. Eu a vi sexta-feira à noite — comentou Dylan, balançando negativamente a cabeça.

— Você viu a Aggie? — perguntou Schuyler. — Onde?

— Sexta passada, no The Bank.

— Aggie Carondolet estava no The Bank? — voltou a questionar Schuyler, como se não pudesse acreditar. Aquilo fazia tanto sentido quanto Mimi Force ser vista fazendo compras na J. C. Penney. —

Você tem certeza?

— Bem, para ser mais exato, ela não estava dentro do The Bank, mas do lado de fora, sabe, naquela parte de baixo onde todo mundo fuma, no beco vizinho ao Block 122 — explicou Dylan.

— O que aconteceu com você? — indagou Schuyler. — Não o vimos mais depois da meia-noite.

— É que eu, ahn, encontrei uma pessoa — confessou Dylan, com um acanhado sorriso. — Nada de mais.

Schuyler acenou com a cabeça e não quis prolongar o assunto.

Ao saírem da capela, eles passaram por Mimi Force, que estava de pé no meio de uma simpática roda de amigos.

— Ela só tinha saído para fumar um... — eles ouviram Mimi dizendo ao enxugar os olhos. — Depois, ela sumiu... Ainda não sabemos como isso foi acontecer.

— O que é que você está olhando? — cutucou Mimi, ao perceber que Schuyler a estava mirando.

— Nada. Eu...

Mimi jogou os cabelos sobre o ombro e bufou irritada. Em seguida, virou as costas para os três de propósito e voltou a recordar a noite de sexta-feira.

— Ei — chamou Dylan, passando pela alta menina texana de sua sala, que fazia parte do grupo. — Lamento pela sua amiga — ele comentou, encostando de leve a mão em seu braço.

Mas Bliss nem se deu conta de que tinha ouvido o que ele disse.

Schuyler achou aquilo estranho. Como é que o Dylan conhecia Bliss Llewellyn? A texana era praticamente a melhor amiga de Mimi. E Mimi *desprezava* Dylan Ward. Uma vez, Schuyler a tinha ouvido chamá-lo de “vagabundo” e “pinguço”, na cara dele, quando ele se recusou a ceder seu lugar na cantina. Ela e Oliver já tinham lhe avisado que Mimi estava ocupando aquele assento, mas ele não deu ouvidos. “Esta mesa é nossa”, protestou Mimi na ocasião, segurando uma bandeja que tinha um hambúrguer mal passado num prato de papel rodeado por folhas de alface secas. Schuyler e Oliver não titubearam e pegaram suas bandejas na mesma hora, mas Dylan não moveu um dedo, conquistando a simpatia dos dois.

— Foi uma *overdose* de drogas — murmurou Dylan, caminhando entre Schuyler e Oliver.

— Como é que você sabe? — perguntou Oliver.

— É a única coisa que faz sentido. Ela desmaiou ali no Block 122. O que mais poderia ter acontecido?

Schuyler imaginava uma série de possibilidades: aneurisma, ataque cardíaco, ataque diabético. Havia tantas coisas que poderiam causar a morte prematura de uma pessoa. Ela tinha lido a respeito disso. Tinha conhecimento de causa. Na infância, havia perdido o pai, e sua mãe já tinha ficado em coma. A vida era mais frágil do que se imaginava.

Em um minuto, você pode fumar um cigarro num beco do Lower East Side com seus amigos, beber e dançar sobre as mesas de um frequentado clube noturno. E no minuto seguinte, você pode estar morto.

CINCO

Uma das melhores coisas em ser Mimi Force era que ninguém percebia o quanto aquilo significava para você. Depois de as notícias da morte de Aggie terem circulado, a popularidade de Mimi atingiu proporções homéricas — afinal, ela não tinha apenas beleza, ela também demonstrava fragilidade: ela era *humana*. Algo parecido ocorreu quando Tom Cruise largou Nicole Kidman e, de repente, ela parou de parecer uma amazona durona, insensível, focada na carreira, e se tornou apenas outra divorciada despejada que podia ser relacionada a qualquer um. Ela chegou até a chorar no programa da Oprah. A Aggie tinha sido a melhor amiga de Mimi. Bem, na verdade, não exatamente. Mimi tinha muitos melhores amigos. Era isso que sustentava sua popularidade. Muitas pessoas se sentiam próximas dela, embora o contrário não se comprovasse. Mas ainda assim, Aggie tinha sido especial para ela. As duas cresceram juntas. Patinavam no gelo no Wollman Rink, tinham aulas de etiqueta no Plaza, passavam os verões em Southampton. Os Carondolet eram uma antiga família de Nova York; os pais de Aggie eram amigos dos pais de Mimi. Suas mães frequentavam o mesmo cabeleireiro, no Henri Bendel. Aggie tinha, de fato, o sangue azul, assim como Mimi.

Mimi adorava ser o centro das atenções, amava ser bajulada. Tudo o que ela dizia estava certo, exprimindo sua comoção e sofrimento com uma voz hesitante. Enxugava os olhos sem borrar o delineador. Em certo momento, relembrou-se com carinho da vez em que Aggie tinha emprestado a ela seu jeans predileto da Rock and Republic. *E nem sequer o pediu de volta!* Naquele momento ela tinha se tornado uma amiga de verdade.

Após saírem da capela, Mimi e Jack foram chamados de lado por um dos mensageiros, um garoto que tinha bolsa de estudos e entregava comunicados diretamente da direção.

— A diretora quer ter uma palavrinha com vocês dois — foi o que ouviram.

Dentro do gabinete de carpete felpudo, a diretora da escola os comunicou de que podiam tirar o dia de folga — não precisariam esperar até o meio-dia. O Comitê sabia o quanto eles eram próximos de Augusta. Mimi ficou eufórica. Recebendo tratamento ainda mais especial! Mas Jack balançou a cabeça e explicou que todos estavam bem e que ele iria entrar na segunda parte da aula.

Do lado de fora da administração do colégio, os vastos corredores cobertos com tapetes estavam vazios. Todos os alunos estavam em aula. Os dois estavam praticamente sozinhos. Mimi estendeu a mão e pegou o irmão pelo colarinho, arranhando seu pescoço bronzeado com os dedos. Ao senti-los, ele se esquivou.

— O que você tem ultimamente? — perguntou ela, impaciente.

— Não, está bem? Aqui não.

Ela não entendia por que ele estava tão diferente. Em algum momento, as coisas mudariam. Ela teria que mudar. Ele sabia disso, mas era como se não pudesse aceitar, ou não se permitisse aceitar. Talvez tudo isso fizesse parte do processo. Seu pai havia deixado bem claro a história da família aos dois, e a parte que cabia a eles já estava escrita. Jack não tinha escolha, quisesse ele ou não, e Mimi sentiu-se um tanto ofendida pelo modo como ele estava agindo.

Ela olhava para o irmão — o gêmeo, sua outra metade. Ele era parte de sua alma. Na infância, era como se fossem a mesma pessoa. Quando ela batia um dedo do pé, ele chorava. Quando ele caiu do dorso de um cavalo em Connecticut, ela sentiu dor nas costas em Nova York. Ela sempre sabia o que ele estava pensando, sentindo, e seu amor por ele chegava até a assustá-la. Um amor que consumia cada pedacinho de sua existência. No entanto, ultimamente, ele estava se afastando dela. Jack andava

distraído, distante. Mimi não conseguia mais entrar em sua mente. Quando ela estendia a mão para sentir sua presença, não a encontrava. Uma página em branco. Não, era um som abafado. Como um cobertor sobre um aparelho de som. Ele estava se desligando dela. Disfarçando seus pensamentos. Declarando sua independência. A situação era, no mínimo, preocupante.

— Parece que você nem gosta mais de mim — ela aborreceu-se, erguendo seus volumosos fios de cabelo loiro e deixando-os cair sobre os ombros. Mimi vestia um agasalho de algodão preto, que ficava transparente sob a luz fluorescente do corredor. Ela sabia que dava para ele ver a renda cor de marfim em seu sutiã Le Mystère através do fino tecido.

Jack sorriu em tom sarcástico.

— Impossível. Isso seria como odiar a mim mesmo. E eu não sou masoquista.

Como em câmera lenta, ela deu de ombros e se afastou, mordendo os lábios.

Então, ele a puxou para lhe dar um abraço, pressionando seu corpo contra o dela. Os dois eram da mesma altura — tinham os olhos no mesmo nível. Era como se olhar num espelho.

— Não seja má — disse ele.

— Quem é você e o que você fez com o meu irmão? — ela explodiu. Mas nada como um abraço, e ela retribuiu o carinho apertando-o firme. Agora, as coisas entravam no eixo.

— Estou assustada, Jack — ela sussurrou. Eles estiveram lá, naquela noite, com Aggie. Ela não deveria estar morta. Não poderia estar morta. Não podia ser verdade. Aquilo era impossível. *Em todo sentido da palavra*. Mas eles tinham visto seu corpo no necrotério, naquela fria e nublada manhã. Mimi e Jack foram quem identificaram o corpo. Na lista de contatos do celular de Aggie, o número de Mimi era o primeiro. Os irmãos chegaram a segurar as mãos já sem vida da menina. Tinham visto seu rosto, cuja expressão era de medo. Pior, tinham visto as marcas em seu pescoço. Inimaginável! Chegava até a ser ridículo. Aquilo não fazia sentido, simplesmente. Era como se o mundo tivesse sido virado de cabeça para baixo. Era diferente de tudo que haviam presenciado. Para tentar compreender o que se passava, Mimi não sabia nem por onde começar.

— Só pode ser brincadeira, não é?

— Pior que não — respondeu Jack, balançando a cabeça.

— Será que ela não estava menstruando fora do ciclo? — sugeriu Mimi, com uma ponta de esperança de que fosse encontrada alguma explicação mais lógica para tudo aquilo. Tinha de haver uma. Fatos como este simplesmente não ocorriam. Pelo menos não com eles.

— Não. Eles já fizeram os exames. E para piorar, o sangue desapareceu.

Mimi sentiu um arrepio subir-lhe pela espinha. Era como se algo tivesse remexido no túmulo da amiga.

— Como assim, “desapareceu”?

— Seu corpo estava drenado.

— Isso quer dizer...

— Consumação total — confirmou Jack.

Na mesma hora, Mimi se desvencilhou do abraço.

— Você está brincando. Só pode. *Impossível*.

Aquela palavra outra vez. A palavra que teimou em aparecer durante todo o fim de semana, desde a manhã do sábado, quando veio o comunicado: ela foi repetida pelos seus pais, pelos Antepassados, pelos Guardiões, por todos. O que aconteceu com Aggie não era possível. Quanto a isso, todos concordavam. Mimi caminhou em direção a uma janela aberta, ficou sob a luz do sol e deleitou-se ao sentir a pele coçar. *Nada poderia feri-los*.

— Eles convocaram um conclave. As cartas foram enviadas hoje.

— Mas já? Eles nem começaram a mudar ainda — reclamou Mimi. — Isso não é contra as regras?

— Situação de emergência. Todos devem estar atentos. Até mesmo os prematuros.

— Eu imagino — suspirou Mimi. Ela até preferia ser uma das mais novas, porém, não gostava nada de saber que sua atual posição logo seria suplantada por um novo bando.

— Vou pra aula. Para onde você vai? — perguntou Jack, enfiando a camisa dentro das calças num movimento inútil, já que, ao tentar alcançar sua mochila de couro, a parte de baixo da camisa escapou outra vez.

— Irei até o Barneys — respondeu ela, colocando os óculos escuros. — Não tenho nada para vestir no funeral.

SEIS

A segunda parte das aulas de Schuyler era sobre ética, uma disciplina aberta durante todo o ano aos alunos do segundo e do terceiro que precisavam cumprir as exigências dos estudos sobre diversidade. O professor, o Senhor Orion, um homem formado em Brown, de cabelos encaracolados e bigode estilo mexicano, que usava óculos com armação de arame e tinha nariz a la Cyrano[11], além de uma queda por roupas folgadas, muito maiores que seu número, que se estendiam sobre sua silhueta de espantalho, estava sentado no meio da sala, conduzindo a discussão.

Schuyler encontrou uma cadeira perto da janela e a arrastou até o círculo em torno do professor. Havia apenas dez alunos, o tamanho padrão da classe. Schuyler não pôde deixar de notar que a cadeira de Jack Force estava vazia. Ela, que não havia dito uma palavra a ele durante todo o semestre, ficou imaginando se ele ao menos se lembrava de tê-la cumprimentado na sexta-feira à noite.

— Algum de vocês conhecia bem a Aggie? — perguntou o Senhor Orion, embora aquela fosse uma pergunta desnecessária. Duchesne era o tipo de lugar que fazia com que, se você topasse com um ex-aluno no aeroporto, ou caminhando pelo museu Centre Pompidou, ou até mesmo no restaurante Max Fish, passados anos desde a graduação, você tivesse de pagar uma bebida a ele, na mesma hora, e perguntar como iam as coisas, pois mesmo numa tendo trocado uma palavra com ele nos tempos de escola, você sabia quase tudo sobre sua vida, inclusive os detalhes mais íntimos.

— Alguém? — voltou a questionar o Sr. Orion.

Bliss Llewellyn, toda cautelosa, levantou a mão.

— Eu conhecia — disse ela, toda tímida.

— Você quer compartilhar conosco algumas de suas lembranças com ela?

Com o rosto vermelho, Bliss abaixou a mão. Lembranças de Aggie? O que ela realmente sabia sobre Aggie? Sabia que ela gostava de roupas, de fazer compras e de sua pequena cadelinha, Branca de Neve. Era uma chihuahua, assim como a de Bliss, e Aggie gostava de vesti-la com pequenos trajes infantis. A cadela tinha até mesmo uma blusa de vison, que combinava com a de Aggie. Isso era o máximo de que Bliss conseguia se recordar. Afinal, será que as pessoas conhecem realmente um semelhante? De qualquer forma, Aggie era amiga de Mimi pra valer.

Então Bliss voltou à lembrança daquela fatídica noite. Ela tinha terminado de conversar com Dylan no beco dos fundos, o que pareceu ter demorado um século. Ao fumarem o último cigarro que dividiam, ele finalmente voltou ao The Bank, e ela, relutante, retornou ao Block 122, sob o comando de Mimi. Quando voltou, Aggie não estava sentada à mesa, e Bliss não a tinha visto mais pelo resto da noite.

Pelos irmãos gêmeos Bliss tinha tomado conhecimento do básico — eles tinham descoberto Aggie na “Terra de Nod”, a sala dos fundos onde o clube escondia os viciados que tinham apagado —, um segredinho sujo que o Block 122 mantinha, com sucesso, longe do conhecimento dos tabloides, por meio de grandes quantidades de propina tanto para policiais como para colunistas de fofocas. A maior parte das vezes, os clientes que haviam apagado acordavam horas depois, pouco piores do que quando chegaram, com uma ótima história para contar aos amigos: “E de repente eu acordei dentro desse quartinho, cara! Que viagem doida, não foi?”, e então eram mandados para casa (quase sempre) intactos.

Mas algo tinha dado errado naquela noite de sexta-feira. Eles não conseguiram reanimar Aggie. E quando “a ambulância” (o dono de um veículo utilitário esportivo) a deixou no pronto-socorro do St.

Vincent, Aggie já estava morta. *Overdose* de drogas, concluíram todos. Afinal, ela tinha sido encontrada num pequeno quarto. O que você iria esperar? Apenas Bliss sabia que Aggie não tinha se envolvido com drogas. Assim como Mimi, seus vícios habituais eram salões de bronzeamento artificial e cigarros. Drogas eram menosprezadas no círculo de amigos de Mimi. "Não preciso de nada para ficar louca. Já sou assim por natureza, dizia Mimi, que gostava de superestimar suas qualidades.

— Ela era... doce — comentou Bliss sobre a colega. — Ela realmente amava sua pequena cadela.

— Uma vez eu tive um papagaio — disse uma aluna do segundo ano, com os olhos vermelhos. Foi ela quem deu lenços de papel para Mimi no corredor. — Quando Aggie morreu, era como se tivesse perdido uma parte de mim mesma.

E de repente, a morte de Augusta "Aggie" Carondolet passou de uma tragédia para servir de simples trampolim a uma discussão séria sobre como os animais de estimação eram humanos, onde encontrar cemitérios para bichos na cidade e até que ponto clonar um animal era a escolha eticamente mais acertada.

Schuyler mal conseguia disfarçar o seu desdém. Ela gostava do Senhor Orion e de sua abordagem sensível e descontraída da vida, mas ficava indignada pelo modo como deixava seus colegas transformarem algo real — a morte de alguém que conheciam, uma pessoa que mal tinha completado dezesseis anos, uma menina que todos já tinham visto inúmeras vezes: tomando banho de sol no pátio, treinando rebatidas de *squash* nas quadras do ginásio de baixo ou devorando *brownies* na feira de doces (assim como todas as meninas populares de Duchesne, Aggie tinha um caso de amor com a comida que, diga-se de passagem, era desproporcional à sua aparência de "pele e osso") — em um assunto banal, um ponto de partida para falar sobre as neuroses de cada um.

Então, a porta se abriu, e todos ergueram os olhos para ver um envergonhado Jack Force adentrar a sala. Ele entregou seu formulário de atraso para o Senhor Orion, que logo se desfez dele.

— Sente-se, Jack.

Jack atravessou a sala propositalmente até alcançar a única cadeira que restava — bem ao lado de Schuyler. Vestido com uma camisa polo amarrotada, com a parte de baixo para fora da larga calça de lã, ele parecia cansado e estava com os cabelos um poucos desgrenhados. Uma leve descarga elétrica passou pelo corpo de Schuyler, causando uma sensação de agulhada, mas que não era desagradável. O que havia mudado? Ela já tinha se sentado ao seu lado antes, e ele sempre havia sido invisível para ela, até aquele momento. Ele não a olhou nos olhos, e ela estava muito receosa e constrangida para encará-lo. Era estranho pensar que ambos estavam lá naquela noite. Tão próximos de onde Aggie perdera a vida.

Mas agora, outra discípula de Mimi estava tagarelando sobre seu *hamster*, que morreu de fome quando ela e sua família viajaram de férias. — "Eu amava tanto o Bobo", choramingava ela com um lenço, enquanto o resto da classe a confortava com palavras. Histórias sobre o fim de um lagarto, um canário e um coelho também muito queridos seriam as próximas a ser contadas.

Schuyler virou os olhos de tédio e rabiscou nas margens de seu caderno. Era o jeito de se desligar do mundo que a cercava. Quando não podia mais suportar aquilo — as asneiras interiores de seus colegas de classe mimados, as intermináveis aulas de matemática, as propriedades da divisão celular, que davam sono —, ela recorria à caneta e ao papel. Ela sempre adorou desenhar. Meninas em estilo *animé* e meninos de olhos arregalados. Dragões. Fantasmas. Sapatos. Quando, distraída, esboçava o perfil de Jack, uma mão se aproximou e rabiscou um recado no alto de sua página.

Ela ergueu a cabeça, assustada, e num impulso cobriu seu desenho.

Jack Force balançou com a cabeça, triste, batendo com um lápis em seu caderno, chamando sua atenção para as palavras que tinha escrito.

Aggie não morreu de overdose. *Ela foi assassinada.*

SETE

Um reluzente Rolls-Royce Silver Shadow estava parado em frente aos portões de Duchesne quando Bliss apareceu. Ela se sentiu um pouco constrangida, como em todas as vezes em que via o carro. Ao lado do carro, viu sua meio-irmã, Jordan, que tinha onze anos e estava na sexta série, esperando por ela. A escola também autorizou os alunos dos anos anteriores a sair mais cedo, embora eles mal conhecessem Aggie.

A porta do Rolls-Royce se abriu, e duas compridas pernas puderam ser vistas saindo do carro. A madrasta de Bliss, que antes de se casar se chamava BobiAnne Shepherd, vestindo um traje esportivo cor-de-rosa apertado, de tecido aveludado, com o zíper aberto na altura da barriga para mostrar seus fartos seios, além de tamancos de salto alto da Gucci, começou a procurá-las freneticamente entre a multidão de alunos.

Não era a primeira vez que Bliss preferia que sua madrasta a deixasse tomar um táxi ou ir para casa a pé, como qualquer outro jovem de Duchesne. O Rolls-Royce, as roupas da Juicy, o diamante de onze quilates, tudo aquilo era tão texano. Bliss tinha aprendido, passados dois meses em Manhattan, que o negócio era não aparentar riqueza. Os alunos mais ricos da classe vestiam Old Navy e recebiam mesadas controladas. Se precisassem de um carro, seus pais faziam questão de contratar um elegante, porém discreto, sedan preto. Até a Mimi tomava táxi. Amostras de *status* e fartura por meio de ostentação não eram bem-vistas. É claro, esses alunos eram os mesmos que vestiam jeans manchados e agasalhos desfiados das refinadas butiques de SoHo, que cobravam preços de dez mil dólares pra mais. Parecer pobre não era problema, mas ser pobre de verdade era imperdoável.

No início, todos na escola pensavam que Bliss era bolsista, pois andava com aquela mochila que parecia cópia da Chanel e calçava sapatos muito brilhantes. Mas as frequentes aparições do Rolls-Royce Silver Shadow deram um fim aos rumores. Os Llewellyn eram abastados, tudo bem, mas tinham um péssimo gosto para roupas, o que era quase tão incômodo quanto não ter dinheiro, mas não chegava a tanto.

— Queridas! — gorjeou BobiAnne, com sua voz “arrasa quarteirão”. — Estava tão preocupada!

Então, ela pegou a filha e a afilhada com seus braços raquíticos, pressionando suas bochechas cobertas de pó de arroz contra as delas. Seu cheiro era como o de um perfume calcificado — doce e gredoso. A mãe biológica de Bliss falecera quando a filha nasceu, e o pai nunca falava a respeito dela. Bliss não tinha lembrança alguma de sua mãe. Quando ela tinha três anos de idade, seu pai se casou com BobiAnne, e pouco tempo depois nasceu Jordan.

— Pare com isso, BobiAnne — reclamou Bliss. — Está tudo bem. Não somos a menina que foi morta.

Morta. Mas, por que ela teria dito isso? A morte de Aggie foi acidental. *Overdose* de drogas. No entanto, a palavra tinha saído naturalmente, sem mesmo ter pensado em escolhê-la. Por quê?

— Faço questão que você me chame de mamãe, querida. Eu sei, eu sei, já ouvi sobre o que aconteceu. A pobre Carondolet. A mãe dela está em estado de choque, coitadinha. Vamos, meninas, entrem logo.

Bliss, então, entrou no carro, logo atrás da irmã. Jordan estava impassível como de costume, ouvindo as dramáticas condolências de sua mãe com indiferença calculada. Ela não poderia ter sido mais diferente que a irmã. Enquanto Bliss era alta e esbelta, Jordan era baixinha e atarracada. Bliss tinha uma beleza estonteante, e Jordan era tão comum que beirava a feiura, um fato que BobiAnne

nunca deixava de ressaltar. “São como um cisne e um búfalo da Índia, quase idênticas!”, ela lamentava. BobiAnne sempre tentava obrigar Jordan a fazer algum tipo de regime e a repreendia por sua falta de interesse em moda ou numa “dieta da beleza”; por outro lado, ela era só elogios para com a aparência de Bliss, o que deixava esta ainda mais irritada.

— Meninas, vocês não sairão mais sozinhas. Principalmente você, Bliss, chega de sair escondida com Mimi Force para sabe-se Deus onde. Agora, você está proibida de chegar em casa depois das nove da noite — avisou BobiAnne, roendo a unha do dedão de inquietação.

Bliss apenas virou os olhos. Então, só porque uma menina havia morrido em um clube noturno, ela teria que obedecer a uma espécie de toque de recolher? E desde quando sua madrasta se importava com coisas do gênero? Bliss já ia para festas desde a sétima série. Aliás, foi nesse mesmo ano que ela experimentou bebida alcoólica pela primeira vez, além de ter ficado de porre nos arredores de um parque de diversões; na ocasião, a irmã mais velha de sua amiga teve que buscá-la, após ela ter vomitado e apagado no palheiro, atrás da roda-gigante.

— Foi o pai de vocês quem mandou — disse BobiAnne, apreensiva. — De agora em diante, não me criem mais problemas quanto a isso, estão me ouvindo?

Então, o Rolls-Royce saiu da frente dos portões de Duchesne e desceu o quarteirão, pegando um retorno para estacionar em frente ao prédio onde moravam, do outro lado da rua.

Ao saírem do carro, caminharam até o suntuoso prédio de apartamentos. O Anthetum era um dos locais mais antigos e prestigiados da cidade. Os Llewellyn viviam em uma cobertura tríplex. Para decorar o lugar, BobiAnne tinha contratado vários profissionais para fazer o *design* interior, chegando até mesmo a batizar o apartamento com toda pompa francesa, *Penthouse des Revês* (Cobertura dos Sonhos), embora seu conhecimento do idioma se resumisse ao conteúdo de uma etiqueta (*Seulement*[12] *Dry Clean*[13]). Cada cômodo do apartamento era decorado de modo extravagante, com adornos que lembravam um pavão, e tudo sem despender um centavo, desde os candelabros de ouro dezoito quilates, que ficavam no chão da sala de jantar, até as saboneteiras com acabamento de diamante, no toalete feminino.

A sala de estar, apelidada de “Versace”, era repleta de antiguidades obsoletas do estilista, que foram trazidas de um leilão por BobiAnne. Espelhos em formato de sol, armários para porcelanas banhadas em ouro e estrondosas esculturas italianas de nudez espalhavam-se pelo cômodo até o teto. Em outra sala, chamada de “Bali”, havia guarda-roupas de mogno de parede a parede, bancos de madeira duros e gaiolas feitas de bambu. Cada item do cômodo era um artesanato sul-asiático, todos extremamente raros, autênticos e de alto valor, mas como havia muitos deles, o recinto assemelhava-se a uma liquidação de artigos no Pier 1 Imports. Tinha até um quarto da “Cinderela”, inspirado na exposição da Disney World — e para completar, havia um manequim usando uma tiara e um vestido, sustentado por duas esculturas de pássaros em fibra de vidro presas ao teto.

Para Bliss, “Cobertura de Bosta” representaria melhor o nome do local.

Naquela tarde, sua madrasta estava especialmente agitada. Bliss nunca a tinha visto tão nervosa. BobiAnne sequer notou as marcas de sapato que Bliss deixou no carpete imaculado.

— Antes que eu me esqueça, isso chegou hoje para você — comunicou sua madrasta, entregando-lhe um enorme envelope branco. Era de impressionar o peso e a importância do objeto, semelhante a um convite de casamento. Bliss abriu o envelope e encontrou um espesso cartão em alto relevo dentro dele. Era um convite para se juntar ao Comitê de Banco do Sangue de Nova York. Uma das instituições de caridade mais antigas da cidade, ela era também a mais respeitada; somente os filhos das famílias mais importantes da sociedade eram convidados para se associar como membros iniciantes. Em Duchesne, ela era simplesmente chamada de “O Comitê”. Todos os alunos que

desfrutavam de privilégio social faziam parte do Comitê; ser um membro do grupo elevava você ao nível da estratosfera social que, de tão sublime, raros mortais conseguiam aspirar a ele, mas nunca atingiam o seu topo.

Capitães de todas as equipes da escola eram membros do Comitê, bem como os editores do jornal e do anuário escolar. Porém, não se tratava de uma sociedade honorária, uma vez que alunos ricos como Mimi Force, que não participavam de nenhuma atividade proposta pela escola, mas cujos pais eram nova-iorquinos influentes, compunham a maior parte dos associados. Era esnobe, fechada e exclusiva ao extremo; eram aceitos somente alunos das melhores escolas particulares. O Comitê nunca chegou a divulgar a lista completa de seus associados — se você não estava na lista, era impossível descobrir quem estava, e só uma pista que algum membro desse, como um anel do Comitê, que tinha uma cobra dourada ao redor de uma cruz, poderia revelar sua participação.

Bliss achou que eles não estariam recrutando novos membros até a primavera, mas a encomenda informava que a primeira reunião seria na segunda-feira seguinte, na Jefferson Room, em Duchesne.

— Por que eu iria querer me juntar a um comitê de caridade? — Bliss perguntou a si mesma, imaginando o quanto aquilo era inútil. Toda aquela badalação com a arrecadação de recursos e organização de festas para nada. Ela estava certa de que Dylan também acharia aquilo ridículo. Não que ela se importasse com o que ele achava. Seu sentimento por ele ainda era incerto — ela se sentiu péssima por não ter sequer o cumprimentado quando ele deu um tapinha em seu ombro, pela manhã. Mas ela estava sob o olhar atento de Mimi e não se sentiu corajosa o suficiente para dar uma pista de que eram amigos. Eram amigos? Na sexta-feira à noite certamente eles haviam sido.

— Você não vai se juntar. Você foi escolhida, é diferente — comentou BobiAnne.

Bliss acenou com a cabeça, ainda hesitante.

— Mas tenho mesmo que aceitar?

BobiAnne era inflexível.

— Seu pai e eu ficaríamos muito felizes se aceitasse.

À noite, Jordan bateu à porta do quarto de Bliss.

— Onde você estava na sexta-feira à noite? — perguntou ela, com os dedos rechonchudos apoiados na maçaneta, deixando marcas úmidas em seu aço dourado. Os olhos escuros de Jordan espreitavam a irmã de maneira intimidante.

Bliss balançou a cabeça negativamente. Sua irmã mais nova era muito estranha. Para ela, era como se Jordan vivesse em outro mundo. Na infância, Jordan seguia a irmã em todos os lugares como um patinho feio, sempre se perguntando o porquê de não ter os cabelos ondulados, a pele pálida e os olhos azuis como os da irmã. Naquela época, as duas eram amigas. Mas, no último ano, as coisas mudaram um pouco. Na presença de Bliss, Jordan tinha se tornado reservada e tímida. Para se ter uma ideia, fazia séculos que Jordan não pedia a Bliss que amarrasse seu cabelo com fitas.

— No Block 122, sabe, aquele clube particular onde todas as celebridades vão. Saiu na *US Weekly* semana passada — respondeu Bliss, que continuou. — Mas por que, é do interesse de quem isso?

Ela estava sentada em sua cama de princesa, com os papéis do Comitê espalhados sobre o edredom. Por se tratar de um comitê de caridade, havia inúmeros formulários para preencher, inclusive um termo de aceitação que, dentre outras coisas, requeria o cumprimento de duas horas de atividades todas as segundas-feiras à noite.

— Foi nesse lugar que ela morreu, não foi? — comentou Jordan, secretamente.

— Foi — afirmou Bliss, sem erguer a cabeça.

— Você sabe quem é o assassino, não sabe? — insistiu Jordan. — Você estava lá.

— O que você quer dizer com isso? — indagou Bliss, deixando enfim os papéis de lado.

Jordan apenas balançou a cabeça e concluiu:

— Você *sabe*.

— Para falar a verdade, não tenho a menor ideia do que você está falando. Você não ouviu na 411? Ela morreu de *overdose*. Agora, suma daqui, sua acéfala! — ordenou Bliss, atirando o travesseiro na porta.

Do que a Jordan estava falando? O que ela sabia sobre isso? Por que será que sua madrasta estava tão preocupada com a morte de Aggie? E por que era tão importante fazer parte de um comitê de caridade?

Então, Bliss resolveu ligar para Mimi. Afinal, sabia que Mimi era do Comitê e queria confirmar se ela iria ao encontro do grupo.

Diário de Catherine Carver
25 de novembro de 1620
Plymouth, Massachusetts

Hoje, comemoramos o êxito da viagem segura até o nosso novo lar. Temos ótimas notícias — o povo desta nova terra nos acolheu de braços abertos e com muitos presentes. Seus habitantes trouxeram-nos mantimentos, como uma grande ave, que poderia alimentar todo um exército, grande quantia de vegetais e milho. Para nós, é como um recomeço, e estamos animados com a paisagem verdejante da terra, com as vastas matas virgens onde fundaremos nossa colônia. Todos os nossos sonhos foram realizados. E foi por isso que abandonamos nossos lares — para que nossos filhos possam crescer seguros e sadios.

— C.C.

OITO

Ao sair da escola, Schuyler pegou o ônibus circular na Ninety-sixth Street, passando pela catraca com seu MetroCard branco de estudante e encontrando um assento vazio ao lado de uma mãe aparentemente perturbada, que transportava um carrinho de bebê duplo. Schuyler era uma das poucas estudantes em Duchesne que utilizavam transporte público.

O ônibus deslocou-se lentamente pelas avenidas, passando em frente a uma variedade de butiques especializadas em Madison Square Garden, como a desinibida Prince and Princess, que supria a elite de até doze anos — para as meninas, vestidos de algodão com enfeites de estilo francês, e para os meninos, agasalhos da Barbour; farmácias que estocavam escovas para limpeza de quinhentos dólares; e pequenas lojas de antiguidade, que vendiam raridades, tais como equipamentos de cartografia e penas de escrever do século XIV. Prosseguindo, o ônibus passou pelo verde Central Park até chegar ao lado oeste da cidade, em direção à Broadway, onde era notável uma mudança de cenário e vizinhança — restaurantes de comida chinesa e latina, lojas de varejo menos esnobes —, chegando finalmente a uma ladeira, logo acima da Riverside Drive.

Schuyler queria ter perguntado a Jack o que ele quis dizer com o recado, mas ela não conseguiu falar com ele depois da aula. Jack Force, aquele que nunca havia prestado atenção nela antes? Primeiro, ele descobre o nome dela. E agora, já lhe deixava até recadinhos? Por que será que ele contaria a ela que Aggie Carondolet foi assassinada? Só podia ser algum tipo de brincadeira. Estava caçoando dela, assustando-a, era bem provável. Perturbada, ela balançava a cabeça. Não fazia sentido. E mesmo que Jack Force tivesse descoberto pistas quentes sobre o caso, como os detetives do *Law and Order*, por que ele as compartilharia com ela? Eles mal se conheciam.

Na 100th Street, ela deu sinal para o motorista e, ao abrirem-se as portas automáticas, desceu vagarosamente do veículo, naquela tarde ainda ensolarada. Em seguida, caminhou um quarteirão, na direção dos degraus que davam acesso às casas com jardim, que separavam o trânsito e levavam diretamente à porta de sua casa.

Riverside Drive era um bulevar estilo parisiense com cenários deslumbrantes, localizado na parte mais ocidental da alta Manhattan: uma grandiosa e sinuosa rota repleta de mansões suntuosas, de estilo renascentista, e majestosos edifícios residenciais em *art déco*. Foi neste lugar que os Van Alen levantaram acampamento na virada do século passado, vindos de uma residência na parte baixa da Quinta Avenida. Outrora a família mais poderosa e influente da cidade de Nova York, os primeiros Van Alen fundaram muitas das universidades e instituições culturais da cidade, mas sua riqueza e prestígio estavam em franca decadência há algumas décadas. Uma das últimas propriedades que restaram em pé era o imponente palácio de estilo francês, na esquina das frondosas 101st e Riverside Drive, às quais Schuyler chamava de casa. Construído com um belo mármore cinza, o palácio possuía uma porta forjada em ferro e gárgulas montando guarda no pavimento superior.

Mas ao contrário das casas com terraço ao seu redor há pouco restauradas, o edifício precisava muito de um novo telhado, azulejos e uma mão de tinta.

Já diante da porta, Schuyler tocava a campainha.

— Eu sei, desculpe, Hattie, esqueci minhas chaves outra vez — ela se desculpou com a empregada, que trabalhava para a família desde sempre.

A polonesa de cabelos brancos, vestida com uniforme de doméstica fora da moda, apenas resmungou.

Schuyler a seguiu pela ruidosa porta dupla e atravessou nas pontas dos pés o grande salão, que era escuro, cheio de mofo e com tapetes persas (bem antigos e raros, mas cobertos com uma camada de poeira). Nesse cômodo nunca houve iluminação alguma, pois embora a casa tivesse largas janelas na sacada com vista para o Rio Hudson, as cortinas aveludadas sempre a cobriam. Vestígios da antiga contribuição da família eram visíveis, desde as cadeiras Heppelwhite originais até as grandiosas mesas Chippendale; contudo, a casa ficava muito abafada no verão e ventosa demais no inverno, desprovida da vantagem de se ter um sistema de ar condicionado. Diferente da cobertura dos Llewellyn, onde tudo era uma dispendiosa reprodução ou uma antiguidade adquirida na Christie's, cada peça de mobília na casa dos Van Alen era original e foi legada pelas gerações anteriores.

A maior parte dos sete quartos da residência estava trancada e desocupada, enquanto boa parte das relíquias da família estava coberta com pano. Schuyler sempre achou que viver ali fosse como morar em um antigo e decrépito museu. Seu quarto ficava no segundo piso — um cômodo pequeno, cujas paredes ela pintou de amarelo claro, semelhante à cor do Mountain Dew, para contrastar com a tapeçaria escura dos móveis e com os ambientes fechados do resto da casa.

Ao assobiar para Belinha, uma amistosa cadela de caça, de bom porte, correu até ela.

— Boa menina, boa menina — elogiou Schuyler, ajoelhando-se e abraçando a feliz criatura, deixando-a lamber seu rosto. Por pior que fosse seu dia, Belinha sempre o deixava melhor. Uma vez, no ano passado, o bichinho seguiu seus passos da escola até sua casa. Era uma cadela de raça pura, cuja pelagem lisa e escura combinava com o cabelo pretro azulado de Schuyler. A menina estava certa de que os donos da cadela iriam procurá-la, então espalhou pela vizinhança cartazes com os dizeres "Cadela encontrada" antes de adotá-la em definitivo. Mas não apareceu ninguém para buscar Belinha, e Schuyler desistiu de encontrar o seu antigo dono.

As duas subiram as escadas trotando. Schuyler entrou no quarto e fechou a porta após Belinha passar.

— Mas já chegou em casa?

Ao ouvir a voz, Schuyler quase morreu de susto. Belinha latiu, abanou o rabo e ficou saltando alegremente na direção da intrusa. Era a avó de Schuyler, que estava sentada em sua cama com expressão carrancuda. Cordélia Van Alen era uma senhora de baixa estatura, que lembrava um pássaro — era fácil perceber de quem Schuyler herdou o delicado corpo e os olhos profundos, embora Cordélia contestasse comentários sobre a semelhança de traços físicos da família. Os olhos da avó, azuis brilhantes, fitavam intensamente a neta.

— Cordélia, não vi que você estava aí — explicou Schuyler.

Sua avó a tinha proibido de chamá-la de Vovó, ou Vó, ou da forma como algumas crianças a chamavam: Nana. Como seria bom ter uma Nana, uma figura materna fofinha e amada, cujo próprio nome lembrava amor e *cookies* caseiros com pingos de chocolate. Mas, em vez disso, o que restava a Schuyler era apenas a presença de Cordélia. Uma mulher elegante, de beleza permanente, que aparentava estar na casa dos oitenta ou noventa anos — Schuyler nunca se lembrava. Às vezes, Cordélia parecia jovem o bastante para estar na casa dos cinquenta anos (ou até dos quarenta, caso Schuyler fosse honesta consigo mesma). Ela estava sentada com o corpo ereto, vestida com um casaco de *cashmere* preto e calças de lã folgadas, deixando as pernas cruzadas delicadamente na altura do tornozelo. Nos pés, trazia um par de sapatilhas pretas da Chanel.

Durante toda a infância de Schuyler, Cordélia havia tido presença constante. Não era como a de um pai ou de uma mãe, ou até mesmo de afetividade, mas não deixava de ser uma presença. Foi ela quem alterou a certidão de nascimento de Schuyler para que seu sobrenome fosse o de sua mãe, e não o do pai. E também foi ela quem matriculou a neta na Duchesne School. Aliás, era ela quem assinava as

autorizações para os passeios da escola, monitorava seus boletins e lhe dava uma minguada mesada.

— A escola liberou mais cedo hoje — justificou-se a neta. — A Aggie Carondolet morreu.

— Eu sei — comentou Cordélia, já com outra expressão no rosto. Um instante de emoção tomou conta de seus traços austeros; medo, ansiedade ou até mesmo preocupação?

— Você está bem, Schuyler?

A neta acenou com a cabeça que sim. Ela mal conhecia Aggie. Claro, elas estudaram juntas por mais de uma década, mas isso não queria dizer que elas eram amigas.

— Tenho dever de casa para fazer — disse Schuyler, enquanto desabotoava a blusa e tirava a malha de lã, removendo peça por peça de roupa até ficar só de camisa regata branca e calças legging pretas diante da avó.

Schuyler tinha um pouco de medo de sua avó, mas foi educada para amá-la, muito embora Cordélia nunca tivesse demonstrado estar disposta a retribuir o sentimento. A emoção mais visível que Schuyler conseguia notar era uma tolerância com má vontade. Sua avó a tolerava. Não a apoiava em suas atitudes, mas a tolerava.

— Suas manchas estão piorando — notou Cordélia, referindo-se aos antebraços da neta.

Schuyler concordou. Riscos azul-claros desenvolviam-se num intricado trajeto, visível sob a superfície da pele, indo da parte de baixo de seus antebraços até os pulsos. As salientes veias azuis tinham aparecido uma semana antes de seu aniversário de quinze anos. Elas não lhe causavam dor, mas coçavam. Era como se, de repente, ela estivesse saindo de sua própria pele — ou entrando nela — de alguma forma.

— Para mim, estão como antes — respondeu Schuyler.

— Não vá se esquecer de sua consulta com a Dra. Pat.

Schuyler acenou que não se esqueceria.

Belinha sentiu-se em casa sobre o edredom de Schuyler, olhando para fora da janela, na direção do rio que brilhava atrás das árvores.

Cordélia começou a alisar os pelos macios de Belinha.

— Houve um tempo em que tive um cachorro igual a este — disse sua avó. — Eu tinha a sua idade. E sua mãe também teve um — sorriu ela, com um ar de saudade.

Sua avó raramente falava sobre a mãe de Schuyler, que, tecnicamente, não estava morta — quando Schuyler estava para completar um ano de idade, sua mãe entrou em coma profundo e, desde então, ficou em estado vegetativo. Todos os médicos chegaram à conclusão de que ela registrava atividade normal no cérebro e poderia acordar a qualquer momento, mas até hoje permanecia assim. Schuyler a visitava todos os domingos no Columbia Presbyterian Hospital, para ler a edição diária do *New York Times*.

Ela não tinha muitas lembranças da mãe — recordava apenas que era uma triste, porém linda, mulher que cantava canções de ninar para ela no berço. Talvez ela se lembre de que sua mãe aparentava tristeza porque essa é sua atual aparência, quando adormecida — havia um aspecto melancólico em seus traços. Uma mulher adorável, cheia de aflições, com as mãos dobradas e os cabelos louros esbranquiçados, espalhados no travesseiro.

Schuyler queria fazer mais perguntas à avó a respeito de sua mãe e de sua cadela de caça — mas aquele olhar distante já havia deixado o rosto de Cordélia, e a menina sabia que ela não entraria em mais nenhum detalhe sobre a filha naquela noite.

— O jantar será às seis — avisou sua avó, antes de sair do quarto.

— Sim, Cordélia — resmungou Schuyler.

Em seguida, ela fechou os olhos e deitou na cama, apoiando o corpo sobre Belinha. Através da

veneziana, podia ver que o sol começava a se pôr. Sua avó era um enigma e tanto. Em certo momento, Schuyler desejou, e não pela primeira vez, que fosse uma menina normal, com uma família normal. De repente, sentia-se muito solitária. Ficou pensando se deveria ter contado a Oliver sobre o recado de Jack. Antes, ela nunca esconderia dele algo como isso. Mas seu receio era de que ele a chamasse de tola por ter caído numa brincadeira tão estúpida.

Então, seu telefone tocou. O número de Oliver apareceu em formato de mensagem de texto, como se ele soubesse o que ela estava sentindo naquele exato momento.

SAUDADES DE VC.

Schuyler sorriu. Ela podia não ter pais, mas pelo menos tinha um amigo de verdade.

NOVE

O funeral de Aggie Carondolet teve todas as pompas de um evento para poucos. Os Carondolet eram uma família muito importante de Nova York, e a morte prematura de Aggie serviu para alimentar os jornais sensacionalistas. ALUNA DO COLEGIAL MORTA EM CLUBE DO CENTRO. Seus pais ficaram muito atemorizados, mas nada podiam fazer para mudar aquilo. A cidade era obcecada com o belo, o rico, o trágico. (Quanto mais belo, rico e trágico, maior a manchete.) Naquela manhã, um batalhão de fotógrafos estava a postos nos portões da escola, à espera de captar um bom ângulo da mãe aflita — a nobre Sloane Carondolet, a debutante de 1985 — e da abalada melhor amiga, ninguém menos que a flexível e cosmopolita Mimi Force.

Ao ver os fotógrafos, Mimi ficou contente por poder ostentar o seu conjunto da Dior Homme produzido por Hedi Slimane. Não tinha sido nada fácil deixá-lo sob medida na noite anterior, mas quando Mimi queria algo, ela conseguia. O conjunto era de cetim preto, com traços elegantes e simples. Por baixo dele, ela vestia apenas uma gargantilha de ônix. Trajada dessa maneira, ela ficaria sensacional nas fotos dos jornais do dia seguinte — e uma pitada de tragédia a deixaria ainda mais glamorosa.

Os assentos na capela de Duchesne eram organizados por categorias, igual a um desfile de moda. Como era de se esperar, o lugar de Mimi estava reservado na primeira fileira. Ela se sentou entre seu pai e seu irmão, os três formando um trio bem fotogênico. Sua mãe, que estava presa em um safári plástico-cirúrgico de três meses (plástica facial disfarçada de férias), na África do Sul, não conseguiu regressar a tempo, então Gina Dupont, uma linda *marchande* e amiga próxima de seu pai, o acompanhou até o funeral.

Mimi sabia que Gina era, na verdade, uma das amantes de seu pai, mas isso não a incomodava. Durante a infância, ela ficava abalada pela constância dos relacionamentos extraconjugais de seus pais, mas ao entrar na adolescência, compreendeu as relações pelo que elas representavam — isso era necessário para a Caerimonia Osculor[14]. Ninguém podia satisfazer plenamente outra pessoa. O casamento era para manter a fortuna da família dentro da própria família, para formar um bom par, semelhante a um contrato de negócios. Ela aprendeu a compreender que havia algumas coisas que só podiam ser realizadas fora de um casamento, coisas que até mesmo uma esposa fiel não poderia oferecer.

Ela prestava atenção quando o Senador Llewellyn e sua família entraram por uma porta lateral. A madrasta de Bliss entrou desfilando com um *vison* preto, que ia até o chão, sobre um vestido da mesma cor; o senador estava vestindo um terno preto com duas fileiras de botões; e Bliss vestia um agasalho preto de *cashmere* e calças jeans pretas, de tecido leve, da Gucci. Em seguida, Mimi percebeu que havia algo estranho. A irmã mais nova de Bliss vestida de branco dos pés à cabeça.

Quem veste branco para ir a um funeral? Mas, ao olhar ao seu redor, Mimi notou que praticamente metade dos convidados reunidos na capela vestia trajes na cor branca — e todos estavam sentados na nave lateral, do outro lado. Sentada no banco da primeira fileira, destacando-se entre lutuosos cobertos de branco, estava uma mulher baixa, cheia de rugas, que Mimi nunca tinha visto antes. Quando Oliver Hazard-Perry e seus pais chegaram, Mimi notou que antes de se sentarem no banco reservado à família, nos fundos, eles se dirigiram à frente dos bancos e fizeram reverência à velha encarquilhada vestida de branco.

Depois, chegaram o prefeito e sua comitiva, seguidos pelo governador, sua esposa e filhos. Todos,

sem exceção, estavam formal e adequadamente trajados de preto e sentaram-se atrás do banco onde se encontrava seu pai. Mimi, estranhamente, sentiu-se aliviada, pois todos os presentes sentados no mesmo lado que o seu tinham as vestes com o tradicional preto.

Ao ver o caixão fechado, ela mostrou-se satisfeita mais uma vez, pois não queria se deparar novamente com aquela expressão de grito paralisado, não enquanto estivesse viva. De qualquer modo, tudo não passou de um grande mal-entendido. Mimi estava certa de que os Guardiões encontrariam alguma explicação lógica para tudo isso, alguma parte do ciclo que explicasse a perda de todo aquele sangue. Afinal, Aggie não poderia estar morta. Como seu pai havia lhe dito, Aggie provavelmente nem estava dentro daquele caixão.

Passado algum tempo, a cerimônia religiosa teve início, e todos os presentes levantaram-se de seus assentos para cantar “Mais perto quero estar, meu Deus, de ti!”. Mimi, ao desviar o olhar de seu hinário, percebeu que Bliss tinha deixado seu assento. Ela achou estranho, mas prosseguiu com a cantoria. Após o padre recitar palavras de conforto, a irmã de Aggie fez um breve discurso. Vários outros alunos também falaram, inclusive seu irmão, Jack, que proferiu um discurso comovente momentos antes do término da cerimônia. Ao deixar o recinto, Mimi seguiu os passos de sua família.

A diminuta mulher de meia-idade, já de cabelos brancos, que estava sentada do outro lado caminhou até eles e fez um afago no braço de seu pai. Seus olhos eram os mais azuis que Mimi havia presenciado, e ela vestia um conjunto impecável cor de marfim da Chanel, além de colares e pérolas em volta do enrugado pescoço.

Charles Force ficou visivelmente assustado. Sua própria filha nunca o tinha visto naquele estado. Ele era um homem sereno, quase um lorde, com cabelos grisalhos compridos e de comportamento rígido, de militar. Os traços em seu rosto denotavam as consequências de seu poder. Dizia-se que Charles Force era a verdadeira autoridade que governava Nova York. O poder por detrás dos poderosos.

— Cordélia — disse seu pai para a velha excêntrica, saudando-lhe com a cabeça. — Que bom vê-la novamente.

— Fazia mesmo muito tempo — comentou ela, cuja voz nasalizada parecia deixar as palavras incompletas, como uma verdadeira ianque.

Sem se prolongar, ele apenas declarou:

— Uma perda terrível.

— Extremamente infeliz — concordou a velha senhora. — Embora pudesse ter sido evitada.

— Não compreendo o que a senhora está querendo dizer — respondeu com sinceridade Charles, de olhar perplexo.

— Você sabe tão bem quanto eu que eles deveriam ter sido alertados...

— Chega. Aqui não — reagiu ele, abaixando o tom de voz e puxando-a para perto dele. Mimi esforçou-se para ouvir o restante da conversa.

— Sempre o primeiro a negar a realidade. Você continua do mesmo jeito, arrogante e feito às cegas... — a mulher o ofendeu.

— E se tivéssemos dado ouvidos a você e espalhado o medo? Onde estaríamos agora? — ele retrucou friamente. — Teríamos ficado escondidos em cavernas por sua culpa.

— Eu teria garantido a sobrevivência de nossa espécie. Mas em vez disso, estamos mais uma vez vulneráveis — respondeu Cordélia, com sua voz irritante tremendo de raiva. — Agora, eles podem retornar e nos caçar. Se eu tivesse o poder nas mãos, se o Conclave tivesse dado ouvidos a mim, ao Teddy...

— Mas ele não deu, eles escolheram a mim para liderar, como sempre fiz — interrompeu Charles

ponderadamente. — Só que agora não é hora trazer à tona velhas feridas e ressentimentos.

De cara fechada, tentou prosseguir.

— Você conhece e... não, não conhece... Mimi, Jack, venham até aqui.

— Ah, os gêmeos — sorriu Cordélia, toda enigmática. — Juntos novamente.

Mimi não gostou do modo como a velha a encarava, examinando-a de cima a baixo como se já soubesse tudo sobre ela.

— Esta é Cordélia Van Alen — Charles apresentou-a rispidamente. — Cordélia, os gêmeos. Benjamin e Madeleine.

— Prazer em conhecer a senhora — Jack dirigiu-se educadamente a ela.

— Idem — bufou Mimi.

Cordélia acenou de modo complacente. Mas, ao se dirigir outra vez a Charles Force, ela sussurrou furiosamente.

— Você tem que deixar todos avisados! Precisamos estar atentos! Ainda há tempo. Podemos detê-los, mas para isso você deveria ao menos tentar perdoá-la — ela completou. — Gabrielle...

— Não toque no nome de Gabrielle — disse Charles, cortando-a. — Nunca. Não quero nunca mais ter que ouvir o nome dela. Principalmente vindo de você.

Quem seria Gabrielle? Mimi ficou imaginando. Por que seu pai havia ficado tão inquieto com o assunto? Incomodada, ela sentiu raiva ao ver a maneira como seu pai reagia às palavras da velha.

Os olhos de Cordélia esmoreceram.

— Faz quinze anos — ela continuou. — Já não é tempo demais?

— Foi ótimo revê-la, Cordélia. Tenha um bom dia — despediu-se Charles, colocando um ponto final no assunto.

A velha malvada fechou a cara e saiu caminhando sem dizer uma só palavra. Mimi ficou observando Schuyler Van Alen, que seguiu a avó olhando sem jeito para trás, como se estivesse constrangida pelas atitudes dela. Exatamente como deveria ser, pensou Mimi.

— Pai, quem era aquela? — perguntou Mimi, percebendo o olhar assustado de seu pai.

— Cordélia Van Alen — ele respondeu prontamente, sem dizer uma só palavra a mais. Como se aquilo já explicasse tudo.

— Quem se veste de branco para ir a um funeral? — zombou Mimi, fazendo beiço.

— Preto é a cor da noite — murmurou Charles. — E branco é a verdadeira cor da morte.

Por um instante, ele ficou olhando para seu terno preto em desalento.

— Ahn? Pai? O que você disse?

Ele balançou a cabeça, vagando nos pensamentos.

Mimi notou que Jack correu até Schuyler para conversar com ela, e os dois começaram a cochichar intensamente. A irmã de Jack não gostou nem um pouco de ver aquilo. Ela não tinha a menor ideia de quem essa tal de Schuyler achava que era, além de fazer pouco caso se ela era ou não membro do Comitê. Ela não gostava do modo como Jack ficou olhando para Schuyler. A única pessoa para a qual ele havia olhado daquele jeito tinha sido ela.

E o desejo de Mimi era de que assim continuasse.

DEZ

Bliss não tinha conseguido aguentar aquilo. Com a cerimônia ainda em andamento, ela resolveu que seria melhor ficar longe dali. Funerais a deixavam muito emocionada. O único a que ela compareceu havia sido o de sua tia-avó, mas na ocasião ninguém ficou tão triste assim. Bliss poderia jurar que ouviu sem querer seus pais dizerem “Já era tempo” e “Até que durou bastante” no enterro. Sua tia-avó, Gertrude, viveu até a avançada idade de 110 anos — e virou notícia no programa *Today* — e quando Bliss a visitou na fazenda um dia antes de sua morte, o traste estava tão esperto como antes.

— Está na hora de eu partir, querida. Sei que está, mas nos encontraremos novamente — foram suas palavras para Bliss.

Pelo menos o caixão de Aggie não estava aberto, mas, mesmo assim, só de pensar que havia um corpo morto ali dentro, a poucos metros dela, ela se sentia desconfortável. Logo após terem chegado, Bliss deu um jeito de evitar sentar-se ao lado da madrasta, que estava muito ocupada cumprimentando todas as outras mães de alunos.

Sorrateiramente, Bliss deixou o recinto em direção à saída. Enquanto caminhava, percebeu que Mimi estava lhe observando. A amiga ergueu uma sobrancelha, e Bliss balbuciou “banheiro”, sentindo-se um tanto quanto tola de ter feito aquilo. Por que será que a Mimi a vigiava tão de perto? Ela ficou confabulando, enquanto andava em direção à saída. Mimi era pior do que sua madrasta. Aquilo já estava dando nos nervos. Então, ela escapou pela porta dos fundos e se deparou com alguém que estava tentando espiar o que se passava ali dentro.

Dylan vestia um terno preto apertado, camisa branca e uma leve gravata preta. Estava parecendo um integrante da banda The Strokes. Ao ver Bliss, sorriu para ela e perguntou:

— Vai a algum lugar?

— É que, ahn... está quente ali dentro — ela justificou-se, mas sem convencê-lo.

Ele acenou com a cabeça, refletindo sobre a frase dela. Os dois não se falavam pra valer desde sexta-feira à noite, naquele beco entre os clubes noturnos. Ela até cogitou procurá-lo só para pedir desculpas por tê-lo ignorado no dia anterior. Não que ela tivesse que pedir desculpas por algo. Afinal, eles tinham apenas passado a noite conversando. Eles não eram amigos ou algo parecido, não era esse o caso. Nada muito importante.

Mas, na verdade, a conversa que tiveram foi muito relevante. Naquela noite, ele contou a ela tudo sobre sua família, além do quanto odiava o internato em Connecticut. Já ela contou como era sua vida em Houston e como costumava dirigir o Cadillac conversível de seu avô de casa até a escola, algo que todo mundo achava hilário ao ouvir. A máquina era um barco — só que com as nadadeiras adequadas. E, mais importante, Bliss confessou que não se sentia inteiramente à vontade em Duchesne e que também não gostava de Mimi.

Foi um alívio para Bliss ter sido tão franca com Dylan, embora tenha se arrependido tão logo chegou em casa, traumatizada pelo medo de que ele contasse para Mimi tudo que lhe fora confidenciado, ainda que ela soubesse que isso era impossível. Mimi estava no In-Clique, e Dylan tinha saído com alguns desajustados e menos favorecidos. Ou seja, a chance de os dois se encontrarem era nula. E mesmo que ele tentasse se aproximar de Mimi, ela iria fingir que não o conhecia, só de olhar, antes que ele abrisse o bico.

— Quer “matar”? — ele perguntou. Com os cabelos pretos penteados para trás, ele sacudiu as

sobrancelhas escuras para ela de forma tentadora.

"Matar" um funeral. Isso sim era uma ideia e tanto. Esperava-se que toda a escola participasse da cerimônia. Era obrigatório. A única aula que Bliss havia matado tinha sido Educação Física, numa tarde em que ela e seus amigos resolveram ir ao cinema assistir a algum filme de terror para adolescente. Aquele dia tinha sido muito divertido — o filme era pior do que o previsto, e eles conseguiram voltar para a escola sem serem pegos.

Em Duchesne, era permitido, de fato, a cada aluno matar aula duas vezes por semestre — fazia parte do "programa acadêmico flexível". A escola entendia que, às vezes, o estresse era sobrecarregado e os alunos, vez ou outra, precisavam faltar às aulas. Era incrível como até mesmo o protesto era descrito nas regras da escola, onde tudo estava tão primorosamente relacionado ao rigor e à lógica do lugar.

Mas, até onde ela sabia, ninguém estava autorizado a "matar" um funeral. Aquilo seria passar muito além dos limites. Principalmente porque se esperava que ela fosse uma das BFFs[15] de Aggie, uma vez que saíam à noite com a mesma turma.

— Vamos — disse Dylan, esticando o braço para lhe dar a mão.

Bliss começou a segui-lo quando, de repente, outra pessoa saiu da capela pela mesma porta.

— Aonde vocês vão? — indagou Jordan Llewellyn para a irmã, fitando-a de forma ameaçadora.

— Quem é você? — retrucou Dylan.

— Sai fora, sua imbecil — avisou Bliss.

— Vocês não deveriam sair. Não é seguro — disse Jordan, olhando diretamente para Dylan.

— Vamos embora, ela é esquisita — afirmou Bliss, olhando de cara feia para a irmã, que estava toda vestida de branco e parecia estar prestes a receber a primeira comunhão.

— Estou avisando! — Jordan tentou intimidá-los.

— Vai lá! Conte para todo mundo! — Bliss gritou de volta.

Dylan sorriu com malícia, e Bliss, sem proferir uma só palavra a mais, o seguiu pela porta dos fundos, descendo as escadas em direção ao primeiro andar da mansão.

Uma das inspetoras da escola os avistou de dentro da sala de xerox, que ficava de frente para a escada dos fundos.

— Que é que vocês tão fazendo aí? — ela perguntou, colocando as mãos em sua larga cintura.

— Adriana, relaxe — sorriu Dylan.

A inspetora balançou a cabeça, mas retribuiu o sorriso.

Bliss gostou de saber que Dylan se dava bem com os funcionários. Embora ele estivesse sendo apenas educado, aquilo lhe agradava. Mimi tratava os funcionários da manutenção e da limpeza com ares superiores e depreciativos.

Depois de passarem pelas caçambas, Dylan levou Bliss até a porta lateral e os dois saíram pela entrada de serviços. Estavam finalmente livres, e desceram a Ninety-first Street.

— O que você quer fazer? — ele perguntou.

Bliss deu de ombros, respirando o ar fresco do outono. Nessa época, isso era algo que ela estava começando a apreciar em Nova York. O revigorante e limpo clima de outono — em Houston, não havia um clima parecido com aquele. Em NY, ele ia do quente e úmido para o chuvoso. Ela colocou as mãos nos bolsos de sua capa de chuva da Chloé, que cobria até a panturrilha.

— Estamos em Nova York, podemos fazer o que quisermos — ele brincou. — Toda a cidade está de braços abertos para nós. Podemos assistir a uma sátira teatral, ou a uma peça de comédia sem graça. Ou então ver uma palestra sobre Derrida na NYU[16]. Ou podemos também jogar boliche nos píeres. Não gostou? Que tal um bar que fica em East Village, onde os garçons são verdadeiros monges

belgas? Ou quem sabe podemos andar de remo no Central Park?

— E se fossemos caminhando até um museu? — ela perguntou.

— Oh, a menina das artes — ele sorriu. — Tudo bem. Para qual?

— O Met[17] — ela escolheu. Bliss só havia ido a esse museu uma única vez, e acabou conhecendo apenas a loja de suvenires, onde sua madrasta levou horas até escolher gravuras floridas.

Em seguida, os dois caminharam em direção à Quinta Avenida e chegaram ao Metropolitan rapidamente. Os degraus que davam acesso à entrada estavam repletos de pessoas almoçando às pressas, tirando fotos ou simplesmente tomando banho de sol. Era uma atmosfera carnavalesca; de um lado, uma pessoa estava tocando bongôs; de outro, havia um rádio gravador ao som de *reggae*. Então, os dois subiram a escada e adentraram o recinto.

O saguão do museu estava repleto de cores e atividades — crianças em excursões de escola formavam filas atrás dos professores, estudantes de artes caminhavam ligeiramente com seus cadernos de desenho sob os braços, enfim, um burburinho babilônico de vozes nos mais variados idiomas falados pelos turistas.

Dylan passou uma moeda de dez centavos por debaixo do vidro da bilheteria.

— Dois ingressos, por favor — disse ele, com um sorriso inocente no rosto.

Bliss ficou um pouco estarrecida com aquilo. Na placa que tinha visto, estava escrito CONTRIBUIÇÃO SUGERIDA: $15. Bem, ele tinha razão, o valor era sugerido, e não obrigatório. O caixa apenas entregou o broche redondo do museu sem fazer qualquer comentário. Aparentemente, ele já tinha passado por essa mesma situação antes.

— Você já visitou o Templo de Dendur? — perguntou Dylan, levando Bliss na direção norte do museu.

— Não — ela respondeu, balançando a cabeça. — O que é isso?

— Pare — ele disse. Em seguida, colocou as mãos levemente em seu rosto. — Feche os olhos.

— Por quê? — perguntou ela, em meio a risadinhas.

— Apenas faça isso — ele pediu. — Confie em mim.

Então, Bliss fechou os olhos, tapando o rosto com uma das mãos, e sentiu ele puxando-a pela mão, para levá-la adiante. Ela caminhava hesitante, como se seus passos estivessem à frente de seu corpo — estavam em algum tipo de labirinto, pensou ela —, uma vez que ele a guiava com rapidez, fazendo uma série de curvas fechadas. Logo, estavam do lado de fora. Mesmo com os olhos fechados, ela podia sentir que estavam em um local amplo e vazio.

— Pode abrir os olhos — Dylan sussurrou.

Os dois estavam diante das ruínas de um templo egípcio. A construção era, ao mesmo tempo, grandiosa e primitiva — num contraste direto com os traços harmoniosos e modernos do museu. A imagem que viam era completamente estonteante. O salão estava vazio, e havia uma fonte grande na horizontal em frente de cada templo. Era uma obra de arte de tirar o fôlego, e a história por trás de tudo aquilo — o museu havia tomado todos os cuidados para importá-lo e reconstruí-lo, de forma que o templo parecesse perfeitamente fazer parte do cenário, mesmo num museu de Manhattan — deixou Bliss de queixo caído.

— Meus Deus!

— Pois é — disse Dylan, com brilho nos olhos.

Bliss piscava os olhos em meio a lágrimas. Aquela era a coisa mais romântica que alguém já tinha feito por ela — inigualável.

Ele olhou diretamente para seus olhos, inclinando a cabeça para baixo e indo de encontro a seus lábios.

Os cílios de Bliss tremularam, e seu coração acelerou no peito, em êxtase. Então, ela inclinou o corpo na direção dele e ergueu o rosto para ser beijada. Ele parecia tranquilo e esperançoso, mas havia algo sedutoramente vulnerável que não deixava seu olhar se cruzar com o dela.

Seus lábios encontraram-se.

E foi quando tudo aconteceu.

O mundo escureceu. Ela estava em sua pele, mas ao mesmo tempo não estava. De repente, o salão ficou apertado. O mundo estava se contraindo. As quatro paredes do templo, de uma hora para outra, estavam inteiras. Bliss estava no deserto. Podia sentir o gosto acre da areia em sua boca, o sol ardente em suas costas. Milhares de escaravelhos — pretos e brilhantes, todos agitados — saíam voando pela porta do templo. E foi aí que ela começou a gritar.

Diário de Catherine Carver
30 de novembro de 1620
Plymouth, Massachusetts

Hoje, o comandante Myles Standish conduziu um grupo a bordo pela costa até Roanoke, a fim de levar remédios, alimentos e suprimentos para a colônia ali instalada. O trajeto levará quatorze dias, então ficarão fora por um bom tempo. Fiquei deprimida ao ver John partir com os outros homens. Até o momento, estamos seguros aqui, mas não sabemos até quando isso irá perdurar. Ninguém se arrisca a palpitar. As crianças estão crescendo muito rápido e se encantam com tudo. Tivemos vários nascimentos de gêmeos em nossa colônia. Recentemente, os Allerton tiveram trigêmeos. Susannah White, cujo marido, William, também viajou para Roanoke, veio me visitar. Nós duas concordamos que esta é uma época fértil. Fomos todos abençoados.

— C.C.

ONZE

Mais tarde, quando Schuyler chegou ao consultório todo branco da Dra. Pat, que ficava numa torre de vidro da Fifth Avenue, ela ainda estava pensando no que Jack tinha dito após o enterro de Aggie. Na ocasião, ele havia perguntado a ela o porquê de ter ignorado seu recado, e ela, tentando lhe pregar uma peça, explicou que tinha simplesmente jogado fora o papel.

— Você acha que a morte de Aggie é motivo de graça? — ele a questionou, com a expressão incrédula. Schuyler até tentou se defender, mas sua avó estava lhe chamando e ela teve de ir. Não dava para apagar da memória o olhar no rosto de Jack. Era como se ela o tivesse desapontado profundamente. Pensativa, bufou bem alto, levantando os fios de sua franja. Por que ele conseguia deixá-la tão inquieta? Enquanto isso, do outro lado da sala, uma mulher magra, vestida com um casaco de pele de raposa, lançou-lhe um olhar ameaçador, ao qual Schuyler fez questão de revidar.

Para convencer a neta a visitar a Dra. Pat, Cordélia havia feito um estardalhaço. A médica era uma espécie de dermatologista, daquelas famosas. Seu consultório parecia mais o interior de um hotel de Miami — o Shore Club ou o Delano — do que uma sala de espera comum. Tudo ali era branco: tapetes de lã brancos, paredes com azulejos brancos, mesas envernizadas de branco, sofás brancos de couro, poltronas reclináveis de fibra de vidro brancas, da Eames... Aparentemente, a Dra. Pat era *a* Dra. Pat, aquela que cuidava de todas as *socialites*, estilistas e celebridades, deixando-as com a pele maravilhosa. Nas paredes, havia penduradas várias fotografias autografadas de modelos e atrizes que passaram por ali.

Schuyler tratou de esquecer o ocorrido com Jack e começou a folhear os artigos das revistas de papel cuchê, que exaltavam as virtudes do médico. Quando a porta do seu consultório se abriu, eis que surge lá de dentro Mimi Force.

— O que *você* está fazendo aqui? — Mimi vociferou. Ela tinha trocado o conjunto da Dior e vestia agora uma roupa mais "casual" — calças jeans apertadas da Apo, avaliadas em quatro mil dólares, com rebites de platina e um botão de diamante, além de um grosso casaco da Martine Sitbon e finos sapatos de salto alto, na cor bege, da Jimmy Choo.

— Ahn... estou... sentada? — respondeu Schuyler, embora fosse óbvio que Mimi tinha feito uma pergunta retórica. — O que aconteceu com o seu rosto?

Mimi encarou-a furiosamente. Todo seu rosto estava coberto com pequenos pontos de sangue, pois acabara de passar por uma dermoabrasão[18] a laser, o que deixou sua pele um pouco esfolada. O tratamento ajudou a disfarçar as veias azuis, que já começavam a despontar ao redor dos olhos.

— Não é da sua conta.

Schuyler não se importou.

Irritada, Mimi deixou o local, batendo a porta atrás dela.

Poucos minutos depois, a enfermeira chamou o nome de Schuyler e a conduziu para uma sala de tratamento. Lá, a enfermeira mediu seu peso e sua pressão arterial, pedindo, em seguida, para que vestisse um roupão do hospital, aquele que deixa as costas descobertas. Schuyler se trocou e aguardou alguns minutos antes de o médico, enfim, entrar no consultório.

A Dra. Pat era uma mulher carrancuda, de cabelos grisalhos, que olhou para Schuyler e a cumprimentou dizendo:

— Você está muito magra.

Schuyler acenou com a cabeça. Não importava o que ela comia — poderia viver à base de bolo de

chocolate e batatas fritas e, mesmo assim, nunca dava a impressão de ter engordado alguns gramas que fossem. Seu organismo reagia assim desde criança. Oliver costumava sempre admirar sua condição física. — Você deveria ser do tamanho de uma casa — ele gostava de dizer —, pelo tanto que come!

Dra. Pat examinou as marcas em seu braço, delineando silenciosamente os traços que haviam se formado.

— Você tem tonturas?

Schuyler acenou com a cabeça.

— Às vezes.

— Como se fossem um lapso de memória? Por exemplo, você não consegue se lembrar onde está ou onde esteve.

— Aham.

— Você alguma vez já achou que estava sonhando, mas não estava?

Schuyler franziu a testa.

— Não entendi direito o que quis dizer.

— Qual a sua idade?

— Quinze.

— Bem na hora — murmurou Dra. Pat. — Mas ainda não teve lembranças do passado. Hum...

— Como?

De repente, ela se recordou daquela noite no The Bank. Oliver tinha saído para pegar as bebidas, e ela havia pedido licença para ir até o banheiro. Mas, ao entrar pela porta, deu de cara com um homem estranho. Ela só o viu por alguns instantes — um homem alto, com ombros largos, que vestia um terno escuro —, mas foi suficiente para os olhos acinzentados dele, em plena escuridão, a encararem de forma ameaçadora. Depois, ele desapareceu, e o que restou foi a parede vazia, sem ninguém por perto. Havia algo nele que remetia a um período antigo, remoto, mas que, embora parecesse familiar, ela não conseguia identificar. Como não sabia se devia contar isso à Dra. Pat, resolveu deixar pra lá.

A médica, então, pegou um bloco de prescrições e começou a rabiscá-lo.

— Vou receitar um creme para cobrir suas veias por enquanto, mas não há nada com que se preocupar. Volte na primavera.

— Por quê? Vai acontecer alguma coisa na primavera?

Mas a médica não quis adiantar nada.

Schuyler deixou o consultório com mais dúvidas do que soluções.

Sempre que Mimi estava preocupada, ela ia às compras. Era seu modo natural de reagir a qualquer experiência de fortes emoções. Feliz ou triste, deprimida ou radiante, ela só podia ser encontrada em um único lugar. Depois de sair enfurecida do consultório da médica, ela tomou o elevador coberto com tapete até o térreo e atravessou a Madison para se refugiar no Barneys. Mimi adorava aquela loja. O Barneys estava para Mimi assim como a Tiffany estava para Holly Golightly[19], era um local onde nunca se permitiria que algo terrível acontecesse. Ela amava os contornos lisos dos balcões de cosméticos; as instalações feitas com madeira branca; os gabinetes de vidro que exibiam joias minúsculas, refinadas e de preços exorbitantes; a seleta linha de bolsas de mão italianas. Para Mimi, tudo aquilo era tão puro, tão moderno, tão perfeito.

Distrair-se naquele lugar era um ótimo antídoto contra tudo o que viesse a ocorrer — afinal, é claro, Aggie ainda estava morta. Isso era o que mais a deixava assustada. Sua morte deixou claro que o Comitê estava tentando esconder algo deles. Que havia alguma coisa da qual eles não tinham conhecimento, ou algo que os Guardiões não queriam lhes contar. Mimi não quis questioná-los a

respeito disso, mas quando seu pai não sabia o que dizer a ela, aquilo lhe tirava do sério.

E para completar, a tal menina Van Alen — aquela que tem uma avó fantasmagórica — aparecendo no consultório da Dra. Pat daquele jeito. Havia algo naquela menina que ela não gostava, e não era só porque Jack parecia interessado nela. Quando viu os dois juntos no outro dia, uma explosão de repulsa tinha tomado conta dela, e sua vontade era exorcizar o que restou daquela sensação de enjoo, que quase a fez vomitar. Seu desejo era de que o irmão parasse de sair com magricelas do segundo ano, como Schuyler Van Alen. O que havia de errado com ele?

Uma mulher, vestida com um conjunto elegante, aproximou-se de Mimi respeitosamente.

— Gostaria de experimentar alguma peça que separei para você, senhorita Force?

Mimi acenou com a cabeça e seguiu sua compradora *"personal"* até o provador particular dos fundos, que era reservado para VIPs e celebridades. O local era uma sala circular, com sofás de camurça, um minibar e uma mesa com *buffet*. No meio da sala, estava o *rack* de roupas que a funcionária havia selecionado especialmente para ela.

Enquanto examinava as roupas, Mimi pegou um morango mergulhado no chocolate de uma bandeja de prata e o apreciou lentamente. Ela já tinha feito as compras de outono em agosto, mas não faria mal conferir se teve alguma tendência que faltou adquirir. Então, pegou nas mãos um vestido dourado de baile da Lanvin, uma jaqueta desfiada da Prada e um traje de passeio florido da Derek Lam.

— Vou levar estes — disse Mimi. — E o que temos aqui? — ela falou pensativa, ao encontrar um fio de *chiffon* em um cabide acolchoado.

Ela levou o vestido até o provador e, minutos depois, apareceu vestida com uma seda com estampa de tigresa da Roberto Cavalli, um típico vestido arrasa-quarteirão. Mimi olhou-se no espelho e viu que o vestido era retalhado do pescoço até o umbigo, deixando à mostra sua pálida e alva pele, e na parte de baixo havia uma confusão de penas que se agitavam na altura das panturrilhas.

— *Bellissima*.

Ao ouvir o elogio, Mimi olhou para o alto. Um italiano boa-pinta estava lhe observando, com os olhos fixos em seu decote.

Ela cobriu-se com as mãos e virou-se, mostrando as curvas de suas costas para ele. Parte de sua calcinha preta ficou à mostra acima da cintura.

— Pode fechar o zíper para mim?

O homem então caminhou até ela e colocou um dedo sob a tira da calcinha, brincando com o tecido rendado. Ao sentir o toque do italiano, a pele de Mimi formigou e lhe causou arrepios. Ele alisou a parte de baixo de suas costas, num movimento semelhante a um arco, e parou bem acima de seu quadril. Ao vê-la pelo espelho, ele sorriu para ela, que retribuiu o olhar ardente. Ele aparentava ter seus vinte, vinte e três anos no máximo. No pulso, brilhava um relógio dourado da Patek Philippe. Mimi o reconheceu das colunas sociais. Era um famoso *playboy* de Manhattan, que, segundos boatos, mandou metade das patricinhas do CEP 10021[20] para a terapia.

— Este vestido não caiu bem em você — disse ele, enquanto puxava o zíper lentamente para cima.

Mimi deu um passo para trás, esticou o pescoço e notou que o vestido mal cobria os seus mamilos. Definitivamente decotado.

— Então por que não vamos para outro lugar? — perguntou Mimi, cujos olhos pareciam faiscar perigosamente. Ela era capaz de sentir o sangue sob a pele dele, de quase saborear a rica e atraente polpa de suas veias. Não era à toa que ela estava se sentindo impaciente e sem força — depois de toda aquela angústia no funeral de Aggie, ela mal teve tempo para conhecer um novo garoto.

Alguns provavelmente aconselhariam uma jovem mocinha a não entrar numa Lamborghini de um estranho. Mas depois de cruzar as pernas já no banco do passageiro e ter arrumado suas sacolas pretas

de compras da Barneys no porta-malas, Mimi não poderia senão rir de si mesma. E ainda por cima saiu usando o vestido da Roberto Cavalli.

Então, o *playboy* ligou os motores e pisou no acelerador, trocando rapidamente de marchas para que seu carro esportivo rebaixado, de cor amarela, saísse cantando pneu pela Madison. Ele a observava com um apetite de predador, e ao colocar o braço direito sobre o encosto do banco dela, ele aproveitou para repousar a pesada mão em seu ombro.

Em vez de se queixar, Mimi puxou sua mão mais para baixo, de modo que ela ficasse sobre seu decote. E quando o rapaz apertou seu seio por cima do fino tecido do vestido, enquanto manobrava habilmente o carro pela avenida, ela se sentiu mais animada ainda.

— Está bom, está? — ele perguntou, com seu forte sotaque italiano.

— Muito bom — respondeu Mimi, passando a língua sobre os lábios.

Ele não fazia a menor ideia de onde estava se metendo.

DOZE

— Conte-me outra vez o que aconteceu.

Bliss estava sentada na cadeira reclinável de couro branco, no consultório da Dra. Pat. Foram seus pais que marcaram a consulta, após ela tê-los acordado na noite passada gritando que nem uma louca.

— Ontem, você estava no templo — começou a Dra. Pat.

— Isso. Na ala egípcia do Met — concordou Bliss. — Ele tinha tirado as mãos que tapavam minha vista, e foi então que vi o templo.

Ela estava sentada em uma cadeira de descanso branca, comprada na Eames, feita de fibra de vidro, dentro de uma sala para tratamento. E não estava muito segura de que tipo de médica a "Dra. Pat" era. Parecia um consultório de dermatologista, mas ela também havia notado várias mulheres grávidas fazendo ultrassom em outras salas.

— Sim, isso você já disse.

— E depois... — ela ficou toda vermelha. — Eu acho que ele estava prestes a me beijar. Acho até que ele chegou a me beijar, mas depois não me lembro mais... apaguei. Daí, lembro que estava apenas dando uma volta com ele na ala americana, observando os móveis.

— E isso é tudo o que você se lembra?

— Estou me lembrando de gritos.

— Você estava gritando?

— Não, alguém estava gritando. De longe — afirmou Bliss. Em seguida, olhou ao redor do consultório da médica. Aquela era a clínica mais limpa e mais branca em que já tinha estado. Até mesmo os instrumentos médicos brilhavam, todos dispostos engenhosamente em potes de vidro italiano.

— Conte-me sobre isso.

Bliss ficou vermelha de vergonha. Ela não tinha ainda resolvido se revelaria o que a incomodava tanto. Seus pais já achavam que ela estava louca — e se a Dra. Pat também achasse?

— Bem, foi muito estranho, mas de repente, eu estava de pé diante do templo, quando ele ainda estava inteiro. No Egito, quero dizer. O sol estava muito radiante, e o templo... bem, não estava em ruínas. Estava completo. E eu estava lá. Era como se estivesse dentro de um filme.

De repente, a Dra. Pat sorriu. Seu sorriso fora tão inesperado que Bliss não se conteve e também deu uma risadinha.

— Eu sei que parece loucura, mas senti como se tivesse sido transportada de volta no tempo.

Agora, a Dra. Pat estava amplamente satisfeita. Ela fechou seu caderno e o colocou de lado.

— O que você está passando é perfeitamente normal.

— Ah, é? — questionou Bliss.

— Síndrome de Memória Regenerativa.

— O que é isso?

A médica apresentou uma prolixa explicação sobre os efeitos do "fenômeno de percepção da reestruturação de células", um evento cataclísmico no cérebro que produzia o subsequente efeito "túnel do tempo". A explicação dela ia além da compreensão de Bliss.

— É como um *déjà-vu*. Acontece nas melhores famílias.

— Espero que sim. Então, quer dizer que não estou louca? Outras pessoas já passaram por isso?

— Bem, nem todo mundo — respondeu Dra. Pat, com certa dúvida. — Mas só algumas pessoas.

Pessoas especiais. Você deveria ter contado isso para seus pais antes. Você terá um encontro do Comitê na segunda-feira, certo?

Como é que a Dra. Pat sabia sobre o Comitê?

Ela acenou com a cabeça que sim.

— Tudo será explicado em seu devido tempo. Por enquanto, não se preocupe com isso.

— Então não há nada de errado comigo?

— Absolutamente nada.

Mais tarde, naquela noite, Bliss acordou com uma dor de cabeça terrível. Onde estou? — ela pensou. A sensação era de que tinha sido atropelada por um caminhão. Seu corpo estava ensopado e pesado, e a cabeça, grogue. Então, ela olhou para o relógio ao lado da cama.

Eram 23:49.

Com esforço, ela ergueu o corpo para ficar sentada. Colocou a mão na testa e sentiu-a quente, queimando. As marteladas em sua cabeça eram impiedosas. Seu estômago roncava. *Que fome*.

Ela virou os pés sobre a cama e tentou se levantar. Não deu muito certo. Estava com tontura e enjoo. Em seguida, agarrou um dos pés da cama e foi cambaleando até o interruptor de luz. Quando estava prestes a acendê-la, sua cama repentinamente ficou iluminada.

Tudo estava conforme ela havia deixado — a pesada carta do Comitê e documentos espalhados pela mesa, seu livro do curso de Alemão aberto na mesma página, suas canetas-tinteiro dispostas organizadamente no porta-lápis, um divertido ímã da Stetson que ganhou de amigos de Houston e um porta-retratos com uma foto de sua família em frente aos degraus do Capitol, quando seu pai foi empossado no Senado.

Bliss enxugou os olhos e arrumou os cachos, os quais ela sabia que, por experiência própria, estavam espetados freneticamente em todas as direções.

Que fome.

Estava escuro, dor constante. Uma dor física. Isso era novidade. A Dra. Pat não tinha comentado nada sobre *isso*. Bliss pressionava as mãos contra o estômago, sentia náuseas. Então, caminhou para fora do quarto em direção ao escuro corredor, seguindo a pouca iluminação existente até a cozinha.

A cozinha de aço inoxidável parecia simples sob o brilho das lâmpadas do teto. Bliss viu seu reflexo em todas as superfícies — uma menina alta, desengonçada, com os cabelos assustadores e uma expressão triste.

Lá, abriu a porta para atacar a geladeira. Dentro dela, havia garrafas de Vitamin Water, Pellegrino e Veuve Clicquot dispostas organizadamente em fileiras. Bliss, então, abriu com tudo os compartimentos. Frutas frescas, já cortadas e colocadas em *tupperwares*. Iogurte da Creamline. Uma toranja comida pela metade embrulhada em papel celofane. Potes de papelão com sobras de comida chinesa.

Aquilo não estava nada bom.

Que fooomeee.

No compartimento de carnes, ela encontrou o que procurava. Meio quilo de carne para hambúrguer crua. Tirou dali o pacote e rasgou o papel marrom que o embrulhava. Carne. Sem titubear, caiu de cara nos pedaços sangrentos de carne moída, devorando-os avidamente, com o sangue escorrendo pelo queixo.

Ela praticamente engoliu todo o pedaço.

— O que você está fazendo?

Ao ouvir a voz, Bliss congelou.

Sua irmã, Jordan, com seu pijama de flanela cor-de-rosa, estava em pé na frente da porta que dá

acesso à cozinha, só observando-a.

— Está tudo bem, Jordan — BobiAnne apareceu de repente em meio à escuridão. Ela estava fumando um cigarro num canto da casa. Ao exalar, a fumaça envolvia as extremidades de seus lábios. — Volte para a cama.

Bliss colocou de volta o pacote de carne no balcão. Em seguida, pegou um guardanapo e limpou a boca.

— Não sei o que me deu. Eu só estava com fome.

— Mas é claro que estava, querida — concordou BobiAnne, como se fosse a coisa mais normal do mundo encontrar sua enteada comendo um generoso pedaço de carne moída crua, tirado da geladeira, às três da manhã. — Tem alguns filés-mignons no segundo compartimento. Caso ainda esteja com apetite...

E com essas palavras, BobiAnne deu boa noite para ela.

Bliss ficou pensando nisso por uns instantes, refletindo se o mundo estava de pernas para o ar. A Dra. Pat tinha lhe dito que sua experiência de “sair do corpo” e “entrar no túnel do tempo” foi apenas “algo cotidiano”, sua madrasta não moveu um dedo ao vê-la coberta de sangue na cozinha. Por um momento, Bliss contemplou tudo aquilo. Depois, encontrou o pacote com bifes e também os comeu.

Tuberculose. Os sintomas causados, entre outros, são febre alta, desmaio, tontura, hemoptise e acúmulo de líquidos nos pulmões. Durante os primeiros anos da colônia americana de Plymouth, muitas mortes foram provocadas por um alto índice de tuberculose. "Tuberculose plena" era o termo utilizado para uma pessoa que havia morrido após seu sangue ter sido todo drenado do corpo. Teorias sugerem que uma infecção bacteriana decompunha as plaquetas sanguíneas, tornando o sangue rarefeito e absorvendo-o de todo o corpo, o que dava a impressão de que todo o sangue tinha desaparecido.

— Extraído de *Morte e vida nas colônias de Plymouth, 1620-1641*, do Professor Lawrence Winslow Van Alen.

TREZE

No dia seguinte, todos os alunos do ensino médio foram convocados novamente para comparecer à capela, mas por um motivo menos lúgubre. Era uma palestra sobre profissões. Mesmo a lastimável morte de um de seus alunos não pôde alterar o rígido cronograma de palestras que a escola havia planejado para o ano. A filosofia de Duchesne, em parte, era expor seus alunos a uma amostra das diversas oportunidades de carreira e caminhos a seguir disponíveis. Seus alunos já tinham tido palestras com um famoso cirurgião cardíaco, com um editor de uma respeitada revista, com o presidente de uma empresa com presença constante na lista da *Fortune 500* e com um famoso diretor de cinema. A maior parte das pessoas que vinham para dar palestras era composta de ex-alunos de Duchesne ou de pais de alunos da escola. A maioria dos alunos gostava daquela uma hora e meia de intervalo entre as aulas, uma vez que podiam cochilar nos bancos do fundo, o que era muito mais confortável que adormecer durante a aula.

— Hoje, temos uma convidada especial. Com vocês, Linda Farnsworth, da Farnswoth Models — anunciou a reitora do colégio. Uma mistura de aplausos e emoção tomou conta da plateia.

A Farnsworth Models era o grande nome da implacável indústria de modelagem. A palestra sobre profissões em Duchesne, que ocorria duas vezes ao ano, era apenas uma desculpa para encontrarem o mais novo grupo de modelos do corpo discente. Embora de forma não intencional, Duchesne era incontestavelmente um criadouro de modelos talentosas da cidade. Na mídia, os alunos já haviam aparecido dançando em videoclipes, caminhando nas trilhas do Bryant Park e participando de comerciais da televisão e propagandas impressas. Além disso, inúmeros alunos tinham suas fotos estampadas nos catálogos da J. Crew e da Abercrombie & Fish. O tipo Duchesne — alto, esbelto, loiro, aristocrático, que representasse bem o seu país — era mais requisitado do que nunca.

Linda Farnsworth era uma mulher baixa, cheinha, de cabelos ondulados e aparência fora dos padrões. Usava óculos meia-lua, e sua voz tremulava ao microfone enquanto explicava os prós e os contras da indústria de modelagem. Ela elogiava os aspectos positivos (sessões de fotos glamorosas! Viagens para lugares exóticos! Festas divertidíssimas!) e, na mesma toada, enfatizava o duro trabalho para conseguir fotos perfeitas. Ao terminar seu discurso, recebeu pouquíssimos aplausos de forma polida.

Quando as formalidades chegaram ao fim, Linda organizou uma seleção de modelos no terceiro piso, entre dois lances de escada, e convidou todos os alunos que estivessem interessados. Quase todas as meninas, e até mesmo alguns poucos meninos, aguardaram em fila para ver se seriam selecionados.

Depois de um bando de calouros mal-humorados ser colocado de lado, Mimi deu um passo à frente. Ela tinha se vestido especialmente para a ocasião, com uma camiseta justa, feita sob medida, da C&C California, além de um jeans de cintura baixa da Paige. Mimi ouviu dizerem que durante os testes as modelos deveriam se vestir o mais simples possível, pois assim os patrocinadores e os estilistas poderiam projetar suas visões mais facilmente, sem influências externas. Na noite anterior, deixara o italiano exausto no piso superior de sua cobertura, embora ela própria se sentisse renovada e cheia de ânimo.

— Desfilem até o final da escada e voltem, por favor — instruiu Linda.

Quando Mimi passou pelo corredor, dando uma pirueta entre a ida e a volta, Linda expressou-se em tom de aprovação.

— Você possui as medidas ideais, querida, além de uma aptidão natural. O mais importante é você

desfilar encantando os outros, você sabe. Mas, me diga, você tem interesse em se tornar uma modelo?

— É claro! — gritou Mimi, batendo palmas de tanta alegria por ter sido selecionada. Já era tempo de ela fazer parte das camadas mais elevadas dos profissionais da beleza!

Bliss era a próxima a desfilar. Ela caminhou rapidamente pelo corredor, balançando os braços. Ela ainda sentia enjoo ao pensar no meio quilo de carne moída que devorara na noite anterior, embora aquilo tivesse lhe proporcionado um bem-estar. E ainda achava estranho o fato de BobiAnne não ter, aparentemente, feito um rebuliço por sua atitude.

— Os seus passos estão um pouco irregulares, querida, mas muito didáticos. Sim, queremos que você faça parte da Farnsworth — decidiu Linda.

Mimi e Bliss se abraçaram de felicidade. Bliss notou que Dylan as observava do canto do grande saguão. Ela sorriu tentadoramente para ele, que retribuiu o cumprimento. Bliss estava com esperança de que ele não tivesse notado nada de estranho nela na última vez em que estiveram juntos, no museu. A Dra. Pat tinha explicado a ela que, durante a Síndrome de Memória Regenerativa, parte de seu ser estava no presente, mas a parte consciente estivera no passado. Os lapsos de memória que tinha não iriam durar tanto — talvez quatro, cinco minutos no máximo. O que a incomodava era que a parte que lembraria se eles tinham se beijado ou não ficou inativa naquele momento crítico. Ela nem sabia como se portar na presença dele — será que estavam ficando? Ou era só amizade? Ficar sem saber como agir com um menino do qual gostava estava lhe deixando louca. Certo, escapou. Ela gostava dele. Gostava tanto que já estava começando a não se importar com o que Mimi poderia pensar sobre os dois juntos.

Bliss olhou para Mimi com um pouquinho de ressentimento. Embora só levasse a vida social que tinha e se encontrasse com aquele prestígio graças a Mimi, ela evitava ter que dar satisfação sobre tudo o que acontecia para a amiga.

Quando o sinal para a aula seguinte tocou, uma menina estressada passou correndo pelo estande de moda sem sequer espiar o que toda aquela gente fazia ali. Schuyler tinha dormido durante toda a palestra, já que na noite anterior mal tinha conseguido pregar os olhos.

Ao ver a garota, Linda Farnsworth fez questão de pará-la, acordando-a para o mundo.

— Olá! E você, senhorita, qual o seu nome?

— Schuyler Van Alen — respondeu ela. Por que tinha feito isso? Por que não se mostrara mais autoconfiante? — Sou a Schuyler — tornou a repetir, tirando freneticamente sua franja de cima dos olhos.

— Você tem interesse em se tornar uma modelo?

— Ela? Modelo? — disparou Mimi a poucos metros dali, onde preenchia o contrato de cliente da Farnsworth. Ela olhou atentamente para Schuyler, cheia de ódio.

— Shhh — tentou repreender Bliss, que, para variar, ficou muito constrangida em cutucá-la.

Sem querer, Schuyler acabou ouvindo as duas. Então, olhou para a roupa que vestia — meias-calças pretas, compridas e rasgadas com buracos nos dois joelhos (contabilizando seu primeiro ponto negativo), um vestido de vovó florido, bem solto, estilo bata, meias grossas na cor cinza (pois não encontrara as pretas), tênis remendado com *silver tape* e óculos meia-lua. Além disso, não lavava o cabelo havia semanas. Ser modelo não era algo que ela desejasse, então Mimi não tinha com o que se preocupar. No fundo, Schuyler sentia-se excessivamente elogiada, embora não tivesse vaidade com sua aparência.

— Não, acho que não — respondeu ela, com um sorriso amarelo.

— Mas você lembra muito a Kate Moss quando jovem! — analisou Linda Farnsworth. — Posso tirar uma foto sua?

Rapidamente, Linda tirou uma foto com uma câmera Polaroid antes que Schuyler pudesse reclamar.

Schuyler protegeu os olhos contra o *flash*.

— Está bem...

— Anote o seu número aqui. Você não precisa assinar, mas se encontrarmos um estilista que queira trabalhar com você, eu ligo, tudo bem?

— Acho que sim — ela concordou, rabiscando seu número sem refletir melhor. — Olha, preciso ir mesmo.

Mimi encarou Schuyler e saiu andando de nariz empinado. Hesitante, Bliss olhou para Schuyler.

— A propósito, parabéns — disse ela, bem baixinho. — Eu também fui selecionada.

— Ah, sim, obrigada — respondeu Schuyler, abismada por alguém que andava com Mimi ter falado com ela.

— Você gosta de artes? — perguntou Bliss, demonstrando simpatia.

— Ahn... — hesitou Schuyler, sem entender direito o que a texana queria saber. Para seu alívio, ela notou Oliver próximo da fonte de água e desviou o olhar de Bliss, deixando-a no vácuo.

— Ei, você aí — ela disse.

— Oh, oi Sky! — ele a cumprimentou, passando um braço em volta de seus finos ombros. Os dois subiram as escadas dos fundos, escondidas no corredor da administração, e foram até a sala no último piso, onde teriam aula de artes. Dylan já estava lá e ficou com risadinhas para os dois, atrás de seu torno de oleiro. Ele vestia um avental na cintura e seus braços estavam cobertos de argila até os cotovelos.

— Não é encantador ficar todo sujo? — ele perguntou.

Os dois riram acenando com a cabeça e se sentaram, um de cada lado dele. Schuyler montou o cavalete e Oliver pegou suas xilogravuras. Nenhum dos dois percebeu que Bliss Llewellyn estava do outro lado da sala, sem tirar os olhos dos três.

Entre uma pincelada e outra, Schuyler acabava desviando o olhar da pintura e vendo Jack Force inclinando o corpo sobre a mesa de Kitty Mullin, admirando sua escultura de um gato siamês. Em uma dessas espiadas, ela notou uma mancha reveladora no pescoço de Kitty.

Ela não tinha sido a única a vê-los. Oliver, desconfiado, levantou as sobrancelhas, mas não disse nada, o que a deixou satisfeita. Schuyler achou que Jack tinha arrumado uma namorada e imaginou que ele estivesse jogando indiretas para *ela*. Hum. Certamente ele tinha se esquecido do ocorrido entre eles. Aquilo a deixou irritada, com peso na consciência, mas ela tratou logo de apagá-lo da memória.

Fazendo gestos, Oliver fingiu que cortaria Jack pelas costas com um machado invisível. Schuyler abafou o riso e tirou Jack da cabeça de uma vez por todas.

CATORZE

Bliss espiou por cima de seu cavalete. Seu professor de artes estava gesticulando efusivamente sobre sua paisagem, mas ela não lhe dava ouvidos. Sua atenção estava desviada para o outro lado da sala, mais precisamente para onde Dylan estava sentado.

Ele nem havia dado qualquer indicação de que notara sua presença ali. Claro, ele sempre era muito simpático quando se deparava com ela. E era esse o problema — ele era apenas simpático. Afinal, talvez eles nem tivessem se beijado no Met naquela tarde. Talvez não tivesse rolado nada. Talvez ele tenha perdido o interesse, o que seria um tapa em seu ego e também em sua mente.

Aquilo era tão injusto, principalmente porque agora ela estava completamente obcecada por ele. Para quem era apenas um amigo casual, que nem andava com sua turma, ela estava começando a pensar nele mais do que devia. O ator havia lhe telefonado, o modelo tinha implorado por um encontro, mas sua cabeça estava totalmente voltada para o modo como as costeletas escuras de Dylan se enrolavam em torno das orelhas, para a maneira como ele a havia observado, com olhos grandes, tristes. Para Bliss, era o tipo de cara que extrapolava as regras e deixava qualquer coisa acontecer, e isso lhe fascinava. Mexia realmente com ela.

Ela o observava interagindo com os amigos — aquela menina gótica, que acabara de ser selecionada como modelo, e aquele rapaz magro, bonitinho, que tinha os cabelos desarrumados — e sentia uma pontada de ciúme. Na presença deles, Dylan bancava o palhaço e os insultava, mas eles pareciam não se importar. Aparentemente, os três se divertiam à beça.

Quando a aula terminou, houve um congestionamento em frente à porta — como a escadaria era muito estreita, todos tinham que sair em fila indiana. Ao descer, Bliss se deparou com Dylan, que estava bem ao seu lado. Ela sorriu para ele à espera de uma reação.

— Ei.

— *Après vous*, madame — disse ele galantemente, deixando-a passar na frente.

Ela acenou com a cabeça em forma de agradecimento e esperou para ver se ele iria dizer algo mais — talvez até chamá-la para sair de novo. Mas ele não disse uma palavra sequer. Então, ela desceu as escadas sozinha enquanto ele ficou à espera dos amigos. Seu sentimento era de derrota.

Depois de almoçar com Mimi e sua turma, Bliss desceu até o subsolo para apanhar uns livros para a aula seguinte. No corredor, ela encontrou Schuyler trocando de roupa para a aula de Educação Física, bem na frente de seu armário. No local, vários outros alunos faziam o mesmo, tanto meninos como meninas, em vários estágios de despimento.

A escola era uma estranha combinação de luxo e pobreza — por um lado, havia um teatro moderno no subsolo, equipado com auditório de duzentos assentos, mas não havia vestiários, pois não se enquadravam numa mansão. Os alunos eram instruídos para se trocarem nos banheiros, mas como tinham apenas cinco minutos para isso, a maioria ignorava as normas e se trocava no corredor para ganhar tempo. As meninas tinham uma tática perfeita: usando uma camiseta enorme, tiravam o sutiã lateralmente pela cava e vestiam um top de ginástica. Os meninos não se mostravam mais nem um pouco surpresos.

Uma das peculiaridades de Duchesne era a de que como todos se conheciam desde o jardim de infância, o que prevalecia era a amizade, daquelas que, por vezes, se confundiam com irmandade. O *striptease* dos adolescentes só incomodava o corpo docente, principalmente o nada correto professor de História, que uma vez se deparou com uma aluna do terceiro ano, seminua, no corredor e ficou com

risadinhas maliciosas — mas não havia nada que fazer para dar um fim àquilo. Trocar-se em público era apenas uma daquelas coisas estranhas que já estavam incorporadas ao regime de Duchesne.

— Ei, posso falar com você um minutinho? — perguntou Bliss, inclinando-se contra um armário e vendo Schuyler quase sumir sob uma blusa de moletom extragrande. Como era novata na escola, Bliss era uma das poucas meninas que utilizava o toalete para se trocar. Ela não se sentia confortável como os outros para se trocar no corredor. Mimi, por exemplo, gostava de desfilar com seus sutiãs da La Petite Coquette como se estivesse caminhando na praia, em St. Tropez.

— Comiiiigo? — questionou Schuyler, dando solavancos sob a blusa, com os cotovelos apontados para os lados e para cima numa tentativa de entrar na roupa de ginástica. Numa só sacudida, ela tirou a blusa e surgiu vestida com uma camiseta bem maior que seu número e com calças de moletom folgadas.

— O que você tem para contar? — ela perguntou a Bliss, observando-a com um pouco de cautela.

— Você é amiga do Dylan Ward, não é?

Schuyler deu de ombros.

— Aham. O que tem ele? — indagou ela, conferindo a hora no relógio. O segundo sinal logo iria soar, e os alunos de sua classe já estavam correndo pelas escadas, na direção das quadras de baixo.

— É que... você o conhece bem?

Ao ouvir aquilo, Schuyler deu de ombros outra vez. Ela não estava entendendo bem o que Bliss queria saber. É claro que ela o conhecia bem. Ao lado de Oliver, eles eram os únicos amigos de Dylan.

— Ouvi alguns boatos — afirmou Bliss, olhando ao redor para ver se havia alguém prestando atenção à conversa.

— Ah, é? Sobre o quê? — Schuyler levantou a sobrancelha, enquanto enfiava sua blusa no armário.

— Bem, ouvi que ele se envolveu em um acidente com uma menina em Connecticut no verão...

— Não estou sabendo de nada sobre isso — interrompeu Schuyler. — Mas as pessoas por aqui fofocam sobre todo mundo. Você acredita mesmo nessa história?

Bliss demonstrou-se surpresa.

— De modo algum! Não acredito nem um pouco!

— Olhe, preciso ir — disse Schuyler abruptamente, apoiando sua raquete de tênis no ombro antes de sair caminhando.

— Espere aí — chamou Bliss, apressando-se para caminhar no ritmo de Schuyler enquanto ela subia os degraus a passos largos.

— O quê?

— É que... tipo... — deu de ombros Bliss. — Desculpe por termos começado mal. Minha culpa, certo? Podemos começar do zero? Por favor?

O segundo sinal tocou, e Schuyler espremeu os olhos.

— Estou atrasada — ela respondeu categoricamente.

— É que fomos ao Met outro dia e eu achei que tínhamos curtido bastante, mas desde então ele não falou mais comigo e por isso estou cheia de dúvidas — explicou Bliss. — Você sabe se ele tem namorada ou algo do tipo?

Schuyler suspirou. Se ela se atrasasse para a aula, sua avó seria notificada. Duchesne não tinha nada semelhante a uma “detenção”; as únicas punições dadas eram os bilhetes delatores para casa, dirigidos aos pais excessivamente envolvidos que iriam cometer um haraquiri caso seus filhos não entrassem em Harvard. Ela olhou para Bliss e compreendeu seu comportamento agitado e seu sorriso esperançoso.

Com relutância, Schuyler chegou à conclusão de que talvez Bliss não fosse uma daquelas cópias de

Mimi. Ela não tinha cabelos loiros superlisos e não ostentava antipatia. Ou o emblema “Equipe Force” na jaqueta de ginástica, como o restante da turma de Mimi, por exemplo.

— Até onde sei, ele não está saindo com ninguém. Mas ele chegou a comentar sobre um encontro que teve outra noite no clube... — Schuyler admitiu finalmente, observando a reação de Bliss, que ficou vermelha.

— Eu imaginava — comentou Bliss, ao que Schuyler acenou com a cabeça. Contra seus princípios, ela ficou com dó de si própria. Se Dylan a tinha levado para o Met, Bliss não deveria ficar tão mal assim. E Schuyler não tinha certeza se Mimi sabia ao menos o que era o Met. A vida dela girava em torno de sair às compras e entrar como VIP nas baladas. Para ela, “o Met” provavelmente deveria ser algum tipo de clube noturno.

— Se você quiser um conselho, vá com calma com ele. Eu acho que ele gosta de você de verdade — ela disse, dando a Bliss um sorriso solidário.

— É sério? Quero dizer, ele falou sobre mim?

Schuyler sacudiu os ombros.

— Isso já não é da minha conta — ela afirmou hesitante.

— O quê?

— Bem, eu duvido que ele se importaria se você o chamasse para o Baile de Outono. Provavelmente nem passaria pela cabeça dele ir sozinho, mas se você convidá-lo, talvez ele vá.

Bliss sorriu. O baile estava marcado para a noite seguinte. Ainda dava tempo. Seus pais teriam que deixá-la ir — afinal, era um evento da escola e, sem dúvida, lá haveria um monte de acompanhantes, o que os ajudaria a segurar a ansiedade.

— Obrigada.

— Sem problema — disse Schuyler, antes de subir correndo as escadas, sem olhar para trás.

Movida pela ideia, Bliss escreveu rapidamente um bilhete e rasgou o papel de seu fichário. Em seguida, retirou com todo o cuidado as rebarbas laterais da folha, aplicou um pouco de seu perfume sobre ela e enfiou dentro do armário de Dylan.

Ela mesma se surpreendeu com sua cara de pau, pois nunca teve de ir atrás de um menino antes. Mas sempre há uma primeira vez para tudo.

QUINZE

Em Duchesne, o baile anual de volta às aulas era chamado de “Informais” do Outono, embora de informal não tivesse nada. O baile ocorria na histórica sede da American Society, uma grandiosa mansão de tijolinhos vermelhos localizada entre a Park Avenue e a Sixty-eighth Street. A sociedade era uma organização dedicada a manter um arquivo dos primórdios da história americana, incluindo documentos das primeiras colônias e da viagem do *Mayflower*. O segundo piso abrigava uma biblioteca com revestimento de madeira e de teto arqueado, bem como diversas dependências aconchegantes e sociáveis, ideais para jantares e bailes. O local, muito frequentado, recebia vários eventos, e muitas noivas desembolsavam uma fortuna para ter o privilégio de se casar na Park Avenue. Mas para os alunos de Duchesne, aquele era apenas o local onde celebrariam o baile da escola.

No comecinho da noite, Oliver e Schuyler passavam o tempo no quarto dele, sem fazer nada, como de costume — mas quando Schuyler, sem perceber, comentou que tinha ouvido falar que Dylan — quem diria? — iria para o baile careta, Oliver se apegou à ideia.

— Vamos.

— Nós dois? Por quê? — reagiu Schuyler horrorizada.

— Vamos nessa, vai ser divertido.

— Não, não vai — argumentou Schuyler. — Nós dois indo para um baile cheio de frescura? Só para ver Mimi Force agindo como se fosse a dona do lugar?

— Ouvi falar que eles fazem um rango muito bom — Oliver tentou persuadi-la.

— Não estou com fome.

— Ah, vamos, não temos o que fazer.

Depois da agitação da semana que passou, quando tinham se aventurado no The Bank, ficar ali apenas sentados na cama de Oliver, lendo revistas juntos, parecia um pouco tedioso.

— Tudo bem — concordou Schuyler. — Mas preciso ir para casa me trocar.

— Sim, claro.

Quando Oliver foi buscá-la, Schuyler estava trajada de forma tão engraçada que parecia uma piada: vestido de baile preto, curto, estilo anos 1950, delicadas luvas brancas, meias-calças de arrastão e sapatos de salto alto, de ponta arredondada. O vestido ela tinha encontrado no eBay por trinta dólares. Sem alças, ele se ajustava perfeitamente em sua cintura fina, e a saia desabrochava no quadril como um gracioso sino suspenso nas alturas por uma camada de anágua de tule. No fundo da caixa de música, ela encontrou um colar de pérolas de sua avó, com fita de cetim preta, e o vestiu ao redor do pescoço. Oliver estava vestido com um *smoking* azul-escuro sobre uma camisa preta e calças pretas de lã. Ele presenteou Schuyler com um *corsage* de rosas de tirar o fôlego.

— Onde você comprou isso? — perguntou Schuyler, enquanto ele colocava o objeto no seu pulso.

— Em Nova York, você pode comprar tudo sem sair de casa — ele gracejou. Em seguida, entregou a ela uma pequena flor, e ela a prendeu na lapela de seu traje.

— Como estamos?

— Perfeitos — disse ele, oferecendo o braço.

Ao chegarem à mansão da American Society, só se viam um bando de carros de luxo, pretos e brilhantes, deixando os casais do baile. As meninas usavam elegantes vestidos curtos, na cor preta, além de pérolas, e os rapazes vestiam *blazers* azuis e calças de lã. E ninguém vestia um *corsage*. Em vez disso, as moças carregavam copos-de-leite com caules compridos, os quais elas sacudiam de um

lado para o outro ao adentrarem o recinto.

— Acho que não fomos avisados — gracejou Schuyler.

Os dois subiram as escadas, na tentativa de se misturarem aos outros. Várias meninas cochichavam ao ver Schuyler vestida daquele jeito. — Deve ser do Marc Jacobs — alguém sussurrou. — Parece mais uma fantasia — outra torceu o nariz. Não demorou e Schuyler logo ficou vermelha de vergonha.

No segundo lance de escadas, encontraram Dylan em frente ao vaso em forma de chifre. Ele vestia um paletó esporte de pelo de camelo sobre uma elegante camisa social preta e calças de lã de bom corte. Bliss Llewellyn, a bela ruiva do Texas, estava sentada em seu colo. Ela usava um vestido justo preto, de tecido fino, da Costume National, sandálias da Prada e o onipresente cordão de pérolas em volta de seu pescoço de cisne.

— Ei, gente — chamou Dylan, ao ver seus amigos. Ele apertou as mãos de Oliver e deu um beijo na bochecha de Schuyler. — Cês tudo aí conhecem a Bliss, né?

Todos acenaram com a cabeça. Desde quando o Dylan dizia "Cês tudo aí"? Ele devia estar realmente a fim dessa menina.

— Que charmoso você ficou — brincou Schuyler, tirando um pedaço de linha da jaqueta de Dylan.

— É da Hugo Boss? — zombou Oliver, fingindo checar o material.

— Sim, e faça o favor de não sujá-la — retrucou Dylan desapontado, mas sem deixar de achar graça.

Bliss estava muito contente por estar ali com eles. Em certo momento, ela piscou para Schuyler.

— Muito legal o seu vestido — ela disse, dando a entender que realmente tinha gostado dele.

— Obrigada.

— Então, vocês já deram uma volta pelo local? Lá em cima tem umas coisas gostosas para comer — comentou Dylan.

— Não, mas iremos — prometeu Oliver. Em seguida, eles deixaram o casal a sós e foram desviando da multidão até subir ao *buffet*.

Os cômodos da mansão tinham sido decorados com pisca-piscas brancos de Natal, e no fundo havia uma elegante amostra de carnes assadas, tanto quentes quanto frias, pratos de prata onerados com canapés e folhados franceses. No salão do meio, uma mescla de patricinhas e mauricinhos suados dançavam ao som da batida forte do *rap*. De repente, as luzes se apagaram, e Schuyler só conseguia enxergar as sombras de seus rostos. De onde estava, dava para ver que todos os rapazes de Duchesne carregavam, nos bolsos laterais de suas calças, pequenos porta-bebidas prateados da Tiffany. Às vezes, eles tomavam um gole ou derramavam às escondidas um pouco de bebida alcoólica nos copos de suas acompanhantes. Até mesmo Oliver tinha trazido o seu, que levava as suas iniciais. Havia muitos professores presentes, todos se mexendo de um lado para o outro, meio sem jeito, mas nenhum deles parecia notar ou se importar com o consumo disfarçado de bebida alcoólica.

— Quer um gole?

— Claro — respondeu Schuyler, tomando o cantil de suas mãos. A bebida destilada estava quente e desceu "rasgando" sua garganta. Durante um minuto, ela sentiu a cabeça um pouco tonta, mas logo tomou mais alguns goles.

— Vá devagar! É 181 proof[21]— avisou Oliver. — Senão você vai ficar bêbada — ele disse achando graça.

Mas Schuyler sentia-se tão sóbria quanto antes, embora sorrisse e fingisse estar sob o efeito da bebida.

Por algum tempo, eles ficaram num canto da festa, bebendo aos poucos o ponche de frutas orgânicas nos copos prateados, como se fingissem que não incomodava a nenhum deles o fato de

ninguém tê-los chamado, acenado ou dado qualquer sinal de que eram bem-vindos ao evento. Schuyler olhou ao redor para os grupinhos fechados em volta das mesas, fumando no balcão ou posando para fotos em frente ao piano, e percebeu que, embora conhecesse todas aquelas pessoas desde pequena, ela não pertencia a nenhum daqueles grupos. Era impressionante constatar que até mesmo Dylan tinha conseguido arrumar um lugar naquele meio, com uma namorada quase nada popular, enquanto ela e Oliver eram deixados de lado novamente, um fazendo companhia ao outro.

— Quer dançar? — Oliver perguntou, fazendo sinal de positivo em meio à escuridão do local.

Ela balançou a cabeça.

— Não.

— Quer ir embora então? — perguntou Oliver, chegando à mesma conclusão que ela. — Poderíamos voltar ao The Bank, aposto que o som lá está melhor do que aqui.

Schuyler estava dividida. Por um lado, ela e Oliver tinham todo o direito de estar ali — afinal, também eram alunos de Duchesne —, mas, por outro lado, talvez seria melhor se eles saíssem discretamente, sem alardes; e, se tivessem sorte, podia ser que ninguém tivesse notado que os dois estiveram ali.

Oliver abriu um sorriso forçado.

— A culpa é minha.

— Não, claro que não. Eu queria ter vindo — declarou Schuyler. — Mas você tem razão, é melhor irmos embora.

Os dois desceram a grandiosa escada com tapete vermelho onde estava ninguém menos que Jack Force, num bate-papo com Kitty Mullins no último degrau. Schuyler prendeu a respiração e se dirigiu à porta da frente sem olhar para ele, agarrada firmemente num dos braços de Oliver.

— Já vai? — perguntou Jack a distância.

Ao se virar, notou que Kitty Mullins não estava mais ali, e Jack estava encostado no corrimão, sozinho. Ele vestia uma camisa branca surrada, feita sob medida na França, que tinha a frente dobrada, mas a parte de baixo ficava solta, como era típico dele, além de calças cáqui e um blazer da Marinha desabotoado. A gravata estava torta, mas ele estava simplesmente irresistível. Sob o olhar de Schuyler, ele arrumou os botões da manga do braço direito.

— Já estamos saindo — ela deu de ombros, sorrindo a contragosto.

— Por que você não fica mais um tempo? — perguntou Jack, retribuindo o sorriso e olhando bem dentro de seus olhos. — Talvez se divirta.

Por um instante, Schuyler se esqueceu de que Oliver estava ao lado. Ao ouvir sua voz, ela até levou um susto. Oliver olhou para ela de maneira perplexa.

— Acho que vou pegar outra bebida. Me acompanha?

Schuyler não respondeu, e por alguns segundos infinitos, os três encontraram-se num estranho triângulo.

— Eu... é... eu não estou com sede, vejo você mais tarde então, Ollie. Tudo bem? — ela apelou.

Oliver franziu a testa, mas não reclamou, e voltou caminhando a passos largos escada acima.

Schuyler cruzou os braços. O que será que passava na cabeça de Jack? Durante toda a semana, após terem se falado no enterro, ele não tinha dirigido uma palavra a ela, e agora estava atrás dela outra vez? Por que ela nem sequer se recusou a falar com ele?

Jack caminhou até ela e a envolveu com um braço.

— Vamos, dance comigo. Acho que estou ouvindo a minha música.

Então, ela se deixou levar por ele em direção à escada e, desta vez, a multidão toda virou-se ao ver os dois entrando no salão. Schuyler notou a admiração cheia de inveja por parte das moças, enquanto

vários rapazes a encararam com outros olhos. Há um minuto ela estava invisível, mas com Jack ao seu lado tudo mudou. Ele a puxou para mais perto, e ela balançou ao ritmo da música. No salão, podiam-se ouvir os acordes da sexy e hipnótica batida de “Time Is Running Out”, da banda Muse. *I think I’m drowning, asphyxiated...* Ela deixou seu corpo escorregar no dele, sentindo as gotas de suor e transpiração em sua camisa proporcionadas pelo calor dos dois.

DEZESSEIS

Os pais de Mimi já estavam de saída. Ela estava em seu quarto e ouviu o barulho que o sapato de sua mãe fazia ao pisar no chão de mármore, seguido dos passos mais pesados de seu pai.

— Oi, bebê — chamou Trinity, batendo na porta do quarto. — Papai e eu estamos saindo.

— Pode entrar — gritou Mimi. Ela colocou seus brincos com penduricalhos e verificou sua imagem no espelho.

Trinity abriu a porta e adentrou o seu quarto. Ela usava um vestido longo até os pés — Valentino, pensou Mimi — e usava um exagerado cachecol preto em torno dos ombros. Admirada por muitos, era uma mulher elegante, cheia de *glamour*, com cabelos loiros enrolados que iam até a clavícula. A mãe de Mimi era frequentemente fotografada para colunas sociais e revistas de moda.

Seus pais estavam a caminho de uma espécie de baile de caridade. Eles não paravam em casa. Mimi nem se lembrava da última vez em que os dois tinham jantado juntos em casa. Às vezes passavam-se semanas inteiras e ela não os via. Sua mãe passava os dias no salão de beleza, na academia, no consultório do terapeuta ou nas butiques da Madison Avenue; já seu pai estava sempre no escritório, trabalhando.

— Não chegue muito tarde em casa — alertou Trinity, beijando a filha na bochecha. — A propósito, você está linda. Este é aquele vestido que comprei para você?

Mimi acenou positivamente com a cabeça.

— Mas com os brincos fica um pouco exagerado, você não acha? — sugeriu sua mãe.

Mimi ficou magoada. Ela odiava ser criticada.

— Acho que eles caíram bem com essa roupa, mamãe.

Trinity deu de ombros.

Mimi percebeu que seu pai, na entrada da porta, já ficava impaciente. Ele falava ao celular calorosamente. Nos últimos tempos, ele parecia mais distraído do que de costume. Algo o estava incomodando, ele andava muito preocupado e esquecido. Outro dia, Mimi chegou em casa bem depois do horário limite, mas seu pai, que a pegara entrando de mansinho enquanto enchia sua taça de conhaque, não disse uma só palavra.

— Onde está o Jack? — perguntou sua mãe, olhando ao redor como se ele estivesse escondido embaixo da penteadeira.

— Está por aí — explicou Mimi. — Estou atrasada para um encontro.

— Certo, filha, divirta-se — falou Trinity, acariciando sua bochecha. — Não vá se meter em confusão.

— Boa noite — completou Charles, fechando a porta de seu quarto.

Mimi olhou-se novamente no espelho. Por alguma razão, todas as vezes em que seus pais se despediam dela à noite, sentia-se desolada. Abandonada. Ela nunca se acostumou àquilo. No fim, acabou tirando os brincos com penduricalhos. Sua mãe tinha razão, estavam exagerados para aquele vestido.

Pouco depois que seus pais saíram, o italiano chegou. Ele era nitidamente um novo homem desde o dia em que se conheceram na Barneys. Seu comportamento atrevido tinha desaparecido, assim como o sorriso de predador. Ela o havia transformado. Agora era Mimi quem ditava as regras. Ela quase chegou a enjoar dele — ele era muito fácil. Ninguém era páreo para ela.

— Eu dirijo — afirmou ela, pegando as chaves do bolso dele.

Ele sequer contestou.

O caminho era curto até o American Society, mas mesmo assim Mimi passou em alguns semáforos vermelhos durante o trajeto, fazendo até uma ambulância desviar para o acostamento para evitar um acidente.

Ela parou o carro em frente ao toldo, onde o porteiro a esperava. Eles desceram do carro e Mimi jogou as chaves para o manobrista. O italiano seguia seus passos que nem um cachorrinho, entrando junto dela na mansão.

Mimi estava de arrasar num vestido de cetim, estilo Cinderela, da Peter Som, cabelos presos com coque alto e usando um cordão triplo de pérolas da South Sea, herança da família, sendo este o seu único acessório. Ela puxou seu acompanhante pelo braço e o conduziu em direção às escadas. Lá, ela encontrou sua melhor amiga, Bliss Llewellyn, num beijo apaixonado com aquele bebum fracassado, Dylan Ward.

— Oláááá — cumprimentou Mimi, com sua voz nada receptiva. Quando será que tudo aquilo tinha acontecido? Mimi não gostava de estar por fora das últimas novidades.

Bliss desprendeu-se da língua de Dylan e ficou vermelha ao ver Mimi. Seus lábios estavam borrados e os cabelos, desarrumados. Dylan abriu um sorriso forçado para Mimi.

— Bliss. Para o banheiro. Agora.

Bliss olhou para Dylan meio sem jeito, mas seguiu Mimi até o banheiro feminino sem questioná-la.

Mimi verificou os sanitários e pôs a servente para fora do toalete. Depois de se certificar que não havia ninguém ali dentro, ela se virou para Bliss.

— Que diabos está acontecendo com você? Você está ficando com aquele cara? — Mimi exigiu explicações. — Você poderia estar com qualquer rapaz que quisesse.

— Eu gosto dele — afirmou Bliss, com despeito. — Ele é legal.

— Legal — repetiu Mimi, prolongando a palavra como se ela tivesse dez sílabas. Leeeegaaaal.

— Qual o seu problema? — perguntou Bliss, desafiando-a.

— Problema? Não tenho problema algum. Quem disse que tenho problema? — retrucou Mimi, olhando ao redor como se estivesse surpresa por não haver ninguém ali.

— É o lance de Connecticut? — questionou Bliss. — Porque ele não teve nada a ver com aquilo.

— Do que você está falando? — perguntou Mimi.

— Não sei direito, apenas ouvi que tinha acontecido um acidente com uma menina em Greenwich, e que ele estaria envolvido — respondeu Bliss. — Mas, de qualquer forma, não passou de boato.

Mimi deu de ombros. Era a primeira vez que ela ouvia a respeito daquilo, mas não a surpreendeu.

— Só não entendo por que você está perdendo seu tempo com ele.

— Por que você o odeia tanto assim?

Naquele momento, Mimi foi pega de surpresa. Era verdade — ao ver o Dylan, ela reagia com repulsa fora do comum. Por que ela o odiava? Não sabia ao certo, mas tinha um pressentimento, e sua intuição nunca falhava. Havia algo que não gostava nele, mas ela não conseguia descobrir o real motivo para agir de tal maneira.

— A propósito, como vão as coisas com seu namorado? Ele parece um zumbi — declarou Bliss, apontando para o canto. O herdeiro italiano tinha seguido as duas até o banheiro feminino e estava, naquele instante, babando na coluna da porta de entrada. Todos os acompanhantes de Mimi aparentavam ser daquele jeito: acéfalos.

— Eu cuido dele mais tarde.

— Vou voltar para o meu parceiro — comunicou Bliss enfaticamente.

— Certo. Mas ai de você se não aparecer segunda-feira na reunião do Comitê.

Bliss tinha quase se esquecido. Ela nem havia decidido se queria fazer parte de um comitê social tão esnobe, mas, de qualquer forma, teria que satisfazer Mimi.

— Estarei lá.

Mimi ficou observando sua amiga sair. Que desperdício. O que a incomodava era que Bliss estava buscando sua independência. Não havia nada que Mimi odiasse mais do que a revolta de um subordinado. Ao sair do toalete, Mimi puxou seu acompanhante pela gravata para movê-lo dali. E foi então que ela se deparou com a segunda cena que deixou sua cabeça mais confusa ainda.

Seu irmão Jack, na pista de dança, com aquela menina Van Alen jogada em seus braços. Agora Mimi sentia realmente vontade de vomitar.

Quando Schuyler estava com Jack, era como se o tempo e o espaço parassem. Ela até se esquecia de que estava em um salão cheio de adolescentes suados, esbarrando uns nos outros. Os dois dançavam no mesmo ritmo, e seus corpos interagiam em perfeita sintonia. Jack, muito habilidoso, mantinha o corpo dela próximo ao dele, inclinando-se sobre ela para sentir de leve o cheiro em seu pescoço. Para ela, era estranho conseguir enxergá-lo de forma tão nítida em meio à escuridão, quando todos os outros não passavam de um vago borrão. Ela fechou os olhos e, por um instante, imaginou os dois trajados de forma bem diferente. O salão de bailes era o mesmo, mas a cena se passava séculos antes — Schuyler estava usando um longo vestido de baile com um corpete e espartilho justo, além de anáguas de seda; Jack estava lindo e atraente, vestido com um fraque branco. O som deixou de ser o encanto *sexy* da música do Muse e se tornou uma leve valsa.

Parecia um sonho, mas não era.

— O que está acontecendo? — ela perguntou, olhando para Jack enquanto ele a girava.

Ao redor deles, o salão de bailes estava repleto de luzes e música tranquila. O tilintar das taças de champanhe, o dócil movimento dos leques das senhoritas.

Mas Jack apenas sorriu.

Eles continuaram a dançar, e Schuyler descobriu que sabia fazer os passos mais complexos. Ao final da canção, todos bateram palmas educadamente.

Schuyler olhou ao redor e, de repente, estava de volta ao presente, trajada com seu vestido de formatura dos anos 1950, e Jack com seu *blazer* azul e gravata vermelha. Então, piscou os olhos. Será que ela tinha imaginado tudo aquilo? Ou teria realmente acontecido? Logo, ficou confusa e desnorteada.

— Vamos fazer uma pausa — ele disse, pegando-a pela mão e tirando-a da pista de dança. Dali, caminharam até o balcão, onde Jack acendeu um cigarro. — Quer um?

Schuyler balançou negativamente a cabeça.

— Você também sentiu aquilo? — ela perguntou.

Jack acenou com a cabeça, antes de dar uma tragada e soltar o ar.

Do alto, avistavam a Park Avenue, que ficava ao lado da Riverside Drive. Para Schuyler, aquela era uma das ruas mais belas do mundo. A Park Avenue possuía um suntuoso conjunto de edifícios do pré-guerra e frotas de táxis amarelos correndo paralelamente ao canteiro central, para cima e para baixo. Nova York era um lugar mágico.

— O que foi aquilo?

Mas antes que Jack pudesse responder, ouviu-se um grito de dentro da mansão. Um olhou para o outro, e ambos pensaram na mesma coisa: a morte de Aggie. Será que haveria outra morte? Os dois voltaram correndo para o salão.

— Está tudo bem — Mimi Force acalmava a todos os presentes. — Ele só desmaiou. Meu Deus, acalme-se, Kitty — completou Mimi. Seu acompanhante italiano estava estendido no chão,

completamente inconsciente, com o rosto pra lá de pálido. — Jack, me dá uma mão? — ela disse irritada, ao ver o irmão na entrada do salão.

Jack correu até a irmã e ajudou a colocar o italiano na posição sentada.

De onde estava, Schuyler notou Jack dando uma bronca em Mimi e conseguiu ouvir alguns trechos da chamada de atenção: "... você passou dos limites... Poderia tê-lo matado... Lembre-se do que os Guardiões disseram...".

E ali ela ficou, sem saber o que fazer, até Bliss e Dylan aparecerem. Dylan observou o que se passava naquele cenário comprometedor.

— Deixe eu adivinhar, ele estava com a Mimi Force?

Schuyler acenou com a cabeça.

— Acho que está na hora de acabarmos com essa união.

— Eu assino embaixo — comentou Bliss.

Schuyler lançou um último olhar para Jack. Ele ainda discutia com a irmã, e nem percebeu que ela deixava o recinto.

Diário de Catherine Carver
20 de dezembro de 1620
Plymouth, Massachusetts

Já faz alguns dias que os homens partiram e ainda não tivemos nenhuma notícia. Estamos assustados. A esta altura, eles já deveriam ter regressado com novidades sobre a colônia. Mas por aqui só restou o silêncio. As crianças me fazem companhia e passamos o tempo lendo em voz alta os livros que consegui trazer. Se ao menos pudéssemos sair desta embarcação — o convés está sempre molhado e superlotado, mas as estruturas ainda não estão prontas. Os homens têm permissão para acampar em terra firme, mas nós devemos permanecer aqui, em meio à escuridão.

Estou apreensiva, mas me conforto por ter certeza de que serei avisada caso John e o resto da tripulação se percam. Até o momento, não tive nenhum pressentimento e nem enxerguei nada em minhas visões. A incerteza persiste entre os colonos, pois custam a acreditar que realmente escapamos de lá. Correm rumores de que um deles encontra-se aqui, escondido entre nós — há muitas suspeitas e boatos. Estão dizendo que o menino de Billington não está mais aqui. Desapareceu. Foi levado. No entanto, alguém sugeriu que ele pode ter ido para Roanoke junto do grupo, e, por enquanto, ninguém demonstra preocupação com seu bem-estar. Enquanto isso, vemos e esperamos o dia passar, prendendo a respiração.

— C.C.

DEZESSETE

A lembrança mais longínqua que Schuyler tinha era dos domingos que ela passava no hospital. Quando era mais nova, ela e sua avó tomavam um táxi até os pontos mais altos de Manhattan. O rosto de Schuyler era tão familiar que os guardas nem se davam ao trabalho de entregar a ela um crachá de visitante, apenas acenavam com as mãos. Agora que ela tinha crescido, Cordélia raramente a acompanhava nas visitas semanais, e Schuyler percorria o trajeto até lá sozinha.

Ela passou pela sala de emergências, atravessou a sala de espera envidraçada e passou pela loja de artigos típicos que vendia balões e flores. Na banca, comprou um jornal e caminhou até o elevador dos fundos. Sua mãe estava internada no último andar, em um quarto particular equipado como se fosse a suíte de um dos melhores hotéis da cidade.

Diferentemente das outras pessoas, Schuyler não considerava os hospitais ambientes depressivos. Ela passara boa parte de sua infância ali, correndo para cima e para baixo dos corredores com uma cadeira de rodas emprestada e brincando de esconde-esconde com as enfermeiras e seus auxiliares. Fazia o *brunch* de todos os domingos na lanchonete, onde os funcionários enchiam seu prato com bacon, ovos e *waffles*.

Num dos corredores, ela passou pela enfermeira que cuidava de sua mãe.

— Hoje está um dia bom — comentou a enfermeira com ela, abrindo um sorriso.

— Ah, sim, está ótimo — Schuyler retribuiu a simpatia. Sua mãe estava em coma desde que ela era um bebê. Meses depois de dar à luz, Allegra teve um aneurisma e ficou em estado de choque. Ela passa a maior parte dos dias deitada numa cama, serena, sem se mover, respirando com dificuldade.

Mas num dia "bom", algo acontecia — uma palpitação sob as pálpebras fechadas, o movimento de seu grande dedo do pé, uma contração na bochecha. De vez em quando, ela suspirava sem motivo aparente. Eram pequenos, ínfimos sinais de uma mulher cheia de vida imobilizada no casulo de uma vida sofrida.

Schuyler lembrou-se do prognóstico final do médico, feito há quase dez anos. "Todos os seus órgãos estão funcionando. Ela está perfeitamente saudável, exceto por um detalhe. Sua mente não tem acesso ao seu corpo. Ela dorme e acorda normalmente e não tem a menor chance de ser detectada com morte cerebral. Os neurônios dela estão a toda. No entanto, ela permanece inconsciente. É um mistério." Surpreendentemente, os médicos ainda estavam convencidos de que havia uma chance de ela recobrar a consciência dadas as devidas circunstâncias.

— Às vezes, é uma música. Ou uma voz do passado. Algo que os desperta, e eles acordam. De fato, pode ser que ela acorde a qualquer hora.

Obviamente, Cordélia acreditava naquilo e estimulava Schuyler a ler para Allegra, para que sua mãe reconhecesse sua voz e, quem sabe, reagisse a ela.

Schuyler agradeceu à enfermeira e espiou pela pequena janela de vidro, que servia para os enfermeiros verificarem os pacientes sem ter que incomodá-los.

Havia um homem dentro do quarto.

Ela manteve a mão sobre a maçaneta, mas sem virá-la. Então, olhou novamente pelo vidro.

O homem tinha sumido.

Schuyler piscou os olhos. Ela podia jurar que tinha visto um homem. Um senhor de cabelos grisalhos, vestido com um terno escuro, que estava ajoelhado ao lado da cama de sua mãe, segurando sua mão, de costas para a porta. Seus ombros estavam trêmulos e parecia que ele estava chorando.

Mas quando ela olhou pelo vidro outra vez, não havia ninguém.

Era a segunda vez que aquilo acontecia. Schuyler não era tão perturbada quanto curiosa. A primeira vez que ela o viu de relance tinha sido meses atrás, quando, na ocasião, ela tinha saído do quarto para buscar um copo de água. Ao retornar, assustou-se ao ver alguém ali. Bem de canto de olho, ela tinha visto um homem próximo às cortinas, observando da janela o Rio Hudson. Mas, no instante em que ela entrou no quarto, ele já tinha desaparecido. Não foi possível ver o seu rosto, apenas suas costas e os graciosos cabelos grisalhos.

A princípio, ela se sentiu assustada, pensando que pudesse ser um fantasma, um truque de luz ou apenas sua imaginação. Mas, no fundo, tinha um pressentimento de quem poderia ser o visitante anônimo, sem rosto.

Então, ela empurrou lentamente a porta e caminhou para dentro do quarto. Em seguida, colocou os espessos cadernos do jornal de domingo na mesa de correr, ao lado da televisão.

Sua mãe estava deitada na cama, com as mãos dobradas na altura do estômago. Seus cabelos loiros, claros, compridos e brilhantes estavam espalhados no travesseiro. Ela era a mulher mais linda que Schuyler já tinha visto. Tinha o rosto como o de uma madona do Renascimento — sereno e tranquilo.

Schuyler andou até a cadeira que ficava ao pé da cama. Dali, olhou ao redor do quarto outra vez. Depois, espiou o banheiro que sua mãe nunca utilizara. Foi até as cortinas que cobriam a janela e as puxou, com uma ponta de esperança de encontrar alguém escondido ali. Nada.

Desapontada, Schuyler retomou sua rotina dominical ao lado da cama.

Ela abriu o jornal, mas não sabia o que ler. Notícias sobre guerra? Crise do petróleo? Tiroteio no Bronx? Um artigo da revista sobre a nova e experimental culinária espanhola? Não. Schuyler resolveu ler o caderno de “Estilos” — os “Casamentos e Comemorações”. Sua mãe parecia gostar desse assunto. Às vezes, quando Schuyler lia uma seção especialmente interessante com histórias de vida dos leitores, ela retorcia os dedos.

Schuyler começou a ler. “Courtney Wallach casou-se com Hamilton Fisher Stevens no Pierre esta tarde. A noiva, de trinta e um anos, formada em Harvard e na Harvard Business School...”. Ao interromper, olhou cheia de esperança para sua mãe, mas não notou nenhum movimento na cama.

Schuyler tentou outra. “Marjorie Fielderest Goldman casou-se com Nathan McBride em cerimônia realizada na Tribeca Rooftop ontem à noite. A noiva, de vinte e oito anos, editora-sócia da...”.

E nada.

Então, Schuyler procurou os anúncios. Ela nunca sabia do que sua mãe poderia gostar. No começo, imaginou que ela se interessaria por notícias de pessoas que conhecesse, como os casamentos dos herdeiros e herdeiras das antigas famílias de Nova York. Mas, para variar, o que a fez suspirar foi a comovente história de dois programadores que tinham se conhecido em um bar do Queens.

Seus pensamentos estavam voltados para o misterioso visitante. Ao olhar ao redor mais uma vez, notou algo. Havia flores sobre a mesa. Mais precisamente um buquê de lírios brancos dentro de um vaso de cristal. Não eram aqueles cravos baratos que vendiam no térreo. Era um delicado arranjo de flores grandes e agradáveis, cujo perfume inebriante preenchia o quarto. Schuyler achou engraçado não tê-las notado ao entrar no quarto. Quem teria trazido flores para uma mulher em estado de coma que era incapaz de vê-las? Quem será que entrou ali? E para onde essa pessoa teria ido? E, o mais importante, de onde ela veio?

Schuyler ficou pensando se contaria isso a sua avó. Ela já tinha guardado segredo sobre a primeira visita do estranho, preocupada com a possível reação da avó para mantê-lo longe dali. Afinal, não passava pela sua cabeça que Cordélia deixaria um homem desconhecido visitar sua filha.

Voltando ao jornal, ela virou a página. “Kathryn Elizabeth DeMenil com Nicholas James Hope

Terceiro.” Olhou outra vez para o plácido rosto da mãe, e nada. Nem mesmo uma dobrinha em sua bochecha, um falso sorriso.

Então, Schuyler pegou as mãos frias de sua mãe e as acariciou. De repente, lágrimas escorreram de seu rosto silenciosamente. Fazia muito tempo que não ia às lágrimas ao ver a mãe naquele estado. Mas desta vez Schuyler não se conteve e chorou pra valer. O homem que avistara pela janela também havia chorado. O silencioso quarto foi preenchido com uma dor profunda e aguda, e Schuyler foi aos prantos inconsolavelmente, por tudo o que havia perdido.

DEZOITO

Na segunda-feira, na escola, Oliver tratou Schuyler com frieza. Ele se sentou ao lado de Dylan na cantina e não guardou um lugar para ela. De longe, Schuyler acenou para os dois, mas só Dylan acenou de volta. Assim, Schuyler foi comer seu lanche na biblioteca, mas ao colocar o pão na boca, percebeu que estava velho, seco e coberto de farinha, o que logo a fez perder o apetite. E mesmo o fato de ter dançado com Jack Force na noite de sábado não evitou que ele agisse como se nada tivesse ocorrido. Ele sentou-se com seus amigos, passou um tempo com sua irmã e, basicamente, comportou-se como de costume, como se não a conhecesse, e isso a magoava.

Quando a escola liberou os alunos, ela viu Oliver próximo aos armários, dando risada de algo que Dylan contava a ele. Dylan olhou para Schuyler de forma simpática.

— Vejo você mais tarde, cara — ele disse, dando um tapinha nas costas de Oliver. — Até mais, Sky.

— Tchau, Dylan — ela respondeu. Depois do baile, os três — ela, Bliss e Dylan — tinham ido comprar pedaços de pizza no Sofia Fabulous Pizza. Eles chegaram a procurar Oliver, mas ele já tinha ido embora. Provavelmente ele nunca iria perdoá-los por terem saído em sua ausência. Mais especificamente, ele nunca a perdoaria. E ela o conhecia o bastante para entender que fora muito desleal com ele. O certo teria sido segui-lo pelas escadas, mas, em vez disso, preferiu ficar dançando com Jack Force. Agora, ele a puniria levando para longe sua amizade. Uma amizade da qual ela dependia assim como os seres humanos dependem da luz solar.

— Ei, Ollie — ela chamou.

Oliver não disse uma palavra. Ele continuou guardando seus livros dentro da mochila sem olhar para ela.

— Ollie, deixa disso — ela suplicou.

— O quê? — ele deu de ombros, como se tivesse acabado de notar sua presença.

— Como assim “o quê”? Você sabe o que é — respondeu Schuyler, com os olhos em chamas. Em parte, ela estava furiosa com seu jeito de “coitadinho” o tempo todo. Ela não podia mais fazer amizades com outras pessoas? Que tipo de amigo era esse? — Você não me ligou a semana toda. Pensei que íamos assistir àquele filme.

Oliver franziu as sobrancelhas.

— Íamos? Não me lembro de ter planejado nada. Mas de repente, sabe, algumas pessoas parecem mudar os planos sem avisar.

— O que você quer dizer com isso? — ela o questionou.

— Nada — respondeu, dando de ombros.

— Você está irritado comigo por causa do Jack Force? — ela quis saber. — Se for por isso, é uma pena, de verdade.

— Você gosta, gosta mesmo dele ou o quê? — perguntou Oliver, com um olhar abatido. — Logo aquele tonto metido a atleta?

— Ele não é tonto! — afirmou Schuyler. Ela mesma se impressionava com seu repentino sentimento apaixonado para com Jack Force.

Impaciente, Oliver fechou a cara e jogou para trás o topete.

— Certo. Se é isso que você acha, sua impostora — concluiu ele. *Vampiros de almas* era um dos filmes prediletos dos dois. No filme, alienígenas conformistas se apoderam dos corpos de todas as

pessoas interessantes. “Impostor” era o nome que davam para as cópias mecânicas de seus colegas, que eram divididas em filas cerradas com tudo o que você puder imaginar ao redor deles: bolsas de mão da Marc Jacobs! Cabelos superlisos de japoneses! Jack Force!

Schuyler sentia-se culpada por algo que nem ela conseguia compreender. Seria um pecado mortal achar que o Jack Force era uma pessoa legal? Tudo bem, ele era o BMOC[22], o maioral — ela era obrigada a admitir —, e sim, é verdade, ela não tinha a menor consideração por todas as *groupies* de Jack Force que o achavam perfeito. Era tão previsível uma menina começar a gostar de Jack. Ele era inteligente, bonito e tinha porte atlético; fazia tudo sem o menor esforço. Mas só porque ela resolveu parar de implicar com ele não queria dizer que ela era uma espécie de robô desmiolado, não é? Não é? O que a incomodava era ter de optar entre um ou outro.

— Você só está com inveja — ela o acusou.

— Inveja de quê? — Oliver arregalou os olhos, com o rosto pálido.

— Não sei, mas você está — ela se agitou, dando de ombros sem esconder a frustração. Era sempre um bicho de sete cabeças, não era? Ela achava que, a certa altura, Oliver queria ser mais parecido com Jack. Idolatrado. Como Jack.

— Certo — ele disse sarcasticamente. — Estou com inveja da habilidade dele ao correr atrás de um disco segurando um taco — ele zombou.

— Ollie, pare com isso, por favor? Eu quero de verdade conversar com você sobre isso, mas tenho uma reunião agora, do Comitê, e eu...

— Você entrou para o Comitê? — perguntou Oliver, incrédulo. — *Você*?

Ele deu a entender que nunca tinha ouvido algo tão ridículo em toda sua vida.

Será que aquilo era tão absurdo? Schuyler ficou vermelha. Então talvez ela pudesse não ser ninguém, mas a importância de sua família era o que contava. Não era essa a relação que aquela droga de Comitê fazia?

Mas embora ela odiasse admitir, ele tinha razão. Ela mesma ficou se perguntando o porquê de ter sido escolhida para tal honra, se bem que sua avó ficou outra vez com a expressão de satisfação no rosto — na ocasião em que Schuyler recebeu o espesso envelope branco, numa dessas tardes. Quando as marcas apareceram pela primeira vez em seu braço, Cordélia a observou do mesmo modo avaliativo. Era como se estivesse vendo a neta pela primeira vez. Como se estivesse orgulhosa dela.

Ela sequer tinha comentado sobre isso com Oliver, já que era óbvio que ele não tinha recebido o convite e, mesmo que tivesse, nunca esconderia dela algo do tipo. Ela estranhava o fato de ele não ter sido escolhido para fazer parte do Comitê, uma vez que sua família era proprietária de metade do Upper East Side e de todo o Condado de Dutchess.

— Haha, pois é, muito engraçado, né?

Ele contraiu os músculos do rosto, e a expressão fechada voltou a tomar conta dele. Em seguida, balançou a cabeça.

— E você não me contou nada? — ele resmungou. — Eu nem sei mais quem você realmente é.

Ela ficou observando ele descer pelo pátio e se afastar dela. Cada passo que ele dava parecia ilustrar o enorme abismo que agora os separava. Ele era o melhor amigo de Schuyler, a pessoa em que ela mais confiava no mundo. Como ele poderia gostar menos dela só por ela ter entrado para um grupo social estúpido como aquele? Mas, na verdade, ela sabia o porquê de sua ira. Até hoje, eles tinham feito tudo juntos. Porém, ela havia sido convidada para o Comitê, e ele não. Seus caminhos tinham, de repente, se desviado. Schuyler achava isso uma grande besteira. Ela só iria a uma reunião para satisfazer sua avó, mas depois cairia fora. Afinal, certamente não havia nada no Comitê que fosse de seu interesse.

DEZENOVE

Era tão engraçado ver o quanto os novatos pareciam assustados. Mimi recordava estar sentada na mesma sala, no ano anterior, pensando que iriam começar a planejar o Baile dos Quatrocentos, que acontecia anualmente (tema? Decoração? Convites?), e que pararia por aí. É claro, Jack sabia que havia algo no ar, nada passava despercebido dele — e, aparentemente, alguns deles tinham uma noção maior do que estava acontecendo do que outros.

Mimi também tinha tido alguns *flashbacks* — as memórias que tomavam conta antes que pudesse perceber. Foi como na ocasião em que esteve em Martha's Vineyard, quando, em vez de estar do lado de fora da taverna Black Dog, ela sonhou que estava na parte externa de uma casa de fazenda, trajada com um vestido de algodão medonho — acredite se quiser. Ou como na vez em que fez uma prova de francês sem ter estudado e mesmo assim gabaritou, descobrindo que era fluente, de uma hora para outra, em outro idioma.

Ela ria consigo mesma das próprias lembranças quando vários membros do Comitê Superior, inclusive sua mãe, adentraram a sala, com seus sapatos de salto da Blahnik estalando suavemente no chão de mármore cor-de-rosa. Fez-se silêncio. As mulheres, com os cabelos todo arrumados, saudavam umas as outras e acenavam para seus filhos alegremente.

A Jefferson Room era a sala de entrada da mansão Flood. Seu estilo era Monticello, em homenagem ao terceiro presidente norte-americano. Havia um teto alto, como a cúpula de uma catedral, vários retratos de Gainsborough e, no meio, uma grande mesa redonda, onde os novos membros estavam sentados, com olhares entediados ou assustados. Mimi não reconhecia todos eles, pois alguns eram de outras escolas. Meu Deus, como eram feios aqueles uniformes de Nightingale, ela pensou. Os demais membros do Comitê Júnior estavam sentados nas carteiras, encostados nas janelas ou apenas em pé de braços cruzados, observando silenciosamente. Ela notou que, pelo menos desta vez, seu irmão Jack tinha lhes proporcionado o prazer de sua presença.

Então os Guardiões, no final das contas, resolveram incluir a menina Van Alen. Que estranho. Mimi não tinha nenhuma lembrança dela da infância, nem mesmo de Plymouth. Ela tinha que estar em algum lugar de sua lembrança; era só Mimi ir mais a fundo em seu subconsciente. Ao olhar ao redor da sala, teve uma ideia vaga de quem eram aqueles membros. Katie Sheridan, por exemplo, sempre foi uma amiga — elas tinham "saído" juntas durante a temporada de debutantes de 1850 —, e Lissy Harris tinha participado de seu casamento em Newport, mais tarde naquele mesmo ano. Mas isso não se aplicava a Schuyler.

Quanto a Jack, bem, eles viviam juntos desde que se conheciam por gente. Ele era o único rosto que ela havia visto em todos os momentos de sua vida, sempre à sua espera em toda e qualquer encarnação do passado. Se Mimi colocasse mais em prática suas meditações, talvez ela fosse capaz de ter acesso aos segredos mais profundos de sua história, de volta à época da criação, antes mesmo dos dilúvios no Egito.

A Senhora Priscilla Dupont, presença constante nas colunas da alta sociedade da cidade, e os detentores do poder financeiro e social, que apoiavam muitas das mais respeitadas instituições culturais de Nova York, deram um passo à frente. Assim como as outras mulheres posicionadas atrás, ela era excepcionalmente magra, com cabelos macios, oleosos, que moldavam o seu liso rosto. Estava muito vistosa com um elegante conjunto preto da Carolina Herrera. Como presidente do comitê e Líder dos Guardiões, ela abriu a sessão.

— Sejam bem-vindos à primeira reunião do Comitê de Banco de Sangue de Nova York da temporada — ela declarou, sorrindo graciosamente. — Estamos muito orgulhosos por tê-los aqui conosco.

Por alguns instantes, Mimi deixou a reunião em segundo plano, mal prestando atenção à clássica palestra a respeito do dever civil e da obrigação dos nobres, que enumerava os diversos serviços que o comitê fornecia à sua comunidade. O baile anual, por exemplo, arrecadava uma quantia exorbitante de dinheiro para os programas de pesquisa hematológica, que se dedicavam à erradicação de doenças transmitidas pelo contato com sangue, como a AIDS e a hemofilia. O Comitê havia fundado hospitais e instituições de pesquisa, além de ter tido fundamental importância no financiamento de pesquisa com células-tronco e outros avanços da medicina. Em seguida, após o tradicional discurso, a Senhora Dupont olhou atentamente para os dez jovens que estavam sentados à mesa.

— Mas ajudar os outros não é a única tarefa do Comitê.

Todos ficaram em silêncio, ávidos pelo que estava por vir.

Então, a Senhora Dupont olhou para cada aluno atentamente antes de voltar a falar.

— Vocês estão hoje aqui reunidos porque são muito especiais — declarou. Sua voz tinha uma característica melodiosa, bem trabalhada, era tranquilizante e refinada ao mesmo tempo.

Mimi avistou Bliss Llewellyn com um olhar desconfortável. Ela tinha se mostrado contra sua relação com Dylan, mas aquilo era um problema dela. Bliss até ameaçou não comparecer à reunião, mas Mimi conseguiu, de alguma forma, fazê-la mudar de ideia.

— Alguns de vocês talvez tenham notado certas mudanças em seus corpos. Quantos aqui já viram marcas azuis em seus braços? — ela perguntou.

Pouquíssimas mãos se incandesceram, sendo possível enxergar em seus poucos braços uma luz com cor de safira através da pele.

A Senhora Dupont acenou positivamente com a cabeça.

— Muito bem. Este é o sangue começando a se manifestar.

Mimi recordou-se do quanto ficou angustiada ao ver as marcas em sua pele pela primeira vez. Elas formavam um contorno intricado, quase uma estampa, que ia do ombro até o pulso. Na mesma época, Jack mostrou a ela as suas marcas, e foi uma daquelas coisas que parecem coincidência, mas que no fundo não são — quando eles erguiam os braços um ao lado do outro, os contornos combinavam perfeitamente.

Essas marcas de sangue formavam um mapa de suas histórias pessoais — era o próprio sangue se autoafirmando, o *Blue Blood*, o Sangue Azul, que os distinguia das outras espécies, informou-lhes a Senhora Dupont.

— Alguns de vocês descobrem que, de repente, são capazes de fazer as coisas com muita habilidade. Já notaram que vocês estão tirando excelentes notas em provas para as quais nem estudaram? Que suas memórias se tornaram uma fotografia instantânea?

Puderam-se ver mais cabeças concordando, e alguns resmungos foram ouvidos.

— Alguém já percebeu que, às vezes, o tempo passa voando ou então demora demais a passar?

Mimi concordou. Aquela era uma parte do processo — as memórias que a levavam do presente para o passado. Você descia uma rua, sem prestar atenção à sua volta, e de repente você descia a mesma rua, só que em um tempo completamente diferente. Era como assistir a um filme muito legal, pensou Mimi, mas com a diferença de que você era a estrela.

— Já descobriram que podem comer qualquer coisa e, mesmo assim, não engordam uma só grama?

Algumas meninas não seguraram o riso. Tinham apenas um bom metabolismo, pensavam os Red Bloods. Mimi riu de si própria. Era como se todos pudessem comer quantos bolinhos cobertos com

chantilly quisessem e, ainda assim, ficar magros como ela era. Essa era sua parte predileta de ser uma Blue Blood. Ela era uma das sortudas. Das escolhidas.

— O sabor de carne cozida já se tornou insuportável. Vocês começam a desejar coisas mais cruas, sangrentas.

Ao redor da mesa, notavam-se alguns olhares mais desconfortáveis com a situação. Bliss aparentava estar, sobretudo, pálida. Mimi ficou imaginando se alguém já tinha passado pelo que ela passou — o dia em que devorou sozinha vários pedaços de costela crua, cobrindo seu rosto nos bifes até o sangue ficar pingando de seu queixo, o que a deixara com a aparência de uma doente mental. Pelos olhares dos presentes à mesa, Mimi podia apostar que boa parte deles já tinha passado por isso.

— Uma última pergunta: quantos de vocês adotaram animais de estimação no último ano? Cachorros, para ser mais específica?

Todos levantaram as mãos. Mimi lembrou-se de como havia encontrado um dia seu *chow*, chamado Pookie, na praia de Hamptons, e de como seu irmão tinha pego o Patch na mesma noite. Seu pai ficara muito orgulhoso dela.

— Quantos de seus bichos são cães de caça?

Apenas Schuyler levantou a mão. Mimi fez uma careta. Seu irmão Jack, por conseguinte, também possuía um — do mais alto nível. Aquilo era irritante.

— Estamos aqui para informá-los que não há com o que se preocupar. Todas as experiências que vocês estão tendo são normais. É por isso que, assim como eu, como seus amigos e colegas de classe sentados à sua volta, como seus pais, avós, irmãos e parentes, vocês fazem parte da antiga e nobre tradição dos Quatrocentos.

A Sra. Dupont estalou os dedos e todas as luzes da sala se apagaram. Mas ela, assim como outros membros do comitê, continuou iluminada. Eles possuíam uma luz interna que destacava suas qualidades. Era como se fossem feitos de mármore branco transparente.

— Isso se chama *illuminata*. Trata-se de um dom que possuímos, cuja função é auxiliar nossa visão noturna, tornando-nos visíveis uns aos outros.

Alguns dos alunos reagiram com gritos.

— Não há com o que se preocupar. Vocês estão seguros aqui, pois somos todos da mesma espécie.

Sua voz assumiu um tom melódico, hipnótico.

— Tudo isso faz parte do Ciclo da Manifestação. Vocês são os novos Blue Bloods. O dia de hoje marcará a iniciação de vocês às suas histórias secretas. Sejam bem-vindos a uma nova vida.

As expressões nos rostos dos alunos demonstravam apreensão. Mimi lembrou-se do medo que sentira, mas não porque receava o Comitê — era outra forma de pavor —, era um medo maior, mais complexo. Tinha medo de finalmente descobrir a verdade. E Mimi percebeu o mesmo receio nos rostos dos mais novos membros.

Eles estavam embarcando em uma jornada rumo à escuridão inerente a eles próprios.

VINTE

Vampiros?

Será que estavam ficando loucos?

Quer dizer que o Comitê era apenas uma fachada para um bando de monstros sanguessugas de segundo escalão? Então eles não eram somente *socialites*. Não eram apenas jovens ricos. Não eram esqueléticos porque vomitavam tudo o que ingeriam. E também não eram velozes no campo, incrivelmente atléticos ou excepcionalmente inteligentes porque tinham talento; a explicação para tudo isso — mais absurda impossível — era porque eram *vampiros*?

Schuyler assistiu à cerimônia toda, em parte estarrecida e em parte fascinada com todo aquele ritual. Independentemente do motivo pelo qual fora recrutada, estava certa de que não pertencia àquele mundo. Ela tinha que sair dali de qualquer jeito. Então, afastou a cadeira para trás e estava prestes a deixar o local.

No entanto, um breve instante de hesitação a fez permanecer ali. Seria grosseiro demais de sua parte deixar aquilo para trás. Tantas foram as coisas mencionadas ali que faziam sentido. As marcas azuis em seus braços, por exemplo. Ao que parece, seu sangue estava visível através da pele porque começava a se autoafirmar, a se reconectar aos antigos conhecimentos, sabedorias e lembranças de suas vidas passadas. Era o seu sangue que estava vivo — o mesmo que os tornara vampiros —, que existia há milhares de anos, desde os primórdios, como se fosse um banco de dados ativo de sua própria consciência imortal. Havia um desejo próprio, e crescer sendo um Blue Blood significava aprender como ter acesso e controlar a vasta inteligência disponível em seu interior.

Sua aparência física expirava depois de um século, e, enquanto descansava, seu corpo desenvolvia-se até você ser chamado para a próxima fase do ciclo. Ou você optava por não descansar, mantendo a mesma aparência física e se tornando imortal — assim como alguns dos Antepassados, com a diferença de que você precisava ser premiado com uma dispensa especial para tal. A maioria dos Blue Bloods passava pelo ciclo. O nome que atribuíram para isso? Os três estágios da vida de vampiro: Manifestação, Evolução e Expulsão.

Quanto à parte sobre o cão de caça, ela não tinha argumentos. Belinha havia lhe seguido até sua casa num certo dia, e era como se a criatura fosse parte de sua vida. A Senhora Dupont explicou que seus amigos caninos eram, na verdade, parte de sua alma que havia se mudado para o mundo físico a fim de protegê-los. Para os Blue Bloods, o período dos quinze aos vinte e um anos era chamado de Anos do Ocaso — a época de maior vulnerabilidade no ciclo da Manifestação, quando eles perdiam a característica humana e se transformavam em vampiros. O Manifesto do Sangue, que provocava o impacto das lembranças, as tonturas e as doenças, deixava-os fragilizados, e seus cães eram seus guardiões, auxiliando os anjos a garantir que os Blue Bloods passassem para a fase seguinte intactos.

Ainda assim, tudo aquilo era simplesmente inacreditável. Ela estava convencida de que o Comitê tinha pregado uma peça de Halloween, ao ver seus membros se iluminarem daquela maneira. Inclusive Jack. Então era por isso que ele estava todo iluminado naquela noite na pista de dança. Era essa a explicação para poder enxergá-lo no escuro.

Esperem só até ela contar tudo isso pro Oliver!

Puxa, é mesmo! Ela não ia poder falar com ele. Os Red Bloods — os humanos — não podiam saber. Embora os familiares humanos — aquelas pessoas com as quais você se relacionava com mais intimidade, como se fosse um sanguessuga — pudessem saber, a cerimônia os fazia esquecer ou algo

do tipo. Havia uma espécie de essência hipnótica no processo que os deixava amnésicos, fiéis aos Blue Bloods. Nem passava pela cabeça de Schuyler o desejo de sugar o sangue de alguém. Aquilo parecia simplesmente indecente. Mas, de qualquer forma, ela tinha se esquecido de que não precisaria contar aquilo para Oliver, pois ele não estava falando com ela.

E depois, havia todas aquelas regras que regiam a atividade vampiresca — como a que permitia ter familiares humanos apenas no passado, e seu uso era restrito a apenas uma vez a cada quarenta e oito horas. Ao que parece, a vida de vampiro não tinha nada a ver com o que ela tinha lido em livros ou visto na televisão, ou seja, algo que desvia a atenção das pessoas, criado pela Conspiração, um subsistema do Comitê dedicado a esconder dos Red Bloods sua própria existência. O mito do "Conde Drácula", por exemplo, foi criado por um Blue Blood húngaro, que tinha um senso de humor macabro. A Conspiração disseminava falsas informações. Todos aqueles objetos que as pessoas acreditavam ser capazes de matar vampiros — crucifixo, alho, o Sol — eram tudo invenção. Não passavam de brincadeira.

Afinal, segundo o Comitê, nada poderia matar vampiros. Nada. A morte era uma mera ilusão.

Schuyler descobriu que o motivo pelo qual os Blue Bloods não gostavam de crucifixo era porque o objeto remetia às lembranças de sua derrocada, de seu banimento do reino do Paraíso. (Essas pessoas estavam tremendamente enganadas, pensou Schuyler consigo mesma. Na verdade, eles pensavam que eram anjos do passado ou algo do tipo. Justamente do que o mundo precisava: mais riquinhos com mania de soberba.) Já o alho era simplesmente insuportável devido ao seu cheiro. A Senhora Dupont continuou com seu discurso sobre como os Blue Bloods eram uma espécie muito voltada para a serenidade, que colocava a beleza e a harmonia acima de tudo (isso excluía a comida italiana?). E quanto à luz do Sol — bem, outra vez, isso os fazia lembrar-se do Paraíso, de onde haviam sido expulsos, embora a maioria dos vampiros adorasse o Sol — o que explicava o bronzeado formidável de grande parte dos membros do Comitê.

Eles viviam eternamente, mas não como a mesma pessoa, e nem sempre ao mesmo tempo. A cada Ciclo, só havia apenas Quatrocentos deles. Eles podiam consumir alimentos, mas a maior parte deles fazia isso por costume, ou apenas para ser social. Uma vez que atingiam certa idade, necessitavam somente de sangue humano para manter as energias recarregadas. Schuyler descobriu que se alimentar de um humano através da Consumação Total — retirando dele ou dela todo o seu sangue e, efetivamente, tirando-lhe a vida — era o maior tabu de todos. Era o primeiro mandamento do Código dos Vampiros — não causar nenhum mal a seus familiares humanos.

Como os humanos só podiam ter o sangue retirado por meio da sangria, a maioria dos Blue Bloods possuía muitos familiares humanos, que eram "visitados" numa espécie de rodízio previamente programado, disfarçado de romance. Era por isso que Mimi tinha todos aqueles namorados. Fazia parte do estilo de vida Blue Blood. E Kitty Mullins — seria ela uma das familiares humanas de Jack? Só podia ser, uma vez que não estava presente na reunião do grupo. De repente, Schuyler não sentia mais ciúmes de Kitty Mullins. Sentia era pena dela.

Certo.

Schuyler não acreditava em uma só palavra daquilo tudo. Só podia ser ideia de alguém querendo fazer uma pegadinha idiota e nada engraçada. Para ela, só faltava sair uma equipe de TV de um dos armários. Mas todos os demais presentes resmungavam uns com os outros, e alguns mais próximos a ela chegavam até a chorar de alívio.

— Minha preocupação era tanta que já estava enlouquecendo — ela ouviu Bliss Llewellyn comentar.

Os documentos que tiveram de assinar para se tornarem membros também funcionavam como

aceitação do Código dos Blue Bloods. O Código era como se fosse os Dez Mandamentos dos Blue Bloods — as leis da criação —, e cada indivíduo pertencente à espécie tinha de seguir à risca suas regras.

Todas as segundas-feiras eles deviam aprender mais sobre sua história e sobre como controlar seus poderes. Os poderes de vampiro se manifestavam de diversas maneiras, sendo os mais comuns a hiperinteligência e a força sobrenatural. A maioria dos vampiros era capaz de ler as mentes dos humanos, mas só os mais poderosos conseguiam controlar suas mentes, num sugestivo ato de impor sua vontade sobre um ser mais frágil. Alguns poucos eram metamórficos, ou seja, mudavam de aparência sempre que desejavam. O poder mais raro de todos era a capacidade de parar o tempo, mas apenas um Blue Blood em toda a história tinha sido capaz de demonstrá-lo, e por uma única vez em todos os séculos em que estiveram presentes na Terra.

As reuniões também tinham como meta ajudar os vampiros mais jovens a escolher um sentido para seu respectivo ciclo. Schuyler aprendeu que os Blue Bloods estavam por trás da fundação de quase todos os centros culturais mais importantes da cidade, como os museus Metropolitan, de Arte Moderna, Frick, Guggenheim, a Companhia de Balé da Cidade de Nova York e o Metropolitan Opera. Os Blue Bloods presidiam essas instituições, contratavam administradores e organizavam eventos sociais para arrecadação de fundos. Era o dinheiro dos Blue Bloods que mantinha todas essas magníficas instituições vivas.

A Senhora Dupont explicou que à medida que fossem envelhecendo, eles teriam a oportunidade de atuar por todos os comitês existentes. A geração mais nova dos Blue Bloods já causava impacto antes mesmo do esperado, ao organizar o baile Salve Veneza, as noites de Arrecadação Juvenil no Whitney e obter recursos para o parque High Line, entre outras causas importantes.

Ah, e claro, eles também planejaram o anual Baile dos Quatrocentos. O maior evento de dança do ano entre a alta sociedade, que ocorria em dezembro, no salão do St. Regis Hotel, fazia parte de uma tradição iniciada durante a Era Dourada[23] por um bando de Blue Bloods. Na época, o evento era chamado de Baile dos Aristocratas.

Mas Schuyler ainda não acreditava em uma só palavra daquilo. Após serem liberados do encontro, vários membros novos se amontoaram ao redor dos alunos dos últimos anos para tirar dúvidas que restaram. Sozinha, Schuyler tratou logo de sair dali. No entanto, não percebeu que uma pessoa havia lhe seguido.

Ele surgiu diante dela de surpresa.

— Ei! — sorriu Jack Force. Seus cabelos, como de costume, estavam desgrenhados de modo encantador, e seus olhos eram esmeraldas verdes em seu belo e modelado rosto.

— Meu Deus, como você fez isso? — ela quis saber.

Jack deu de ombros.

— Eles ensinarão a vocês. É uma das coisas que podemos fazer.

— Bem, “nós” não vamos continuar aqui para poder descobrir — ela afirmou, afastando-o de seu caminho.

— Schuyler, espere.

— Por quê?

— Não era para ter ocorrido dessa maneira. Essa reunião foi programada muito cedo. Normalmente, ela acontece na primavera. E até lá, quase todos os membros descobrem os seus poderes, começando pelas memórias. Você começa a descobrir quem realmente é antes que alguém lhe avise. A reunião é apenas uma formalidade. Em geral, quando você é trazida para o Comitê, você já sabe de tudo.

— Ah, é?

— Eu sei que a pressão é grande. É muita responsabilidade. Mas você se lembra do que aconteceu sábado à noite? Quando estávamos dançando a valsa? Tivemos aquela visão porque aquilo já havia acontecido antes. Tudo o que ela disse na sala é a realidade.

Schuyler balançou a cabeça. Não. Ela não iria se deixar seduzir por aquilo. Eles podiam até acreditar piamente, mas ela tinha a cabeça no lugar. Essas coisas de vampiro, vidas passadas e imortalidade simplesmente não existiam no mundo real. E Schuyler era um legítimo membro do mundo real. Ela não queria entrar para um hospício tão cedo.

— Faça isso — ordenou Jack, batendo no próprio rosto e gesticulando para a lateral de sua mandíbula.

— Para quê?

— Para você começar a senti-los. Bem aqui — ele informou, pressionando com o dedão e com o dedo indicador cada lado de sua boca.

— Aqui?

— Isso, eu sei, os Red Bloods pensam que temos esses dentes nos caninos da frente, mas isso é só mais uma das invenções da Conspiração. Nossos dentes do siso são os que ficam um pouco mais para o lado.

— Dentes do siso? Iguais aqueles que precisam ser tirados no dentista? — perguntou Schuyler, num esforço para não virar os olhos de descrença.

— Ah, me esqueci, é assim que os Red Bloods os chamam também. Não, não são aqueles que ficam no fundo da boca. Eles se apropriaram do termo que usamos para denominá-los, mas não se tratam dos mesmos dentes. Vamos, tente. Eles começam a aparecer bem nessa época.

Descrente, ela virou os olhos. Mas, mesmo assim, colocou um dedo dentro da boca, tentando perceber se notava algo diferente.

— Nada, não tem... espere aí.

Sob um pequeno dente que ela nunca havia notado, de ambos os lados, ela sentiu uma ponta afiada.

— Se você se concentrar, conseguirá deixá-los à mostra.

Então, ela passou um dedo sobre as pontas e imaginou os dentes crescendo, despontando de sua gengiva. E, para o seu espanto, ela sentiu as duas pontas afiadas começarem a se projetar para baixo.

— Você pode aprender tanto a alongar quanto a retrair os dentes.

E Schuyler conseguiu, passando o dedo sobre a ponta afiada, parecida com uma agulha, de seu dente. Ela sentiu uma indisposição a ponto de quase vomitar, de tão incontrolável era sua emoção.

Afinal, foi só então que percebeu o que vinha negando durante todo aquele tempo.

Ela era uma vampira. Imortal. Perigosa. Seus dentes eram afiados o bastante para tirar sangue — para penetrar a pele de um ser humano. Lentamente, ela retraiu os dentes e, ao desaparecerem em sua gengiva, sentiu uma pontada de dor.

De fato, agora ela era um *deles*.

VINTE E UM

Após o término da reunião, Bliss ainda estava atordoada por tudo o que havia descoberto. Ela era uma vampira, ou, como ela mesma se corrigiu, uma “vam-pira”, que significava anjo do fogo na Velho Idioma, uma *Blue Blood*. Um ser que não morria. Agora tudo fazia sentido: as memórias, os pesadelos, as vozes que atormentavam sua cabeça. Era estranho imaginar seu sangue como algo cheio de vida, mas foi isso que explicaram a ela — que todos eles já tinham vivido antes, há muito tempo, e que eram chamados para servir quando fosse necessário. Um dia eles controlariam todas as suas memórias e aprenderiam como utilizá-las.

O conhecimento do que se passava lhe trouxe profundo alívio. Ela não estava enlouquecendo. E nem perdendo a cabeça. O que tinha acontecido naquela tarde no Met, quando ela apagou antes de beijar o Dylan, era provavelmente apenas parte de todo o processo. Foi isso que a Dra. Pat quis dizer. Assim, ela *era* normal. E *devia* ter se sentido zonza e enjoada. Afinal, seu corpo estava mudando, seu sangue estava mudando. Talvez agora, entendendo o porquê de seus pesadelos, ela não ficasse mais tão assustada com eles.

Mimi ficou com um sorriso de orelha a orelha quando a reunião terminou. Ao ver Bliss, caminhou até ela.

— Você está bem? — ela perguntou gentilmente. Ela sabia que alguns levavam certo tempo para se acostumar. Mas, ao mesmo tempo, a descoberta de ser um Blue Blood era como se fosse uma espécie de graduação. Quando ela e Jack tiveram sua iniciação, seus pais lhe deram uma festa surpresa no 21 Club.

Bliss acenou com a cabeça que sim.

— Vamos — chamou Mimi. — Vamos atrás de uma carne sangrenta.

Elas caminharam por alguns quarteirões na direção do La Goulue e se sentaram a uma mesa na calçada. Já era fim de tarde, mas o tempo quente e ensolarado era um convite para ficarem ao ar livre. As duas fizeram o pedido rapidamente.

— Então, deixe ver se entendi direito. Não podemos ser mortas? — perguntou Bliss, puxando sua cadeira para mais perto dela, para que ninguém pudesse ouvir a conversa.

— Não, vivemos eternamente — Mimi disse serenamente.

— Tipo, por toda a eternidade? — Bliss quis confirmar, incerta de que suportaria aquilo. Viver eternamente? Mas ela não iria envelhecer, ficar toda cheia de rugas e coisas do tipo?

— Tipo, por toda a eternidade — ecoou Mimi.

— E se acertarem uma estaca prateada no coração?

— Só se ela for da Tiffany! — Mimi deu gargalhadas, tomando um gole de Pellegrino em seguida. — Não, falando sério, você tem assistido muito ao seriado *Buffy — A Caça-Vampiros*. Não há nada que possa nos ferir. Mas você sabe como é Hollywood, né. Eles tinham que pensar em algumas maneiras de matar um vampiro. Não entendo como ficamos com essa má reputação — sorriu ela docilmente, com cara de mostrengo. — É tudo invenção da Conspiração, você sabe. Eles gostam de iludir os Red Bloods.

Bliss estava com a cabeça nas nuvens. Ela ainda se sentia confusa.

— Mas nós morremos depois de cem anos, não é isso?

— Só o nosso corpo, e se você quiser. As suas memórias vivem eternamente, então você sempre estará viva — contou Mimi, pegando a pequena garrafa verde de água com gás e tomando outro gole.

— E o negócio de tirar o sangue das pessoas?

— É divertido — revelou Mimi com os olhos estáticos, como se estivesse sonhando, ao se lembrar do italiano gostosão. — É melhor do que fazer sexo.

Bliss ficou vermelha.

— Não se faça de santinha. Eu já provei um monte de humanos.

— Você está mais para uma piranha vampira — brincou Bliss.

Mimi fechou a cara, mas logo abriu um sorriso.

— Aham, uma vampira de verdade, é isso que sou.

Logo chegou a comida — *carpaccio* de atum malpassado em postas para Mimi e um monte de carne crua ensopada com ovo cru para Bliss.

Bliss agradeceu a quem tinha tornado o bife cru não apenas aceitável, mas também moderno e como prato principal. Ela ficou imaginando como o Dylan iria se sentir se ela quisesse fazer *dele* um familiar humano. Será que ela devia começar lhe acariciando e, depois, mordendo?

As mesas na calçada foram logo se enchendo de clientes da vizinhança, a maioria deles mulheres, vestidas com elegantes casacos de pele e de couro e calças de brim novinhas em folha e carregando sacolas cheias de compras das lojas da Madison, que faziam um intervalo para um breve descanso após um exaustivo dia provando roupas. Bliss olhou ao redor e percebeu que em quase todas as mesas havia comidas igualmente cruas. Aquilo a fez imaginar quantos dos clientes eram Blue Bloods. Talvez todos?

— E o Sol? Ele não pode nos matar? — ela perguntou, entre uma mordida e outra. O bife se dissolvia em sua língua, frio e picante.

— Por acaso você está murchando e morrendo neste momento? — questionou Mimi, tentando segurar o riso. — Sempre vamos para Palm Beach nos Natais. *Hello!*

Bliss teve de confessar que não estava, digamos, morrendo com a exposição ao sol. Mas ela sentiu uma coceira e contou para Mimi sobre isso.

— Você precisa passar numa consulta com a Dra. Pat. Se você for alérgica, existe uma pílula para isso. Alguns de nós somos; é genético. Mas você tem sorte, pois essa pílula que você toma também ajuda a eliminar a acne. Isso não é demais?

Mimi colocou o garfo na mesa, limpou os lábios com um guardanapo, pegou uma pinça da Tweezerman e começou a afiar os dentes do fundo com ela.

— É boa para os dentes — ela informou a Bliss sem rodeios.

Bliss estava desconcertada. Por um instante, ela enxergou no rosto de Mimi o rosto de uma pessoa que, à primeira impressão, ela conhecia.

— Aconteceu, né?

— O quê?

— Você me viu. Ou melhor, viu uma versão de mim, em algum momento de sua vida passada.

— Foi isso o que acabei de ver?

— Quem eu era? — perguntou Mimi, curiosa.

— Você não sabe?

Mimi suspirou.

— Para falar a verdade, não. Você pode até começar a meditar e aprender sobre toda sua história, mas é muito sofrimento. Você não precisa realmente disso.

— Você estava se casando — contou Bliss. — Estava usando uma coroa.

— Hummm — sorriu Mimi. — Quando será que foi isso? Não me lembro dessa. Já fui casada em Boston, Newport e Southampton, a cidade da Inglaterra, não a de Long Island. Nós somos de lá, você

sabe. Pelo menos, até antes de virmos para cá. Eu me lembro de quando colonizávamos Plymouth, você se lembra? É o tempo mais distante que consigo me recordar. Por enquanto.

Bliss não contou a Mimi que em sua memória ela tinha visto a amiga beijando seu noivo cheia de paixão. E seu noivo se parecia muito com seu irmão, Jack. Aquilo era muito sinistro. Talvez houvesse algum tipo de explicação da espécie para isso, mas, por enquanto, Bliss guardaria para si a perturbadora imagem que havia visto.

VINTE E DOIS

Cordélia tinha combinado com Schuyler de se encontrarem para tomar um chá na entrada do St. Regis, após o término das aulas. Ela esperava a neta na mesa de sempre quando Schuyler chegou. Sua avó estava sentada no meio de um belo salão, de ambiente claro, com o cão de caça de Schuyler descansando entre seus pés. O St. Regis não costumava permitir a entrada de animais na sala de jantar, mas abria uma exceção para Cordélia. Afinal, o restaurante Astor Court foi batizado em homenagem à bisavó dela.

Schuyler caminhou até ela com um misto de raiva e apreensão.

Sua avó a aguardava serenamente, com os braços cruzados sobre o colo. Ela parecia cheia de vida e de energia. Sua pele brilhava e seus cabelos estavam com um tom claro de loiro platinado, com apenas uma mecha bem sutil na cor prata. Pela primeira vez, Schuyler notou que sua avó sempre ficava com essa aparência após o tratamento semanal no salão do Jorge. Mas, desta vez, a mudança a faz refletir: será que o exuberante sul-americano era um mero cabeleireiro? Ou um dos familiares humanos de Cordélia? Schuyler achou melhor não querer saber.

— Talvez eu seja a primeira a lhe dar os parabéns — disse Cordélia.

— Não sei se devo ficar tão feliz quanto a isso — respondeu Schuyler.

Cordélia trocou de cadeira e sentou-se de frente para ela. — Sente-se, minha neta. Temos muito o que conversar.

Um garçom trajando um *smoking* aproximou-se, e Cordélia pediu o serviço de chá com três pratos.

— Para mim, o de flores da China, por favor — escolheu Cordélia, fechando o cardápio.

Schuyler sentou-se, e Belinha apoiou a cabeça no colo de sua dona, que, distraída, acariciou a cadela, imaginando se Belinha realmente era seu anjo da guarda ou apenas uma cachorra abandonada que havia encontrado na rua. Apressada, Schuyler olhou para o cardápio encadernado em couro e o folhou rapidamente.

— Earl Grey[24] para mim, obrigada.

— Por que você não me contou antes? — quis saber Schuyler, assim que o garçom deixou a mesa.

— Não é assim que funciona — avisou Cordélia. — O fardo de se descobrir não deve ser lançado até que você esteja pronta. E ficamos sabendo que Priscilla fez um excelente trabalho na cerimônia de iniciação.

Priscilla Dupont. A Líder dos Guardiões. Presidente do Comitê. *Socialite*. Qualquer uma dessas.

— Cordélia, quantos anos você tem exatamente? — perguntou Schuyler.

A avó sorriu. Um sorriso sentido, mas sábio.

— Você acertou. Já passei do ciclo normal. Estou cansada da Manifestação, mas tenho meus motivos para permanecer nela.

— É por causa de minha mãe... — sugeriu Schuyler. Ela começou a entender o porquê de Cordélia ter vivido por tanto tempo, de modo que pudesse tomar conta dela, uma vez que sua mãe estava... o que estava mesmo fazendo sua mãe? Se era uma vampira toda poderosa, por que então estava em coma?

Sua avó parecia aflita.

— Sim. Sua mãe fez escolhas terríveis.

— Por quê? Por que ela está em coma? Se ela é invulnerável, por que ela não acorda?

— Isso não compete a mim discutir — respondeu Cordélia rispidamente. — Seja lá o que ela tenha

feito, você deveria se considerar privilegiada por ser filha dela.

Schuyler queria perguntar à avó o que ela queria dizer com aquilo, mas o garçom chegou naquele momento trazendo uma bandeja prateada de três andares cheia de bolinhos, lanches e biscoitos. Brilhantes bules de prata com chá fermentado foram colocados ao lado de xícaras de porcelana.

Schuyler apressou-se em colocar o chá na xícara e foi alertada pela avó.

— O coador.

Ela acenou com a cabeça e colocou o coador sobre a xícara. O garçom pegou o bule e despejou o chá quente em sua xícara. O agradável aroma de bergamota pisada satisfez os seus sentidos, e Schuyler sorriu. Desde bem pequena, ela gostava daquele ritual vespertino. Ao fundo, um harpista tocava uma suave melodia.

Por alguns instantes, pairou um silêncio no ar, pois Schuyler e sua avó serviam-se do banquete. Schuyler colocou uma generosa colher de creme Devonshire em um bolinho e o encheu com cobertura de limão. Ao dar uma mordida nele, suspirou de prazer.

Cordélia levou o guardanapo até a boca e limpou os lábios. Ela escolheu um pequeno lanche recheado com salada de siri, deu uma mordidinha e o colocou de volta no prato.

Schuyler descobriu que estava faminta. Ela pegou um lanche — um não muito recheado, mas com pepino — e outro bolinho.

Em silêncio, o garçom encheu novamente as duas bandejas de cima e saiu discretamente.

— O que você quis dizer com “sorte”? — ela questionou a avó. Schuyler estava confusa. Parecia que ela tinha tido a chance de escolher quem queria ser, mas, depois de tudo o que foi dito na reunião, ser um Blue Blood era seu destino.

Cordélia deu de ombros. Ela levantou a tampa do bule e franziu a sobrancelha para o garçom que repousava encostado na parede.

— Gostaria de um pouco mais de água quente, por favor — ela disse.

— Você é mesmo a minha avó? — perguntou Schuyler, entre uma mordida e outra no pão de centeio com salmão defumado.

Cordélia sorriu outra vez. Era uma situação constrangedora, como se uma cortina se abrisse e Schuyler finalmente descobrisse quem a velha era na verdade.

— Tecnicamente, não. Você é inteligente para compreender isso. Existiam Quatrocentos de nossa espécie desde os primórdios. Não temos descendentes como manda a tradição. Como você já sabe, através dos ciclos, muitos são chamados, mas só alguns optam pelo descanso. Cada vez mais os seres de nossa espécie estão descansando, repousando, optando pela não evolução e pela permanência no estado primitivo. Quando nossos corpos expiram, tudo o que resta de nós é uma única gota de sangue com a nossa configuração de DNA, e quando chega a hora de libertar um novo espírito, aqueles de nós que escolhem seguir adiante são inseridos em uma nova vida. Então, de certo modo, todos possuímos uma relação, mas não temos um vínculo de sangue. De todo modo, você está sob os meus cuidados e minha responsabilidade.

Schuyler ficou perplexa com as palavras de sua avó. O que será que ela queria dizer exatamente com aquilo?

— E o meu pai? — ela indagou de forma hesitante, pensando no homem alto de terno escuro que visitara sua mãe.

— O seu pai não é assunto do seu interesse — respondeu Cordélia friamente. — Não pense mais nele. Ele não era merecedor do amor de sua mãe.

— Mas quem...? — tentou insistir Schuyler, que nunca conhecera o pai. Ela sabia que seu nome era Stephen Chase e que ele era um artista, tendo conhecido a mãe dela na inauguração de sua galeria de

arte. Isso era tudo o que sabia. Quanto à família de seu pai, não sabia nada a respeito.

— Chega. Ele já se foi, e isso é tudo o que você precisa saber. Eu contei pra você, ele faleceu pouco depois de você ter nascido — declarou Cordélia, esticando o braço e alisando os cabelos da neta. Era a primeira vez que a avó demonstrava um gesto de carinho por ela.

Schuyler esticou o braço e pegou uma torta de morango. Ela se sentiu diminuída e constrangida, era como se a avó não estivesse lhe dizendo nada.

— Estamos passando por um momento complicado, você sabe — explicou Cordélia, enquanto verificava o prato de biscoitos e escolhia um *cookie* de avelã. — Cada vez menos os seres de nossa espécie escolhem seguir o caminho adequado dos ciclos, e nossos valores, nosso estilo de vida estão desaparecendo rapidamente. Muitos de nós não seguem mais o Código. Há corrupção e dissidências entre os grupos. Muitos temem que não conseguiremos nunca atingir o estado de elevação. Em vez disso, há aqueles que escolhem esmorecer na escuridão que ameaça nos levar. A imortalidade é, ao mesmo tempo, uma maldição e uma bênção. Eu já vivi muito tempo. Lembro-me de muita coisa — comentou Cordélia, tomando um longo gole de sua xícara, com o dedinho para baixo de modo gracioso.

Ao colocar a xícara na mesa, a expressão no rosto de Cordélia mudou. Ela se abateu e se encolheu diante dos olhos de Schuyler, que enxergou um pouco de simpatia na velha, fosse ela vampira ou não.

— O que você quer dizer com isso?

— Estamos vivendo num tempo difícil. Repleto de vulgaridade e desesperança. Fizemos o melhor para influenciá-los, para mostrar o caminho. Somos criaturas de beleza e luz, mas os Red Bloods não nos dão mais ouvidos. Tornamo-nos irrelevantes. Existem muitos deles agora, e poucos nossos. Será a vontade deles que mudará o mundo, e não a nossa.

— Como assim? Charles Force é o homem mais rico e poderoso da cidade, e o pai de Bliss é senador. Os dois são Blue Bloods, não são? — questionou Schuyler.

— Charles Force — repetiu Cordélia com a cara fechada, enquanto misturava o mel no chá. Ela soltou a colher de chá na mesa com tanta raiva que os outros clientes atentaram para ver de onde veio o barulho. Seu rosto ficou imóvel. — Ele tem seus próprios planos. E quanto ao Senador Llewellyn, exercer um cargo político é uma penalidade grave em nosso Código. Não devemos interferir diretamente em questões políticas dos humanos. Mas os tempos mudaram. É só olhar para a esposa dele — disse Cordélia, sugerindo aversão. — Os gostos dela e o seu modo de se vestir não têm nada de Blue Blood. “Rebaixamento ambicioso”, acho que é esse o nome — Ela suspirou enquanto Schuyler repousava as mãos sobre as dela — Você é uma boa menina. Já te contei até demais. Talvez isso seja útil quando você compreender a verdade um dia, mas não agora.

Isso era tudo o que Cordélia tinha para dizer sobre o assunto.

As duas terminaram de tomar o chá em silêncio. Schuyler mordeu um pedaço de sua bomba de chocolate, mas acabou largando-a no prato. Depois de tudo aquilo que Cordélia lhe disse, ela tinha até perdido a fome.

VINTE E TRÊS

Tirava-a do sério o modo como seu melhor amigo conseguia mexer com seus sentimentos e machucá-la. Oliver sabia exatamente onde espetar seus pequenos espinhos. De fato, um impostor! E quanto a ele, com sua Vespa e seus cortes de cabelo de cem dólares? E as festas de aniversário a bordo do iate de sessenta metros de sua família? Não era apenas outro golpe em sua popularidade que o iludia?

Desde a reunião do Comitê e o chá com Cordélia, Schuyler se sentia desolada, abandonada, sem chão. Sua avó havia revelado tantas coisas sobre o seu passado — e deixado de revelar tantas outras. Por que sua mãe estava em coma? O que havia acontecido com seu pai? Schuyler sentia-se mais perdida do que nunca, principalmente depois de Oliver ter parado de falar com ela. Eles nunca tinham discutido antes por qualquer motivo — costumavam até brincar que eram apenas duas metades de uma mesma pessoa. Eles gostavam das mesmas coisas (50 Cent, filmes de ficção científica, lanches de carne defumada cobertos de mostarda) e também não gostavam das mesmas coisas (Eminem, sempre os mesmos ganhadores de Oscar arrogantes, vegetarianos hipócritas). Mas agora que Schuyler tinha trocado Jack de sua lista de "Não" para a lista de "Pão", sem a aprovação de Oliver, ele começou a ignorá-la.

O resto da semana passou sem nenhum incidente. Cordélia viajou para sua estada anual de inverno em Vineyard, Oliver continuou a ignorar até mesmo sua existência e ela não tinha tido uma oportunidade de falar com Jack novamente. Mas, pelo menos desta vez, ela estava muito ocupada com as atribulações do mundo real — passar em Biologia, fazer as lições de casa, entregar as redações de Inglês — para poder lidar com qualquer um deles.

Sua mandíbula doía sempre que alongava e retraía os caninos, mas estava aliviada por descobrir que ainda não estava tão faminta. Ela aprendeu com sua avó que o *Caerimonia Osculor*, o Beijo Sagrado, era uma cerimônia muito especial, e a maioria dos Blue Bloods esperava até a maioridade (dezoito anos) para poder realizá-lo; no entanto, incidentes prematuros que envolviam a sucção de sangue ocorriam cada vez mais a cada nova geração — alguns vampiros tinham apenas catorze ou quinze anos quando tiveram seu primeiro familiar humano. Apoderar-se de um Red Blood antes de completar dezoito também era uma violação ao Código.

Num capricho, ela resolveu visitar sua mãe no hospital naquela tarde de sexta-feira, após a escola, já que Oliver não a tinha convidado para ir até sua casa e passar o tempo, como de costume. Além do mais, ela tinha um plano e não queria esperar até o domingo para ver se ele funcionaria. Em vez de ler o jornal para a mãe como fazia toda semana, ela iria lhe fazer algumas perguntas. Mesmo que sua mãe não conseguisse responder, faria bem para Schuyler colocar o que estava sentindo para fora do peito.

Em uma tarde de dia de semana, o hospital ficava mais silencioso. Não havia tantos visitantes no saguão, o que deixava o local com um aspecto de desolação, de abandono. Nos outros ambientes, a vida era vivida a todo momento; até os enfermeiros pareciam ansiosos para que o fim de semana chegasse logo.

Schuyler voltou a olhar através do vidro antes de entrar no quarto de sua mãe. Exatamente como da outra vez, ali, ao pé da cama, estava o mesmo homem de cabelos grisalhos. Ele estava dizendo algo para sua mãe, e Schuyler pressionou a orelha contra a porta para poder ouvi-lo.

— Perdoe-me... perdoe-me... acorde, por favor, deixe-me ajudá-la...

Schuyler observou e ouviu tudo aquilo. Ela sabia quem ele era. Só podia ser ele. No mesmo

instante, seu coração acelerou.

O homem continuou falando.

— Você já me puniu o bastante, e já se puniu o suficiente também. Volte para mim. Eu imploro.

De repente, a enfermeira de sua mãe apareceu atrás dela.

— Oi, Schuyler, o que você está fazendo? Por que não entra? — ela perguntou.

— Você não está vendo ele? — ela sussurrou, apontando para o vidro.

— Vendo quem? — indagou a enfermeira, sem entender bem. — Não vejo ninguém.

Schuyler mordeu os lábios. Então só ela era capaz de enxergar o estranho. Era como havia imaginado, mas mesmo assim sentia uma pontinha de expectativa.

— Não o vê mesmo?

A enfermeira balançou a cabeça e olhou para Schuyler como se houvesse algo de errado com ela.

— Claro, deve ser apenas um efeito da luz — disse Schuyler. — Pensei que tinha visto algo...

A enfermeira concordou e saiu caminhando.

Enfim, Schuyler entrou no quarto. O visitante misterioso tinha desaparecido, mas Schuyler notou que a cadeira ainda estava quente. Ela olhou ao redor do quarto e começou a evocá-lo com a voz bem baixinha, pela primeira vez desde que havia visto o notório estranho.

— Pai? — sussurrou Schuyler, caminhando em direção ao recinto do lado, uma sala de estar toda mobiliada para convidados, e olhando à sua volta. — Pai? É você? Você está aí?

Não houve resposta, e o homem não voltou a aparecer. Schuyler, então, sentou-se na cadeira que ele havia desocupado.

— Eu quero saber sobre o meu pai — ela falou para a taciturna mulher deitada à cama. — Stephen Chase. Quem era ele? O que ele fez a você? O que aconteceu? Ele ainda está vivo? Ele vem visitá-la? Era ele quem estava aqui até agora há pouco? — questionou Schuyler, levantando o tom de voz para que o visitante a ouvisse, caso ainda estivesse ao alcance do som. Assim, seu pai saberia que ela tinha consciência de sua presença. O desejo de Schuyler era que ele ficasse e conversasse com ela. Cordélia sempre lhe deixava com a impressão de que seu pai tinha causado um mal muito grave à sua mãe. De que nunca a amara — um fato inconcebível com a imagem de um homem aos prantos ao pé da cama da mãe.

— Mãe, preciso de sua ajuda — implorou Schuyler. — A Cordélia diz que pode ser que você levante a qualquer hora, mas não é isso que vejo.

— Acorde, mãe. Acorde, por mim. Por favor.

Mas a mulher na cama nem se mexia. Nem sequer reagia.

— Stephen Chase. O seu marido. Ele faleceu quando nasci. Pelo menos é o que a Cordélia me diz. É verdade mesmo? Meu pai está morto? Mãe? Por favor, eu preciso saber.

Nem mesmo um movimento de dedão. Muito menos um suspiro.

Schuyler desistiu de perguntar e pegou o jornal outra vez. Ela continuou a ler os anúncios de casamento, sentindo-se estranhamente consolada pela ladainha das uniões conjugais e de sua homogeneidade. Depois de ler cada um dos anúncios, ela se levantou e beijou sua mãe na bochecha.

Ao tocá-la, percebeu que a pele de Allegra estava fria e pálida.

Era como se tocasse a morte.

Schuyler deixou o local, mais abatida do que nunca.

VINTE E QUATRO

Naquela noite, ao voltar para casa, Schuyler recebeu uma ligação de Linda Farnsworth com uma proposta bem interessante.

Stitched for Civilization era a fabricante de jeans mais badalada da cidade (e, na verdade, do mundo) naquele momento. Seus *outdoors* espalhafatosos estavam por toda parte em Times Square, e seu corte com a assinatura "Social Lies", de trezentos dólares — com cintura superbaixa, bumbum empinado, coxas torneadas, tecido riscado, manchado, branqueado, rasgado e extralongo —, era um objeto de admiração obsessiva entre os jeanerati. E, ao que parecia, o estilista tinha se empolgado com a foto de Schuyler e seu estilo deprimido.

— Você é o novo rosto da Civilization! — entusiasmou-se Linda Farnsworth, ao celular, com Schuyler. — Eles têm que contratá-la! Não me faça implorar por isso!

— Tudo bem — disse Schuyler, ainda um pouco estupefata pela vivacidade com que Linda a tratava.

Como Schuyler não poderia arranjar um motivo melhor para rejeitar os deuses da moda (quem era ela para dizer não à Civilization?), na manhã seguinte ela viajou até o centro para a sessão de fotos programada. O estúdio fotográfico, a extremo leste de Chelsea, ficava instalado em uma enorme construção que ocupava um quarteirão, onde antigamente funcionava uma fábrica de impressão. O elevador de serviço era operado por um senhor de olhos turvos uniformizado, que teve de acionar o ascensor manualmente para levar Schuyler ao andar devido.

Ela desceu por um labirinto de corredores, notando os diversos nomes de estilistas e endereços da internet que lhe pareciam familiares gravados nas placas de portas fechadas.

O estúdio fotográfico ficava na parte nordeste. A porta aberta estava escorada, e lá de dentro ouvia-se um som alto de música eletrônica.

Ela entrou no local sem saber muito bem o que a esperava. O estúdio tinha um espaço amplo, aberto, todo revestido de lona branca, com piso de poliuretano e janelas que iam do chão ao teto. Um pano de fundo branco inteiriço cobria uma parede, e diante dele havia um tripé instalado. Estagiários sonolentos estavam trazendo os cabideiros para que um estilista com tranças rastafári pudesse examinar os trajes.

— Schuyler! — abordou-a um entusiasmado homem esquelético com barba por fazer, que vestia uma camiseta encolhida e um jeans folgado e trazia nas mãos um folheto. Ele fumava e usava óculos de sol aviador da Ray Ban.

— Ei — cumprimentou Schuyler.

— Jonas Jones, está lembrada de mim? — ele perguntou, levantando os óculos de sol e abrindo um sorriso.

— Ah... é claro! — falou Schuyler, um pouco intimidada. Jonas Jones era um dos mais famosos formados em Duchesne. Ele estudara na escola há alguns anos. Tinha causado um grande impacto no mundo da arte com seus quadros de retalhos. Além disso, também tinha produzido um filme, *A quadrilha dos lenhadores*, exibido em Sundance, e teve uma guinada na carreira como fotógrafo de moda.

— Muito obrigado por ter vindo até aqui — disse ele. — Desculpe-me por ter sido tão de última hora, mas é o mundo dos negócios — completou. Em seguida, apresentou o estilista da Civilization, uma ex-modelo com o abdome definido e ossos do quadril protuberantes.

— Sou a Anka — ela disse toda animada. — Desculpe por fazê-la acordar tão cedo em pleno sábado. É que será um longo dia. Mas não se preocupe, temos rosquinhas e doces, como sonho, de sobra — comentou ela, caminhando até a mesa de *buffet* repleta de caixas verdes e brancas da Krispy Kreme.

Schuyler gostou dela logo de cara.

— Certo. Vamos arrumar seus cabelos e depois passar maquiagem — avisou Jonas, apontando para o canto onde estava instalado um camarim ladeado por espelhos e com duas lâmpadas incandescentes em frente a duas cadeiras altas revestidas de lona.

Bliss Llewellyn estava sentada em uma das cadeiras. Linda se esqueceu de avisá-la que haveria *dois* rostos da Civilization naquele ano. A menina alta já estava maquiada. Seus cabelos foram penteados no estilo *bouffant* e seus lábios foram retocados com batom vermelho-cereja. Ela vestia um roupão branco felpudo e falava ao celular. Ao ver Schuyler, ela acenou alegremente em sua direção com as mãos já feitas.

Schuyler retribuiu o gesto. Em seguida, arrastou-se para alcançar a cadeira, e uma maquiadora britânica, que se apresentou como Perfection Smith, começou a avaliar a condição de sua pele. Ao mesmo tempo, um cabeleireiro sisudo pegou chumaços dos seus cabelos para examinar, fazendo careta com a língua em tom de desaprovação.

— Foi dormir tarde? — quis saber Perfection, erguendo o queixo de Schuyler na direção da luz. — Sua pele está muito seca, querida — ela disse, com um sotaque nasalizado de londrino.

— Acho que sim — respondeu Schuyler. Ela não tinha dormido muito desde a reunião do Comitê. Apavorava-se só de pensar que enquanto dormia seu próprio sangue estava desperto, penetrando em sua consciência, e todas as lembranças e vozes de suas vidas passadas clamavam pelo controle de seu cérebro.

Ainda que Jack tivesse explicado que não funcionava daquele jeito — as lembranças eram suas, faziam parte dela, e não havia o que temer —, Schuyler não queria arriscar.

Ela fechou os olhos enquanto seu rosto era esfregado, beliscado, cutucado, polido, empoado e espalhado; seus cabelos foram puxados, escovados e secados, o que quase queimou suas raízes.

— Ei! — gritou Schuyler, ao perceber o que o secador aproximava-se perigosamente de seu couro cabeludo. Mas o zangado cabeleireiro nem sequer se desculpou.

Também não foi fácil seguir todas as instruções que Perfection dava aos berros em seus ouvidos. Schuyler nunca imaginou que seria tão difícil ser maquiada. Ela tinha que fazer muitas coisas, às vezes ao mesmo tempo, para que a maquiadora fizesse seu trabalho da forma mais correta. Perfection parecia um sargento instrutor.

— Abra. Abra mais. Olhe para o lado. Olhe para o outro lado. Olhe para o meu joelho. Olhe para o teto. Feche a boca. Pressione os lábios. Olhe para mim. Olhe para o meu joelho.

Quando sua transformação chegou ao fim, Schuyler estava exausta.

— Você está pronta? — perguntou Perfection, girando a cadeira para que Schuyler pudesse finalmente se olhar no espelho.

Ela não podia acreditar no que via. Era como se o rosto de sua mãe estivesse olhando para ela. O mesmo rosto que sorria serenamente nas fotos de casamento que Schuyler guardava debaixo de sua cama. Ela estava deslumbrante como uma deusa.

— Oh! — exclamou Schuyler, com os olhos arregalados. Até aquele momento, ela nunca notara o quanto se parecia com sua mãe.

Meu Deus, ela estava muito linda mesmo, pensou Bliss. *Linda* não era nem a palavra mais adequada — seria como dizer que Audrey Hepburn era bonita. Schuyler estava *transcendental*. Por que ela

nunca tinha percebido isso antes? — Bliss ficou imaginando. Ela estava falando com Dylan no celular — contando para ele sobre a festinha que iria dar em casa mais tarde —, sua mãe estava a caminho de Washington D.C. para visitar seu pai e Jordan iria passar a noite na casa de uma amiga. Ela só percebeu a transformação de Schuyler quando dizia a Dylan o horário para chegar na festa.

Schuyler parecia uma modelo, dos pés à cabeça. Seus lábios estavam vistosos e brilhantes. Eles tinham alisado seu cabelo preto-azulado, de modo que cobrisse por completo suas delicadas costas, como uma cortina de ébano. O estilista a vestiu com calça jeans apertada da Stitched for Civilization; e sob todas aquelas roupas de mendigo, Bliss notou que Schuyler estava com uma ótima, porém mirrada, aparência, magra e desamparada. De repente, Bliss sentiu-se como um cavalo perto dela.

— Falo com você mais tarde, estão nos chamando no estúdio — ela avisou Dylan, desligando o telefone.

— Meu Deus, você está tão linda — sussurrou Bliss para Schuyler, quando as duas estavam perfiladas lado a lado contra o pano de fundo branco.

— Obrigada — disse Schuyler. — Me sinto tão estranha.

Ela nunca tinha vestido tão pouca roupa em público antes e, por isso, tentava não ficar muito envergonhada. As duas vestiam jeans, e apenas jeans — estavam viradas de costas para a câmera, cobrindo os seios com os braços cruzados, embora o estilista tivesse colado *band-aid* da cor da pele nos peitos delas, para cobrir os mamilos. Schuyler tinha concordado em modelar mais por curiosidade, como uma experiência social sobre a qual poderia pensar posteriormente, mas uma coisa ela tinha que admitir: aquilo também era muito divertido.

Estava frio no estúdio, e ao som alto e pulsante do Black Eyed Peas, vindo dos alto-falantes acoplados ao teto, Jonas dava instruções aos berros para que todos pudessem ouvir. O ambiente estava frenético com os agitados assistentes e técnicos de luz se posicionando a cada palavra do fotógrafo. Bliss e Schuyler eram atacadas com tubos de *spray* para os cabelos sempre que havia um intervalo. Em certo momento, o clima de seriedade fez-se mais presente nas acaloradas discussões entre Jonas e Anka. Os dois tentavam chegar a um consenso quanto aos cabelos das modelos (se deviam ficar jogados ao vento ou não, se ficava sexy ou clichê) e em relação aos jeans que vestiam (qual seria o melhor ângulo para focá-los, de frente ou lateralmente).

As meninas posavam e faziam beicinho, evitando a todo custo piscar ao *flash* da câmera. Com repentina inspiração, Bliss puxou Schuyler para perto dela e a abraçou bem apertado.

— Que louco — sorriu Jonas por detrás das lentes.

Durante o intervalo para o almoço, elas voltaram a vestir seus roupões e se aconchegaram com a equipe ao redor da mesa de *buffet*, enchendo os pratos com vegetais e atum grelhado. (Malpassado, graças a Deus, Bliss pensou.)

— Fumam? — perguntou Jonas, tirando um amassado maço de cigarros do bolso de trás. — Vamos, meninas, me acompanhem.

Elas devolveram os pratos à mesa e seguiram Jonas e Anka até a sacada.

— Então vocês duas estudam em Duchesne? — perguntou Anka, enquanto pegava um cigarro de menta comprido e o tragava, após Jonas acendê-lo com seu Zippo.

— Aham — Bliss acenou com a cabeça, aceitando um cigarro Camel esmagado de Jonas.

Schuyler balançou a cabeça em sinal negativo. Cigarros a deixavam doente. Ela só foi até a sacada pela companhia e pela vista que se tinha dali. O local tinha vista para apartamentos abandonados à beira da estrada de ferro, próximos a um rio. Um barco atravessava lentamente suas águas. Schuyler olhava para a paisagem toda feliz. Ela nunca se cansava de admirar a cidade.

— Fui uma vez para Kent — Anka comentou. — Conheci Jonas no RISD.

Jonas acenou com a cabeça.

— Temos trabalhado juntos desde então — revelou, soltando um círculo de fumaça pela boca. — Estamos muito contentes por tê-las descoberto, meninas. Queríamos a todo custo que nossa campanha tivesse o rosto de nossa espécie.

— Nossa espécie? — indagou Schuyler.

Anka deu risada ao ouvir e mostrou a elas seus caninos.

— Vocês também são Blue Bloods! — Bliss suspirou.

— É claro — Jonas acenou com a cabeça, sorridente. A maioria dos envolvidos com moda é. Vocês não perceberam?

— Mas como você sabe?

— Só de olhar — pelo formato dos olhos e uma certa estrutura dos ossos do corpo — explicou Jonas. — Além disso, também somos muito, mas muito seletivos. É só olhar para a Brannon Frost, o editor-chefe da *Chic. Hello!*

— Ela é vampira? — Bliss arregalou os olhos. Foi então que tudo passou a fazer sentido — sua aparência frágil, os óculos de sol enormes, a pele pálida, a rigorosa dedicação em busca da perfeição.

— Quem mais? — perguntou Schuyler.

Jonas citou vários outros nomes: um popular estilista "bad boy" que tinha recentemente revitalizado a aparência gótica/grunge, uma modelo cujo rosto divulgava naquele momento uma empresa de lingerie e uma aclamada maquiadora que popularizou o esmalte azul para unhas.

— Há vários outros — ele disse, atirando o cigarro pela sacada.

Quando outras pessoas da equipe se juntaram a eles, os quatro mudaram de assunto, e Jonas começou a contar uma série de piadas obscenas que só podiam ser comparadas com a grosseria de Perfection. Schuyler riu delas com o restante do pessoal, como se ela e Bliss fizessem parte de um *ad hoc*, uma família quase nada louca.

— Por que a Mimi não está aqui? — perguntou Schuyler, de repente. Não fazia sentido ela passar por aquela experiência sendo que Mimi, que prosperava com esse tipo de atenção, estava de fora.

Bliss começou a rir. Ela tinha se esquecido completamente da amiga. Mimi iria querer morrer quando soubesse que Bliss e Schuyler haviam sido escolhidas para a campanha da Stitched for Civilization, e não ela!

— É mesmo, onde está a Mimi? — perguntou Bliss.

Jonas coçou a cabeça. Schuyler notou as marcas em tom azul desbotado nos braços dele.

— Mimi Force? Nós a escolhemos como segunda opção. Está lembrada, Ank? O que aconteceu com ela mesmo?

— A Linda comentou comigo sobre o cachê diário dela — respondeu Anka. — Aparentemente, ao assinar o contrato, ela disse para Linda que não levantaria da cama para vir pra cá por menos de dez mil dólares ao dia. Desculpem, meninas, mas para alguém sem experiência, isso está fora da realidade. Eu nem sequer fiz uma proposta a ela. E além do mais, nós gostamos de vocês duas.

— Acho que o sono é sagrado para ela — Bliss forçou o sorriso. — Ela não sabe o que está perdendo — completou, dando um de seus raros e legítimos sorrisos para Schuyler.

— É isso aí — Schuyler acenou com a cabeça e retribuiu o sorriso. Ela estava começando a gostar de Bliss Llewellyn ainda mais.

As duas voltaram ao estúdio e fizeram poses bem próximas uma da outra, e quando Jonas gritou "Quente! Pegando fogo! É isso aí, pegando fogo!", elas praticamente tornaram as lentes impróprias para menores.

VINTE E CINCO

Eles deixaram o jeans ficar com ela! Schuyler ficou emocionada. A sessão de fotos acabou tarde, bem depois das seis da tarde, ou seja, do horário previamente combinado. Ao sair de lá, já estava escuro do lado de fora. Afobada, ela se despediu com beijinhos no ar e acenando freneticamente para todos na esquina. A animada turma se dispersou — Anka e os estilistas desapareceram em um Lincoln Town Car, as equipes de cabelo e maquiagem tomaram táxi e Jonas e seus assistentes foram até o bar mais próximo.

— Você quer uma carona até lá em cima? — perguntou Bliss. — Meu motorista já deve estar chegando.

Schuyler balançou a cabeça.

— Obrigada, mas não. Acho que vou caminhar um pouco — justificou. A noite estava boa, sem nuvens e de clima fresco.

Bliss pareceu não se importar muito. Ela já estava com um cigarro na boca, e vestida com aquela camiseta apertada, jeans novo e com uma jaqueta roxa com pele de animal, ela parecia uma modelo em dia de folga, dos pés à cabeça.

— Como quiser. Só não se esqueça: mi casa, hoje, às dez.

Schuyler acenou com a cabeça, apertando a sacola de plástico com seu jeans dentro contra o corpo. Ela voltava a vestir suas muitas camadas de roupa — uma camiseta preta sobre uma gola rulê preta com uma saia de lã preta sobre calça jeans cinza e meias compridas com listras pretas e brancas, além dos velhos coturnos escuros. Ela pretendia caminhar a leste, na direção da Seventh Avenue, e continuar a subir pela Times Square, Lincoln Center e Upper West Side até chegar em casa.

Ao caminhar a leste na direção da Tenth Avenue, ela ficou um pouco desconfiada. As ruas estavam completamente desertas; os armazéns que abrigavam as novas galerias de arte estavam escuros e sombrios. As luzes dos postes piscavam e havia poças no chão, dando indícios de pancada de chuva recente. De repente, Schuyler se arrependeu de não ter ido de carona com Bliss. Ansiosa, ela começou a caminhar mais rápido na direção das avenidas bem iluminadas. Se conseguisse pelo menos alcançar a Ninth Avenue, com suas cafeterias e butiques, saberia que estaria segura.

Ela tentou deixar o medo de lado, pensando se tratar de mera paranoia da escuridão — aliás, quem era ela para ter medo do escuro? Ela era uma vampira! Então, deu uma gargalhada de aterrorizar qualquer um, mas, da mesma maneira, sentiu uma pontada de medo.

Não dava mais para negar.

Alguém a estava seguindo.

Ou algo...

Ela começou a apertar o passo e, em seguida, a correr, com o coração acelerado no peito e a respiração mais que ofegante. Ao se virar para ver o que era...

Uma sombra na parede.

Sua própria sombra.

Ela piscou os olhos. Nada. Não havia nada nem ninguém. Você está ficando paranoica, está ficando paranoica, dizia para si mesma. Ela se forçou a caminhar de forma mais lenta, para mostrar a si mesma que não estava com medo.

Faltavam apenas alguns passos para o refúgio da Ninth Avenue... tão perto... ela se virou mais uma vez... e sentiu algo se aproximar e agarrá-la pelo pescoço. Schuyler esforçou-se para respirar, para

abrir os olhos, para espernear, mas não podia gritar; era como se algo tivesse fechado sua garganta e a apertasse com toda a força. Uma criatura escura, gigante... alta e forte como um homem, de presença volumosa e nociva... com olhos vermelhos, olhos vermelhos com pupilas prateadas que brilhavam no escuro, olhando-a fixamente... atravessando seu cérebro... e, então, ela sentiu...

Não! Não! Não!

Ela recusou-se a acreditar naquilo, mas, sim, eram caninos perfurando sua pele — mas como aquilo era possível? Ela era um deles! O que era aquilo?

Usando toda sua força, Schuyler tentou se afastar de seu agressor — mas apenas se debateu, socando o ar —, era como se o vento a tivesse em suas mãos — não adiantou, os caninos a perfuraram, bem no pescoço — seu sangue, seu sangue azul brilhante, escorria junto de sua vida... Ela estava zonza e confusa... prestes a desmaiar... quando uma mancha azul e preta, de repente, se materializou, latindo loucamente.

Belinha!

A cadela de caça rosnou e pulou na criatura sombria. Com isso, o monstro a soltou, e Schuyler saiu cambaleando pela suja calçada, apertando o lado de seu pescoço. Sua cadela correu em círculos, rosnando e latindo bem alto, até a criatura assustadora desaparecer.

Belinha ainda estava latindo quando Schuyler finalmente abriu os olhos. Alguém estava ajudando-a a se levantar.

— Você está bem? — perguntou Bliss Llewellyn.

— Eu não sei — disse Schuyler, ainda em estado de choque. Ela tentou recuperar o equilíbrio, apoiando-se com força no ombro de Bliss, mas suas pernas ainda tremiam.

— Calma — Bliss tentou tranquilizá-la.

Belinha ainda estava latindo, com uivos altos, cheios de fúria, e rosnando para Bliss.

— Junto, Belinha, junto. É a Bliss, minha amiga — disse Schuyler, esticando o braço para acalmar o agitado animal. Mas a cadela estava incontrolável. Belinha correu em volta de Bliss e mordeu seus tornozelos.

— Ai!

— Belinha, chega! — ordenou Schuyler, puxando-a pela coleira bruscamente. De onde ela teria vindo? Como sabia o que estava acontecendo? Schuyler olhou nos olhos pretos perspicazes de sua cadela. Você me salvou, ela pensou.

— O que aconteceu? — voltou a perguntar Bliss.

— Eu não sei. Eu estava apenas caminhando quando algo me atacou por trás...

— Eu ouvi você — revelou Bliss, com a voz trêmula. — Eu estava ali, do lado de fora do estúdio, esperando meu motorista. Quando ouvi você gritando, corri até aqui para ajudá-la.

Schuyler acenou com a cabeça, ainda zonza com o ocorrido. Sua bolsa e o que tinha dentro dela estavam espalhados à sua volta — os livros abertos e ensopados sobre as poças, o jeans novo, caríssimo, amarrotado em meio a um monte de coisas.

— O que você acha que foi isso? — indagou Bliss, enquanto ajudava a amiga a recolher as coisas e colocá-las dentro da bolsa de couro.

— Eu não sei... parecia... surreal — Schuyler contou gaguejando. Em seguida, fechou o zíper da bolsa e a colocou sobre o ombro com dificuldade. Ela ainda estava um pouco insegura para ficar em pé, mas só em segurar a correia de Belinha já se sentia melhor. Na presença da cadela, ela se sentia mais forte, mais firme.

Não demorou e as lembranças do ataque começaram a se esvair — um corpo escuro, com olhos vermelhos e pupilas prateadas brilhando — e dentes, dentes afiados o suficiente para penetrar a pele

— caninos, assim como os dela —, mas ao tocar com os dedos o lado de seu pescoço, não havia mais marca alguma. Nem uma ferida. Nem sequer um arranhão.

Diário de Catherine Carver
23 de dezembro de 1620
Plymouth, Massachusetts

Meu Deus! Meu Deus! Todos os habitantes de Roanoke estão desaparecidos. Myles e seus homens não encontraram nada na colônia. Os abrigos já haviam sido desmontados, não se via um animal sequer por ali. Não sobrou nada além de um pouco de um campo sem plantações. Da colônia, nada restou, com exceção de um aviso pregado a uma árvore. Eis o alerta que John mostrou a mim:

CROATAN

Senti um frio na espinha só de ver. Meu Deus! Meu Deus! É real, estamos amaldiçoados! Eles estão aqui. Tudo está perdido! Lamentamos pelos nossos semelhantes, porém devemos proteger as crianças. A insegurança agora faz parte de nossa realidade!

— C.C.

VINTE E SEIS

Ridículo. Esta era uma das palavras prediletas de Mimi. Sua bolsa Birkin, feita de pele de jiboia? Ridícula! O novo jatinho G5 de seu pai? Ridículo! Festinha na casa de Bliss Llewellyn? Puro exagero, querida. Ridículo ao quadrado. Nada como uma festa para fazer seu sangue circular. Mimi analisou a sala cheia de gente. Quase todos os membros do Comitê estavam presentes, além de uma ótima seleção de Red Bloods estupendos. Ela ficou feliz por ter convencido Bliss a dar uma festa.

As coisas andavam muito sérias na escola — levando em consideração a metade do semestre que se aproximava, o estresse dos alunos do último ano com as aplicações para as universidades e a prolongada tristeza desde a morte de Aggie —, todos precisavam relaxar um pouco. No início, Bliss estava hesitante, atormentando Mimi com milhares de preocupações insignificantes, como: *Será que alguém vai aparecer? E a comida? Quem irá comprar a cerveja? E quanto aos móveis? E se acontecer algo com eles? Alguns custam uma fortuna!* Ela quase deixou Mimi louca com toda as suas inseguranças.

— Deixe tudo comigo — disse Mimi para a amiga, acalmando-a.

Então, numa rápida sucessão, Mimi recrutou um exército de agentes publicitários e planejadores de eventos para transformar a cobertura tripla dos Llewellyn em um paraíso bacanal — e, para completar, *open bar* patrocinado (como se o álcool tivesse algum efeito sobre eles), uma equipe de modelos segurando bandejas com porções de petiscos (batatas recheadas com caviar, quitutes de lagosta e coquetel de camarão), além de um monte de lembrancinhas formadas por uma linha completa de produtos luxuosos para banho. Mimi tinha até contratado uma equipe de reflexologistas, aromaterapistas e massagistas suecos para aplicar massagens nos pés, mãos e costas dos convidados. As "autoridades do mimo", todas vestidas de branco, estavam ocupadas massa-geando, reduzindo e aliviando o estresse dos músculos da elite da escola particular.

Bliss chegou em casa e encontrou no térreo, no lugar dos móveis, sofás com listras de zebra, tapetes de lã e abajures da Aero. Em frente à lareira, um DJ controlava as músicas.

— Não estranhe, está bem? — disse Mimi, com a mão esticada na frente do rosto de Bliss.

— Que p... é essa? — questionou Bliss, olhando ao redor e vendo toda aquela transformação da casa de seus pais, que mais parecia agora uma maravilhosa casa noturna dos anos 1960.

Mimi explicou que tinha protegido e guardado todas as coisas dos pais de Bliss em um armazém, garantindo que tudo seria colocado em seu devido lugar no dia seguinte, antes de seus pais chegarem. Sua ideia veio de uma revista de *design*, que sugeria uma casa vazia como o local perfeito para um dar uma festa.

— Sou um gênio ou não sou? Assim, você não precisará se preocupar com nenhuma peça sendo roubada ou quebrada — Mimi lhe assegurou. — A propósito, por onde você andou? Está atrasada!

Bliss balançou a cabeça, horrorizada. Ela ficou imaginando o que sua madrasta diria se soubesse que tudo de sua preciosa *Penthouse des Rêves* encontrava-se em algum lugar de Jersey. Por alguns instantes, ela olhou embasbacada para Mimi, levou as mãos aos céus de desespero e caminhou até o quarto para se trocar.

— Seja bem-vinda! — gritou Mimi.

O último *remix* inesperado (Destiny's Child x Nirvana) ditava o ritmo no aparelho de som *surround* dos Llewellyn. No escuro, Mimi sorriu sozinha e lambeu os lábios, que brilhavam com sangue. Seu namorado italiano estava em algum lugar por ali, inconsciente como de costume.

— Martini de lechia? — perguntou a garçonete, oferecendo-lhe um coquetel.

Era o "refresco" perfeito. Mimi sorriu e deixou o copo vazio. Em seguida, tomou outro, e outro, enquanto a confusa garçonete olhava a cena.

— Com sede? — perguntou uma voz vinda de trás.

Mimi, então, virou-se.

Dylan Ward estava lhe observando, com seus cabelos escuros encobrindo os olhos. A mesma sensação de medo tomou conta dela.

— O que parece pra você? — ela zombou.

Dylan deu de ombros.

Então, Mimi caminhou até ele. Ela vestia uma jaqueta curta de couro vermelha da Dsquared e uma saia de *chiffon* bem ventilada da Balenciaga, que destacava suas curvas. Ela ficava incomodada pelo fato de Dylan não notar o quanto aquela saia ressaltava suas pernas. Havia algo de abusado em seu *look*, mas era como se ele nem se importasse com a aparência dela. Blasfêmia! Ela verificou o pescoço dele, que até então não mostrava nenhum sinal de que Bliss havia tentado selar a união. Mimi pôs-se a rir sozinha. Eis uma ideia formada em sua cabeça. Agora, aquilo poderia passar a ser divertido.

Se ela realizasse o *Caerimonia Oscular* com Dylan antes de Bliss, ele ficaria eternamente envolvido com ela. Assim, se esqueceria de tudo a respeito de Bliss. Seria benfeito para ela, por continuar a vê-lo depois de Mimi tê-la proibido. Não que ela estivesse ao menos interessada em Dylan ou algo do tipo, sentia apenas tédio.

Num flerte, ela movimentou os cílios.

— Pode me ajudar com uma coisa? — ela perguntou, levando-o para fora da festa.

No escuro, ela parecia uma garotinha linda, indefesa, e Dylan, sem se dar conta, acabou automaticamente seguindo-a para mais longe, onde a escuridão era plena.

— Mas ela me convidou! Eu conheço a dona deste apartamento! — argumentou Schuyler. Ela nem sequer tinha ouvido falar que havia uma lista de convidados para a festinha. Mas também pudera, ela nunca havia sido convidada para uma. O elevador se abriu no primeiro piso do apartamento, e Schuyler acabou sendo barrada por um núcleo de meninas das relações públicas, cujos rostos não demonstravam expressão alguma.

— Você confirmou sua presença? — exigiu uma delas, mascando um chiclete e com cara de poucos amigos, depois de olhar para o seu traje que não combinava. Ela vestia uma túnica solta com camadas de contas de plástico, *shorts* de brim sobre calça *legging* preta e botas desgastadas de caubói.

— Eu só fiquei sabendo da festa hoje — queixou-se Schuyler.

— Lamento, mas você não está na lista — respondeu a menina da prancheta, rejeitando-a com gosto.

Schuyler estava prestes a entrar no elevador e voltar para casa quando Bliss apareceu através de uma passagem secreta.

— Bliss! — gritou Schuyler. — Elas não estão me deixando entrar.

Bliss, então, caminhou até lá. Ela tinha tomado banho e se trocado, usando agora um vestido justo da Missoni com faixas em zigue-zague e sandálias de salto alto, estilo gladiador. Ela pegou Schuyler pelo braço e atravessou a barricada das relações públicas, sob os protestos das diabretes da prancheta. Em seguida, levou-a até a sala principal, que estava repleta de alunos de Duchesne à procura de bebidas no bar, esparramados pelos sofás ou dançando loucamente nas janelas.

— Obrigada — agradeceu Schuyler.

— Me desculpe por aquilo. Foi a Mimi. Eu contei pra ela que meus pais tinham saído e que estava

pensando em organizar um pequeno encontro, e ela juntou as ideias e transformou em algo que lembra a festa pós-premiação do MTV Movie Awards.

Schuyler deu risada. Ela olhou ao redor — havia *go-go boys* e *go-go girls* se contorcendo em gaiolas penduradas no teto — e reconheceu vários rostos famosos na multidão.

— Aquela não é a...? — perguntou Schuyler, ao notar uma animada atriz adolescente tomando cerveja num funil diante de um público eufórico.

— Sim — suspirou Bliss. — Vamos, deixe eu lhe mostrar os outros cômodos. Normalmente não é esta a aparência do local.

— Eu adoraria, mas tenho que fazer algo antes.

Bliss levantou uma sobrancelha.

— Ahn?

— Preciso encontrar Jack Force.

Ela tinha que encontrar Jack Force. Tinha que contar a ele o que se passara com ela. Eles mal tinham se falado desde a noite do "Informais", mas, no fundo, ela sabia que ele era o único que entenderia. Schuyler estava lutando para se ater à lembrança — que já lhe escapava —, pois já não se lembrava mais de detalhes como onde, por que e como aquilo havia acontecido — exceto pelos olhos, olhos num vislumbre vermelho no escuro, com as pupilas prateadas. Olhos vermelhos e dentes afiados.

No entanto, a cobertura de Llewellyn era como uma casa que se expandia por encanto — a cada canto que você virava, havia inúmeros corredores que davam acesso a quartos e mais quartos, sem contar os tesouros escondidos. Nas dependências, Schuyler encontrou uma piscina coberta para treino, uma academia totalmente equipada e o que parecia ser um *day spa* e seu *staff*, completo com mesas de massagem e óleos essenciais, bem como salão de jogos repleto de fliperamas ultrapassados, que iam desde a máquina que prevê o futuro até jogos de ficha, todos em perfeita condição de funcionamento. Ela resolveu colocar uma ficha na ranhura de uma máquina para tirar sua sorte.

VOCÊ É UMA VIAJANTE DE VERDADE.

MUITAS JORNADAS ESPERAM POR VOCÊ.

Como ela queria que Oliver pudesse ver aquilo.

— Você viu o Jack? Jack Force? — ela perguntava para todos com quem se deparava.

Disseram a ela que ele tinha acabado de sair, ou que estava em outro piso, ou que tinha acabado de chegar. Ele parecia estar em todos os lugares e, ao mesmo tempo, em lugar nenhum.

Finalmente, ela o encontrou em um quarto de hóspedes vazio, no último piso. Ele dedilhava um violão e cantava bem baixinho para si próprio. Lá em baixo, estava rolando a festinha do século, mas Jack preferia o silêncio da parte de cima da cobertura.

— Schuyler? — ele disse, sem olhar para cima.

— Aconteceu uma coisa — ela afirmou, entrando no quarto e fechando a porta com cuidado. Agora que ela finalmente o havia encontrado, todos os sentimentos que tinha guardado se revelavam. Trêmula, estava tão assustada que nem sequer percebeu que ele tinha adivinhado quem era só pelo clima. Os olhos dela estavam arregalados e apavorados. Sem pensar duas vezes, ela correu até o seu lado e se sentou com ele na cama.

Então, ele colocou um braço à sua volta, como se quisesse protegê-la. — O que há de errado?

— Tive uma sessão de fotos hoje, e ao sair de lá, voltei caminhando sozinha... e eu estava... não consigo me lembrar — comentou. Ela se esforçava para recordar palavras, imagens. Naquele momento, elas estavam gravadas em seu cérebro, embora ela estivesse buscando-as, tentando alcançá-las. Ela se ateve ao fundo de sua memória. Algo terrível quase lhe acometera, mas o quê? Que

palavras poderiam transmitir o que tinha acontecido, e por que suas lembranças estavam lhe induzindo ao erro?

— Fui atacada — ela se forçou a dizer.

— O quê? — ele reagiu zangado. Em seguida, mexeu os ombros e a segurou mais próximo de seu corpo. — Por quem? Conte para mim.

— Eu não me lembro. Já passou, mas ele era... poderoso, não pude detê-lo. Vermelhos... olhos vermelhos... dentes... que queriam sugar... bem aqui — ela revelou, apontando para o pescoço. — Eu os senti, bem profundos, nas minhas veias... mas veja só, não tem nenhuma marca de mordida, não é mesmo? Não entendo isso.

Jack franziu as sobrancelhas. Mantendo os braços em volta dela, disse:

— Vou lhe contar uma coisa. Algo importante.

Schuyler acenou com a cabeça.

— Algo está nos caçando. Há algo por aí caçando Blue Bloods — ele disse baixinho. — Eu não tinha certeza antes, mas agora estou certo disso.

— O que você quer dizer com "*nos* caçando"? Você não está confundindo? Somos nós que as pessoas devem temer!

Jack balançou a cabeça.

— Eu sei que isso não faz sentido.

— E o Comitê nos avisou que não podemos ser mort...

— Exatamente — interrompeu Jack. — Eles sempre nos contaram que vivemos pela eternidade, que somos imortais e invulneráveis, que nada pode nos matar, certo? — ele perguntou.

Schuyler acenou que sim.

— É isso que estou lhe dizendo.

— E eles têm razão. Eu já tentei.

— Tentou o quê?

— Pulei em frente dos trens. Já me cortei. E fui eu quem caiu da janela da biblioteca ano passado.

Schuyler recordou dos rumores da época — um adolescente tinha pulado do terceiro andar do edifício e caiu de pé no pátio. Mas ela não acreditou naquilo. Ninguém sobreviveria a uma queda de quinze metros, e muito menos cairia de pé.

— Por quê?

— Para ver se o que estavam nos dizendo era verdade.

— Mas você poderia ter morrido!

— Não, não poderia. O Comitê tinha razão, pelo menos daquela vez.

— Naquela noite, em frente ao Block 122, você *foi* atropelado por um táxi.

Ele acenou com a cabeça.

— Mas não me feri.

— Não — Schuyler concordou. Então era ele quem ela tinha visto sob os pneus do táxi. Ele poderia ter morrido. Mas ele apareceu na calçada, intacto. E ela pensara que estava apenas cansada da noite anterior, que seus olhos estavam extenuados. Porém, tudo aquilo acontecera. E ela presenciara a cena.

— Schuyler, ouça o que vou dizer. Nada pode nos machucar... exceto...

— Exceto...?

— Eu não sei! — disse. Frustrado, ele fechou as mãos em punhos. — Mas *há* algo por aí. O Comitê não está nos revelando tudo.

Jack explicou que antes da primeira reunião os veteranos do Comitê resolveram que não contariam aos novatos sobre os perigos. Ao invés de alertar a todos, seria melhor deixá-los desavisados por

enquanto. Já estava de bom tamanho que eles descobrissem primeiro sobre sua verdadeira herança; não havia motivos para alertar sobre algo que não existia por enquanto. Só que Jack não acreditou no que disseram, ele sabia que estavam escondendo algo deles.

— Eles estão escondendo algo. Acho que é uma coisa que pode ter acontecido antes, em nossa história. Algo que tenha a ver com Plymouth, quando nossos ancestrais vieram para cá pela primeira vez. Tentei descobrir o que é, mas é como se minha visão não tivesse acesso a isso. Quando tento pensar a respeito, só consigo me lembrar de uma palavra. Uma mensagem pregada numa árvore em um campo vazio. E nela havia uma palavra: *Croatan*.

— O que é isso?

Croatan. Schuyler se arrepiou, repelida só de ouvir aquele som.

— Não faço ideia — Jack balançou a cabeça. — Não sei nem mesmo do que se trata. Pode ser qualquer coisa. Um lugar, talvez. Mas acho que tem a ver com algo que eles esconderam de nós. Algo com o poder de matar os Blue Bloods.

— Mas como você sabe? Como pode estar tão certo disso? — ela o questionou, amedrontada.

— Porque, como disse a você, Aggie Carondolet foi assassinada — ele relembrou, olhando atentamente nos olhos azul-escuro dela.

Schuyler ficou em silêncio.

— E?

— Aggie era uma vampira.

Schuyler suspirou. Mas é claro! Foi por isso que ela se identificou tanto com Aggie no enterro. Ela já sabia que, de alguma forma, Aggie era um deles.

— Ela nunca mais voltará. Está morta. Seu sangue, por completo, foi drenado de seu corpo. Suas lembranças, suas vidas passadas, sua alma, tudo se foi. Sugada, do mesmo modo que sugamos os Red Bloods — ele disse, cabisbaixo. — Aniquilada. Levada daqui.

Schuyler olhou para ele aterrorizada. Não podia ser verdade.

— E ela não foi a primeira. Isso já tinha acontecido antes.

Diário de Catherine Carver
25 de dezembro de 1620
Plymouth, Massachusetts

Pânico por todos os lados. Metade de nós está decidida a fugir, à procura de um local mais seguro. Talvez na direção sul, bem distante daqui. O Conclave se reunirá hoje para discutir as possibilidades. John está convencido de que há um deles infiltrado entre nós, e que um dos nossos sucumbiu ao poder dele. Ele está decidido a persuadir os Anciões. William White irá acompanhá-lo, ele me contou. Porém, Myles Standish está inflexível quanto a nossa permanência aqui. Ele argumenta que não há provas, mesmo com o desaparecimento da colônia de Roanoke, de que eles foram dominados pelos Croatans. Uma mentira deslavada, diz ele, talvez até um engano proposital. Ele não acreditará em uma só palavra de mensagens deixadas em árvores. O Conclave está sempre de acordo, nunca aconteceu de falharem em chegar a um acordo. Não é que duvidamos das convicções de Myles. Ele tem nos liderado muito bem desde o começo. Mas John tem razão ao dizer que estamos em perigo. Permanecer ou fugir? Para onde iríamos, entretanto?

— C.C.

VINTE E SETE

O que tinha acontecido com o gelo-seco? Parecia um fraco truque de mágica. Bliss espantou alguns calouros que pegavam mais de uma lembrancinha da mesa, junto à porta de saída, e circulou pela sala. Então, seu desespero foi aumentando. Ela não conseguia encontrar Dylan em lugar algum. Logo o único cara que ela queria ver, e ele não estava ali.

Ela se jogou com tudo no sofá de couro e olhou para o corredor que levava até as salas de massagem. Lá, havia duas pessoas transando atrás da escultura de gelo. O mais alto parecia familiar — aquela manga de camisa usada, surrada, as franjas daquele cachecol branco de seda —, só podia ser...

— Dylan? — Bliss se perguntou.

Mimi virou-se para ver. Ferrou. Ela deveria tê-lo levado para o banheiro ou qualquer lugar mais reservado. Ela recolheu os caninos rapidamente e abriu o sorriso mais encantador que podia.

— Bliss, minha querida. Você por aqui — ela comentou.

Dylan virou-se, seus olhos estavam vidrados, dispersos.

— O que vocês estão fazendo? — Bliss perguntou a Mimi.

— Nada — Mimi deu de ombros. — Estávamos apenas conversando.

Bliss tirou Dylan do canto escuro e procurou marcas em seu pescoço, mas não havia nenhuma. Menos mal. Ela olhou furiosa para Mimi e o levou dali.

— O que você estava fazendo com ela? — quis saber Bliss.

Dylan encolheu os ombros. Ele nem sequer tinha percebido que estava com Mimi Force. Estava perdido de tão deslumbrado, como se estivesse enfeitiçado. Então, ele piscou os olhos e enxergou Bliss.

— Onde você estava? — ele perguntou, com a voz de volta ao normal repentinamente.

— Procurando você — ela respondeu.

Ele sorriu.

— Vamos, quero mostrar a você o meu quarto.

Dylan parecia desconfortável dentro do quarto dela. Era como se ele fosse muito másculo, muito obsceno... verdadeiro demais. Ele riu de sua cama branca de princesa com manta felpuda estampada com flores, do tapete verde-claro, do papel de parede cor-de-rosa, do armário de vime branco, da casa de bonecas de quatro andares e das luminárias de sua penteadeira.

— Está bem, confesso. É um pouco infantil, de menininha — ela admitiu.

— Um pouco? — ele brincou.

— Não sou eu quem escolhe, é a minha madrasta. Ela ainda acha que tenho doze anos.

Dylan abriu um sorriso. Em seguida, fechou a porta lentamente e apagou as luzes.

De repente, Bliss demonstrou certo nervosismo.

— Espere só um minuto — ela disse, correndo até o banheiro para retomar o fôlego.

Aquela seria sua primeira vez, e ela estava um pouco receosa. Ela iria fazer aquilo — AQUILO —, o *Caerimonia Osculor* —, que iria uni-los em sangue — ela iria dar nele o Beijo Sagrado —, mas ele ainda não sabia. Ao que parece, você começa a fazer isso — e eles, os humanos, começam a se contorcer de êxtase, esquenta tudo, o suor escorre — e, ao final, ela ficaria com uma ótima sensação, como nunca antes tivera.

Quando ela saiu dali, Dylan já estava deitado na cama, com as costas sobre os travesseiros felpudos.

Vestido com uma camiseta rasgada do Ben Folds, ele parecia magro, sexy. Ele tirou seus Nike Dunks dos pés e bateu de leve com a mão no espaço vazio ao seu lado.

Bliss viu o cachecol e a jaqueta de couro dele pendurados na perna da cama, e aquilo lhe deu uma ideia. Ela colocou uma cópia das próprias chaves em um dos bolsos da jaqueta.

— O que você está fazendo? — perguntou Dylan.

— Nada, apenas lhe oferecendo algo que poderá facilitar a próxima vez que ficarmos juntos — respondeu Bliss, toda tímida.

— Ei, venha aqui agora.

— Estou com frio — ela disse, passando por debaixo das cobertas.

Depois de um instante, Dylan puxou as cobertas para o lado e escorregou até o lado dela.

Os dois ficaram ali deitados por um momento, ouvindo o som das batidas do *gangsta rap* que vinha do segundo andar.

— Você está com o corpo muito frio — ele se admirou.

— Mas a sua pele está quente — ela disse.

Em seguida, ele a envolveu com os braços, e os dois começaram a se beijar — e Bliss ficou grata por não ter apagado desta vez, ao sentir a mão dele explorando por sob seu vestido até alcançar o sutiã. Ela sorriu, pensando que os meninos eram todos iguais. Ele iria conseguir o que queria, mas não antes de ela obter o que desejava.

Bliss fechou os olhos, sentindo as mãos quentes dele soltarem a presilha de seu sutiã. Depois, ele tirou o vestido dela, pela cabeça. Ela ergueu um pouquinho o corpo da cama para ajudá-lo, e eis que ali, deitada diante dele, estava ela, apenas de calcinha fio dental da Cosabella.

Ela abriu os olhos na expectativa de vê-lo pairando sobre ela. Então, puxou-o para mais perto.

Dylan cruzou os braços no alto, tirando a camiseta. Ele era tão magro que dava para ela sentir as costelas sob sua pele. Os dois respiravam ofegantes, e num instante, ele estava deitado sobre ela, pressionando seu corpo contra o dela.

Na sequência, ela acariciou o pescoço dele e, sob o jeans, sentiu algo duro, protuberante, que apertava sua coxa. Então, ela se virou e trocou de posição com ele, ficando por cima, na altura do peito dele. Ele tratou logo de mantê-la bem próxima ao seu corpo, acariciando as costas dela até tirar sua roupa íntima. Ela começou a beijá-lo na boca, na altura de sua mandíbula, lambendo dali para baixo.

De repente, ela sentiu seus dentes do fundo se alongarem; estava prestes a fazer aquilo... Agora! Dava quase para sentir o cheiro de seu sangue denso, farto — ela ergueu a mandíbula e, repentinamente, a sala ficou toda iluminada.

— Que diabos! — gritou Dylan, tirando a cabeça para fora da manta.

Duas alunas do segundo ano, aos risos, estavam de pé no corredor, assistindo à cena.

— Oops!

Bliss olhou para elas, com os caninos ainda saltados para fora.

Ao verem aquilo, as duas meninas começaram a gritar.

Bliss rapidamente retraiu os dentes. Droga. O Comitê tinha alertado sobre isso — eles não podiam deixar os Red Bloods verem quem eles realmente eram, saberem sua verdadeira natureza. Mas elas eram apenas crianças. Talvez pensassem ter apenas imaginado coisas.

Bliss ouviu um estrondo vindo de trás. Era Dylan, que tinha caído da cama e estava rolando pesadamente no chão.

Ainda sob a manta, Bliss se virou e notou o que o tinha feito pular dali. Seu pai estava de pé, no corredor. De onde ele apareceu? Como chegaram tão cedo em casa? Bliss começou a se debater para pôr de volta o vestido.

— O que está acontecendo por aqui? — perguntou o senador. — Bliss, você está bem? E você, quem é? — ele questionou.

Dylan estava aos pulos, tentando fechar o zíper de seu jeans e vestindo sua camiseta. Ele pegou sua jaqueta de couro e enfiou os pés de qualquer jeito nos tênis.

— Ah, prazer em conhecer o senhor também.

— O que é isso? — quis saber Forsyth Llewellyn. — Bliss, quem era aquele garoto?

Com o coração apertado, ela ouviu os ligeiros passos de Dylan descendo as escadas.

Agora, ele nunca mais seria dela.

— Mocinha, você tem uma explicação para isso? O que está acontecendo exatamente por aqui? E onde foi parar toda a nossa mobília?

VINTE E OITO

Schuyler não duvidou do que Jack lhe tinha dito. Ele lhe contara sobre o modo como encontraram Aggie no clube, com o sangue todo drenado, exatamente como um Red Blood após a consumação total, com exceção de que a vítima era um deles. Da mesma maneira que eles se aproveitavam dos humanos, algo estava se aproveitando deles. Jack explicou que, enquanto os Blue Bloods obedeciam ao Código — não havia ocorrido nenhuma morte humana devido à sucção de sangue, em séculos — aqueles que caçavam os Blue Bloods não eram tão nobres assim.

Depois, ele contou para ela sobre uma menina que morrera em Connecticut durante o verão. Outra Blue Blood. Ela era aluna do segundo ano na escola Hotchkiss e fora encontrada nas mesmas condições de Aggie. Havia também um menino de dezesseis anos, estudante da Choate, que perdera a vida pouco antes do início das aulas. Ele também fazia parte do Comitê. E, mais uma vez, o sangue tinha sido completamente drenado de seu corpo. A morte de Aggie era apenas a mais recente de que tinham conhecimento.

Jack tinha certeza de que os Anciões estavam escondendo algo deles e, por isso mesmo, estava determinado a descobrir o que era.

— Por que será que sinto como se tivesse visto isso antes, vivido isso antes? Há algo bloqueando a minha memória. Como se alguém estivesse interferindo nela de alguma forma. Mas precisamos saber. Precisamos saber o que está acontecendo com a gente. E por que todos os que estão morrendo têm a nossa idade. Vamos nessa? — ele perguntou.

Schuyler acenou com a cabeça que sim.

— Precisamos descobrir como deter isso. Para o nosso próprio bem. Não podemos viver na escuridão, como estamos agora. Os Anciões pensam que isso é passageiro, mas e se não for? Eu quero estar preparado para isso, seja lá o que for.

Ele parecia tão exaltado e nervoso que Schuyler não se conteve e passou a mão em seu rosto. Olhando atentamente para ela, Jack disse:

— Isso será perigoso. Não quero envolvê-la em algo que você possa se arrepender.

— Eu não me importo — afirmou Schuyler. — Concordo com você. Temos que descobrir o que é essa coisa. E por que ela está nos perseguindo.

Ele a puxou para mais perto dele, e ela sentiu no seu peito as batidas do coração. Era incrível como se sentia calma e centrada ao lado dele — como se aquele fosse o único lugar do mundo a que ela pertencia.

Ele se inclinou sobre ela, tocando de leve seu nariz no dela, e ela ergueu o queixo para ser beijada.

Quando seus lábios se encontraram e suas línguas se tocaram, era como se estivessem se beijando em centenas de locais diferentes, e os sentidos de Schuyler transbordaram com novas sensações e antigas lembranças.

Ele a beijou, e suas almas se transformaram em uma só, numa melodia mais antiga que o próprio tempo.

— Que cena romântica.

De repente, Schuyler e Jack se afastaram um do outro.

Mimi Force estava em pé diante deles, batendo palmas lentamente.

— Mimi, não precisa disso — disse Jack friamente.

Schuyler ficou vermelha. Mas por que a irmã do Jack estava olhando para ela daquele jeito —

como, como, como se estivesse com ciúmes deles! Que estranho era aquilo, muito sinistro! Será que ela tinha perdido algo por ali? Afinal, Mimi era a irmã gêmea dele.

— Os Llewellyn estão aqui. E estão muito irritados. Vim até aqui para avisá-los, temos que dar no pé.

Jack e Schuyler seguiram Mimi até a escadaria dos fundos, onde dezenas de convidados já saíam em fila da festa, levando suas lembrancinhas e conversando animadamente.

— Droga! Esqueci de pegar uma! — Mimi falou, irritada consigo mesma. — E também estou sem meu creme corporal — ela lamentou, enquanto caminhavam até o saguão. O porteiro do edifício parecia um pouco horrorizado ao se deparar com um bando de adolescentes naquele tremendo falatório, alguns deles ainda carregando garrafas de cerveja e copos com bebida. Ao observá-los indo embora, ficou de boca aberta.

O grupo se dispersou, e Mimi correu até a rua, onde o carro deles os esperava.

— Jack, você vem? — ela indagou, virando-se impaciente.

— Você já vai? — perguntou Schuyler.

— Sim. Termino de explicar pra você mais tarde, tudo bem? — ele disse, pegando sua mão e apertando-a. Depois, ele a soltou.

Schuyler balançou a cabeça. Não. Por que ele tinha que ir embora? Ela queria que ele ficasse ali ao seu lado, e não que fugisse dela outra vez, sem levá-la junto. Os lábios dela ainda latejavam com a força de seu beijo, e as bochechas ainda estavam vermelhas de roçarem em sua barba rala.

— Não fique assim. Lembre-se do que eu disse. Tome cuidado. Não vá a lugar algum sem a Belinha.

Calada, ela acenou com a cabeça e estava prestes a dar as costas. Então, como se tivesse pensando melhor no que ele disse, ela se esticou e o agarrou pelo braço.

— Jack!

— Sim?

— Eu... — ela titubeou. Ela sabia o que queria contar a ele, mas não conseguia criar coragem para pronunciar as palavras.

Mas, no final, ela nem precisou. Jack colocou uma das mãos dela em seu peito, na altura do coração, e acenou com a cabeça. — Também sinto o mesmo por você.

Em seguida, ele deu as costas e desapareceu dentro do luxuoso carro que levava sua irmã gêmea.

VINTE E NOVE

Schuyler assistiu ao carro se distanciar, com sentimentos e pensamentos opostos guerreando em seu cérebro. Aggie era uma vampira — e estava morta —, e isso queria dizer que ela, Schuyler, também poderia morrer. Aliás, ela quase havia morrido no outro dia — se não fosse por Belinha. Ficou vendo o carro virar a esquina e sumir. Ele a estava deixando. E havia algo no modo como ele se afastou dela que a fez sentir como se estivesse se afastando para sempre, deixando-a solitária pela eternidade.

— Senhorita, posso ajudá-la? — perguntou o infeliz porteiro, franzindo seus finos lábios.

Schuyler olhou ao redor. Ela era a única pessoa que restava no saguão de mármore do prédio dos Llewellyn.

— Pra falar a verdade, pode sim — ela respondeu tranquilamente. — Preciso de um táxi, por favor.

O porteiro da frente não demorou a acenar para ela, indicando o táxi que deveria tomar.

— Para Houston e Essex, por favor — ela instruiu o motorista. Ela estava a caminho do único lugar onde sabia que encontraria um refúgio seguro.

* * *

A fila do The Bank, como de costume, estava grande, mas desta vez Schuyler foi direto até a frente da corda.

— Com licença — disse ela para a *drag queen* —, mas preciso entrar aí urgente.

A aspirante a Cher franziu os lábios.

— E eu preciso muito de uma lipo, mas ninguém consegue nada de mão beijada. Volte e fique na fila, como todos os outros.

— Você não entendeu. Eu disse: DEIXE EU ENTRAR AÍ AGORA — retrucou Schuyler. Suas palavras soaram como um rugido em sua mente, ainda mais forte que da última vez que tinha tentado.

A *drag queen* cambaleou para trás com as mãos na cabeça, como se tivesse recebido um sopro violento. Em seguida, ela acenou para os dois valentões da segurança, que levantaram a corda para Schuyler passar.

Ela entrou a passos largos, acenando mentalmente para os dois — o que recolhe o ingresso e o que verifica a identidade —, que ficaram encostados na parede, como se fossem dominós.

Dentro do clube, o ambiente estava muito escuro e Schuyler mal enxergava as silhuetas opacas dos baladeiros se movendo, sussurrando e dançando ao som da música inebriante. O som estava tão alto que dava para ouvi-la em cada poro de seu corpo. Ao entrar na pista, ela mais sentia do que via alguma coisa, numa tentativa lenta, mas firme, de passar pela massa de dançarinos. Finalmente, encontrou os degraus que levavam até a sala de estar, no andar de cima.

— Maconha, metanfetamina, cocaína — foi o ruído que se ouviu de um traficante desprezível sentado no terceiro degrau. — Algo para a mocinha? Que a leve até as estrelas?

Schuyler balançou a cabeça e passou apressada por ele.

No segundo piso, ela encontrou Oliver sentado nas janelas, com as pernas cruzadas e admirando a vista da Avenue A. Ele parecia, ao mesmo tempo, distante e completamente infeliz, exatamente como ela se sentia. Ela não havia percebido o quanto sentira falta dele até ver o seu rosto familiar, seus olhos castanho-claros escondidos sob suas longas franjas.

— Ai, ai. A que devo a honra? — ele perguntou, ao perceber que ela estava de pé em frente à sua mesa. Ele tirou os cabelos da frente dos olhos e a encarou de modo nada agradável.

— Tenho que contar algo para você — ela disse.

Oliver cruzou os braços.

— Qual é? Não está vendo que estou ocupado? — ele a repreendeu, gesticulando para o grande espaço vazio à sua volta. — Bem, eu *estava* ocupado — ele resmungou. — Havia *milhares* de pessoas aqui agora há pouco. Puxa vida, você quase as pega.

— Só porque... — ela reclamou. *Só porque deixei você sozinho no baile e fiquei junto com outro cara*, ela ia dizendo, mas controlou-se bem a tempo. Ela tinha deixado Oliver sozinho, e para todos os efeitos, ela tinha sido a acompanhante dele no baile dos "Informais". Ele era o melhor amigo dela, e ela o via a todo momento, mas no baile, eles deviam ter agido como um casal. Não à maneira romântica, mas tendo em mente algo como "estamos aqui juntos, nesta porcaria de baile, então vamos agir da melhor forma possível". O que ela havia feito foi inacreditavelmente grosseiro. Como ela teria se sentido se Oliver tivesse feito a mesma coisa a ela? Se a tivesse deixado sozinha, sem ninguém para conversar, enquanto ele saísse e dançasse com Mimi Force? Provavelmente ela daria uma gelada nele, assim como ele estava dando nela agora. Mais gelada ainda, bem provável.

— Ollie, me perdoe pela noite de sábado passado — ela disse, enfim.

— Qual é?

— Me perdoe. Eu disse, me perdoe. Tudo bem? Eu não estava achando que...

Na mesma hora, ele olhou para cima, na direção do teto, como se estivesse falando com um vigia invisível.

— Schuyler Van Alen, admitindo que estava errada. Não acredito nisso — comentou ele. Mas seus olhos castanho-claros estavam quase fechando, o que deu a entender a ela que eram amigos novamente.

Aquilo foi tudo o que ela precisou dizer. Perdão.

Não importava o quanto estavam desgastados e maltratados, a palavra *perdão* ainda tinha muito poder. Poder suficiente para fazer com que seu melhor amigo voltasse a falar com ela.

— Então, estamos de bem?

Oliver não conteve o riso.

— É, acho que sim.

Schuyler sorriu e se sentou ao seu lado, no peitoril da janela. Ele era seu melhor amigo, seu confidente, sua alma gêmea, e na última semana, ela havia lhe ignorado, lhe desprezado, afastando-se dele porque tinha muito receio de contar a ele a verdade, contar quem ela realmente era.

— Eu tenho que contar pra você algo sobre *mim* — ela disse, esticando o braço e colocando as mãos dele nas suas. — Oliver, eu sou uma... Eu sou uma vam...

O rosto de Oliver esmoreceu.

— Eu já sei.

— Como assim? — ela quis saber.

— Schuyler, deixe eu mostrar algo a você.

* * *

Ainda segurando a mão dela, ele a conduziu para o piso de baixo, passando pelo porão e pelos toaletes unissex e indo em direção a um canto, onde ela havia se deparado com aquela estranha parede sem cor na última vez em que os dois estiveram no clube. Ele murmurou algumas poucas palavras, e o contorno de uma porta brilhou intensamente. Oliver empurrou de leve a porta até abri-la, revelando degraus íngremes e sinuosos que levavam até as profundezas mais baixas do local.

— O que é isso? — perguntou Schuyler, enquanto adentravam pela passagem. Após entrarem, a porta se fechou atrás deles, deixando-os sozinhos no escuro.

Oliver, então, tirou uma pequena lanterna de mão do bolso de sua camisa.

— Me siga — ele ordenou. Os dois começaram a descer os degraus, cujo formato era de espiral e que pareciam se estender por quilômetros. Quando chegaram ao degrau mais baixo, Schuyler já estava sem fôlego.

Lá, havia outra porta, uma mais suntuosa desta vez, feita de ouro, ébano e platina. *INGREDIOR PERCIPIO ANIMUS* era o que se lia na inscrição ao redor da porta.

Oliver tirou uma chave dourada da carteira e abriu a fechadura.

— Onde estamos? Qual o propósito disso tudo? — questionou Schuyler, pisando meio hesitante dentro do recinto.

Era uma biblioteca — um espaço amplo, arejado, que cheirava a pó de giz e pergaminho. Havia estantes de livros com vinte e três metros de altura e um labirinto de escadas de mão e pontes que ligavam as estantes mais altas. O local era bem iluminado e decorado com tapetes confortáveis estilo Aubusson e luminárias. Vários eruditos em escrivaninhas com tampo corrediço olharam curiosos para ver quem adentrava o local. Oliver saudou a todos e levou Schuyler até um cubículo particular.

— Este é o Repositório de História. Nós o mantemos protegido.

— Nós quem?

Oliver levou uma da mãos à boca. Em seguida, conduziu-a até uma pequena e deteriorada mesa no fundo da sala. Ali ficavam um iBook todo reluzente, vários retratos e uns dez recados em Post-it. Ele vasculhou a prateleira acima da mesa e emitiu um som de contentamento ao pegar um livro mofado e sujo, de anos e anos de uso. Ele assoprou de leve a capa e abriu-o na primeira página, mostrando a ela. Em seguida, apontou para a página que se esfarelava, onde havia uma árvore genealógica ilustrada, com o nome Van Alen inscrito no centro e Hazard-Perry em minúsculas letras abaixo dele.

— O que quer dizer isso?

— É a explicação para a nossa relação — afirmou Oliver. — Digo, o modo como nos ligamos. Não somos da mesma família, não se preocupe.

— Como assim? — ela perguntou, ainda tentando compreender o fato de que havia uma biblioteca secreta sob o clube noturno.

— Minha família serviu à sua por séculos.

— Pode repetir?

— Eu sou um Conduto, assim como todos em minha família. Nós atuamos para proteger os Blue Bloods desde o início. Trabalhamos como médicos, advogados, contadores, financistas. Servimos os Van Alen nessa função desde os anos 1700. Sabe a Dra. Pat? Ela é minha tia.

— O que você quer dizer com *servimos*? A sua família é tão mais rica que a minha — Schuyler observou.

— Uma fatalidade do destino. Nós tentamos atenuar essa diferença toda, mas a sua avó não nos dava ouvidos. “Os tempos mudaram”, dizia ela.

— Mas o que quer dizer “um Conduto”?

— Quer dizer que servimos por outro motivo. Nem todos os humanos são familiares.

— Você tem conhecimento sobre isso? — ela indagou, olhando novamente para a página e reconhecendo os nomes de seus ancestrais por parte de mãe.

— Sei o suficiente.

— Mas por que você nunca me contou nada?

— Eu estava proibido.

— Mas como isso é possível? Você sabia quem você é, mas eu não sabia o que eu era?

— Pesquise sobre mim. Tem sido assim desde o início. Ser um Conduto é algo transmitido,

ensinado, e é mais fácil de ensinar na juventude. Nós servimos para guardar os segredos dos Blue Bloods, para protegê-los e ajudá-los a lidar com o mundo real. A prática é antiga, e apenas algumas poucas famílias de vampiros mantêm os Condutos hoje em dia. A maioria se livrou deles, como os Force. É uma tradição antiga, e alguns Blue Bloods não preservam mais os velhos costumes. Como disse sua avó, as coisas não são mais as mesmas hoje. Sou um dos últimos de nossa espécie.

— Por quê?

— Vai saber! — Oliver encolheu os ombros. — De qualquer forma, a maior parte dos Blue Bloods consegue se virar sozinha. Eles não precisam mais de nossos serviços. Além disso, não confiam nos Red Bloods para pedir ajuda; em vez disso, querem é controlá-los.

De repente, houve um tumulto em outra mesa, e os dois se viraram para ver o que se passava. Um bibliotecário corcunda, todo encolhido de medo, estava sendo repreendido por uma zangada senhora de cabelos loiros, facilmente reconhecida pelo corte curto.

— O que está acontecendo?

— É o Anders outra vez. A Senhora Dupont não está nada contente com o andamento da pesquisa feita por ele.

Schuyler reconheceu a graciosa figura da presidência do Comitê.

— E o Anders, quem é?

— Um bibliotecário. Todos os funcionários da biblioteca são Red Bloods. Condutos que não trabalham mais para uma única família.

Schuyler notou que os Blue Bloods presentes à biblioteca davam ordens aos bibliotecários de forma autoritária, como se fossem muito superiores a eles, e por alguns instantes ela se sentiu constrangida por ser uma vampira. O que teria acontecido com as boas maneiras?

— Por que eles se dirigem a vocês dessa maneira?

— A sua família nunca nos tratou assim — Oliver declarou, meio sem jeito. — Mas como disse a você, a maioria dos Blue Bloods guarda rancor de nós. Eles acham que não deveríamos nem estar aqui, ou ter conhecimento sobre eles. No entanto, ninguém da sua família quer assumir o controle do Repositório. Ninguém se interessa em tomar conta de alguns livros velhos.

— A propósito, o que ela está fazendo aqui? — Schuyler ficou refletindo, ao observar a Senhora Dupont examinar a papelada trazida pelo seu Conduto.

— Esta é a sede do Conclave dos Anciões. Os Guardiões, você sabe. Eles se encontram aqui, na sala de reuniões, atrás das estantes.

— Há quanto tempo você sabe de tudo isso? Sobre mim, digo — quis saber Schuyler. Ela olhou atrás da mesa dele, para a fotografia que os dois tinham tirado no último verão, em Nantucket. No retrato, Oliver, com o rosto vermelho do Sol, estava olhando para o lado. Ele estava com um bronzeado escuro, cor de caramelo, e seus cabelos estavam mais claros, num tom vivo de marrom dourado; já Schuyler parecia pálida e desconfortável, com a cabeça coberta por um enorme chapéu de praia, todo desengonçado, e com uma marca branca de protetor solar no nariz. Na foto, eles pareciam bem mais jovens, embora tivesse sido tirada há apenas alguns meses. Naquele último verão, eles tinham sido apenas crianças, um bando de crianças que temiam voltar ao colégio. Os dois passaram as duas semanas de férias velejando e armando fogueiras na praia. Para Schuyler, aquilo parecia ter ocorrido em outra vida.

— Sei sobre você desde que nasci. Fui designado para você — ele respondeu.

— Você foi *designado* para mim?

— Segundo o que entendi, para cada membro de uma família de vampiros que nasce, é designado um conduto humano. Sou dois meses mais novo que você. Você até poderia dizer que é a razão pela

qual eu nasci. Fui eu quem a procurei. Está lembrada?

Schuyler voltou no tempo e reativou suas lembranças. Agora ela se lembrava de como ele havia insistido para ter sua amizade, além do quanto ela tinha resistido no início. Ele sempre se sentava ao seu lado na aula ou ficava lhe fazendo perguntas, até que, finalmente, na segunda série, eles dividiram um deplorável sanduíche de alface e se tornaram amigos.

— E o que você faz exatamente?

— Eu ajudo você. Oriento você em determinada direção, sugiro como utilizar os seus poderes, para que você os descubra por si mesma. Está lembrada daquela noite no The Bank, quando insisti em dizer para você "pense positivo que entraremos"?

Ela acenou com a cabeça, confirmando. Foi como suspeitou. Aproveitando a deixa, ela contou a ele como fez para passar pela *drag queen* na entrada do local.

Ele caiu na gargalhada.

— Impagável! Como eu queria ter visto essa.

— Bem, eles nos contaram nas reuniões do Comitê que o controle da mente era possível — ela sorriu ironicamente.

— Só que apenas alguns poucos vampiros conseguem utilizá-lo — ele ressaltou.

— Mas tem uma coisa que não entendo. Se este Repositório fica aqui embaixo, por que você estava tão preocupado se iríamos conseguir entrar ou não no The Bank? Com certeza deve haver outra entrada para este lugar.

Oliver fez que sim.

— E há. Pelo Block 122. É por isso que eles têm aquela política de aceitar "apenas associados". Ou seja, apenas quem for Blue Blood e seus convidados. Eu poderia ter entrado por lá, sou um dos poucos que possui a chave, embora eu seja apenas um modesto Red Blood, mas odeio aquele lugar.

Ela acenou para que ele continuasse.

— A existência do The Bank é uma casualidade. A maior parte do tempo ele ficava vazio. Mas, então, alguns vizinhos e desabrigados relataram ter visto pessoas entrando lá e nunca mais saindo. Só que para aliviar a suspeita, eles imaginaram que os últimos andares haviam sido alugados para quem tivesse interesse. Primeiro veio esse promotor de eventos, e eles gostaram tanto da ideia de um clube noturno que decidiram abrir outro bem ao lado, só que particular, é claro.

Schuyler processava toda a informação. O clube noturno particular, o Comitê, tudo isso certamente se encaixava com tudo o que sabia sobre os Blue Bloods até aquele momento. Eles gostavam de guardar segredo.

Entretanto, ela ainda estava incomodada com a revelação de Oliver e sua explicação para a amizade entre os dois. Ela não deixava de lembrar todas as vezes em que Oliver lhe emprestou dinheiro e ela nunca arrumava o suficiente para pagá-lo de volta, embora ele não demonstrasse preocupação e nem a cobrasse por isso. Então aquilo fazia parte do processo? Onde acabava o Conduto e começava o seu amigo de verdade?

— Então, seja lá como for, você não é meu melhor amigo de verdade? Você é, tipo, uma babá?

Oliver riu e ajuntou seus volumosos cabelos com uma das mãos.

— Você pode me chamar do que quiser. Só que não irá se livrar de mim tão facilmente.

— Então por que é que você ficou tão zangado comigo quando eu lhe disse sobre o Comitê?

Frustrado, ele suspirou.

— Não sei... acho que uma parte de mim não queria que isso fosse verdade, embora eu soubesse que era. Digo, eu sabia que isso iria acontecer, mas só queria que continuássemos sendo as mesmas pessoas, entende? E não somos. Eu sou um Red Blood. Você é imortal. Acho que foi por isso que

fiquei desapontado. Pode me processar, sou humano — ele sorriu com o trocadilho.

— Você está enganado. Ao que tudo indica, não sou tão imortal assim, para dizer a verdade — afirmou Schuyler.

— Como assim?

— Jack me disse que há algo matando os vampiros.

— Isso é impossível — Oliver balançou a cabeça. — Eu disse a você, aquele cara não bate muito bem das ideias — ele abriu um sorriso.

— Não, é sério. É um segredo. Aggie era vampira. E ela não continuou seu ciclo. Morreu de vez. Está morta. Mortinha da silva, *pra valer*. Seu sangue se evaporou.

— Ah, meu Deus! — exclamou Oliver, com o rosto pálido. — Eu não sabia. Foi por isso que disse a você que não estava de luto no enterro dela. Eu pensei: "Bom, e daí? Ela não vai mesmo voltar à vida?"

— Ela nunca mais voltará. E não é a única. Há mais pessoas — outros jovens estão sendo assassinados. Todos Blue Bloods. Em teoria, não deveríamos morrer, mas na prática...

— E o que o Jack pretende fazer quanto a isso? O que ele sabe a respeito? — questionou Oliver.

— Ele quer descobrir quem está nos caçando — respondeu ela. Em seguida, Schuyler contou a ele sobre a lembrança de Jack, a de Plymouth. Sobre a mensagem pregada a uma árvore, em um campo vazio. Croatan.

— Como ele irá fazer isso? — perguntou Oliver.

— Não sei, mas acho que podemos ajudá-lo.

— Mas como?

Schuyler olhou ao redor da velha sala.

— Esta biblioteca guarda toda a história dos Blue Bloods, certo? Talvez haja algo aqui que nos ajude a descobrir.

TRINTA

Eles conseguiram invadir o santuário. Desde as primeiras lembranças de Mimi, seu pai se refugiava naquele gabinete cheio de livros após o trabalho e quase nunca saía de lá para o jantar. O local era especial, estava sempre com a porta trancada, e as crianças eram proibidas de entrar ali. Mimi recordou-se de quando arranhou a porta na infância, num ato desesperado por um pouco de atenção e carinho, e de sua babá tirá-la dali com broncas e ameaças. Deixe seu pai em paz, ele é um homem muito, muito ocupado e não tem tempo para você.

Sua mãe era da mesma maneira — lembrava um satélite distante —, estava sempre de férias em algum lugar onde crianças não eram permitidas ou bem-vindas. Sua infância fora solitária, pacata, mas, ainda assim, Mimi e Jack aproveitaram ao máximo tudo o que lhes era permitido. Eles dependiam tanto um da companhia do outro a ponto de Mimi não distinguir onde ela acabava e onde o irmão começava. E isso fez com que o que ela estava prestes a fazer se tornasse ainda mais necessário. Jack precisava saber a verdade.

Ela andou pelo grande saguão de mármore e foi direto à sala trancada onde seu pai estudava. Com apenas um aceno de mão, a fechadura desfez-se e a porta abriu com um forte impacto.

Charles Force estava sentado à sua mesa, afagando um béquer de cristal com um líquido vermelho escuro dentro.

— Esplêndido — ele parabenizou a filha. — Levei anos para aprender esse truque.

— Obrigada — sorriu Mimi.

Jack veio logo a seguir, caminhando desengonçado, com as mãos no bolso. Ele olhou para a irmã com outros olhos.

— Papai! Conte para ele! — pediu Mimi, caminhando até a mesa.

— Contar o que para mim? — perguntou Jack.

Charles Force tomou um gole de seu béquer e observou seus filhos com os olhos velados. Seus supostos filhos. Madeleine Force e Benjamin Force. Dois dos mais poderosos Blue Bloods de todos os tempos. Eles já haviam vivido em Roma durante a crise. Haviam fundado Plymouth, colonizado o Novo Mundo. Era ele quem os convocava sempre que fosse necessário.

— Sobre a Van Alen híbrida — disse Mimi. — Conte para ele.

— O que tem a Schuyler? O que vocês sabem? — indagou Jack.

— Mais que você, irmãozinho — respondeu Mimi, sentando-se em uma das poltronas de couro à frente da mesa de seu pai. Em seguida, ela virou-se para o irmão e fez brilhar seus olhos verdes nos idênticos dele.

— Ao contrário de você, tenho acessado as minhas memórias. E ela não aparece nelas em momento algum. Já verifiquei isso. Muitas vezes. Não está nelas, não está em lugar nenhum. Ela não deveria nem existir! — revelou a voz de Mimi com um berro. Seus caninos ficaram até expostos.

Jack deu um passo para trás.

— Não pode ser. Ela já apareceu nas minhas lembranças. Você está redondamente enganada. Papai, que diabos ela está falando?

Charles tomou outro gole de seu béquer e limpou a garganta com um pigarro. Finalmente, ele disse:

— Sua irmã tem razão.

— Mas eu não entendo... — falou Jack, sentando com tudo na outra poltrona.

— Tecnicamente, Schuyler Van Alen não é uma Blue Blood — suspirou Charles.

— Isso é impossível — declarou Jack.

— Ela é e, ao mesmo tempo, não é — tentou elucidar Charles. — Ela é resultado do *Caerimonia Osculor*, de uma união entre um vampiro e um familiar humano.

— Mas não podemos reproduzir... não possuímos a capacidade para isso... — argumentou Jack.

— Não podemos *reproduzir* entre nós mesmos, isso é verdade. Não podemos criar uma vida nova; nós simplesmente carregamos os espíritos daqueles que faleceram de um novo formato embriônico: através da fertilização *in vitro*. Creio eu que isso seja comum hoje em dia até mesmo entre os Red Bloods. As mulheres de nossa espécie são implantadas com a semente de uma consciência imortal, de modo que ela possa assumir uma nova aparência física no Ciclo da Manifestação — explicou Charles, que continuou.

— Mas como os Red Bloods possuem a capacidade para criar uma nova vida e novos espíritos, a miscigenação entre os dois não é, ao que tudo indica, impossível. Improvável talvez, mas não impossível. Entretanto, em todos esses anos de nossa existência, isso nunca aconteceu antes. Conceber um bebê de sangue miscigenado é ir contra as rígidas leis de nossa espécie. A mãe dela foi uma tola que só nos trouxe problemas.

Mimi despejou um pouco do líquido do decantador em um copo novo da Baccarat. Em seguida, tomou um gole. Rothschild Cabernet.

— Ela poderia ter sido destruída — protestou Mimi.

— Não! — gritou Jack.

— Não fique tão assustado. Não acontecerá nada a ela — acalmou-lhe Charles. — O Comitê ainda não chegou a uma conclusão definitiva em relação ao destino dela. Parece que ela herdou alguns traços da mãe, então precisamos ficar de olho nela.

— Vocês vão matá-la, não vão? — concluiu Jack, levando as mãos à cabeça. — Eu não vou permitir que isso aconteça!

— Isso não será você quem decidirá. Volte bem ao fundo de suas memórias, Benjamin. Conte-me o que você vê. Procure a verdade dentro de você mesmo.

Então, Jack fechou os olhos. Quando eles dançaram no Baile dos Informais, ele havia sentido a presença de Schuyler em suas próprias memórias, como se ele a tivesse conhecido em outra época. Ele voltou àquela noite, ao salão em que dançaram na mansão da American Society, e à memória da noite do Baile dos Aristocratas — a noite em que tinham dançado uma valsa de Chopin. Uma de suas lembranças mais nítidas e estimadas — era ela... só podia ser ela! Ora bolas! Sentiu-se um vencedor! Em seguida, olhou bem de perto o rosto por detrás do ventilador. Pôde notar a pele pálida, de porcelana, os traços delicados, o nariz virado para cima, e ele recuou... aqueles não eram os olhos de Schuyler... os olhos eram verdes, não azuis... aqueles olhos só podiam ser...

— Da mãe dela — disse Jack, abrindo os olhos e olhando para seu pai e sua irmã.

Charles acenou com a cabeça. Sua voz ficou de forma atípica, engrossou.

— Sim. Você viu Allegra Van Alen. A semelhança entre as duas é grande. Allegra era uma das melhores de nossa espécie.

Jack ficou cabisbaixo. Ele havia projetado aquela imagem sobre Schuyler enquanto dançavam, tinha utilizado seus poderes de vampiro para satisfazer os próprios sentidos dela, para que ela pensasse que também tinha voltado ao passado. Só que Schuyler era uma nova alma. A mãe dela, fora a mãe dela que Jack havia perseguido ao longo dos séculos. Foi por esse motivo que ele se sentiu atraído por Schuyler desde aquela noite em frente ao Block 122 — afinal, o rosto dela era muito parecido àquele que o assombrava em seus sonhos.

Então, ele olhou para Mimi. Sua irmã. Sua parceira, sua cara metade, sua melhor amiga e pior

inimiga. Fora ela quem sempre esteve com ele desde o início. Era ela a quem recorria quando estava na escuridão. Ela era forte, uma sobrevivente. Era dela que ele tirava suas forças. Ela sempre esteve por perto dele. Era a Agripina para Valério. A Susannah Fuller para William White. Foi a Elisabeth de Lorraine, princesa de Lillebonne, quando ele foi Louis de Valois, duque de Orleans[25].

Mimi esticou o braço e colocou suas mãos sobre a dele. Eles eram tão parecidos; eles vieram do mesmo outono sombrio, do mesmo castigo que os amaldiçoou a viver suas vidas imortais na Terra, e mesmo assim, lá estavam eles, prosperando depois de um milênio. Em seguida, acariciou a mão dele, deixando caírem lágrimas que se refletiam nas dele.

— Então, o que devemos fazer agora? — perguntou Jack. — O que acontecerá com ela?

— Por enquanto, nada. Vamos aguardar e observar. O melhor a fazer é, provavelmente, afastar-se dela. E sua irmã me informou sobre a sua preocupação com a morte de Augusta. Sinto-me contente em dizer que estamos bem próximos de encontrar o criminoso. Peço desculpas a vocês dois por tê-los deixado no escuro por tanto tempo. Deixe-me explicar...

Jack acenou com a cabeça e apertou ainda mais a mão da irmã.

TRINTA E UM

A semana seguinte passou rapidamente. Todos os dias após a aula, Schuyler e Oliver iam até as estantes do Repositório, em busca de algum registro ou menção à palavra “Croatan”. Os dois vasculhavam os bancos de dados dos computadores, tentando obter toda e qualquer grafia do termo. No entanto, como os arquivos da biblioteca só foram digitalizados no final da década de 1980, eles também tinham que consultar a antiga catalogação bibliográfica.

— Posso ajudá-los? — indagou uma voz grave, enquanto eles dividiam o assento na mesa de Oliver numa tarde dessas, lendo atentamente dezenas de livros velhos e diversas fichas da gaveta “Cr-Cu”.

— Ah, Mestre Renfield. Me permite apresentar-lhe Schuyler Van Alen? — perguntou Oliver, levantando-se e fazendo uma breve, mas formal, reverência.

Schuyler deu a mão ao velho homem. Ele tinha um semblante esnobe, aristocrático, e estava vestido com um sobretudo ultrapassado, da época do Rei Eduardo IV, e calça de veludo. Oliver já tinha contado a ela sobre Renfield — um Conduto humano que levava sua profissão muito a sério.

— Ele tem servido aos Blue Bloods há tanto tempo ele acredita ser um vampiro. É a clássica Síndrome de Estocolmo[26]— havia dito Oliver a ela.

— Acho que conseguimos nos virar sozinhos — sorriu Oliver, agitado. Os dois já haviam decidido antes não pedir ajuda a nenhum dos bibliotecários durante a pesquisa, pois entendiam que, intuitivamente, se tratava de um assunto proibido. Se o Comitê estava escondendo algo, e isso tivesse alguma relação com a palavra “Croatan”, então era melhor não contar a ninguém a respeito.

Renfield pegou um pedaço de papel da mesa de Oliver, no qual Schuyler tinha rabiscado uma série de palavras: “Croatan? Kroatan? Chroatan? Kruatan?”. Após ver do que se tratava, ele devolveu rapidamente o papel à mesa, como se o objeto tivesse queimado seus dedos.

— Croatan, sei — ele disse.

Oliver improvisou uma explicação.

— É só uma palavra que ouvimos por aí. Nada importante. É para o projeto da escola.

— Um projeto da escola — Renfield acenou com a cabeça, de modo sombrio. — É claro. Infelizmente, nunca ouvi falar dessa palavra. Vocês se importariam de esclarecê-la para mim?

— Acho que é um pedaço de queijo. Algo relacionado a uma antiga receita inglesa — respondeu Oliver, com uma expressão séria no rosto. — Da época dos banquetes dos Blue Bloods, no século XVI.

— Queijo, sei.

— Como o Roquefort ou o Camembert. Mas eu ainda acho que talvez ele seja feito com leite de ovelha — afirmou Oliver. — Ou de cabra. É, pode ser de cabra. Ou quem sabe uma mozarela. O que você acha, Sky?

Os lábios de Schuyler se contorciam, e ela estava muito insegura para responder.

— Muito bem, continuem com sua pesquisa — disse Renfield, deixando-os com sua tarefa.

Quando ele ficou a uma distância segura, Schuyler e Oliver caíram na gargalhada — fazendo o menor barulho possível.

— Queijo! — sussurrou Schuyler. — Achei que ele iria desmaiar!

Era o único ponto brilhante que destoava naquela semana sombria. O frio mais intenso trouxe um surto de doenças. O vírus da gripe se instalou na escola, e muitos alunos estiveram ausentes nos últimos dias, dentre eles Jack Force. Aparentemente, nem mesmo os vampiros eram imunes à epidemia da gripe. Schuyler também ficou sabendo que Bliss estava de castigo desde a festa, já que a

texana grandalhona preferiu manter segredo. Até mesmo o Dylan se queixou sobre isso — Bliss estava mal-humorada e distante, mas nunca saía do lado de Mimi.

O dia seguinte estava nublado, um frio de rachar. Era o primeiro sinal de que o inverno se aproximava. Nova York estava cinza — cor essa que predominava desde os edifícios, passando pela névoa seca e alcançando os céus —, como se uma nuvem escura, úmida, tivesse descido de surpresa sobre a cidade, lembrando um cobertor molhado. Quando Schuyler chegou aos portões de Duchesne, uma névoa escura pairou sobre uma comoção de pessoas alvoroçadas em frente à escola. Ela passou por vários carros brancos de reportagem com antenas parabólicas e por uma equipe de repórteres se arrumando, checando os dentes com espelhos de mão e dando os retoques finais antes de as câmeras começarem a gravar. Havia equipes de câmera com tripés por todos os lados, assim como repórteres e fotógrafos de jornais e revistas — uma movimentação ainda maior que no dia do enterro de Aggie.

Vários alunos de Duchesne ficaram amontoados nos portões da frente, assistindo à cena. Schuyler encontrou Oliver no meio deles e se juntou a ele.

— O que aconteceu? — ela perguntou.

Oliver olhou com a expressão séria.

— Algo terrível. É o que estou sentindo.

— Eu também estou com a mesma sensação — ela concordou. — Não é outra morte, é?

— Não sei dizer o que é.

Eles ficaram ali, em frente aos portões, à espera de uma notícia. Da parte da frente da mansão Duchesne, dois policiais musculosos saíram escoltando um jovem. Um rapaz todo sujo, de cabelos bagunçados, que vestia uma jaqueta de couro surrada.

— Dylan! Por quê? O que ele fez? — perguntou Schuyler, horrorizada com o que estava vendo.

Em seguida, um batalhão de repórteres e cinegrafistas avançou, cobrindo a cena com flashes e um bombardeio de perguntas.

— Tem algo a declarar?

— Por que você fez isso?

— Importa-se em compartilhar seus sentimentos com nossos leitores?

Schuyler entrou em pânico, angustiada. Por que eles estavam levando o Dylan? E por que houve tanto alarde? Não entrava em sua cabeça como a escola permitiria que fizessem algo assim! Em meio à multidão, ela encontrou uma agitada Bliss.

— Schuyler! — por um instante, Bliss tinha esquecido que ela e Schuyler não eram tão amigas assim.

Schuyler pegou nas mãos de Bliss.

— Por que tudo isso? O que aconteceu? Por que o estão levando embora? — ela questionou.

— Eles acham que foi o Dylan quem matou a Aggie! — respondeu ela. Bliss estava se segurando para não perder a calma, mas ao ver o abatimento de Schuyler e Oliver, ficou numa pilha de nervos. Então, encontrou neles o apoio que precisava. — Eu ouvi eles conversando com a diretora. A Aggie não morreu de *overdose* de drogas, ela foi assassinada, estrangulada... e nas pontas de seu dedo, ela tinha as digitais de Dylan.

— Não é possível.

— Só pode ter sido um engano — disse Bliss, aos prantos.

— Bliss, me ouça — pediu Schuyler, demonstrando um pouco de irritação. — Só podem ter armado uma cilada para ele. O Dylan não tinha o poder para matar a Aggie. Está lembrada?

Os olhos de Bliss voltaram-se para ela. Mas é claro! Ela sabia o que Schuyler estava dizendo.

— Porque...

— Porque ele é humano, e um Red Blood não pode matar um Blue Blood... Aggie o teria dominado em um segundo. Essa história é mentira. Aggie era uma vampira. Não havia como o Dylan tê-la matado.

— Uma cilada.

— Isso mesmo — concordou Schuyler. Naquele instante, caía uma chuva torrencial, deixando os três ensopados, mas eles nem pareciam ter percebido.

Receosa, Bliss olhou para Oliver.

— Mas Schuyler, não existe esse negócio de vampiro... — ela tentou consertar, sem convencer.

— Ah, nem se preocupe quanto ao Oliver. Ele sabe de tudo. Não tem problema. Ele é um Conduto. Explico a você mais tarde.

Oliver tentou aparentar que era confiável e estava tranquilo. Ele se lembrou de que tinha um guarda-chuva em sua mochila e o abriu, protegendo-os da chuva.

— Semana passada o Jack me contou que havia algo por aí matando os Blue Bloods. Aposto que o Dylan está sendo injustiçado — explicou Schuyler.

— Então isso quer dizer que ele é inocente... — comentou Bliss, esperançosa.

— É claro que ele é. Precisamos descobrir quem está por trás disso e dar um jeito de tirar o Dylan de lá — afirmou Schuyler.

Bliss concordou.

— Precisamos descobrir o que está acontecendo. O motivo de acusarem o Dylan de repente, se o relatório oficial apontava que Aggie morreu por *overdose*. De onde eles tiraram essa "evidência"? E por que o Dylan?

— O seu pai é senador. Ele deve ter alguns contatos dentro do departamento de polícia. Será que ele pode nos ajudar? — sugeriu Oliver.

— Vou perguntar a ele — prometeu Bliss. Então, os três passaram pelos portões e entraram na escola. Já estavam atrasados para as aulas na sala de chamada[27].

Mais tarde, durante o almoço, Bliss se encontrou com Oliver e Schuyler na cantina. Como de costume, eles estavam sentados na mesa dos fundos, escondidos atrás da lareira de mármore.

— Você falou com o seu pai? — indagou Schuyler.

— O que ele disse? — estimulou Oliver.

Bliss puxou uma cadeira para perto deles e colocou os cotovelos na mesa. Ela esfregou os olhos e olhou para os dois.

— Ele disse "Não se preocupem com o amigo de vocês. O Comitê tomará as medidas necessárias".

Schuyler e Oliver compreenderam a informação.

— Mas isso é estranho, não é? — perguntou Schuyler. — Porque as reuniões do Comitê foram canceladas até segunda ordem.

TRINTA E DOIS

A escola toda ainda estava agitada com as notícias naquela tarde — na aula de ética de Schuyler, o Sr. Orion estava tentando acalmar os alunos.

— Acalmem-se, acalmem-se, por favor — ele disse. — Eu sei que é uma situação complicada, mas precisamos nos recordar de que nos Estados Unidos, somos inocentes até que provem o contrário.

Schuyler caminhou pela sala e notou que Jack estava sentado no fundo, na carteira de sempre, ao lado da janela.

— Ei — ela chamou, dando um tímido sorriso e levando sua carteira ao lado da dele. Ela nunca iria esquecer o modo como ele a beijara, quase como se a já tivesse beijado antes.

Jack parecia mais bonito do que todas as outras vezes em que ela o tinha visto. Sob a luz, seus cabelos brilhavam num tom de ouro branco, e era nítido que suas roupas estavam apertadas, com a camisa primorosamente enfiada dentro da calça, pelo menos desta vez. Ele estava vestindo um casaco de lã preto e um relógio de ouro que ela nunca tinha visto em seu pulso. Ele nem olhou para ela.

— Jack...

— Sim? — reagiu ele, friamente.

Schuyler recuou ao notar o tom brusco de sua voz.

— Aconteceu alguma coisa? — ela sussurrou.

Ele nem respondeu.

— Jack, precisamos fazer alguma coisa! Eles prenderam o Dylan! E você sabe que isso não tinha como acontecer. Ele não poderia tê-la matado! — ela disse baixinho, com mais ênfase. — Ele é humano. Armaram uma cilada. Precisamos descobrir o porquê disso.

Jack pegou sua caneta tinteiro e riscou a ponta dela no caderno, sem olhar para ela.

— Isso não é da sua conta.

Comedida, Schuyler reagiu com mais vigor.

— Mas como assim? Você sabe que é. Precisamos descobrir o que está nos matando. Você não quer... digo, você não queria saber também?

— A senhorita Van Alen gostaria de compartilhar o assunto com o resto da sala? — perguntou o Sr. Orion, interrompendo a conversa.

Schuyler afundou em sua cadeira.

— Não, me desculpe.

Durante o restante do período, Jack ficou sentado em silêncio, sem expressão alguma no rosto. Ele se recusou a olhar para Schuyler e até mesmo a ler os recados que ela lhe passava.

Quando tocou o sinal, indicando o término da aula, Schuyler correu atrás dele.

— O que você tem? É a sua irmã? O que há de errado?

Jack falou irritado:

— Deixe a Mimi fora disso.

— Mas não consigo entender. O que você disse sábado à noite...

— Eu falei sem pensar. Não é o que sinto. Desculpe se iludi você.

— Por que você está se afastando de mim? O que aconteceu? — questionou Schuyler, com a voz chorosa.

Jack olhou Schuyler de cima para baixo.

— Me perdoe, Schuyler, mas cometi um engano. Eu não deveria ter dito o que disse naquela noite.

Eu estava errado. Meu pai me esclareceu tudo. O Comitê não está escondendo nada. Eles investigaram as circunstâncias da morte de Aggie, então cabe à gente confiar neles para que façam o que é melhor. Assim que tudo estiver solucionado, eles vão nos informar. Acho que o melhor a fazer por enquanto é deixar tudo isso de lado.

— Seu pai... seu pai tem algo a ver com isso, não tem? — ela o acusou.

Ele colocou a mão pesadamente no ombro dela, agarrou-o com força e depois o soltou, afastando-se em seguida.

— Me deixe em paz, Schuyler. Para o seu bem e para o meu.

— Jack! — ela gritou.

Ele não se virou, e ela o ficou assistindo caminhar até o piso de baixo, onde Mimi Force estava saindo de sua sala. Ela ficou observando os dois juntos, como se notasse pela primeira vez que eles possuíam a mesma maneira flexível, os mesmos braços e pernas de pantera, a mesma altura, a mesma cor. Quando olhava para Jack, ela via o sorriso de Mimi. E quando Jack envolveu a irmã com o braço em seu ombro, cheio de carinho e intimidade, Schuyler ficou de coração partido.

— O que o Jack disse? — perguntou Bliss ao encontrar Schuyler e Oliver para um café no Starbucks, que ficava do outro lado da rua, durante o período livre.

— Ele não quer nos ajudar — respondeu Schuyler, com as palavras mal saindo pela boca.

— Por que não?

— Ele mudou de ideia. Disse que o que falou para mim foi um engano. E me pediu para esquecer sobre isso — explicou ela. Em seguida, Schuyler rasgou meticulosamente um guardanapo em pedacinhos, até que a bandeja ficasse coberta de confete. — Ele disse que o Comitê explicará tudo na hora certa, e que precisamos ser pacientes — ela comentou, contrariada.

— Mas e quanto ao Dylan? — indagou Bliss. — Não podemos deixar que o acusem por algo que ele não cometeu!

— Não iremos. Agora é com a gente — afirmou Oliver. — Somos os únicos que podemos ajudá-lo nesse momento.

TRINTA E TRÊS

A polícia não iria deixá-los ver Dylan. Eles tentaram visitá-lo depois das aulas, mas esbarraram na imposição da lei — e ninguém da delegacia iria sequer admitir que o estivesse mantendo preso. Era um beco sem saída. Eles tinham pego seu celular e seu Sidekick[28], o que os impossibilitou de entrar em contato com ele. De repente, Schuyler teve um mau pressentimento. Aquele momento difícil fez com que os três — Bliss, Schuyler e Oliver — ficassem mais próximos do que nunca. No dia seguinte, Bliss parou de se sentar com Mimi na cantina. Em vez disso, os três passavam todos os períodos sem aula tramando um jeito de ajudar seu amigo.

— A família dele é rica. Tenho certeza que eles têm um ótimo advogado para defendê-lo, não acham? — perguntou Bliss. — Precisamos falar com eles. Preciso contar uma coisa a eles.

— O quê? — indagou Schuyler.

— Fiz uma breve investigação ontem à noite, sozinha mesmo. Ouvi sem querer minha mãe conversando com algumas pessoas sobre o caso. Ouvi ela dizendo que a polícia afirmou que o horário da morte foi entre dez e onze da noite. Era algo incontestável. Pelo modo como o corpo da Aggie foi encontrado, era impossível que o crime tivesse ocorrido mais cedo ou mais tarde que esse intervalo.

— E? — Oliver reagiu todo cético.

— E o Dylan esteve comigo das dez às onze. Estávamos do lado de fora, no beco, o tempo todo, fumando cigarros. Ele não saiu do meu lado em nenhum momento.

— Nem uma vez? Nem para ir ao banheiro? — questionou Schuyler.

Bliss balançou a cabeça. — Não. Tenho certeza. Eu olhei para o relógio algumas vezes. É que eu estava, digamos, preocupada, pois a Mimi poderia estar pensando onde eu tinha me metido.

— Você sabe o que isso significa, não sabe? — perguntou Oliver, sorrindo.

As duas meninas balançaram a cabeça.

— Significa que ele tem um álibi pra lá de confiável. Bliss Llewellyn, você é uma boneca. Você é o passaporte “livre-da-prisão” dele. Vamos, temos que encontrar a família do Dylan e contar isso para eles.

Dylan vivia em Tribeca, então eles pegaram o Rolls Royce de Bliss e foram até ao bairro vizinho naquela tarde. Oliver e Schuyler ficaram impressionados com o interior de veludo do carro.

— Tenho que convencer meu pai a comprar um desses pra gente — maravilhou-se Oliver. — Temos só um carro pequeno e sem graça.

Tribeca era uma antiga vizinhança industrial — o antigo bairro da manteiga e dos ovos, com ruas de paralelepípedo e antigas construções de fábricas transformadas em prédios de poucos andares estimados em milhões de dólares.

— É esse o endereço? — perguntou Oliver, caminhando em direção ao edifício da esquina. Eles haviam consultado a lista de endereços de Duchesne. Era ali mesmo.

— Vocês nunca estiveram aqui? — indagou Bliss, surpresa.

Oliver e Schuyler balançaram a cabeça.

— Mas eu pensei que vocês eram amigos dele.

— Nós somos — respondeu Schuyler. — Mas olha...

— Nunca passou pela nossa cabeça... — explicou-se Oliver.

Schuyler suspirou. — Sempre passamos o tempo na casa de Oliver. Ele tem um TiVo e um Xbox. O Dylan nunca pareceu se importar com isso.

— E você? Você é tipo a namorada dele. Nunca esteve aqui? — questionou Oliver.

Bliss também balançou a cabeça. Ela não era bem a namorada dele. Eles nunca haviam definido bem como era o relacionamento entre os dois. Já tinham ficado algumas vezes, e ela iria torná-lo seu familiar humano e tudo mais, mas depois de terem sido pegos na noite da festa, os pais dela ficaram pensando que a festa fora ideia dele. BobiAnne ainda não conseguia perdoar o fato de que a modelo de Cinderela tinha voltado de Nova Jersey sem o seu vestido de baile. As coisas não iam nada bem na *Penthouse des Rêves*.

— Oi. Estamos procurando o apartamento 1520. É aqui mesmo? — perguntou Schuyler ao porteiro, enquanto entravam no edifício. Diferentemente da grandiosa e suntuosa majestade de um conjunto de prédios típico da Park Avenue, o edifício em Tribeca era moderno e elegante, com um jardim Zen e uma cascata no saguão.

— 1520? — confirmou o porteiro, demonstrando certa dúvida.

— A família Ward — complementou Bliss para ajudá-lo.

O porteiro franziu as sobrancelhas.

— Certo. Eles estavam no 1520. Mas o apartamento agora está à venda. Eles se mudaram ontem mesmo. Meio que às pressas.

— Você tem certeza?

— Positivo, senhorita.

O porteiro chegou até a deixá-los olhar dentro do apartamento vazio. O local era enorme, com quinhentos e cinquenta e oito metros quadrados, e em seu interior havia apenas um aparelho de TV abandonado. As paredes estavam com riscos de móveis e havia um contorno fantasmagórico de sofá em formato de L no chão.

— Está à venda e o preço é cerca de cinco milhões, caso algum de vocês esteja interessado — acrescentou o porteiro. — Eu estou com o prospecto do corretor lá embaixo.

— Isso não faz sentido — comentou Schuyler. — Por que a família dele se mudaria tão rápido assim? A prisão do Dylan já não é o bastante com que se preocupar?

Eles caminharam pelos cômodos do apartamento vazio, como se tentassem entender o motivo pelo sumiço repentino dos Ward.

— Você sabe para onde eles foram? — perguntou Schuyler ao prestativo porteiro.

— Ouvi algo sobre voltar a Connecticut. Não tenho certeza.

Em seguida, o porteiro os conduziu para fora do apartamento e trancou a porta do local. Eles tomaram o elevador e voltaram ao saguão. Bliss, então, retirou de sua bolsa da Chloé Paddington a lista telefônica de Duchesne. Entretanto, os números de telefone dos pais de Dylan listados no livro estavam fora de serviço. E não havia uma lista mais atualizada.

— Gente, vocês já viram os pais dele alguma vez? — questionou Bliss, guardando seu celular.

Outra vez, Schuyler e Oliver balançaram a cabeça.

— Se não me engano, ele tinha um irmão na faculdade — Schuyler observou, sentindo-se cada vez mais culpada por não saber muito sobre seu amigo. Eles passavam o tempo juntos na escola todos os dias, sem contar os fins de semana. E ainda assim, quando pressionados, nem Schuyler e nem Oliver conseguiam se lembrar de algo sobre o passado de Dylan.

— Ele não falava muito da vida pessoal — justificou-se Oliver. — Era meio quieto, na dele.

— É provável que ele nem conseguisse falar alguma coisa — brincou Bliss. — Com vocês, quero dizer — quando vocês dois estão juntos, a conversa tende a ficar centrada.

Schuyler aceitou a observação sem se sentir ofendida. Eles costumavam mesmo prevalecer nas conversas. Ela e Oliver eram amigos há tanto tempo, estavam tão acostumados um com o outro, que já

era um milagre Dylan ter conseguido agradá-los e formado um trio com eles.

Eles o deixaram fazer parte das conversas principalmente porque se sentiram elogiados por Dylan gostar tanto deles, mas também porque ele não os importunava. Ele parecia gostar das histórias que os dois contavam, de suas piadas internas, e nunca pareceu querer mais do que eles poderiam proporcionar a ele.

— Se pudéssemos ao menos falar com ele — comentou Schuyler.

— Se pudéssemos ao menos explicar o que se passa para a polícia — acrescentou Oliver.

— Explicar o quê? — indagou Bliss de mau humor. — Que ele não poderia tê-la matado porque ela era uma vampira e nada pode tirar a vida dos vampiros, exceto por, ah, alguma coisa estranha que não sabemos do que se trata ainda? Bom, aliás, o Dylan é humano... assim, olhando dessa perspectiva, quem iria acreditar em nós? — Bliss deixou a dúvida no ar.

— Ninguém — concluiu Schuyler.

Assim, os três ficaram ali, em frente ao antigo prédio onde Dylan morava, frustrados e de mãos atadas.

TRINTA E QUATRO

Como não havia o que fazer por Dylan naquele momento, Oliver propôs às duas fazer uma nova visita ao Repositório, no porão do The Bank. No caminho, ele e Schuyler contaram a Bliss tudo o que sabiam. Eles precisavam continuar tentando. Até então, nenhuma de suas pistas tinha levado a lugar algum, principalmente porque eles nem sabiam como se soletrava a palavra “Croatan”.

— Que tal se procurássemos por “Plymouth” desta vez? — perguntou Oliver de bate-pronto. — Sky, você disse que o Jack Force comentou que esse lugar fazia parte da memória dele que estava bloqueada. Algo sobre a Colônia de Plymouth.

O Repositório estava mais vazio que de costume, e os três, atentamente, começaram as suas tarefas. Schuyler encontrou vários livros de história que documentavam a colonização de Plymouth e a travessia do *Mayflower*, Bliss descobriu um registro interessante de cada passageiro do navio e Oliver apareceu com um grande livro de couro que continha documentos civis. Mas nada daquilo fazia alguma menção a Croatan.

— Pesquisando sobre queijo outra vez? — questionou Renfield, passando os olhos sobre a mesa.

— Queijo? — perguntou Bliss, confusa, enquanto Oliver e Schuyler davam risada.

— A gente explica pra você mais tarde — prometeu Schuyler.

Pouco depois, Bliss e Schuyler lembraram-se de que tinham marcado um encontro com a equipe da Stitched for Civilization para examinar as fotografias que haviam tirado. Então, as duas deixaram Oliver sozinho pelo resto da tarde. A nova propaganda seria lançada em um *outdoor* da Times Square na semana seguinte, e Jonas queria mostrar a elas as imagens finais que haviam escolhido.

Durante o encontro, o celular de Schuyler tocou.

— É o Oliver — ela contou para Bliss. — Preciso atendê-lo — completou. Em seguida, ela pediu licença e saiu da mesa. — E aí, novidades? — perguntou ao amigo.

— Voltem para cá, acho que descobri algo — ele disse, com visível empolgação em sua voz.

Ao retornarem ao Repositório, Oliver mostrou a elas o que tinha descoberto. Era um livro fino, encadernado em couro.

— Ele estava escondido tão no fundo das estantes que quase o perdi de vista. É um diário, escrito por uma mulher que fez parte dos primeiros colonizadores em Plymouth. Vejam só o que ela diz...

Juntos, eles leram as páginas que documentavam a jornada ao longo do oceano, a fundação da colônia, a viagem de seu marido a Roanoke e, por fim, o conturbado acesso às terras estrangeiras. A redação estava quase incompreensível, dando a entender que a redatora estava um tanto amedrontada ao redigir as palavras na página.

Mas lá estava ela.

CROATAN.

— Uma simples palavra, escrita em uma mensagem na árvore — entoou Oliver. — *Eles estão aqui*. *Não estamos seguros*.

— Isso já aconteceu antes — deduziu Schuyler. — Foi isso que o Jack me contou. Deve ter acontecido com eles da mesma maneira. Deve ser sobre isso que ela está falando. Do que os aterrorizava.

— Você tem razão. Croatan deve ter algum significado — eles aparentam ter medo disso. Só pode ser a solução — completou Oliver.

— Croatan — Bliss repetiu a palavra que parecia lhe trazer algo à lembrança. — Acho que já ouvi

isso em algum lugar — emendou, franzindo a testa. — E ela fala sobre Roanoke. Vocês se lembram de Roanoke, não lembram?

— Pra falar a verdade, não sou muito boa em história — desculpou-se Schuyler. — Mas isso tem alguma relação com a colônia perdida, certo?

— A Colônia Perdida — concordou Oliver. — Não sei por que isso não me ocorreu antes. Ela era a colônia original, instalada muitos anos antes de Plymouth. Mas todos seus habitantes desapareceram, e nada foi deixado na colônia.

— Certo. Todos eles morreram, estão lembrados? E ninguém nunca descobriu o que aconteceu com eles. É um mistério não decifrado na história norte-americana — acrescentou Bliss. — Assim como o assassinato de JFK[29].

— Eles devem ter sido Blue Bloods — Oliver sugeriu.

— E todos eles foram mortos. Pelo menos era o que Catherine Carver pensava — acenou com a cabeça Schuyler.

— É tudo isso o que temos? — perguntou ela.

— Tem só mais uma página — respondeu Oliver, mostrando às duas a última página do diário. — É sobre um tipo de eleição ou algo assim. Ela escreve isto: “Permanecer ou fugir?”. Bem, daí em diante, já sabemos o que aconteceu. Eles permaneceram. Os Blue Bloods permaneceram. E não estaríamos aqui hoje se eles não tivessem ficado. Myles Standish, seja lá quem for, deve ter vencido o inimigo.

— Não tem mais nada sobre Croatan ou Roanoke? Ou outra pista? — perguntou Bliss, pegando o diário e virando as páginas.

— Não. É isso. O diário termina aí. Como se as últimas páginas tivessem sido rasgadas e alguém não quisesse que nós descobríssemos o que se passou. Mas encontrei algo relevante. Olhem só, há uma lista com os nomes das últimas pessoas que usaram o diário.

Elas olharam para o local que ele estava indicando. Ali, havia uma aba amarela que listava os nomes dos Blue Bloods que pegaram o diário emprestado.

— Quase todos eles estão tão velhos que a esta altura já devem ter morrido. Mas olhem só quem foi a última pessoa.

Schuyler espiou a lista de empréstimo. A última assinatura continha três letras escritas cuidadosamente com uma bela caligrafia. CVA. 24/12/1911.

— Independente de quem tenha pego o diário emprestado, a pessoa fez isso em 1911, e isso quer dizer que ela tem...

— Mais de cem anos hoje em dia — interrompeu Bliss. — Como podemos saber se ela ainda está neste ciclo?

— É possível. De qualquer forma, é a única chance que temos para descobrir — comentou Oliver.

— CVA? — quis confirmar Bliss. — Quem poderia ser CVA?

— CVA — repetiu Schuyler. As letras soavam familiar, bem como a escrita fina e comprida. — Essas são as iniciais da minha avó. Cordélia Van Alen. E essas letras parecem ser dela. É isso mesmo!

— Você acha que ela pegou esse livro emprestado? Talvez ela saiba algo sobre o que estamos procurando — propôs Bliss.

Schuyler franziu as sobrancelhas. — Eu não sei, mas posso perguntar a ela.

— Quando é que ela volta de Nantucket? — perguntou Oliver.

— Amanhã. Combinei de encontrá-la para almoçarmos no Conservatório. Já ia quase me esquecendo — respondeu Schuyler.

— Então, Oliver, é esse negócio de Croatan que está por trás da morte de Aggie? — quis saber Bliss.

— Creio eu que sim — respondeu ele. — Embora ainda não saiba o que é isso.

— Mas mesmo que tivéssemos descoberto, isso não mudaria em nada a situação de Dylan. Supondo que o tal Croatan foi quem matou a Aggie, como iremos provar que Dylan não foi quem cometeu o crime? Como iremos provar que armaram uma armadilha para ele?

— Não iremos — disse Oliver. — Quero dizer, vocês duas não irão. Eu não sei o quanto posso ser útil nessa tarefa.

— Como assim? Você já fez tanta coisa — declarou Schuyler, lançando-lhe um olhar de admiração que o deixou vermelho.

— Pesquisa, sim. Eu posso pesquisar. Nisso somos bons, mas não posso fazer nada para colaborar com o plano.

— Que plano? — perguntou Bliss, entretida.

Por um instante, Oliver pareceu muito sério e decidido. Pelo menos desta vez, deixou de lado as brincadeiras que fazia.

— Estamos agindo como se o sistema funcionasse para nós. Mas ele não funciona. Vocês precisam raciocinar como Blue Bloods. Nunca conseguiremos convencer ninguém de soltar o Dylan com base no que sabemos. Então, temos que tomar outra atitude — explicou Oliver.

— O quê?

— Resgatá-lo.

TRINTA E CINCO

O almoço do Conservatório do Central Park era um dos eventos mais importantes no calendário social de Cordélia. Ele acontecia no salão de festas do Plaza, e quando Schuyler chegou, o evento já havia começado há algum tempo. Ela deu o nome na mesa da recepção e encontrou sua avó sentada no meio do local, com luminárias bem conservadas de cada lado.

— Minha netinha, Schuyler — disse Cordélia, demonstrando contentamento.

Schuyler deu uma beijoca na bochecha de sua avó. Em seguida, sentou-se à mesa com ela, retirando um folheto com a programação de cima do assento.

O almoço anual arrecadava uma quantia significativa para a conservação e manutenção do parque. Era uma das causas mais apreciadas entre os Blue Bloods. Foi ideia deles trazer um pouco de natureza a Nova York, um oásis no coração da cidade, uma representação do Jardim do qual haviam sido expulsos há tanto tempo. Schuyler reconheceu muitas das nobres damas e *socialites* das reuniões do Comitê, que passavam rapidamente de mesa em mesa cumprimentando os convidados.

— Cordélia, o que é Croatan? — quis saber Schuyler, interrompendo o burburinho do falatório.

A mesa toda ficou em silêncio, e muitas das damas ergueram as sobrancelhas na direção de Schuyler e de sua avó.

Cordélia mostrou-se surpresa com a palavra. Ela quebrou o pãozinho que segurava em dois. — Este não é o lugar e nem a hora certa, mocinha — disse ela, bem baixinho.

— Eu sei que você sabe. Nós vimos isso em um dos livros do Repositório. E lá estavam as suas iniciais. Cordélia, eu preciso saber o que é isso — sussurrou Schuyler asperamente.

No palanque, o prefeito estava agradecendo às moças da comunidade por seus generosos esforços e doações para manter o Central Park um local belo e vibrante. Houve uma salva de palmas, e Cordélia aproveitou a agitação para repreender sua neta.

— Agora não. Eu conto para você mais tarde, mas você não vai me deixar constrangida aqui nesta festividade.

Durante a hora seguinte, Schuyler ficou sentada de mau humor, beliscando o frango com ervas em seu prato e ouvindo uma série de oradores descrever as novas atividades e desenvolvimentos planejados para o parque. Havia uma exibição em *slides* na nova amostra de artes e uma apresentação sobre a restauração da Fonte Bethesda.

Enfim, após receberem suas lembrancinhas e estarem isoladas e seguras dentro da velha limusine de Cordélia, dirigida por Julius, Schuyler obteve as respostas que tanto esperava.

* * *

— Então você encontrou o diário de Catherine. Sim, eu deixei minhas iniciais lá. Para que alguém as encontrasse. Eu não sabia que essa pessoa seria você — disse Cordélia, sorridente.

— Não fui eu. Na verdade, foi o Oliver Hazard-Perry.

— Ah, o Oliver, sei. Um menino muito prestativo. Vem de uma excelente família. Dos Red Bloods, quero dizer.

— Não mude de assunto. O que significa Croatan?

Cordélia fez subir a divisória que as separava de Julius. Quando terminou de fechá-la, ela se virou para Schuyler com a cara fechada.

— O que eu irei lhe contar é um segredo. Não podemos falar abertamente sobre isso. O Comitê já passou uma lei que extingue esse assunto. Eles até tentaram eliminar tal fato de nossas memórias.

— Por quê? — perguntou Schuyler, observando a cidade pela janela. O dia estava mais uma vez nublado, e Manhattan parecia estar perdida em meio a uma tênue névoa, fantasmagórica e sublime.

— Como lhe disse, os tempos mudaram. Os antigos costumes não existem mais. As pessoas no poder não acreditam nisso. Até mesmo a mulher que escreveu aquele diário iria repudiar as próprias palavras hoje em dia. Seria muito perigoso para ela admitir os temores que tinha.

— Como você sabe que ela se sentiria assim? — questionou Schuyler.

— É simples: porque fui eu quem o escrevi. É o meu diário.

— Você é a Catherine Carver? — indagou Schuyler.

— Sim. Lembro-me claramente da colônia de Plymouth, como se tivesse ocorrido ontem. Foi uma jornada terrível até lá — revelou Cordélia, sentindo um calafrio. — E após a nossa chegada, passamos um inverno ainda mais terrível.

— Por quê? O que aconteceu?

— Croatan — suspirou Cordélia. — Uma antiga palavra. Ela significa Silver Blood.

— Silver Blood?

— Eles contaram a vocês sobre a história de nossa Expulsão.

— Sim — confirmou a neta. O carro seguia seu trajeto, atravessando lentamente a Fifth Avenue. Devido ao mau tempo, havia apenas algumas poucas pessoas entrando e saindo das lojas de departamento, alguns turistas tirando fotos das decorações das vitrines e comerciantes tentando se esconder da chuva.

— Quando Deus expulsou Lúcifer e seus anjos do Paraíso, como punição pelos seus pecados, nós fomos amaldiçoados a viver como imortais na Terra, onde nos tornamos vampiros, dependentes do sangue humano para sobreviver — explicou Cordélia.

— Eles nos contaram sobre tudo isso nas reuniões do Comitê.

— Mas essa parte eles não contam a vocês. Ela foi apagada dos nossos registros oficiais.

— Por quê?

Cordélia não respondeu. Em vez disso, sua voz passou a ficar com um tom monótono, como se ela estivesse lendo um livro reservado às memórias. — Nos primórdios de nossa história, Lúcifer e um pequeno bando de seguidores leais a ele se separaram do grupo. Eles rejeitaram Deus e desdenharam uma possível expulsão. Eles não queriam recuperar a Graça do Senhor. Não acreditavam no Código dos Vampiros.

— Por que não? — insistiu Schuyler, enquanto o carro parou no semáforo. Naquele momento, eles estavam na Sixth Avenue, entre os arranha-céus e os edifícios comerciais com os nomes das empresas esculpidos na fachada. McGraw-Hill. Simon and Schuster. Time Warner. Uma série de aparelhos de TV enfileirados no edifício da Morgan Stanley anunciava as últimas notícias sobre o mercado de ações.

— Porque eles não queriam viver restritos a qualquer tipo de lei. Eles eram determinados e arrogantes, tanto na Terra como no Paraíso. Lúcifer e seus vampiros descobriram que a prática do *Caerimonia Osculor* em outros vampiros, e não em humanos, tornava-os mais poderosos. Como você sabe, o *Caerimonia Osculor* é a sucção de sangue que os vampiros aplicam aos humanos a fim de adquirir força. No Código dos Vampiros, há um item que proíbe a realização do Beijo Sagrado em seres da mesma espécie, no caso, Blue Bloods. Mas era exatamente isso que Lúcifer e seus vampiros contrariavam. Eles começaram a consumir os Blue Bloods para completar a Dissipação.

— Você quer dizer...

— Isso mesmo, até absorverem toda a energia vital de um ser. Até consumirem um Blue Blood e todas as suas memórias.

— Mas por quê? E o que aconteceu com eles, então?

— Ao consumirem a energia vital dos Blue Bloods, o sangue de Lúcifer e de seus vampiros se tornou prateado. Eles se tornaram os Silver Bloods. *Croatan*. É a tradução para Abominação. Eles são insanos, possuem vidas e mais vidas de vampiros em suas mentes. Seu poder equivale ao poder conjunto de mil Blue Bloods. Suas lembranças são vastas. São o próprio demônio disfarçado, o demônio que vagueia entre nós; eles estão por toda parte e, ao mesmo tempo, em lugar algum.

Enquanto Cordélia falava, o carro saiu da Sixth Avenue em direção à Seventh Avenue, onde a vizinhança mudava outra vez de ares. Schuyler avistou o Carnegie Hall na esquina e muitas pessoas de guarda-chuva do lado de fora, em fila, comprando ingressos.

— Por milhares de anos, os Silver Bloods perseguiram, mataram e consumiram os Blue Bloods. Eles violaram o Código dos Vampiros ao interferir diretamente nos assuntos dos humanos e ao adquirir poder no mundo dos homens. Eles eram implacáveis. No entanto, os Blue Bloods nunca deixaram de combatê-los. Era o único jeito de sobreviver.

— A Última Grande Guerra entre Blue Bloods e Red Bloods teve seu fim durante os últimos anos do Império Romano, quando os Blue Bloods conseguiram depor Calígula, um poderoso e malicioso vampiro Silver Blood. Após a derrota de Calígula, os Blue Bloods viveram em paz na Europa por muitos séculos.

— Então por que viemos para os Estados Unidos? — perguntou Schuyler, enquanto o carro subia a Eighth Avenue.

— Porque estávamos aflitos com a perseguição religiosa que vimos surgir no século XVII. Por isso, em 1620, viemos para o Novo Mundo a bordo do *Mayflower* com os Puritanos, a fim de encontrar paz no Novo Mundo.

— Mas não havia paz naquela época, certo? — quis confirmar Schuyler, lembrando-se do diário de Catherine.

— Não. Não havia — revelou Cordélia, fechando os olhos em seguida. — Descobrimos que Roanoke havia sido atacada. Não sobrou ninguém. Foi assim que os Silver Bloods demarcaram território também no Novo Mundo. Mas o pior ainda estava por vir.

— Por quê?

— Porque os assassinatos foram retomados. Em Plymouth. E foram vitimados muitos de nossos jovens — os Blue Bloods só podem morrer durante os Anos do Ocaso, quando deixamos de ser humanos e nos transformamos em vampiros de verdade. É o período em que estamos mais vulneráveis. Enquanto não controlamos totalmente nossas memórias, não temos conhecimento de nosso poder. Assim, ficamos frágeis e podemos ser manipulados e controlados até, finalmente, sermos consumidos pelos Silver Bloods.

Nesse meio-tempo, o carro percorreu a West Side Highway, passou pelos novos e ensolarados condomínios à beira do rio e seguiu em direção ao Riverside Park.

— Alguns se negaram a acreditar que os Silver Bloods eram os autores dos crimes. Negaram-se a ver o que estava bem diante de seus olhos, insistindo que aqueles que tinham sido consumidos seriam capazes de retornar de alguma forma. Estavam cegos à ameaça. Alguns anos mais tarde, a matança cessou. Os anos passavam e nada acontecia. Séculos sucederam-se, e nada. Os Silver Bloods se tornaram um mito, uma lenda, viraram um curioso conto de fadas. Os Blue Bloods adquiriram riqueza, notoriedade e *status* nos Estados Unidos, e conforme o tempo foi passando, a maioria de nós se esqueceu de vez dos Silver Bloods.

— Mas como? Como se esquecer de algo tão importante?

Cordélia suspirou. — Nós nos tornamos complacentes e resistentes. A negação também é uma forte

tentação. Agora, tudo que se refere ao Silver Bloods foi retirado de nossos livros de história. Os Blue Bloods de hoje se recusam a crer que há algo mais forte que eles em todo o mundo. Sua vaidade não lhes permite conceber isso.

Schuyler balançou a cabeça, estarrecida.

— Aqueles de nós que alertaram e dirigiram seus esforços para que houvesse vigilância eterna foram banidos do Conclave e não possuem poder algum dentro do Comitê hoje. Ninguém mais nos dá ouvidos. E isso vem desde Plymouth. Eu até tentei na época, mas não tive força o suficiente para tomar a dianteira.

— John quis alertar a todos — disse Schuyler, lembrando-se das palavras do diário. — O seu marido.

— Sim, mas não fomos felizes. Myles Standish — aquele que você conhece como Charles Force — se tornou o líder do Conclave dos Anciões, e desde então nos conduz. Ele não crê no perigo que os Croatan nos podem proporcionar.

— Nem mesmo quando matam crianças?

— Segundo Charles, não foi provado que essas mortes têm alguma relação com isso.

— Mas o Jack disse que todo o sangue de Aggie foi drenado, assim como os dois outros que tinham sido encontrados antes. Eles só podem ter sido consumidos por um Silver Blood!

Cordélia olhou com a cara fechada. — Sim, também acho que pode ter acontecido isso. Mas ninguém dá ouvidos a uma velha que perdeu sua fortuna. Eu nunca acreditei que os Silver Bloods haviam desaparecido por completo. Sempre achei que eles estavam apenas descansando, observando e esperando a hora certa para retornarem.

— Só pode ser isso. É a única explicação! — afirmou Schuyler. — Mas a polícia prendeu o meu amigo Dylan. Ele nunca teria feito aquilo! O Dylan é humano. Eles o levaram preso ontem.

Cordélia demonstrou preocupação. — Pensei que a alegação oficial havia sido morte por overdose. Foi isso que ouvi o Comitê decidir.

— Foi isso que ouvimos — só que agora eles estão dizendo que ela foi estrangulada.

— De certa forma, faz sentizo — refletiu Cordélia.

— A senhora precisa nos ajudar. Temos que descobrir quem são os Silver Bloods! Por que eles estão aqui? Onde eles estão? Como podemos encontrá-los?

— Alguma coisa os despertou. E alguém os está escondendo. Eles podem ser qualquer um que conhecemos. Os Silver Bloods se disfarçam de Blue Bloods em nosso meio. E leva um bom tempo para um Blue Blood se transformar em um Silver Blood. Na minha opinião, um Silver Blood poderoso retornou e está começando a recrutar novos discípulos.

— Então o que devemos fazer agora? — indagou Schuyler, enquanto o carro estacionava na rua onde elas moravam.

— Você tem conhecimento da existência dos Silver Bloods. Você sabe, pelo menos, o que está à solta por aí. Basta se preparar para enfrentá-los.

— Mas como?

— Há uma coisa. Uma coisa que sua mãe descobriu. Os Silver Bloods ainda estão limitados pelas leis do Paraíso e da Língua Sacra — ela sussurrou para Schuyler, ainda dentro do carro.

Cordélia abriu a porta do automóvel e colocou uma perna para fora.

— Não posso dizer mais nada sobre esse assunto. Já violei o Código só de lhe contar essa história. E quanto ao problema que você mencionou, eu peço desculpas, não posso ajudá-la. Você terá que falar com Charles Force. Ele é o único que pode ajudar o seu amigo agora.

TRINTA E SEIS

As reuniões do Comitê foram retomadas na segunda-feira. Elas haviam sido canceladas por várias semanas seguidas, e sem justificativa para os membros novatos. Durante a reunião, o planejamento para o Baile dos Quatrocentos começou pra valer. Não foi dessa vez que fizeram alguma menção à morte de Aggie ou à prisão de Dylan. Em vez disso, todos os presentes ficaram batendo papo animadamente sobre os trajes que usariam no evento natalino. O Baile dos Quatrocentos era a festa mais esperada do ano, a mais glamorosa, a mais fantástica e a mais exclusiva, pois apenas Blue Bloods eram convidados.

Schuyler compareceu à reunião só para ver se conseguia conversar como gente com Jack, que estava de costas para ela. Os membros novatos foram divididos em subcomitês, e Schuyler se juntou ao grupo Convites só porque achou que teria menos trabalho. E bem como ela previa, a única tarefa que lhes foi designada era preparar uma lista de convidados, que seria examinada pelo Comitê Superior, e enviar os convites, que já haviam sido escolhidos, desenhados e impressos.

— Estou preocupada com Dylan — disse Bliss, ao término da reunião. — Onde ele está? A polícia não irá nos informar. E meu pai continua me aconselhando a ficar longe disso.

— Eu sei, também estou — acenou com a cabeça Schuyler, desviando o olhar para onde Jack conversava com a Sra. Dupont e com Mimi.

— É perda de tempo, Schuyler. Eu conheço os gêmeos Force. Eles são muito unidos.

— Mas não custa tentar — comentou Schuyler saudosamente. Não entrava na cabeça dela que aquele menino que tinha lhe beijado com tanta paixão, há pouco tempo, agora lhe ignorava e agia como se nunca tivesse acontecido nada entre eles. Não dava para comparar o Jack que contou-lhe sobre seus sonhos e suas lembranças bloqueadas com aquele que discutia todo animado sobre como providenciar orquestras ou bandas de jazz para o baile que estava por vir.

— Faça como quiser — suspirou Bliss. — Mas não diga que não lhe avisei.

Schuyler acenou positivamente. Em seguida, Bliss se afastou e Schuyler caminhou na direção de Jack. Felizmente, Mimi já tinha deixado a sala.

— Jack, você precisa me ouvir — ela disse, puxando-o de lado. — Por favor.

— Por quê?

— Eu sei o que o Comitê está escondendo. Descobri o que significa a palavra Croatan.

Ele parou e ficou boquiaberto.

— Como? — reagiu ele, que a princípio evitou um contato direto, mas acabou olhando em seus olhos — as bochechas de Schuyler estavam vermelhas de raiva, o que a deixava mais linda do que a Schuyler que ele se recordara.

— Minha avó contou para mim — revelou. Em seguida, repassou tudo o que sua avó tinha lhe contado sobre os Silver Bloods e as mortes em Roanoke e Plymouth.

Ele franziu a testa.

— Ela não poderia ter feito isso. É uma informação confidencial.

— Você já sabia sobre isso?

— Fiz algumas pesquisas sozinho, e meu pai me contou o resto. Mas é um beco sem saída.

— Como assim? Esta é a primeira pista.

Jack balançou a cabeça.

— Schuyler, desculpe por tê-la enganado. Mas já estão cuidando da morte de Aggie. Você tem que

confiar no Comitê para fazer a coisa certa. A sua avó contou para você um velho mito. Não existe nada parecido com os Silver Bloods. E ninguém nem mesmo provou que eles realmente existiram.

— Não acredito em você. Nós precisamos convencer o Comitê a alertar todo mundo. Se você não se juntar a mim, farei isso sozinha.

— Não há nada que eu possa fazer para impedi-la? — questionou Jack.

Determinada, Schuyler levantou o queixo.

— Não — respondeu ela, desconfiada dele. Há apenas algumas semanas, ela estava apaixonada por ele, por sua coragem e valentia. Onde estaria o menino que se recusou a engolir as mentiras que o Comitê contava a eles? Onde ele teria ido parar? Quando dançaram juntos no Baile dos Informais, ela chegou a pensar que nunca tinha sido tão feliz em toda a vida quanto naquela noite. Porém, Jack não era o rapaz que ela pensava ser. Talvez ele nunca tinha sido.

TRINTA E SETE

Após a reunião, Schuyler contou a Bliss e Oliver tudo o que sua avó lhe dissera sobre os Silver Bloods e explicou o motivo de Charles Force ser a única pessoa que poderia ajudá-los com o caso de Dylan. Juntos, os três decidiram que no dia seguinte Schuyler e Bliss iriam sair escondidas da aula do terceiro período para ficar cara a cara com ele. Oliver inventaria uma desculpa para o professor de Artes para justificar a ausência delas.

No aguardado dia, elas fizeram uma tocaia ao Sr. Force em frente ao restaurante do Four Seasons, onde, como todos sabiam, ele costumava almoçar todos os dias. O Four Seasons ficava localizado no Edifício Seagram, na Park Avenue, local que do meio-dia às duas da tarde era o centro do universo de Manhattan. Proprietários de veículos da mídia, magnatas podres de ricos, editores, autores renomados e personalidades faziam do local o seu *buffet* particular.

— Lá está ele — indicou Bliss, ao avistar sua lisa cabeça com poucos cabelos grisalhos saindo de um Lincoln Town Car preto. Ela o reconheceu porque seu pai tinha acomodado a família Force em seu apartamento na primeira semana após chegarem a Manhattan. Bliss estava um pouco receosa de falar com Charles Force. O homem havia olhado bem para ela, como se soubesse tudo sobre ela, cada desejo secreto, cada paixão escondida; seu cumprimento de mãos foi tão firme que lhe deixou até uma marca. Ele a assustava, mas não seria isso que a impediria de ajudar Dylan.

Schuyler ficou estudando-o. Ela podia jurar que já o tinha visto antes. Mas onde? Havia nele algo de familiar. O modo como ele inclinava a cabeça para frente. Ela conhecia essa homem, estava certa disso.

— Sr. Force! Sr. Force! — chamou Bliss. Charles Force olhou com estranheza para as duas meninas diante dele.

— Com licença — pediu ele a seu parceiro de almoço.

— Sr. Force, desculpe por incomodá-lo — disse Bliss. — Mas nos pediram para o procurarmos, pois só você pode nos ajudar.

— Você é a filha do Forsyth, não é? — reagiu ele, interrompendo-a. — O que você faz aqui a uma hora dessas? Duchesne não tem regras quanto à saída de alunos do campus? Ou elas se perderam junto com os uniformes, que eram obrigatórios? — questionou. Em seguida, virou-se para Schuyler. — E você? — ele não disse o nome dela, mas levantou a sobrancelha. — Se não me engano, você também estuda em Duchesne. Bem, vamos lá. Como posso ajudá-las?

Schuyler o encarou e não se esquivou. Ela o mirou com seus olhos azuis brilhantes, e foi ele quem desviou o olhar primeiro. — Nosso amigo Dylan está sendo acusado de um assassinato que ele não cometeu. E você é o único que pode nos ajudar. É você quem manda. Minha avó me disse que...

— Cordélia Van Alen é uma ameaça. Ela nunca me perdoou por ter tomado o controle do Conclave — ele resmungou. Em seguida, caminhou até o seu parceiro de almoço, que ainda segurava a porta do restaurante pacientemente. — Pode ir, já encontro você em um minuto.

— Não vamos embora até que você nos ajude — falou Bliss com a voz trêmula, embora o que ela mais quisesse naquele momento era correr e se esconder do homem. As vozes em sua cabeça estavam gritando, mandando-a ficar longe dele. Assassino... — sussurrou uma das vozes em sua mente. *Criminoso...* — dizia outra, o que a faz sentir uma intensa e profunda repugnância dele. Sua vontade era de vomitar, de se jogar na frente de um táxi. Ela queria voar, fugir, fazer qualquer coisa para escapar de seu olhar penetrante. Em sua cabeça, parecia que iria enlouquecer de tanto medo que

sentira. Havia algo terrível em relação a esse homem, uma força espantosa e perigosa da qual deveria correr.

— Já estamos cuidando do caso de Dylan Ward. Não há mais necessidade de se preocuparem com ele — respondeu Charles, despedindo-se com um aperto de mão e mostrando indiferença. — Ele está totalmente seguro. Nada irá acontecer a ele. A polícia cometeu um lamentável engano. Ele está em liberdade. O seu pai poderia ter contado isso a você — ele torceu o nariz. — Foi ele quem ajudou com a papelada para a soltura.

Por alguns instantes, Bliss ficou em silêncio, pasma. Ela não tinha pensando no quanto aquilo poderia ser fácil de conseguir.

— Como assim?

— Acabei de dizer a vocês, o problema já está resolvido — falou ele, curto e grosso. — Não há com o que se preocupar, garanto a vocês. Agora, por favor, me deem licença, estou atrasado para o almoço.

Inquietas, Bliss e Schuyler trocaram olhares.

— Mas e quanto aos Silver Bloods? E o que eles estão fazendo com a gente? Nós sabemos sobre a história dos Croatan! — questionou Schuyler.

— Por favor, não me incomodem com os contos de fada patéticos de Cordélia Van Alen. Recuso-me a sequer discutir sobre isso. Já disse antes e torno a repetir: não existe coisa alguma de Croatan — ele respondeu, demonstrando determinação no tom de voz. — Agora, sugiro a vocês, meninas, que voltem à escola, que é onde vocês deveriam estar.

TRINTA E OITO

O Hotel Carlyle era um estabelecimento elegante, de discreto bom gosto, localizado na Madison Avenue, com requintes de uma suntuosa mansão inglesa. Era um daqueles hotéis que escondiam luxo com um assustador equilíbrio de herança. Até o ar-condicionado estava sempre na mesma temperatura: congelantes 19 graus Celsius. Quando Schuyler era pequena, sua avó a levava para o Bemelmans Bar para tomarem Shirley Temples[30]. Cordélia se sentava no bar e fumava, antes de beber um Sazerac[31] atrás do outro, enquanto Schuyler ficava quieta no seu canto, observando os saltitantes animais desenhados na parede e contando quantas damas entravam vestindo chapéus e corpetes. Depois, elas se dirigiam à sala de jantar principal para devorar uma refeição francesa de cinco pratos diferentes. Nos dias em que Cordélia afirmava ter "enjoado" da Riverside Drive, elas se deslocavam até uma suíte de dois cômodos do Carlyle para passar o fim de semana. Schuyler pedia morangos com creme para o serviço de quarto, enchia a banheira aquecida e comia sua refeição noturna pouco nutritiva ali mesmo, entre bolinhas de sabão.

Quando Schuyler entrou no saguão de mármore branco aquela noite, ela se sentiu em casa com o silêncio que imperava no local. Naquele momento, as dolorosas lembranças de Jack Force e do encontro humilhante com o pai dele foram deixadas de lado. Bliss havia pedido a ela e Oliver que a encontrassem ali naquela noite, mas não explicara o motivo. Oliver já aguardava no isolado canto do bar.

— Vai um Manhattan? — ele perguntou, apontando para sua bebida.

— Claro — ela acenou com a cabeça.

Pouco depois, um discreto garçom chegou trazendo uma bandeja prateada com seu coquetel. Ele aproveitou e colocou uma tigela de prata com amêndoas espanholas quentes na mesa.

Schuyler pegou uma e a mastigou ponderadamente.

— Meu Deus, existe amêndoa melhor que esta?

— Nada como um hotel do Upper East Side — concordou Oliver sabiamente, pegando algumas. — Nós poderíamos fazer um *tour* pelos bares dos hotéis de Nova York que oferecem amêndoas. Só para comparar as amêndoas servidas no Regency com as do Carlyle e as do St. Regis.

— Hummm... o Regency tem uma ótima variedade. Eles fazem aquele aperitivo com três tipos diferentes de quitutes: ervilhas wasabi, amêndoas quentes e um tipo de biscoito apimentado — comentou Schuyler. O Regency era outro dos lugares que Cordélia mais gostava de frequentar.

Eles esvaziaram os copos e pediram outras bebidas. Alguns minutos depois, Bliss entrou correndo no bar, com os cabelos ainda molhados do banho. Ela se sentou ao lado de Schuyler e de frente para Oliver. — Oi, pessoal. Obrigada por virem até aqui.

— Vai um Manhattan?

— Claro.

Os três tocaram os copos no alto e saudaram.

— Humm... essas amêndoas estão gostosas — disse Bliss, colocando algumas delas na boca.

Oliver e Schuyler não contiveram o riso.

— Qual a graça?

— Nada. Conto para você mais tarde, não é nada importante — respondeu Schuyler.

Bliss levantou uma sobrancelha. Os dois estavam agindo daquela maneira o tempo todo. Piadas internas, lembranças da longa amizade das quais ela estava por fora. Era impressionante como Dylan

conseguia suportar isso.

— Vamos, diga. O que aconteceu? Por que você quis se encontrar com a gente aqui? — indagou Schuyler.

— Ele está aqui.

— Quem? — perguntou Oliver.

— Quem mais poderia ser? Dylan — respondeu Bliss. Ela contou a eles o que descobriu com seu pai — que Dylan tinha sido solto —, mas ele não estava exatamente solto como Charles dissera às duas. Em vez disso, ele tinha sido colocado sob prisão preventiva em uma suíte do Hotel Carlyle. O juiz havia autorizado Charles Force a pagar uma fiança para liberá-lo, com a condição de que Dylan fosse solto e ficasse sob sua guarda. O pai de Bliss disse que tudo não passou de um mal-entendido, e que as denúncias logo seriam retiradas. Ainda assim, eles não conseguiam entender o porquê de Dylan ser mantido em cárcere privado, e principalmente por Charles Force.

— E sem querer ouvi meu pai e Charles conversando sobre como “eles tomam conta deles próprios para não deixar a situação sair do controle”.

— Vocês fazem ideia do que ele quis dizer com isso? — perguntou Schuyler, pegando outra amêndoa da tigela.

Bliss tomou um longo gole de seu coquetel.

— Independente disso, na minha opinião, deveríamos fazer apenas o que o Oliver disse. Tirá-lo de lá. Não podemos falhar. É só usarmos o controle da mente para dominar os guardas — a Schuyler me contou que já fez isso antes — e depois sairmos correndo daqui com ele, e o Ollie fica de vigia. Eles estão prendendo ele no quarto 1001.

— Fácil assim? — indagou Oliver.

— É, por que não seria? Foi você quem disse para pensarmos como Blue Bloods.

— Mas, em primeiro lugar, como faremos para subir até lá? Não precisa ser convidado? — questionou Oliver.

— Pra falar a verdade — Schuyler elevou a voz — essa é a parte mais fácil. Eu costumava me hospedar sempre aqui com Cordélia. Sei onde fica o elevador, pessoal.

— Então vamos pôr as mãos na massa — sugeriu Oliver, erguendo a mão para pedir a conta.

Eles caminharam até o saguão principal e foram em direção ao elevador protegido por seguranças.

— Oi, Marty — Schuyler sorriu e cumprimentou um deles, que vestia um sobretudo vermelho lustroso com botões de metal.

— Oi, senhorita Schuyler, quanto tempo — disse ele, inclinando o chapéu.

— Pois é, faz bastante tempo — comentou Schuyler calmamente, conduzindo os amigos para dentro do elevador espelhado.

— Décimo segundo andar? — perguntou Marty todo simpático.

— Uh, não, acione o décimo desta vez. O hotel de vocês deve estar com bastante reservas.

— Sim, estamos em outubro — explicou ele. — Muitos turistas. Vai ter um espetáculo no Met ou algo do tipo — completou, antes de apertar o DEZ e dar um passo para trás, sorrindo para Schuyler e seus amigos.

— Obrigada, Marty, até mais! — despediu-se Schuyler, instantes antes de as portas se fecharem.

Ao desceram no andar desejado, eles caminharam até o final do corredor onde ficava o quarto, e quando chegaram ao 1001, não havia nenhum guarda tomando conta em frente à porta.

— Que estranho — comentou Bliss. — Ouvi meu pai dizendo que eles tinham contratado um monte de seguranças para não saírem de perto dele em momento algum.

Schuyler estava prestes a quebrar a fechadura quando notou uma coisa: a porta estava entreaberta.

Após empurrá-la para abrir, ela olhou para os lados e deu de cara com Bliss e Oliver com olhares confusos. Afinal, eles tinham vindo preparados para uma batalha e, até aquele momento, não tiveram que enfrentar obstáculo algum para seguir em frente.

Schuyler, enfim, entrou no quarto, com Bliss logo atrás dela.

— Dylan? — Bliss o chamou.

No quarto em que entraram, de carpete felpudo, dava para ouvir a televisão em alto e bom som. Havia uma bandeja do serviço de quarto com sobras de bife do jantar no prato, além das tampas de prata empilhadas de qualquer jeito logo ao lado. No chão, havia uma cama desfeita e toalhas espalhadas.

— Você tem certeza que eles disseram 1001? — quis confirmar Schuyler.

— Absoluta — acenou com a cabeça Bliss.

— O que vocês acham que aconteceu por aqui? — perguntou Oliver, olhando ao redor e pegando o controle remoto para desligar a TV.

— O Dylan não está mais aqui — afirmou categoricamente Bliss. Na mesma hora, ela se lembrou do que Charles Force havia dito a ela. Estavam cuidando dele — seja lá o que isso quer dizer. Ela sentiu um calafrio. Será que chegaram tarde demais para salvá-lo?

— Ele escapou — acenou com a cabeça Oliver.

— Ou alguém, ou algo, o libertou — sugeriu Schuyler.

Ao olhar para o prato ainda com alguma comida, Bliss ficou em silêncio, sem reação.

Solidária, Schuyler colocou uma mão sobre o ombro da amiga.

— Tenho certeza de que ele está bem, seja lá onde estiver. O Dylan é forte — ela tentou confortá-la. — Agora vamos dar o fora daqui antes que alguém pense que *nós* o libertamos.

TRINTA E NOVE

De repente, ela deu de cara com aquilo. Schuyler lamentou-se pelo orgulho que tinha. Era tudo sua culpa. Oliver havia proposto a ela que tomasse um táxi, mas como ela já devia muito dinheiro a ele, acabou recusando o favor. Conduto ou não, ela não queria continuar se aproveitando de sua generosidade. Ele e Bliss moravam a alguns quarteirões de distância do Carlyle, e Schuyler disse aos dois que tomaria o ônibus que atravessa a cidade sem o menor problema. O M72 a deixou no cruzamento da Seventy-second e da Broadway, de onde ela resolveu caminhar o restante do trajeto até sua casa. Eram mais de vinte quarteirões, mas ela parecia ansiosa para se exercitar.

Na esquina da Ninety-fifth Street, ela saiu de uma avenida bem iluminada para entrar em uma rua escura, na esperança de andar à beira da Riverside; mas foi nesse momento que ela sentiu aquilo.

Numa questão de segundos, ela estava em suas garras. Ela sentiu os caninos afiados perfurarem sua pele e começarem a lentamente drenar o sangue de seu corpo. Ofegante, ela desmaiou. Tudo indicava que seu fim estava próximo. Tinha quinze anos de idade, mal conseguira viver e já estava prestes a morrer. Ela se esforçou para tirar suas garras de ferro. E para piorar, segundo o que sua avó lhe dissera, ela *iria* viver. Iria viver na memória desse monstro asqueroso, uma prisioneira na armadilha de uma consciência insana por toda a eternidade.

Belinha. Onde estaria ela? Agora era tarde demais para sua cadela salvá-la.

A dor era profunda; ela sentia tontura por perder tanto sangue. Mas momentos antes de ela cair, ouviu-se um grito.

Uma luta.

Alguém estava enfrentando o monstro. O Silver Blood começava a soltá-la. Então, Schuyler, colocando a mão no pescoço na tentativa de estancar o sangue, virou-se para ver quem tinha lhe salvado.

Eis que Jack Force estava medindo forças com a terrível criatura, numa tremenda batalha. O monstro era grande e pesado, tinha os cabelos brilhantes e grisalhos e o formato de ser humano. Mas nem por isso Jack deixou de combatê-lo.

Ele disputava terreno palmo a palmo com o Silver Blood, mas no final o vampiro acabou o atirando longe, jogando o corpo de Jack contra a parede.

— Jack! — gritou Schuyler. Ela olhou para cima e, ao ver o monstro investir contra sua garganta, lembrou-se das palavras de sua avó. As leis do Paraíso diziam que qualquer criatura deveria servir à Língua Sacra.

Então, ela o afastou com um poderoso comando:

— *Aperio Oris!* Mostre quem você é!

O Silver Blood caiu na gargalhada e sibilou com uma horripilante voz que transmitia com a agonia de mil almas desesperadas:

— Você não pode me controlar, sua terráquea!

A criatura continuou a ameaçar marchando em sua direção.

— *Aperio Oris!* — tornou a gritar Schuyler, desta vez com mais força.

Jack cambaleou para trás, pois no momento em que Schuyler evocou o feitiço, as palavras sagradas que aprendera, o monstro mostrou a eles a sua verdadeira face.

Era uma face que Jack jamais esqueceria.

Horrorizada, a criatura uivou, lançando um grito desprezível e tenebroso e desaparecendo em

seguida.

— Está tudo bem com você? — perguntou Schuyler, correndo mais que depressa ao seu lado. — Você está sangrando.

— É só um corte — contemporizou ele, limpando o sangue que tinha escorrido na cor vermelha, mas que ficava azul quando iluminado. — Estou bem. E você, como está?

Ela apalpou a lateral do pescoço. O sangramento havia estancado.

— Como você sabia? — ela quis saber.

— Que ele iria atacá-la? Porque ele já havia tentado uma vez, então sabia que ele voltaria a tentar. Os assassinos tendem a voltar e terminar o que haviam começado.

— Mas por que você...

— Eu não queria ver você se machucar por minha causa — explicou Jack de forma brusca.

Só por isso? — ficou imaginando Schuyler.

— Obrigada — disse ela, bem baixinho.

— Você viu a criatura? — perguntou Jack. — Viu?

— Sim — acenou Schuyler. — Eu vi.

— Não pode ser — comentou Jack. — Deve ser um truque — concluiu, balançando a cabeça. — Não acredito naquilo.

— Não é. Ele tem que seguir as regras — afirmou Schuyler docilmente.

— Eu conheço a Língua Sacra — Jack falou rispidamente. — Mas só pode ter sido um engano.

— Sem essa de engano. Aquelas são as regras da criação.

Jack fechou a cara para ela.

— Não.

O monstro havia se revelado por um breve momento, quando teve obrigatoriamente que obedecer às palavras de Schuyler. O que ele mostrara era sua verdadeira forma. E era o rosto da autoridade que comandava Nova York, a face do homem que sozinho fazia a cidade se curvar à sua vontade.

A face de Charles Force.

O próprio pai dele.

QUARENTA

Schuyler contou a Jack tudo que havia descoberto, esperando que aquilo não fosse verdade.

— É ele. Ele estava lá na noite em que Aggie morreu. Eu o vi no porão do The Bank. Ele estava saindo do Repositório. Agora me lembro. Isso o coloca na cena do crime. Era ele, Jack.

Jack balançou a cabeça.

— Você não pode negar o que viu. Era o rosto de seu pai.

— Você está enganada. Era um truque de luz ou algo do tipo — reagiu ele, que continuou balançando a cabeça e olhando para o sangue que escorria pela calçada.

— Jack, me ouça. Temos que encontrá-lo. Minha avó disse que nem mesmo os Silver Bloods sabem o que realmente são. O seu pai pode não ter percebido que foi possuído.

Desta vez, Jack não rebateu as palavras de Schuyler.

Ela colocou uma mão em seu braço.

— Onde ele está?

— Onde ele sempre está. No hospital.

— Como assim? Que hospital?

— No Columbia Pres, mas não sei o quarto exato. Não sei o que ele faz lá além de sempre visitar um paciente — respondeu Jack. — Por quê?

— Acho que tenho um palpite de onde podemos encontrá-lo — afirmou Schuyler.

Schuyler sentiu uma apreensão muito grande ao compartilhar o espaço de um táxi até o hospital com Jack, mas tentou contê-la como pôde. Ao chegarem no complexo, os guardas brincaram com ela ao entregarem um crachá de visitante ao seu "namorado".

— Quem está internado aqui? — Onde estamos indo? — ele a questionou enquanto seguia rapidamente seus passos corredor abaixo.

— Minha mãe — respondeu Schuyler. — Você verá.

— Sua mãe? Pensei que ela estava morta.

— Para os outros, pode até ser que ela esteja — comentou ela, fechando a cara.

Então, ela o conduziu pelos corredores vazios até o quarto de esquina. Ao chegar lá, ela olhou através da janela de vidro e gesticulou para Jack fazer o mesmo.

Ali dentro, havia um homem ajoelhado ao pé da cama. O mesmo visitante misterioso que aparecia todos os domingos, aquele que Schuyler já tinha visto mais de uma vez no quarto de sua mãe. Então foi por isso que Charles Force lhe pareceu tão familiar no enterro de Aggie. Agora ela reconhecia aquele par de ombros. Era ele o homem no porão do The Bank e o monstro que tinha acabado de atacá-la. O estranho misterioso, no final das contas, não era seu pai, mas sim um Silver Blood. Um monstro. Ela sentiu um ódio incontrolável — e se Charles Force tivesse algo a ver com a condição de sua mãe? *O que ele teria feito a ela?*

— Pai — disse Jack ao entrar no quarto. Ele parou e fixou o olhar quando viu o rosto da mulher deitada na cama. A mulher com a qual sonhara. Allegra Van Alen.

Charles olhou para cima e se deparou com Schuyler e Jack, em pé, diante dele.

— Pensei que tínhamos colocado um ponto final nessa história — ele disse, fechando a cara para os dois ao mesmo tempo.

— Onde você estava há questão de meia hora? — quis saber Schuyler.

— Aqui.

— Mentiroso — Schuyler o acusou. — CROATAN!

Charles ergueu as sobrancelhas.

— Precisa me insultar? Por favor, abaixe o tom de voz. Mostre um pouco de respeito por quem está à sua volta. Estamos num hospital, não em um ringue.

— É você, pai. Nós vimos você lá — afirmou Jack. Ele mal conseguia acreditar que Allegra ainda estava viva. Mas o que ela estava fazendo em um hospital?

— Do que exatamente vocês dois estão me acusando?

— De onde vieram esses arranhões? — quis saber seu filho, notando os cortes no rosto do pai.

— Foi o maldito gato persa de sua mãe — Charles resmungou.

— Eu acho que não — Schuyler zombou dele.

— Qual é a de vocês? — Charles se zangou. — Por que vocês dois estão aqui?

— Você atacou a Schuyler, e eu que o afastei dela. Era você, eu vi... Schuyler recitou as palavras, e meu adversário revelou sua face. E era a sua.

— É nisso que vocês acreditam?

— Sim.

— Sua avó tem razão, Schuyler — declarou Charles, num tom pensativo. — Se o meu próprio filho acha que eu sou a Abominação, é porque certamente os tempos mudaram. É disso que vocês estão me chamando, não é, Jack? — ele o indagou, ao puxar o punho da manga de sua camisa e mostrar aos dois um símbolo escondido em seu pulso direito. Era uma espada, uma espada dourada rompendo uma nuvem.

— O que é isso? Por que está nos mostrando isso? — Schuyler perguntou.

— O símbolo do Arcanjo — explicou Jack, em tom respeitoso. Por um instante, ele se esqueceu de toda a confusão que envolvia Allegra Van Alen e caiu de joelhos, inclinando o tronco aos pés de seu pai.

— Exatamente — confirmou Charles com um tênue sorriso.

— O que isso quer dizer? — questionou Schuyler.

— Quer dizer que meu pai não é mais Silver Blood que você ou eu — explicou Jack, aumentando o tom de voz. — O símbolo do Arcanjo. Ele não pode ser reproduzido e nem falsificado. Meu pai é Miguel, o Coração Puro, que acompanhou voluntariamente os expulsos até a Terra para nos guiar em nossa jornada imortal — completou ele, fazendo reverência ao seu pai. — Me perdoe. Eu estava perdido, mas agora reencontrei meu caminho.

— Levante, meu filho. Não há o que perdoar.

Schuyler olhava para pai e filho cheia de questionamentos.

— Mas eu usei a Língua Sacra. O feitiço para revelar a sua verdadeira natureza.

— Os Silver Bloods são seres metamórficos de muita agilidade — Charles explicou. — Ele até poderia obedecer ao seu comando, mas só depois de mostrar a você algo que ele sabia que lhe confundiria, só para lhe assustar. Ele mostraria sua verdadeira identidade só depois disso, e num piscar de olhos.

— Então se o seu pai não é o Silver Blood que me atacou, quem poderá ser? — questionou Schuyler, desconfiada. — E onde está o Dylan?

— Ele está seguro. Por enquanto. Está escondido, não irá mais fazer mal a ninguém — afirmou Charles. — Amanhã ele estará bem longe daqui.

— Como assim, *fazer mal a ninguém*? — indagou Schuyler.

— Ele tinha marcas de mordida no pescoço. Ele estava sendo usado. Transformado.

— Em quê? Do que você está falando?

— Dylan é um Blue Blood — respondeu Charles, curto e grosso. — Pelo menos, ele era. Pensei que você soubesse disso.

Schuyler balançou a cabeça. Afinal, o Dylan era um vampiro? Então isso quer dizer... quer dizer que ele poderia ter matado Aggie — ou seja, tudo o que eles pensaram e presumiram poderia não ser mais verdade. Dylan não era humano. E isso significava que havia uma chance de comprovar que não era inocente.

— Mas ele nunca esteve presente às reuniões — protestou Schuyler, já sem tanta força.

Charles sorriu.

— Elas não são obrigatórias. Você pode aprender sobre sua história ou simplesmente ignorá-la. Dylan escolheu a segunda opção. Pior para ele. Os Silver Bloods só atacam os desprovidos de espírito. Eles são atraídos por aqueles que estão enfraquecidos, deteriorados de alguma forma. Eles perceberam a fraqueza de Dylan e se aproveitaram dele. E o Dylan, por sua vez, se aproveitou de outros.

— Então *foi* ele mesmo. Foi ele quem matou Aggie?

— Infelizmente para Aggie, sim. Descobrimos que Dylan havia perdido quase todo seu sangue no primeiro ataque, mas o Silver Blood decidiu não consumi-lo por completo e preferiu transformá-lo em um dos seus. Para sobreviver, ele teve que consumir uma vítima de sua espécie — explicou Charles. — Lamento informar.

Por um instante, Schuyler ficou sem palavras. O tempo todo, desde o princípio, eles pensaram que Dylan era seu amigo. Dylan, um vampiro... e pior, um fantoche de Silver Blood. Que horripilante!

— Então, os Silver Bloods existem realmente. Você admite que eles estão de volta.

— Não admito nada — declarou Charles, de forma arrogante. — Poderia haver outras explicações para os seus atos. Ele ainda poderia estar agindo sozinho. De vez em quando isso acontece. Demência. Os Anos do Ocaso deixam os seres de nossa espécie muito inconstantes. Ele pode ter forjado as marcas no pescoço. Precisamos investigar pelos meios mais adequados. Se ele foi corrompido, ainda há uma chance de salvar sua alma. Por enquanto, o levamos junto de sua família para um local seguro.

— Mas você não pode fazer isso. Encobrir a verdade. Você tem que alertar todo mundo, de qualquer jeito!

— Você é igualzinha à sua avó — comentou Charles. — Uma pena. A sua mãe não era uma mulher histérica — completou, olhando com ternura para Allegra e abaixando o tom de voz. — O Conclave tomará conta disso. Agiremos na hora certa.

— Voltando ao tempo, em Plymouth, você não fez nada — o acusou Schuyler. — Roanoke — todos eles foram levados, e mesmo assim você não fez absolutamente nada.

— E as mortes cessaram — respondeu Charles friamente. — Se tivéssemos alertado todo mundo, se tivéssemos continuado a correr deles, como os seus avós nos aconselharam, nós nunca teríamos chegado onde estamos hoje. Ficaríamos escondidos por toda a eternidade, com medo de uma sombra que talvez nem exista.

— Mas e quanto à Aggie, à menina de Connecticut e ao aluno da Choate? — tentou argumentar Schuyler. — Como se explica isso?

Charles suspirou. — Foram perdas lamentáveis, todas elas.

Schuyler não podia acreditar no que estava ouvindo. Ele falava das pessoas como se suas vidas fossem dispensáveis.

— Iremos esclarecer tudo isso na hora certa, garanto a você — disse Charles. — Nós vencemos a batalha em Roma. Os Silver Bloods estão quase destruídos.

— Minha avó contou que um deles sobreviveu, que um deles conseguiu se esconder entre nós... que o Silver Blood mais poderoso de todos pode ainda estar vivo — falou Schuyler, andando ao redor da

cama de sua mãe para ficar de frente a Charles.

— Cordélia sempre afirmou isso. Ela insiste em dizer isso. Ela está enganada. Eu estive lá. Estive presente na batalha do templo. Ouçam-me com muita atenção vocês dois, porque não quero ter que voltar a repetir: eu mesmo mandei Lúcifer para queimar no Inferno — declarou Charles.

Schuyler ficou quieta, aparentando desânimo.

— Agora, vamos deixar sua mãe em paz — ordenou Charles. Ele se ajoelhou outra vez e beijou a fria mão de Allegra.

— Mas falta uma coisa — lembrou-se Schuyler, de repente. — Dylan.

— Sim? — perguntou Charles.

— Onde ele está?

— No Hotel Carlyle. Eu disse a vocês, ele está seguro.

— Não, ele não está. Não está mais no Carlyle. Eu estava lá até agora há pouco. Alguém o levou — contou Schuyler, dizendo o que tinham encontrado por lá — a televisão ligada, os restos do jantar. — Acho que foi ele quem me atacou.

Por um longo momento, nada foi dito. Charles olhou furioso para Schuyler.

— Se o que você está dizendo for verdade, precisamos encontrá-lo. Imediatamente!

QUARENTA E UM

Ela gritava alto, muito alto, como se ninguém nunca fosse conseguir ouvi-la. Era outro pesadelo — alguém se apoderando dela, sufocando sua respiração — e ela não podia fazer nada para detê-lo — ela estava com ânsia, se afogando, lutando contra a força que a reprimia... ela se debatia, tentando acordar, num esforço descomunal para sair da cama — quando, de repente, ela teve que abrir os olhos... teve que encará-lo... até ver o que era aquilo.

Ela viu os dois olhando para ela. Seus pais. Ele estava vestindo seu roupão de flanela por sobre o pijama, e ela, sua madrasta, usava um penhoar por cima de uma camisola.

— Bliss, querida, está tudo bem? — perguntou seu pai. Ele tinha voltado de Washington D.C. para passar a semana em casa.

— Tive um pesadelo — respondeu Bliss, erguendo o tronco para se sentar e jogando as cobertas para o lado. Ela colocou uma das mãos na testa e sentiu o calor que emanava de sua pele. Estava queimando de febre.

— Outro pesadelo? — perguntou sua madrasta.

— Um pior desta vez.

— Faz parte, Bliss. Não precisa se preocupar — seu pai tentou animá-la. — Eu me lembro de quando tinha sua idade, tive pesadelos horríveis. São esperados. Apagões também — quando tinha quinze anos, acordei diversas vezes em um local que não fazia a menor ideia de como tinha chegado até ali, e muito menos do que havia acontecido — ele contou. — Faz parte da transformação.

Bliss acenou com a cabeça e aceitou o gelado copo d'água que sua madrasta lhe ofereceu. Ela tomou o líquido toda esbaforida. Seu pai já havia lhe dito aquilo antes, na vez em que contou a ele sobre as viagens no tempo e os apagões.

— Estou bem — ela contou a eles, embora se sentisse muito cansada, como se todos os músculos de seu corpo estivessem doloridos, como se tivesse sido esmurrada e espancada por todos os lados. Ela gemeu.

Os dois prontamente se inclinaram em sua direção.

— Está tudo bem, de verdade — explicou ela, abrindo um sorriso forçado e tomando outro gole enorme de água. — Você dois podem voltar para a cama. Eu estou bem.

Antes de deixarem o quarto, seu pai deu um beijo em sua testa e sua madrasta acariciou seu braço.

Bliss colocou o copo d'água embaixo, no criado-mudo. Depois, ela se lembrou — Dylan.

Após se despedir de Oliver e Schuyler no Carlyle, ela se encontrou com sua família para um breve jantar no DB Bistro. Quando chegou em casa, ela abriu a porta de seu quarto e se deparou com Dylan, sentado em sua cama, como se aquilo fosse a coisa mais normal do mundo. Ele tinha usado a chave que ela o emprestara para poder entrar.

— Dylan!

Ele estava pálido, com febre. Ele tinha tirado a jaqueta, e ela percebeu que sua camiseta e seu jeans estavam rasgados. Seus cabelos escuros emaranhados na testa. Ele parecia assustado. Apavorado. Seus olhos estavam assombrados. E então, ele contou o sucedera — que ele tinha sido sabatinado e preso, mas sem acusação formal, por Charles Force, o modo como Charles Force o levara até a suíte do hotel e que não parava de pensar a todo momento quanta falta ela fazia.

— Acontece que acho que fiz algo de errado — ele falou, com as mãos trêmulas. — Acho que eles tinham razão. Acho que matei Aggie. Não tenho certeza, mas acho que há algo de errado comigo.

— Dylan, não. É impossível. Você não seria capaz — disse Bliss.

— Você não me entende — gritou Dylan. — Sou um vampiro. Assim como você, um Blue Blood.

Bliss ficou apenas olhando para ele. De repente, tudo passou a fazer sentido. É claro que ele era um deles, ela sabia disso de alguma forma, era esse o motivo pelo qual se sentiu atraída por ele todo aquele tempo. Afinal, ele era como ela.

— Mas aconteceu alguma coisa comigo... não lembro ao certo, mas acho que acabei de tentar matar a Schuyler... vi ela saindo do hotel e a segui. Não sei por que algo tomou conta de mim. Eu a vi na rua e... e não acho que essa foi a primeira vez que fiz isso.

— Não — disse Bliss, negando-se a ouvir o que ele tinha para lhe contar. — Pare. Você está confuso — completou ela. Por que ele atacaria Schuyler? A menos que ele fosse... a menos que ele tivesse se tornado... a menos que ele tivesse se transformado em um... Ela se lembrou da noite após a sessão de fotos. Schuyler, cambaleando na calçada, pressionando a mão contra o lado do pescoço...

— Ouça — ele disse, levantando-se da cama e vestindo sua jaqueta. — Você precisa sair daqui. Eles me pegaram e também irão pegar você. Eles querem possuir todos nós. Eu só voltei para avisá-la, não posso continuar aqui. Acho que não é seguro para você ficar perto de mim. Mas eu queria lhe dizer para tomar cuidado. Não quero que eles a peguem. Você tem que se proteger. Tem que acreditar em mim. Eles estão chegando...

Depois, tudo se apagou. Era tudo o que ela se recordava.

Ela tinha apagado. Estava ali mas, ao mesmo tempo, não estava. Ela viajou no tempo e foi parar em outro lugar. Quando acordou, ela estava gritando, e seus pais estavam de pé, bem diante dela.

Dylan tinha vindo para avisá-la — e, agora, ele não estava mais ali.

Bliss sentiu um grande vazio, uma dor bem profunda, como se tivesse sobrevivido a uma surra. Ela caminhou até o banheiro e acendeu a luz. Ao olhar para seu rosto no espelho, ela respirou fundo. Havia uma marca sob a gola de sua camiseta. Será que seus pais tinham notado? Ela puxou o tecido para ver melhor. Era uma mancha feia. Um inchaço roxo escuro, como se alguém tivesse tentado lhe estrangular. A pele estava sensível ao toque. O que teria acontecido? Onde estava Dylan?

Ela abriu a torneira para lavar o rosto e só então percebeu cacos de vidro moído no chão do banheiro. O cômodo estava frio. Ela se virou na direção da janela. As cortinas balançavam com o vento. A parte de cima da vidraça estava estilhaçada — e o vidro era à prova de bala —, seu pai tinha chamado uma pessoa para instalá-la quando eles se mudaram, ainda que fossem morar no piso mais alto do edifício de trinta andares.

Bliss andou com cuidado para não pisar nos estilhaços e notou algo estanho. Próximo ao aquecedor, havia um objeto escuro, todo amassado. Ela esticou o braço e puxou a jaqueta de motoqueiro de Dylan. Ele nunca ia para lugar algum sem sua jaqueta. Era como se fosse sua segunda pele. Ela exalava o seu cheiro — um pouco azedo, uma combinação de fumaça de cigarro e loção pós-barba.

No entanto, não havia nada de diferente nela. Ela virou a jaqueta contra a luz e só então notou algo de estranho. O forro estava encharcado de sangue. Grosso e úmido. Denso. Havia muito, mas muito sangue. Meu Deus...

Ela ainda segurava a jaqueta quando notou Jordan de pé em frente à porta do banheiro. Aquela figura pequena, quieta, vestida com pijama de algodão.

— Você me assustou! Já pensou em bater na porta? Você sabe que não pode entrar no meu quarto! — disse Bliss.

A irmã mais nova olhou para ela como se tivesse visto um fantasma: — Você está bem?

— É claro que estou — a repreendeu Bliss.

— Ouvi algo... ouvi uma voz grossa...

— Era o Dylan, meu namorado. Ele estava comigo aqui hoje cedo.

— Não, não era a voz do menino — era outra — contou Jordan. Ela estava tremendo demais, e Bliss ficou surpresa ao ver a irmã indo quase às lágrimas. Ela nunca tinha visto Jordan agir daquela maneira antes.

Bliss, ainda com a jaqueta em mãos, caminhou até ela e a envolveu com o braço. — O que você ouviu? — ela perguntou, tentando acalmar a trêmula irmã.

— Ouvi um barulho forte — como se fosse algo caindo bem forte no chão — e depois ouvi passos que saíam do seu quarto — arrastando alguma coisa para fora — até escutar você gritar... aí eu não, eu não sabia o que fazer, então chamei a mãe e o pai...

Agora tudo fazia sentido.

A janela quebrada.

Alguém esteve ali.

Outra pessoa.

Ou, mais provável, alguma *coisa*.

E ela tinha pego... meu Deus, o Dylan! Todo aquele sangue — havia tanto sangue na jaqueta —, como alguém poderia sobreviver depois de perder tanto sangue? Ela sentiu uma profunda tristeza por ele. Ele estava praticamente morto. A criatura o tinha levado.

Ela havia retornado, para terminar o que havia começado — para pegá-*la* — o inchaço em seu pescoço, ela tentando se desvencilhar dele — se Jordan não tivesse ouvido, se seus pais não tivessem aparecido no quarto... No mesmo instante, ela sentiu calafrios. Os finos pelos de seu braço ficaram arrepiados.

Não era um pesadelo — ela tentou combater a criatura —, aconteceu mesmo, era real. Aquela coisa tinha tentado matá-la. Era para aquilo que Dylan tentou alertá-la, aquilo que ela, Oliver e Schuyler tinham descoberto no Repositório. Croatan. Uma criatura que se alimentava de vampiros.

Um Silver Blood.

QUARENTA E DOIS

Os Force a deixaram em frente à porta de sua casa. Schuyler estava toda constrangida de lembrar que tinha acusado o pai de Jack de ser um Silver Blood. Ainda assim, ela continuava perturbada pela sua atitude de indiferença quanto ao retorno desses vampiros — para ele, era como se não se incomodasse, mas, ao mesmo tempo, ele meio que esperava por isso. Mas aquilo não podia ser verdade. Ele era o Regis, o líder deles, um vampiro por escolha, e não por pecado. Ela precisava confiar nele para saber a coisa certa a fazer.

— Não esquenta — disse Jack, ao se despedir dela.

Ela acenou em agradecimento e desceu do carro. Então, ela percebeu que tinha esquecido completamente de perguntar o motivo pelo qual Charles estava visitando sua mãe. Talvez sua avó soubesse lhe dizer.

Quando Schuyler entrou na casa, ela sentiu uma coisa estranha. A sala de estar estava escura e toda fechada como sempre, mas uma sensação de perigo tomou conta dela. O porta-guarda-chuva tinha sido derrubado, dando a impressão de que alguém havia descido a escada apressado. O silêncio que pairava no ar era sinistro. Hattie já tinha saído para curtir sua semana de folga, e sua avó deveria estar sozinha na casa. Schuyler acelerou o ritmo ao subir os degraus. Ela notou que um dos quadros pendurados na parede da escada estava torto. Definitivamente alguém passou por ali. Alguém que não pertencia àquele lugar.

Dylan! E se o Dylan esteve por ali? Procurando-a? Para terminar o que havia começado? Seu pânico só aumentou. O quarto de sua avó ficava na ponta do segundo piso. Schuyler abriu as portas e andou a passos ligeiros dentro dele, chamando-a.

— Cordélia! Cordélia!

Então, ouviu-se um gemido do outro lado da cama.

Schuyler correu na direção do som, assustada com o que poderia encontrar. Mas ela não gritou ao ver Cordélia deitada no chão, sobre uma poça do próprio sangue — um líquido azul denso ao seu redor —, como se já soubesse o que poderia acontecer.

— Travei uma luta... mas era muito poderoso... — murmurou Cordélia, abrindo os olhos para ver Schuyler inclinada sobre seu corpo.

— Quem? Quem fez isso com você? — perguntou ela, ajudando a erguer a avó para a posição sentada. — Preciso levá-la ao hospital.

— Não, é tarde — declarou Cordélia, com a voz mal saindo da garganta. — Veio atrás de mim. Croatan — revelou, cuspindo sangue em seguida.

— Quem? Era o Dylan? Você conseguiu ver?

Cordélia balançou a cabeça.

— Não vi nada. Fiquei momentaneamente cega. Mas era jovem, poderoso. Não vi o rosto dele, tentei afastá-lo de mim. Ele tentou, mas não conseguiu me levar ou se apoderar das minhas memórias. Mas cheguei ao fim do meu ciclo. Você precisa me levar até a Dra. Pat, para que ela possa retirar o meu sangue. Para a próxima Manifestação. É muito importante.

Schuyler acenou com a cabeça com lágrimas nos olhos.

— Mas e a senhora?

— Este ciclo terminou para mim. Esta é a última chance que teremos de conversar por um longo tempo.

Schuyler contou rapidamente a ela sobre o que aconteceu no Carlyle e o que ela descobriu sobre o Dylan com Charles Force, o modo como ele fora mordido e transformado por um Silver Blood e o episódio em que ele matara Aggie.

— Mas ele está desaparecido. Ele escapou do quarto do hotel, ninguém sabe onde ele está.

— Provavelmente ele deve estar morto a uma hora dessas. Eles irão matá-lo antes que ele possa revelar seus segredos. Antes que os Blue Bloods possam prendê-lo novamente. Está acontecendo o que sempre temi — sussurrou Cordélia. — Os Silver Bloods estão de volta... Só você pode derrotá-los... Sua mãe era a mais forte de nós e você é a filha dela...

— Minha mãe?

— Sua mãe era Gabrielle. Gabriel, um dos sete arcanjos. Só dois deles vieram voluntariamente com os amaldiçoados, os realistas. Para nos salvar. Ela era a mais forte. Era irmã gêmea de Miguel, ou seja, de Charles Force. Seu único amor. Ele foi o sacrifício original dela. Ele só levou até o fim o amor que sentia por ela. Desistiu do Paraíso para ficar com ela.

Então era por isso que Charles visitava sua mãe. Allegra era irmã dele. E isso significava que ele era seu... tio? O complexo histórico familiar dos Blue Bloods era complicado demais para Schuyler entendê-lo naquele momento. Cordélia continuou a falar.

— Eles governaram juntos por milhares de anos. No Egito, era comum os faraós se casarem com suas irmãs, assim como fizeram os imperadores em Roma. Porém, no mundo moderno, a prática foi sendo cada vez mais condenada, e isso se tornou um misterioso segredo. Os gêmeos ainda nasciam nas mesmas famílias, com laços de sangue entre eles, assim como eu era para o seu avô; mas diferente de antes, um dos gêmeos assumiria o papel de esposo, e os Red Bloods nunca notariam essa transição. Assim, fortunas foram preservadas na mesma família por várias gerações.

Schuyler pensou em Mimi e Jack, lembrando da estranha e íntima relação que tinham um com o outro.

— Charles e Allegra foram ligados pelo sangue por toda a eternidade. Isso até ela conhecer o seu pai. Sua mãe se apaixonou por Stephen. E esse foi seu cruel destino. Ela se afastou de Charles, que, irado, abandonou a família. Ele arrumou um novo nome e abriu mão do legado dos Van Alen. Quando o seu pai morreu, Allegra jurou nunca mais consumir outro familiar humano, para preservar o amor que sentia. É por isso que ela não acorda. Sua existência só tem lugar entre a vida e a morte. Ela se recusa a consumir um Red Blood para se manter viva. E o Charles poderia ajudá-la, mas prefere não interferir.

— Meu pai era humano?

— Sim. Você é única. Uma mestiça. *Dimidium Cognatus*. Você precisa tomar cuidado. Eu lhe protegi o máximo que pude. Você encontrará seres que tentarão destruí-la.

— Quem? E por quê?

— Acredita-se que a filha de Gabrielle nos trará a salvação que procuramos.

— Eu? Mas como?

Cordélia tossiu. Ela agarrou o braço de Schuyler bem firme.

— Você precisa encontrar o seu avô... meu marido... Teddy... um Imortal, um vampiro que manteve a mesma aparência física por séculos... Nós dois nos separamos há muito tempo. Após termos sido expulsos do Conclave, concordamos que seria mais seguro se nos separássemos... Não confiávamos nos Guardiões... Acreditávamos que um deles acolhia o Croatan... Há séculos que Teddy está desaparecido... Você precisa pesquisar no Repositório para saber sobre o seu último paradeiro... Ele poderá ajudá-la. Tente Veneza. Ele apreciava muito a Itália. Pode ser que tenha ido para lá. Só ele sabe como derrotar os Silver Bloods. Você precisa encontrá-lo e dizer a ele o que aconteceu.

— Mas como eu irei reconhecê-lo?

Debilitada, Cordélia ainda conseguiu abrir um sorriso.

— Ele escreveu vários livros. A maioria dos que estão na biblioteca é de sua coleção ou foi escrita por ele.

— Quem era ele? Qual era o seu nome?

— Ele possui vários nomes. Você precisa ter vários, sabe, caso sobreviva por tanto tempo. Mas quando estivemos juntos pela última vez, seu nome era Lawrence Winslow Van Alen. Vasculhe a Piazza San Marco. E a Academia. Espere — é mais provável que o encontre no bar do Cipriani[32]. Ele adorava tomar Bellinis[33]. Conte a ele, conte que Cordélia a enviou até lá.

Schuyler acenou com a cabeça. Agora, ela não se conteve e chorou copiosamente. Ainda havia tantas coisas para compreender — Charles/Miguel, Allegra/Gabriel, seu pai humano, seu avô imortal. Sem dúvida, sua árvore genealógica era das mais estranhas e diversificadas. E tudo isso sem contar o seu *status* de mestiça. Quem mais sabia daquilo? Será que Oliver sabia? O Jack? E o que isso queria dizer? Qual o significado de que a filha de Gabrielle traria aos Blue Bloods a salvação? Aquilo era muito para ela. Um fardo muito grande para carregar nas costas. O que ela mais queria naquele momento era que o sangramento de Cordélia estancasse. Como Schuyler iria seguir em frente sem ela?

Mesmo sabendo que sua avó, na prática, não iria morrer nunca, ainda assim ela partia desse mundo na presente situação.

— Vó — ela implorou. — Fique comigo.

— Cuide-se bem, minha neta — ela disse, esticando o braço para pegar na mão de Schuyler. — Facio Valiturus Fortis — despediu-se dela. Seja forte e valente. Com essa última bênção, o espírito de Cordélia Van Alen retornou a um estado passivo.

QUARENTA E TRÊS

No velório de Cordélia, tinha gente até de pé. Era impressionante a quantidade de pessoas que conheciam Cordélia Van Alen. A igreja St. Bartholomew estava lotada, e na sétima noite de visitação, centenas de pessoas ainda passavam pelo local. O governador, o prefeito e dois senadores de Nova York, além de muitos outros, também vieram para prestar suas homenagens. O lugar estava quase tão cheio quanto o velório de Jackie O[34], pensou Mimi.

Diferente do velório de Aggie Carondolet, quase todos os presentes vestiam branco durante o funeral de Cordélia. Até mesmo o pai de Mimi insistiu que sua família vestisse trajes na cor de marfim para a ocasião. Mimi tinha escolhido um vestido cinza da Behnaz Sarafpour. Ela notou de longe Schuyler Van Alen à frente da fila de cumprimentos, recebendo os presentes com um leve vestido branco e com os cabelos presos atrás por duas gardênias brancas.

— Obrigada pela presença — dirigiu-se ela aos Force, cumprimentando-os com um aperto de mãos.

— O seu sofrimento é o nosso. Ela irá retornar — disse Charles, solenemente. Ele vestia um terno na cor creme. Schuyler tinha guardado segredo sobre as circunstâncias da morte de sua avó. Se realmente houvesse um Silver Blood no Conclave, ela achou que seria melhor não revelar o que de fato ocorreu. Então, em vez disso, Schuyler contou a todos que Cordélia estava cansada da Manifestação e ansiava por um descanso antes de entrar no próximo ciclo.

— Agora resta esperar por boas notícias — Schuyler proferiu a tradicional réplica. Nos últimos dois meses, ela havia aprendido muitas coisas.

— *Vos Vadum Reverto* — sussurrou Jack, fazendo reverência ao caixão. *Você irá retornar*.

Mimi acenou discretamente com a cabeça para Schuyler. Em seguida, ela avistou Bliss chegando com a família pela porta lateral. Sua amiga usava um vestido sem mangas da Sarafpour, idêntico ao de Mimi. A menina do Texas também aprendera bastante.

— Ei, Bliss, que tal se, depois do velório, formos a um spa? Estou tão dolorida com as aulas de Ashtanga Vinyasa Yoga — contou Mimi para a amiga.

— Claro — respondeu Bliss. — Vou esperá-la depois da missa — avisou. Em seguida, caminhou até Schuyler, que estava sozinha diante do suntuoso caixão de platina.

— Meus pêsames — disse Bliss.

— Obrigada — agradeceu Schuyler, com os olhos abatidos.

— O que você irá fazer agora?

Schuyler deu de ombros. Em seu testamento, Cordélia havia declarado Schuyler como menor emancipada, deixando Hattie e Julius como seus guardiões por enquanto.

— Vou ficar bem.

— Boa sorte.

Schuyler ficou observando Bliss sair e se aproximar de Mimi. No dia anterior, Bliss tinha contado a ela sobre a outra noite, sobre o que acontecera quando ela voltava do Carlyle, como ela encontrou Dylan em seu quarto e o modo como ele confessou. Comentou também sobre o apagão que tivera e que, depois de acordar, viu cacos de vidro no chão e encontrou a jaqueta de Dylan manchada de sangue.

— Ele era um vampiro e agora está morto, Schuyler — contou Bliss, com lágrimas nos olhos.

Não, não estava morto. Pior que morto, pensou Schuyler. Cordélia tinha lhe avisado que quando os Silver Bloods consumiam os Blue Bloods por completo, eles se apoderavam de suas almas, de suas

memórias, faziam deles prisioneiros de sua consciência imortal por toda a eternidade.

— Eles o levaram, mas queriam me raptar também — soluçou Bliss. — Ele só voltou para me alertar. Eles o tinham transformado em um deles, mas ele estava lutando contra isso com todas suas forças. Agora ele se foi, e eu nunca mais o verei novamente.

Schuyler tinha lhe abraçado, tentando confortá-la.

— Pelo menos você não corre mais perigo.

Ela se sentiu mal por Bliss. Ela queria mostrar à amiga que sempre estaria disposta a ajudá-la. Mas, no dia seguinte, parecia que a texana tinha voltado completamente a ser aquela menina de antes. Ela se recusou a falar com Schuyler e Oliver sobre tudo o que acontecera e voltou a andar com seu velho círculo de amigos — ou seja, ao lado de Mimi Force.

Schuyler tinha esperança de que teriam uma nova chance para voltarem a ser amigas. No fundo, ela compreendia que Bliss estava fragilizada, mas que algum dia ela poderia ajudá-la a se fortalecer. *Valiturus Fortis*.

Oliver apareceu e colocou um ramo de copos-de-leite brancos no caixão. Ele vestia um fascinante terno de três peças brancas. Seus cabelos castanhos escuros se enrolavam acima da gola.

— Sentiremos a falta dela — ele disse, fazendo o sinal da cruz.

— Obrigada — Schuyler agradeceu, recebendo um beijo na bochecha.

A missa teve início e o coro cantou o hino favorito de Cordélia, “On Eagle’s Wings”. Schuyler sentou-se no banco da frente, com os braços cruzados sobre o colo. Cordélia se foi. A única parenta viva da qual tinha conhecimento. Agora ela estava sozinha no mundo. Sua mãe, aprisionada em um sono profundo, e seu avô perdido, escondendo-se em algum lugar deste mundo.

Oliver, sentado ao lado dela, apertou sua mão por solidariedade.

Após o velório, Jack Force caminhou até Schuyler. Ele também vestia um terno branco, que brilhava sob a luz do Sol. Em seguida, eles saíram da igreja e se dirigiram até a movimentada Park Avenue, onde era apenas um domingo qualquer em Nova York. Mães e babás empurravam carinhos de bebê de oitocentos dólares pelo parque, enquanto moradores bem-vestidos caminhavam apressados para um passeio pelas ruas ou para passarem uma tarde no museu.

— Schuyler, você tem um tempinho para me ouvir?

— Claro — ela deu de ombros.

Com os cabelos claros e olhos verdes, Jack Force aparentava estar magnífico em seu traje fino. Ele tinha o rosto de um anjo. Não muito diferente do rosto de seu pai.

— Fale — ela pediu a ele.

— Me desculpe pelo rumo que as coisas tomaram entre nós dois... — ele disse. — Eu... minha vida não é mais a mesma... Tenho responsabilidades com minha família que... que impedem o tipo de relacionamento que...

— Jack, você não precisa se explicar — avisou Schuyler, interrompendo sua fala. Estava na cara o que se passava entre ele e Mimi. Ligados um ao outro pelo sangue desde o dia de sua criação.

— Não?

— Você precisa fazer o que cabe a você, e eu preciso fazer o que cabe a mim.

Ele olhou confuso.

— E o que você precisa fazer?

Ela pensou em Dylan, no menino tristonho com o senso de humor mais perverso e a reputação denegrida. Seu *amigo*. Que tinha sido transformado em um monstro. Usado e depois morto. Recordou-se do que sua avó lhe dissera sobre os Silver Bloods — eles eram astutos, espertos, duas caras — e como Cordélia acreditava que o mais poderoso deles todos estava infiltrado entre eles, disfarçado de

Blue Blood. Mas ninguém queria acreditar em sua existência, na possibilidade de retorno daquela espécie. Mesmo que a morte de Aggie fosse definitiva, assim como a de Dylan agora, Charles Force estava determinado a assistir, esperar e não fazer absolutamente nada. Só que Schuyler não iria esperar de braços cruzados. Ela não pôde fazer nada para impedir a morte de Aggie, mas ela tinha que descobrir quem havia levado Dylan. Estava disposta a perseguir e capturar os Silver Bloods. Para se vingar de seu amigo.

— Não torne as coisas mais difíceis para você, Schuyler — alertou Jack.

Schuyler apenas sorriu.

— Até mais, Jack.

De repente, Oliver apareceu ao seu lado. Era impressionante como ele sempre surgia quando Schuyler mais precisava dele.

— Schuyler? O carro está esperando — ele disse.

— Ela deu o braço para ele e o deixou conduzi-la até o carro.Ela podia contar com Oliver. Com ele, nunca estaria sozinha.

QUARENTA E QUATRO

O *outdoor* da Stitched for Civilization foi colocado na Times Square, o maior *outdoor* que a cidade já havia presenciado. A fotografia estampada nele não era nada comum: havia um emaranhado de dois corpos femininos vestindo apenas um jeans, mas só um dos rostos estava visível e olhava na direção da câmera. Era o rosto de Schuyler. O de Bliss ficou encoberto por todos osseus cabelos ruivos.

Schuyler olhou para o alto, na direção de sua foto, e riu de si mesma.

Com o celular, Oliver tirou uma foto de Schuyler apontando para o seu outdoor e rindo.

— Você fica bem a vinte e quatro metros de altura — ele brincou.

Schuyler olhou novamente para o rosto no *outdoor*. Era o rosto de sua mãe. Não, era o seu próprio rosto. Ela se parecia com a mãe, mas tinha os olhos do pai. Era uma vampira, mas parte dela também era humana. Estava orgulhosa da fotografia. Em seguida, olhou para o *outdoor* em frente ao seu.

Era um anúncio da Rede de Notícias Force, RNF, e a fotografia era de Mimi Force vestindo uma camiseta branca apertada com o logo do canal: NOTÍCIAS FORCE. IMPARCIAIS, VERDADEIRAS E EM PRIMEIRA MÃO.

— Olhe — disse ela, apontando para cima.

Então quer dizer que a Mimi finalmente ficou sabendo sobre a campanha da Stitched for Civilization. E tentou ofuscá-la fazendo também um *outdoor* de si mesma. Ninguém poderia comandar a Times Square além dela.

Passaram por uma banca de jornal e Oliver comprou o *Post*. ALUNA DE CURSO PREPARATÓRIO ENCONTRADA MORTA EM FESTA — clamava a manchete.

Schuyler esmiuçou o artigo. Ela conhecia a menina do Comitê. Landon Schlessinger era uma Blue Blood. Ela tinha que correr contra o tempo. Os Silver Bloods tinham retornado. Estavam de volta. Ali, em Nova York, escondendo-se sob falsas identidades de Blue Bloods, violando as leis da comunidade, perseguindo os jovens na época em que os Blue Bloods encontravam-se mais fragilizados. E eles não iriam poder fazer nada para impedir isso.

Ou poderiam. Schuyler dobrou o jornal e o enfiou debaixo do braço.

— Ollie, que tal um fim de semana em Veneza? — perguntou ao amigo.

FIM DO PRIMEIRO VOLUME

Uma nota sobre o texto:

Este livro é uma obra de ficção, mas que se passa em um local real — a cidade de Nova York. No entanto, tomei algumas liberdades. A mansão da American Society foi inspirada na mansão Americas Society, localizada entre a Park Avenue e a East Sixty-eighth Street. A Americas Society dedica-se a promover o entendimento da cultura e da política do Hemisfério Ocidental (incluindo a América do Sul), enquanto a minha American Society fictícia dedica-se às primeiras histórias coloniais dos Estados Unidos da América.

O que não é ficção: a Colônia Perdida de Roanoke foi fundada em 1587 e tida como perdida em 1590, com exceção da palavra “Croatan” gravada em uma estaca.

A autora

NOTAS

[1] Mayflower foi um famoso navio que, em 1620, transportou os chamados peregrinos, do porto de Southampton, Inglaterra, para o Novo Mundo. (N.T.).
[2] As bonecas de porcelana eram uma marca da indústria pré-guerra de Dresden, Alemanha (N.T.).
[3] *Infinite Jest* é um romance que parodia o consumismo norte-americano e foi escrito por David Foster Wallace (N.T.).
[4] Lacrosse é um esporte coletivo popular principalmente nos Estados Unidos e no Canadá. Cada jogador utiliza um taco com uma rede (chamada crosse), dando passes e recepções com uma bola de borracha. O objetivo do jogo é marcar gol na área adversária (N.T.).
[5] É um gravador de vídeo que, via satélite, permite ao usuário captar e armazenar em disco rígido a programação televisiva, incluindo os comerciais (N.T.).
[6] No sistema educacional americano, a grade curricular da High School (equivalente ao Ensino Médio brasileiro) estende-se por quatro anos, e não três. Ou seja, tem início no 9º ano e termina no 12º ano (N.T.).
[7] Aula de aeróbica em que os praticantes tiram algumas peças de roupa ao som de música (N.T.).
[8] A Liga de Hera - do inglês *Ivy League* - é constituída pelas oito universidades privadas dos Estados Unidos de maior excelência científica, associada à elite americana pelo prestígio acadêmico reconhecido no mundo todo (N.T.).
[9] Também chamada de "Caixa de Petri", é um recipiente cilíndrico e achatado feito de vidro ou de plástico, utilizado pelos biólogos para o cultivo de micróbios (N.T.).
[10] Cidade fictícia do livro The Stepford Wives (no Brasil, *Mulheres perfeitas*), cuja trama envolve um casal — fora dos padrões da cidade — que se muda para o local, onde as mulheres são passivas e submissas aos homens (N.T.).
[11] Hector Savinien de Cyrano Bergerac (1619-1655) foi um escritor francês que se tornou famoso sobretudo após serem feitas obras de ficção a seu respeito. Era costume retratá-lo com um nariz grande (N.T.).
[12] Do francês, "somente" (N.T.).
[13] Do inglês, "lavagem a seco" (N.T.).
[14] Caerimonia Osculor, ou "Beijo Sagrado", é o ato de alimentar-se do sangue de alguém, levando à euforia (N.T.).
[15] Sigla para "Best Friends Forever" (melhores amigas para sempre) (N.T.).
[16] Sigla para New York University (N.T.).
[17] O Metropolitan Museum of Arte, de Nova York (N.E.).
[18] Esfoliação mecânica da pele utilizando lixas manuais ou elétricas para remover lesões superficiais, pré-cancerígenas, cicatrizes e manchas. Podem também remover alguns pigmentos de tatuagens, total ou parcialmente (N.T.).
[19] Holly Golightly é a protagonista do filme *Breakfast at Tiffany's* (*Bonequinha de luxo*, no Brasil). Tiffany é uma famosa loja de joias de Nova York, na qual foram gravadas algumas cenas dessa personagem (N.T.).
[20] Refere-se a um endereço onde residem pessoas muito ricas, caracterizado pelo altíssimo valor do metro quadrado e pela proximidade com o Central Park (N.T.).
[21] Bebida de alto teor alcoólico (entre 75% e 95% de álcool) feita à base de aguardente Everclear (N.T.).
[22] Sigla para *Big Man on Campus* ("O Cara do Campus"): rapaz americano popular por estar envolvido em atividades de alto prestígio no colégio ou na faculdade, como, por exemplo, esportes ou assuntos em que toma o papel de líder (N.T.).
[23] Período pós-Guerra de Secessão e pós-Reconstrução (1870-1890), caracterizado pela expansão econômica, populacional e industrial (N.T.).
[24] Tipo de chá aromatizado com óleo de bergamota (N.T.).
[25] Vários casais célebres da história da humanindade (N.E.).
[26] Estado psicológico particular desenvolvido por pessoas que são vítimas de sequestro. Inconscientemente, como forma de defesa e por medo de ser agredida, a vítima desenvolve simpatia pelo sequestrador (N.T.).
[27] Sala onde os alunos se reúnem no início das aulas para a chamada e as instruções do dia (N.T.).
[28] Smartphone com teclado QWERTY (o mesmo utilizado por computador e máquina de escrever) e tela ampla, que permite a leitura de páginas completas da *web* (N.T.).
[29] John Fitzgerald Kennedy, 35º presidente dos Estados Unidos, assassinado em 1963 (N.T.).
[30] Bebida não alcoólica, constituída de gengibre, suco de romã, suco de limão, cereja em calda e uma fatia de laranja (N.T.).
[31] Bebida alcoólica cuja receita original compreende uma mistura de conhaque e essência amarga (N.T.).
[32] Proprietário do Harry's Bar, em Veneza, Itália (N.T.).
[33] Coquetel criado por Cipriani, feito de prosecco e pêssegos. O nome da bebida se deu em homenagem ao pintor Giovanni Bellini (N.T.).
[34] Jacqueline Kennedy Onassis foi esposa do ex-presidente norte-americano John Fitzgerald Kennedy e primeira-dama dos Estados Unidos de 1961 a 1963 (N.T.).

SOBRE A AUTORA

Melissa de la Cruz viveu em Manila e depois se mudou para San Francisco, onde estudou em um colégio de freiras. Ela é formada em história da arte e em literatura inglesa pela Universidade de Columbia, em Nova York. Já foi editora de moda e beleza e esccreveu para diversas publicações da imprensa norte-americana.

Acesse o *site* da autora e veja mais informações sobre a série, incluindo *trailers* dos próximos volumes:

www.melissa-delacruz.com

Este livro é dedicado ao meu pai, Bert de la Cruz, leal em todos os sentidos, que tinha o sangue dos heróis correndo em suas veias.

Publicado originalmente nos EUA e no Canadá por Disney Hyperion como *Blue Bloods*.
Edição publicada mediante acordo com Hyperion Books for Children.
Direitos autorais © 2006 por Melissa de La Cruz
1ª edição 2012
ISBN 978-85-16-07393-0
Tradução: Rafael Gustavo Spigel
Reprodução proibida.
Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.
Todos os direitos reservados.
Editora Moderna Ltda.
Rua Padre Adelino, 758 - Belenzinho
São Paulo - SP - Brasil - CEP 03303-904
Atendimento: tel. (11) 2790 1258 e fax (11) 2790 1393

www.editoraid.com.br



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

De la Cruz, Melissa
Blue bloods [livro eletrônico] : vampiros de Manhattan / Melissa De la Cruz ; tradução de Rafael Gustavo Spigel. -- São Paulo : Moderna, 2012.
6,5 Mb ; ePUB

Título original: Blue bloods.

ISBN 978-85-16-07393-0

1. Ficção norte-americana I. Título. II. Série.

12-01605 CDD-813

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813